

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Geociências
Curso de Pós-Graduação em Geografia

**A ÁREA CENTRAL DE JOINVILLE: SUA CONFIGURAÇÃO
ATUAL E ASPECTOS DE SEU PROCESSO DE EXPANSÃO
ENTRE 1950 E 2001**

DINORAH LUISA DE MELO ROCHA BRÜSKE

Orientador: Prof. Luís Fugazzola Pimenta

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

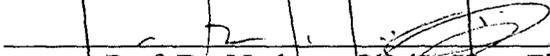
Linha de pesquisa: Urbanismo, Cultura e História da Cidade

Florianópolis, Junho de 2002.

“A área central de Joinville: sua configuração atual e aspectos de seu processo de expansão entre 1950 e 2001”

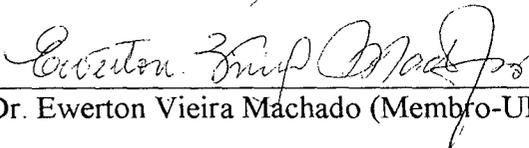
Dinorah Luisa de Melo Rocha Bruske

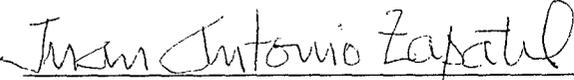
Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração, Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.


Prof. Dr. Norberto Olimário Horn Filho
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM: 19/06/2002


M.Sc. Luís Fugazzola Pimenta (Presidente e Orientador-UFSC)


Dr. Ewerton Vieira Machado (Membro-UFSC)


Dr. Juan Antonio Zapatel (Membro-UFSC)

Florianópolis - 2002

Catálogo na fonte pela Bibliotecária Alessandra Mara Schroeder – CRB 14/679

R672c	<p>Rocha Brüske, Dinorah Luisa de Melo A Área Central de Joinville: sua configuração atual e aspectos de seu processo de expansão entre 1950 e 2001 / Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske. – Florianópolis, SC: UFSC, 2002. 208 p.</p> <p>Orientador: Prof. Ms. Luís Fugazzola Pimenta. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.</p> <p>1. Urbanismo - Joinville. 2. Cultura - Joinville. 3. História - Joinville. 4. Evolução Urbana. 5. Geografia – Dissertação - Mestrado. I. Título. II. Pimenta, Luís Fugazzola.</p> <p>CDD 711.4</p>
-------	---

*Para meus pais
Vera Iolanda e Osiris Rocha,
exemplos de vida e de sabedoria.*

*Para o Carlos,
companheiro de vida no longo
caminho em busca da sabedoria.*

SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	VII
Lista de Figuras.....	VIII
Lista de Fotografias.....	X
Lista de Anexos.....	XII
Lista de Siglas e Abreviaturas.....	XIII
Resumo.....	XIV
Abstract.....	XIV
Agradecimentos.....	XV
Introdução.....	1
Aspectos metodológicos.....	5
A questão da centralidade.....	12
Capítulo 1: Antecedentes Históricos.....	18
1.1. A colonização e os primeiros 50 anos da cidade.....	18
1.2. A evolução da cidade entre <u>1900 e 1950</u>	28
Capítulo 2: A Área Central de Joinville na década de 1950.....	33
2.1. As funções urbanas da Área Central de Joinville.....	34
– Função industrial.....	35
– Funções político-administrativa e financeira.....	38
– Função comercial.....	41
– Função de prestação de serviços.....	49
– Função cultural e de lazer.....	53
– Função residencial.....	60
2.2. A paisagem urbana na Área Central.....	62
2.3. A vida urbana na Área Central.....	66
2.4. A delimitação da Área Central na década de 1950.....	70

Capítulo 3: a Área Central de Joinville entre os anos de 1950 e 2001.....	73
3.1. Primeiro período: 1950 a 1965.....	73
3.2. Segundo período: 1965 a 1973.....	80
3.3. Terceiro período: 1973 a 1990.....	91
3.4. Quarto período: 1990 a 2001.....	99
Capítulo 4: A Área Central de Joinville em 2001.....	102
2.1. As funções urbanas da Área Central de Joinville.....	105
– Função comercial.....	107
– Função de prestação de serviços.....	116
– Função institucional.....	129
– Função residencial.....	141
– Função industrial.....	144
2.2. A paisagem urbana na Área Central.....	147
2.3. A delimitação da Área Central em 2001.....	160
Considerações finais.....	165
Bibliografia e fontes consultadas e/ou utilizadas.....	174

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Município de Joinville – Distribuição da população (1950-2000).....	3
--	---

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização da área de estudo.....	4
FIGURA 2 – Localização do Bairro Centro de Joinville dentro do perímetro urbano em 2000.....	10
FIGURA 3 – Núcleo original de Joinville.....	21
FIGURA 4 – Planta da cidade de Joinville em 1907.....	27
FIGURA 5 – Localização de alguns estabelecimentos industriais na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958).....	37
FIGURA 6 – Localização de alguns prédios públicos na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958).....	39
FIGURA 7 – Localização dos bancos (1958).....	40
FIGURA 8 – Localização dos principais estabelecimentos comerciais na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958).....	46
FIGURA 9 – Localização dos principais hotéis de Joinville na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958).....	52
FIGURA 10 – Localização de alguns estabelecimentos institucionais na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958).....	61
FIGURA 11 – Delimitação da Área Central de Joinville na década de 1950.....	72
FIGURA 12 – Ruas onde havia a exigência de edificações com um mínimo de dois pavimentos (1965).....	78
FIGURA 13 – Delimitação da Área Central de Joinville em 1965.....	79
FIGURA 14 – Setores diferenciados na Área Central de Joinville em 1972.....	88
FIGURA 15 – Delimitação da Área Central de Joinville em 1973.....	90
FIGURA 16 – Estrutura proposta pelo PEU/87 para a Área Central.....	96
FIGURA 17 – Delimitação da Área Central de Joinville em 1990.....	98
FIGURA 18 – Delimitação do Bairro Centro de Joinville – 2001.....	106
FIGURA 19 – Concentração de estabelecimentos comerciais no Bairro Centro – Maio/2001.....	111
FIGURA 20 – Localização do comércio de alimentação e abastecimento no Bairro Centro – Maio/2001.....	115
FIGURA 21 – Concentração de estabelecimentos de prestação de serviços no Bairro Centro – Maio/2001.....	117
FIGURA 22 – Distribuição espacial dos escritórios nas quadras do Bairro Centro – Maio/2001.....	119
FIGURA 23 – Distribuição espacial dos consultórios nas quadras do Bairro Centro – Maio/2001.....	121

FIGURA 24 – Localização dos estabelecimentos bancários e de empréstimo pessoal no Bairro Centro – Maio/2001.....	123
FIGURA 25 – Localização dos estabelecimentos de hospedagem no Bairro Centro – Maio/2001.....	125
FIGURA 26 – Localização dos postos de gasolina e estacionamentos no Bairro Centro – Maio/2001.....	128
FIGURA 27 – Localização de repartições públicas no Bairro Centro – Maio/2001.....	130
FIGURA 28 – Localização de alguns estabelecimentos institucionais no Bairro Centro e em suas proximidades – Maio/2001.....	140
FIGURA 29 – Concentração de unidades residenciais no Bairro Centro – Maio/2001.....	142
FIGURA 30 – Localização de prédios comerciais e residenciais no Bairro Centro (com 5 ou mais pavimentos) – Maio/2001.....	143
FIGURA 31 – Localização dos estabelecimentos industriais existentes no Bairro Centro e em suas proximidades – Maio/2001.....	146
FIGURA 32 – Valores definidos pela PMJ para terrenos no Bairro Centro de Joinville em 2001.....	162
FIGURA 33 – Delimitação da Área Central de Joinville em 2001.....	164
FIGURA 34 – Expansão da Área Central de Joinville entre os anos de 1950 e 2001.....	169

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Trecho da Rua do Príncipe (1907).....	28
Foto 2 – Vista da Rua Abdon Batista a partir da Rua do Príncipe (1900).....	28
Foto 3 – Atual Rua Dr. João Colin (1900).....	29
Foto 4 – Vista parcial da cidade de Joinville (1951).....	33
Foto 5 – Trecho da Rua do Príncipe, com o Clube Joinville ao fundo (1938).....	44
Foto 6 – Trecho inicial da atual Rua Dr. João Colin. À direita o comércio de Otto Boehm (1950).....	47
Foto 7 – Hotel Príncipe visto a partir da Praça Nereu Ramos.....	51
Foto 8 – Hotel Palácio.....	51
Foto 9 – Rua do Príncipe, esquina com Rua Padre Carlos. À direita, o prédio da Escola de Comércio (foto do início do século).....	55
Foto 10 – Ciclistas na Rua do Príncipe, esquina com Rua Padre Carlos. À direita, em primeiro plano, aparece pequeno trecho do Clube Joinville.....	68
Foto 11 – Vista parcial da cidade de Joinville, sendo possível observar, à direita, a Rua Quinze de Novembro e, à esquerda, a Rua Nove de Março. O prédio mais alto à esquerda é o Edifício Manchester e o outro prédio a seu lado é o Hotel Colon.....	80
Foto 12 – Vista parcial da cidade de Joinville, mostrando um aspecto da Rua das Palmeiras (Alameda Brüstlein). Em primeiro plano, à esquerda, encontra-se o prédio da Farmácia Minâncora.....	80
Foto 13 – Vista parcial da cidade de Joinville. Observa-se a presença da Fundação Tupy e da Cia. Wetzel Industrial em terreno na parte central da foto.....	82
Foto 14 – Aspecto da Rua das Palmeiras (Alameda Brüstlein) antes de ser fechada ao trânsito de veículos. Ao fundo encontra-se o Museu Nacional de Imigração e Colonização.....	83
Foto 15 – Agência dos Correios construída no início da década de 1970.....	87
Foto 16 – Vista parcial de Joinville (Setembro/2000).....	103
Foto 17 – Shopping Mueller (Janeiro/2002).....	107
Foto 18 – Shopping Cidade das Flores, adaptado no antigo prédio da Malharia Arp (Janeiro/2002).....	108
Foto 19 – Vista da Rua Quinze de Novembro entre as ruas Dr. João Colin e do Príncipe (Janeiro/2002).....	109
Foto 20 – Vista da Rua Nove de Março entre as ruas Dr. João Colin e do Príncipe (Janeiro/2002).....	110
Foto 21 – Vista da Rua do Príncipe entre ruas Nove de Março e Quinze de Novembro (Janeiro/2002).....	110
Foto 22 – Vista da Rua Dr. João Colin, acima da Rua Nove de Março (Dezembro/2001).....	112
Foto 23 – Trecho da Av. Juscelino Kubitschek (Novembro/2001).....	113

- Foto 24 – Hotel Anthurium visto a partir da Av. Juscelino Kubitschek. Ao lado, pode ser visto o Colégio dos Santos Anjos (Dezembro/2001).....126
- Foto 25 – Vista parcial de Joinville. À esquerda do Rio Cachoeira encontra-se o prédio da Prefeitura Municipal de Joinville. Na parte central da foto está a Praça da Bandeira. À sua esquerda, pode ser visto o Ginásio Abel Schulz e, à sua direita, o Terminal Rodoviário Urbano Central (Setembro/2000).....132
- Foto 26 – Às margens do Rio Cachoeira encontram-se, do lado esquerdo, o Centreventos Cau Hansen e, do lado direito, o Fórum, o prédio da Justiça Federal, a Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, o Arquivo Histórico de Joinville e a Secretaria da Habitação (Dezembro/2001).....133
- Foto 27 – Metalúrgica Wetzell S.A. (Dezembro/2001).....144
- Foto 28 – Calçada da Rua do Príncipe, entre as ruas Nove de Março e Jerônimo Coelho (Setembro/2001).....148
- Foto 29 – Aspecto da Rua Blumenau, entre as ruas Quinze de Novembro e Nove de Março (Setembro/2001).....150
- Foto 30 – Aspecto da Rua Blumenau, entre as ruas Mário Lobo e Quinze de Novembro – casa enxaimel (Setembro/2001).....151
- Foto 31 – Aspecto da Rua Nove de Março, entre as ruas Blumenau e Dr. João Colin (Setembro/2001).....151
- Foto 32 – Prédio em estilo *enxaimelado* situado na Rua Nove de Março, entre as ruas Dr. João Colin e do Príncipe (Janeiro/2002).....151
- Foto 33 – Aspecto da Rua Blumenau, esquina com Rua dos Ginásticos (Setembro/2001).....152
- Foto 34 – Sociedade Harmonia-Lyra (1995).....153
- Foto 35 – Residência situada na Rua Visconde de Taunay (Setembro/2001).....153
- Foto 36 – Farmácia Minâncora (1995).....154
- Foto 37 – Prédio do antigo Hotel Príncipe (Janeiro/2002).....154
- Foto 38 – Antiga fábrica situada na Rua Visconde de Taunay e que hoje abriga uma loja de venda de tintas (Setembro/2001).....156
- Foto 39 – Antiga edificação ocupada pelo Comércio Germano Stein de “secos e molhados”, situada na esquina entre as ruas Dr. João Colin e Quinze de Novembro. Hoje abriga uma loja de eletrodomésticos e móveis (Setembro/2001).....156
- Foto 40 – Antiga residência situada na esquina entre as ruas Blumenau e Nove de Março e que hoje abriga uma agência de turismo e câmbio (Setembro/2001).....156
- Foto 41 – Antigo comércio Hoepcke situado na esquina entre as ruas Dr. João Colin e Princesa Izabel. Na última das reformas do andar inferior, o nome do antigo comércio ficou temporariamente aparente. (Setembro/2001).....157
- Foto 42 – Edifício Manchester (Setembro/2001).....159
- Foto 43 – Edifício Boneville (Janeiro/2002).....160

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Aspectos de Joinville ontem e hoje (fotografias).....	180
Foto 44 – Aspecto da Rua do Príncipe podendo-se observar, ao fundo, o antigo prédio da Igreja Católica (1905).....	181
Foto 45 – Trecho da Rua do Príncipe podendo-se observar, em primeiro plano, à direita, o prédio do Banco do Brasil e, ao fundo, o antigo Clube Joinville (1915).....	181
Foto 46 – Rua do Príncipe (Setembro/2001).....	181
Foto 47 – Vista da Praça Nereu Ramos, observando-se, à esquerda, o antigo prédio dos Correios e Telégrafos (hoje sede do IPREVILLE) e, à direita, o Hotel Príncipe (décadas de 1940/1950).....	182
Foto 48 – Vista da Praça Nereu Ramos (Setembro/2001).....	182
Foto 49 – Vista da Rua Engenheiro Niemeyer.....	183
Foto 50 – Vista da Rua Engenheiro Niemeyer (Dezembro/2001).....	183
Foto 51 – Trecho da Rua do Príncipe. Em primeiro plano, à direita, encontra-se o prédio do antigo Banco INCO.....	184
Foto 52 – Mesmo trecho da Rua do Príncipe (Setembro/2001).....	184
Foto 53 – Trecho da Rua Nove de Março.....	185
Foto 54 – Mesmo trecho da Rua Nove de Março (Setembro/2001).....	185
Foto 55 – Trecho da Rua do Príncipe entre as ruas Ministro Calógeras e Abdon Batista. Podem ser vistos os prédios da Casa Dingee, do Palácio Episcopal e da antiga Catedral.....	186
Foto 56 – Trecho da Rua do Príncipe entre as ruas Ministro Calógeras e Abdon Batista (Setembro/2001).....	186
Foto 57 – Vista da Rua Nove de Março (1900).....	187
Foto 58 – Mesmo trecho da Rua Nove de Março (Setembro/2001).....	187
Foto 59 – Cine Palácio.....	188
Foto 60 – Antigo Cine Palácio. Hoje, o bloco principal abriga a <i>Igreja Universal do Reino de Deus</i> e diversas lojas no bloco anexo. Trecho deste bloco anexo foi recentemente demolido, tendo sido iniciada uma construção de três andares contígua ao antigo prédio (Dezembro/2001).....	188
Foto 61 – Antigo Clube Joinville ocupado por diversas casas comerciais (1995).....	189
Foto 62 – Antigo Clube Joinville que foi transformado, após a última reforma, em <i>Nova Casa Sofia</i> (Janeiro/2002).....	189
Anexo 2 – Tabela funcional geral.....	190
Anexo 3 – Tabelas funcionais individuais (Quadras 1, 2 e 3).....	195
Anexo 4 – Tabela de distribuição funcional nas quadras do Bairro Centro.....	200

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACE	Associação Catarinense de Ensino
BBTUR	Banco do Brasil Turismo
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.
CONURB	Companhia do Desenvolvimento Urbano de Joinville S.A.
DER	Departamento de Estradas de Rodagem
EMPRESUL	Empresa Sul Brasileira de Eletricidade S.A.
FUNDAMAS	Fundação Municipal Albano Schmidt
FUNDEMA	Fundação Municipal do Meio Ambiente
INCO	Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.
IPPUJ	Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville
IPREVILLE	Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Joinville
PBU/1965	Plano Básico Urbanístico (JOINVILLE, 1965)
PEU/1987	Plano de Estruturação Urbana (JOINVILLE, 1987)
PLADSTU/1972	Plano Diretor do Sistema de Transporte Urbano (JOINVILLE, 1972)
PROMOTUR	Companhia Municipal de Promoção Turística de Joinville e Região S.A.
SEINFRA	Secretaria de Infra Estrutura Urbana da Prefeitura Municipal de Joinville
SESC	Serviço Social do Comércio
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UTESC	Faculdade de Processamento de Dados e Faculdade de Desenho Industrial

RESUMO

Aborda-se neste trabalho a configuração da Área Central da cidade de Joinville no ano de 2001 e aspectos de sua expansão a partir do ano de 1950, momento a partir do qual se estabeleceu um ritmo mais rápido e intenso de alterações na área em estudo. Para tal abordagem histórica definiu-se uma periodização a partir de importantes fatos políticos e/ou econômicos que interferiram significativamente na vida e na economia do país e, conseqüentemente, em Joinville, induzindo alterações em sua configuração urbana. Foram detectadas as características mais marcantes da Área Central de Joinville no período entre 1950 e 2001, tendo em vista chegar a uma melhor compreensão de sua atual configuração urbana.

ABSTRACT

The pattern of the Central Area of the city of Joinville in the year 2001 and its expansion from the year of 1950 in ahead, moment from which it has established a more intense and faster rhythm of alterations in the area in study, are approached in this work. For such historical boarding was defined a division into periods of time, whose landmarks are important economic and/or political facts, which intervened significantly in the life and in the economy of the country and, consequently, in Joinville, inducing alterations in its urban pattern. The outstanding features of the Central Area of Joinville in the period between 1950 and 2001 have been detected, having in sight to get at a better understanding of its current urban pattern.

AGRADECIMENTOS

Ao Carlos pela presença e apoio ao longo de todo este percurso. Sou grata por suas sempre renovadas formas de expressar compreensão e estímulo para que eu conseguisse enfrentar a contento este desafio.

A toda a minha família pela constante atenção, especialmente aos meus pais Vera Iolanda e Osiris Rocha que, de forma tão carinhosa, têm sempre me apoiado e me incentivado a percorrer os caminhos que escolho. À minha querida irmã Rose Rocha pela leitura dos textos e pelas sugestões apontadas e à D^a. Lia Brüske pelas diversas informações fornecidas sobre Joinville e pelos importantes livros que me emprestou. À minha Tia Maria Luiza Melo pelo seu carinho.

A todos os amigos que, de perto e de longe, sempre me animaram a seguir em frente, em especial às amigas Marina Palis Aguiar e Márcia Silveira Almeida Lovatto.

Ao Professor Ms. Luís Fugazzola Pimenta por sua capacidade profissional e pela valiosa orientação no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores que participaram da banca de qualificação, professor Ewerton Vieira Machado e professor Alcimir de Paris, e também ao professor Juan Antônio Zapatel, que participou da banca de defesa, pelas importantes contribuições ao trabalho e, particularmente ao professor Ewerton pela rica bibliografia indicada e pelos livros emprestados.

Aos docentes, colegas de turma e funcionários do Curso de Mestrado e, em especial, à amiga Gláucia Regina Ramos Müller. À CAPES, pela bolsa de estudos concedida para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todas as instituições pesquisadas pela gentileza e presteza no atendimento, à Prefeitura Municipal de Joinville, ao Arquivo Histórico de Joinville e ao IBGE.

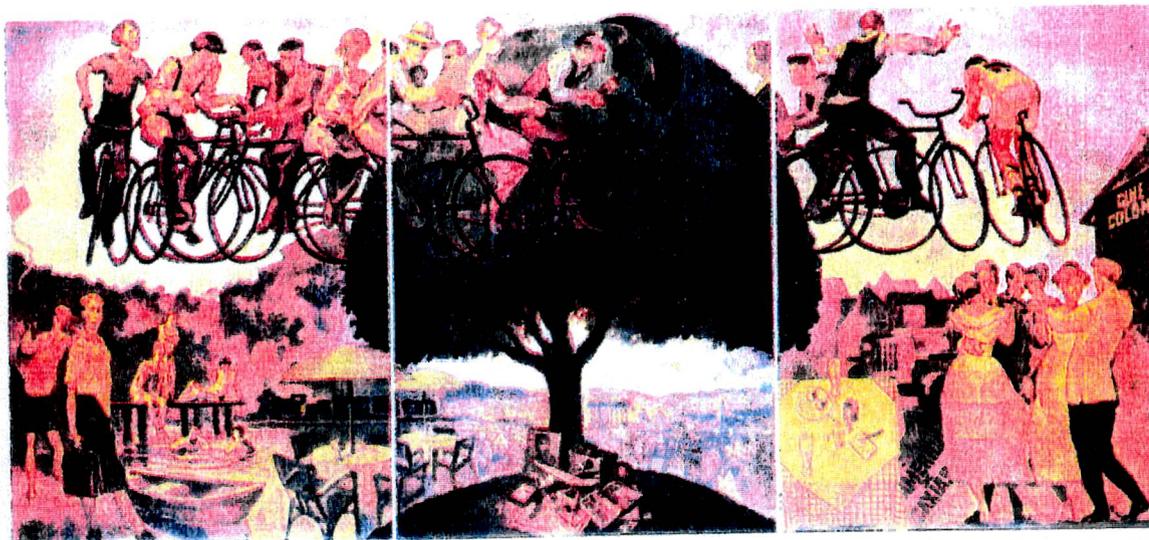
A todas as pessoas entrevistadas ao longo da pesquisa, D^a. Albertina Schlemm Colin, Sr. Benno Paust, D^a. Edith Wetzel, D^a. Lia Brüske, D^a. Margarida Schultz e Sr. Norberto Colin, que se dispuseram a fornecer informações indispensáveis à pesquisa, auxiliando, com sua memória e com suas histórias, a reconstruir um pouco da Joinville da década de 1950.

À professora Isa de Oliveira Rocha pela leitura do texto e pelas sugestões apresentadas. À Ana Paula Pereira de Deus pelo auxílio na confecção das figuras. À amiga Birgit Relindes Schulze Mertens pela tradução para o inglês do resumo da pesquisa.

A todos que de tantas maneiras contribuíram com a idealização e preparação deste trabalho.

*“Há, nesta cidade, um grande vinhedo, cultivado de maneira discreta nos quintais de casarões que se transformaram em escritórios, nas áreas obscuras que separam os blocos dos edifícios, em lotes abandonados. Os ramos de parreira, se imiscuindo em frestas de muros, enroscados nas colunas do viaduto, espalhados pelas galerias dos cabos telefônicos, crescem despercebidos. Mesmo nos ângulos das esquadrias metálicas que sustentam prédios envidraçados, ou nos vãos dos elevadores dos **shopping centers**, as videiras invisíveis frutificam. Toda essa caprichosa cultura alimenta uma vinícola, que colhe cada cacho, cada uva, cada fruto urbano, para fermentá-lo, transformá-lo no líquido que corre nas artérias da cidade. A cidade é os seus fluxos, e o vinho que ela produz é a forma como são ativados. Nosso vinho é o modo como tudo que circula ganha ritmo, intensidade, sentido.”*

Luis Alberto Brandão Santos, *Saber de Pedra*



“Joinville de toda nossa infância”
Óleo sobre tela de Juarez Machado

“Quando o meu marchand Waldir Simões de Assis Filho contatou-me sobre a possibilidade da execução de um painel para a agência do Banco Maxinvest, a ser inaugurada no mês de outubro, em Joinville, pedi-lhe alguns dias para refletir.

Neste período estava com vários compromissos de viagens e exposições, não tinha tempo algum e não sabia com certeza que tema pintaria para um banco.

Não queria cair em lugar comum, como a indústria, o comércio ou muito menos as imagens de um cartão postal.

Gostaria de pintar a alma de Joinville, alguma coisa muito íntima, valores que somente as pessoas da terra conhecem, verdades muitas vezes simples, porém eternas em nossas saudades.

Foi aí que tentei registrar a memória e as lembranças de um tempo bom, minha infância e adolescência e de toda a nossa geração que hoje está próxima aos 50 anos, e que talvez tenha sido a última a ter vivido uma Joinville tão cheia de valores próprios.

Nossas filhas não sabem fazer os “cuques de banana” como o de nossas avós. Os meninos não verão mais o seriado do Zorro na sessão das duas no cine Palácio e, nos intervalos não mais tocarão os gibis. As bicicletas sumiram e hoje não vejo mais as cortinas de rendas nas janelas com seus vasinhos de flores. Nas tardes de domingo, também se calou no rádio a disputa entre Caxias e América.

Porém muito forte em mim, ainda escuto as cigarras nos jardins das casas da rua do Príncipe anunciando a chegada do verão, sinto o gosto ácido do araçá e o doce das compotas de carambola, o sabor exótico do refresco de gengibre, e o cheiro do pão de milho recém assado no forno à lenha. Sinto ainda, o cheiro forte da cera de abelha nos bancos da igreja, da brilhantina nos cabelos nos bailes de sábado, misturado ao “leite de rosas” de minhas primas.

Nas férias de inverno me faziam tomar óleo de rícino, mas me compensavam com torta de marzipan, mingau de aveia com canela e gemada com vinho quente. Para engordar me deram todos os dias, durante anos, uma colher de óleo de bacalhau, continuo magro, mas tenho todos estes sons, gostos e cheiros tão nítidos, que de olhos fechados percorro agilmente este labirinto de lembranças.

Foi este o tema que escolhi e tentei pintar.

A cada golpe de pincelada foi como um passaporte numa viagem de volta ao tempo.

Penso até, que enquanto pintava, cheguei a escutar vozes de certos professores do “Bom Jesus”, a gritaria da gurizada nas brigas do “jardim velho”. Reconheci algumas fábricas pelo apito ou até mesmo a banda do 13° B.C. nas retretas na praça principal.

No centro do quadro, uma grande e maternal árvore, universo maior de cada criança, meu “pé de goiabeira”. Trepado como um gato, vivia grandes aventuras. Lá de cima

olhava o mundo como se fosse só meu e de total domínio. Cada galho era um conhecido caminho para uma nova direção na minha "rosa dos ventos". Aquela árvore foi meu barco e tenho certeza, na época, naveguei além dos horizontes.

No alto, como uma grande coroa, pintei ciclistas, os que vi, os que eu fui.

Não quis retratar ninguém, ao mesmo tempo quis pintar todas as pessoas que conheci, como um grande e bonito desfile. Personagens reais: meu pai, tios, dono da loja da esquina, pipoqueiro, professoras e o operário. (Em 1961, em Curitiba, ganhei um prêmio em pintura com um quadro intitulado "Operários do Itaum", ciclistas com guarda-chuvas, repeti a homenagem.)

Talvez sejam eles, todos os adultos que quando criança os conheci e os admirei, girando, girando como uma grande dança silenciosa. Penso que quando morrer também irei fazer parte deste carrossel.

Na base, ao pé da árvore coloquei certos objetos, muito significativos para mim, que guardo até hoje. Brinquedos, álbuns de figurinhas, avião revestido em papel de seda, primeiro auto-retrato, bola de couro com cadarço, uma mala, que desde pequeno já tinha pronta e cheia do meu incontrolável desejo de rodar mundo.

Ao fundo, lá longe, a vista da cidade em voo de pássaro, naquela minha Joinville que tinha a medida humana, cabia numa mão ou dentro de um olhar, ao mesmo tempo tão grande, com três altas torres: a dos bombeiros, das igrejas – protestante e da antiga catedral e no centro as palmeiras imperiais.

No lado esquerdo do quadro, sem nenhuma vaidade, me pintei, magro, cabelo lambido na testa, calças curtas e camisa branca do uniforme do Conselheiro Mafra, na verdade era igual aos dos outros dois grupos escolares, Germano Timm e Ruy Barbosa.

No segundo plano, o trapiche do rio Bucarem, lugar mágico, onde todos de todas as escolas matavam as aulas para nadar.

Ao fundo o trem que levava para as férias em São Francisco, terra natal de meu pai. – Ai, que saudades! O trem vinha de Mafra, isto era muito longe e ia para mais longe ainda.

Ainda hoje viajo muito de trem e sempre com o mesmo prazer daqueles antigos verões.

Mais à frente, as mesas com guarda-sóis de metal da Polar, com as cadeiras de vime verde-cinza e sobre o pequeno prato de baquelite o inesquecível "especial", receita simples cheia de segredos que garoto algum jamais irá provar. Nós fomos os últimos e ali tivemos as nossas primeiras descobertas do amor, deixamos nos tempos das mesas,

gravados a canivete, iniciais dentro de gordos e apaixonados corações.

No lado direito do quadro, outra mesa importante: toalha xadrez, cheiro de cerveja no ar, um monumento histórico na nossa nostalgia. Conheci muitos, na minha vida de amante de bons bares, o Sopp foi o primeiro, sentei em todas as mesas, joguei todos os dados nos jogos de caneco, perdi muito, ganhei mais.

Ligado ao mesmo período o jeep verde-claro de meu pai, ano 54, com o cofre do motor alto e tração nas quatro rodas. Quanta emoção! Foi nele que aprendi a dirigir e com a "turma" toda nos sábados desfilávamos na rua XV ou fazíamos "pega" na Max Colin.

Tudo isso para seduzir as lindas debutantes dos bailes da Harmonia Lira. Elas de anáguas largas e vestidos brancos, jóias discretas, muito laquê e bombril nos penteados. Nós os "garotões" de altos topetes, pente de chifre no bolso, sapatos bem polidos, rodopiando a valsa como um Fred Astaire, lá longe nos anos cinqüenta. Cuba-libre, confetes, de rosto colado dançando com a fina flor de nossa sociedade.

– Muitos de vocês, casaram ali mesmo e para sempre, nas noites de sábado nas festas da Liga ou do Clube Joinville. Quantos carnavais, tantos reveillons...

Já éramos adolescentes quando ianugurou o cine Colon, quem esquece? Poltronas de veludo, em cinemascope "Sete noivas para sete irmãos", depois "Chuvas de Ranhepur". A mocinha era linda, o mocinho charmoso, usava sapato de duas cores e o final sempre feliz.

O tempo passou, mudaram-se os hábitos e costumes e os nossos jovens, tenho certeza que encontrarão novos encantos em novos lugares que amanhã serão novas saudades, pois a emoção de "ter vivido" jamais mudará.

Tudo que falei foi apenas a minha "emoção" e como pintor, tenho a obrigação e o privilégio de deixar registrado em óleo sobre tela a "Joinville de toda nossa infância".

Juarez Machado
Paris, junho de 1990

INTRODUÇÃO

As cidades, enquanto reflexo da sociedade, sofrem continuamente processos de reestruturação em função das transformações sociais em curso ao longo dos tempos. De fato,

“a cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (...), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto” (LEFEBVRE, 1991:46).

LEFEBVRE (1991) nos alerta para a intrínseca relação existente entre a industrialização e a urbanização e conseqüentes processos de reestruturação urbana. Isto no sentido de que o processo de industrialização atua como indutor no desenvolvimento e nas transformações da realidade das cidades. GEORGE (1983:166) explicita bem esta questão ao afirmar que

“qualquer forma de trabalho concentrado provoca ou favorece a formação ou o desenvolvimento de uma cidade. É por isto que toda ação industrial (...) acelera a evolução urbana”.

E, à medida que a industrialização se intensifica, o núcleo urbano original transforma-se de maneira a adaptar-se às novas exigências, passando, muitas vezes, a se constituir em centro da cidade em desenvolvimento. E este processo de centralização urbana que acaba por gerar como forma espacial a “Área Central” ocorre justamente a partir das *“demandas espaciais do capitalismo em sua fase concorrencial, onde a localização central constituía-se em fator crucial na competição capitalista”* (CORRÊA,1993:40).

A Área Central passa, aos poucos, a desempenhar funções bem específicas, assumindo um papel tanto “integrador” quanto “simbólico”, na medida em que permite *“uma coordenação das atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada destas atividades”* (CASTELLS,1983:271) já que ali se concentram os serviços destinados a atender o maior número de consumidores ou usuários.

Entretanto, tem-se observado a manifestação de um processo chamado por LEFEBVRE (1991) de “implosão-explosão” da cidade, no sentido de que os antigos núcleos urbanos têm-se deteriorado à medida que a cidade se desenvolve. Isto porque diversas das funções urbanas que anteriormente se apresentavam espacialmente

concentradas, têm demonstrado tendência à fragmentação e várias delas têm se deslocado para áreas mais periféricas da cidade.

A tendência, conforme nos mostra LEFEBVRE (1991), tem sido a de “esvaziamento do centro”, o que leva, não raras vezes a um processo de degradação da Área Central. Fatores tais como o crescimento periférico, a suburbanização, a criação de novos centros especializados (centros administrativos, centros de negócios, centros comerciais, etc) e o zoneamento, têm levado os centros urbanos históricos a uma perda de importância tanto real quanto conceitual. A tendência tem sido, então, a de que tais espaços passem por processos de decadência ou de renovação urbana, sendo que, em ambos os casos, acabam por ser colocados em situação subalterna nas estruturas urbanas.

De qualquer maneira, ainda que em muitas cidades haja esta nítida tendência ao deslocamento de diversas atividades urbanas para áreas periféricas, e à desvalorização da Área Central, pode-se dizer que esta última continua sendo o *locus* da articulação das principais funções urbanas. Conforme nos mostra CASTELLS (1983:273), o centro pode ser interpretado como sendo o local onde ocorre a *“troca de bens e serviços, coordenação e direção de atividades descentralizadas”*.

A partir da década de 1970 o interesse em torno dos centros urbanos se renovou, na medida em que estes voltaram a ser considerados elementos chave para a vitalidade urbana, assim como para a administração das cidades. De fato, os centros urbanos em processo de deterioração e de abandono, tornam-se elementos problemáticos tanto do ponto de vista da administração das cidades, como no aspecto de perda da identidade cultural urbana.

Acredita-se, então, que o estudo da Área Central das cidades se justifica na medida em que traz importante contribuição à análise do processo de produção urbana, fornecendo subsídios ao planejador em seu trabalho de intervenção.

Para que a “reestruturação” das cidades em função de seu crescimento se faça de maneira coerente, torna-se necessário o conhecimento de suas principais características, além do conhecimento de aspectos de seu processo de formação. Sem isto, torna-se impossível uma posterior proposição de diretrizes apropriadas de intervenção.

A presente pesquisa está voltada exatamente para esta questão, na medida em que se propõe a estudar a configuração da Área Central da cidade de Joinville no ano de 2001. Para se chegar à compreensão das razões pelas quais o atual uso do solo da Área Central de Joinville foi sendo definido, procurou-se explicitar aspectos do

processo de formação da referida área, notadamente a partir de 1950, momento a partir do qual se estabeleceu um ritmo mais rápido e intenso de alterações. Foram enfocadas as principais modificações ocorridas na distribuição das funções no espaço, nas formas criadas para abrigar as diversas atividades e nos sentidos que assume a centralidade.

O recorte temporal definido para estudo da expansão da Área Central baseou-se no fato de que Joinville, que é hoje a mais populosa cidade de Santa Catarina e principal centro industrial do Estado, sofreu um acentuado processo de incremento populacional a partir da década de 1950, em decorrência da intensificação da industrialização (ver FIGURA 1 – Localização de Joinville). De fato, foi principalmente após a Segunda Guerra Mundial que as indústrias de Joinville conseguiram se firmar de maneira definitiva no mercado nacional, situação que será detalhada posteriormente, ao longo do Capítulo 1.

A questão do crescimento populacional ocorrido a partir da década de 1950, momento a partir do qual se intensificou a industrialização da economia de Joinville (SANTANA,1998), pode ser evidenciada quando se observa o acentuado crescimento, no município, da população urbana em relação à rural (ver Tabela 1).

TABELA 1 – MUNICÍPIO DE JOINVILLE –
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO (1950-2000)

ANOS	TOTAL	Pop.urb.	%	Pop.rural	%
1950	43.334	21.390	49,3	21.944	50,7
1960	70.687	55.352	79,0	15.335	20,0
1970	126.058	112.134	88,0	13.924	11,1
1980	235.812	222.273	94,3	13.539	5,7
1996	397.951	372.691	93,7	25.260	6,3
2000	436.585	422.849	96,9	13.736	3,1

FONTE: IBGE – Censos Demográficos

As alterações na proporção entre a população urbana e rural a partir deste momento podem ser atribuídas a processos migratórios ocorridos em função da atração exercida pela crescente industrialização, já que o último desmembramento do município de Joinville ocorreu em 30 de dezembro de 1948, quando o distrito de Guaramirim passou a integrar o novo município de Massaranduba. O município de

Joinville conta, desde então, com apenas dois distritos: o distrito sede e o distrito de Pirabeiraba (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).



FIGURA 1 – Localização de Joinville
FONTE: Prefeitura Municipal de Joinville

E, à medida que a industrialização se afirmava, trazendo como conseqüência a expansão da população urbana, o núcleo existente passou a sofrer constantes alterações, formando-se novos bairros distintos da Área Central tanto pela forma quanto pelas funções.

Assim, a partir das alterações na estrutura econômico-social, várias transformações ocorreram na estrutura física da cidade como um todo e, mais especificamente, em sua Área Central com relação ao crescimento da malha urbana, às mudanças na distribuição e hierarquia de funções urbanas localizadas centralmente, à definição de novas ruas ou de alterações nas existentes, à construção de novos equipamentos, à concentração e verticalização de edificações, etc.

Tendo em vista as grandes alterações sofridas pela cidade de Joinville e por sua Área Central ao longo dos anos e a necessidade de estudos sobre este tema propõe-se a presente pesquisa, no sentido de detectar as principais características da área em questão, especialmente em termos de distribuição funcional, levando-se em consideração aspectos econômicos, políticos e sócio-culturais que condicionaram seu processo de formação e de expansão.

Aspectos metodológicos:

A presente pesquisa tomou como ponto de partida a inter-relação considerada por SANTOS (1996) entre o espaço e o processo produtivo do ser humano, desde seus primórdios, atuando como elemento transformador da natureza. À medida que tal processo produtivo evoluía, a partir da troca especulativa dos excedentes de produção e da maior complexidade dos instrumentos de trabalho, maiores passaram a ser as interferências fixas agregadas ao espaço natural. O espaço construído é considerado por SANTOS (1996:138), então, como sendo *“o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”*, e é chamado por ele de *“rugosidade”*. Partiu-se, então, para a elaboração deste trabalho, desta noção de espaço-paisagem enquanto *“testemunho de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo”* (SANTOS, 1996:138).

A estruturação do trabalho foi feita por uma divisão em quatro capítulos. No **Primeiro Capítulo** enfocou-se a evolução histórica da cidade, desde sua formação até a década de 1950. Tal estudo foi desenvolvido por se entender que a configuração urbana de uma cidade e mais especificamente de sua Área Central é resultado de todo

o processo histórico vivenciado dentro de um contexto regional, nacional e até mesmo mundial. Desta forma, só através deste levantamento histórico pode-se conhecer os diversos elementos que contribuíram para gerar a atual configuração urbana da cidade e de sua Área Central.

Para o desenvolvimento deste capítulo recorreu-se a pesquisa bibliográfica e análise documental, tendo sido colhidos dados históricos e estatísticos sobre Joinville. Foram ainda colhidos dados que possibilitassem a compreensão da inserção da cidade no Estado de Santa Catarina e no País.

No **Segundo Capítulo** a análise recaiu diretamente sobre a Área Central de Joinville, sendo abordados aspectos da distribuição funcional, da paisagem gerada e da vida urbana na década de 1950. E isto com o intuito de se compreender um pouco da dinâmica da Área Central da cidade naquele momento estabelecendo, para a mesma, uma provável delimitação.

Para o desenvolvimento da pesquisa partiu-se da análise da literatura existente sobre o tema, e ainda de mapas e de fotos da época. Nesta tentativa de reconstituição da configuração espacial da Área Central de Joinville na década de 1950, recorreu-se, também, ao testemunho, às lembranças de pessoas que vivenciaram aquele momento da história da cidade. Observou-se que as lembranças das pessoas que viveram em Joinville na década de 1950 são bem vivas, já que a partir dali a cidade passou por um processo muito rápido de reestruturação.

Pela utilização do recurso das entrevistas foi possível entrar em contato com elementos novos que permitiram uma “reconstrução” um pouco mais nítida da Área Central da cidade nos primeiros anos da década de 1950. Durante as conversas com os entrevistados, suas “imagens-lembrança” afloraram à consciência, permitindo-nos conhecer um pouco da realidade que viveram naqueles anos já distantes. Conforme nos mostra BOSI (1999:49), a “imagem-lembrança” é a lembrança pura, de caráter evocativo, que *“traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida”*. Usou-se, então, estas “imagens-lembrança” como instrumento auxiliar para uma melhor compreensão de como se desenrolava a vida naqueles anos de 1950, e também para conhecer as principais características formais e funcionais da Área Central da cidade.

Foram entrevistadas cinco pessoas, entre 62 e 81 anos, as quais sempre viveram em Joinville, na Área Central ou em suas proximidades (bairros Atiradores e Anita Garibaldi). Ao longo das entrevistas foi possível conhecer aspectos da vida cotidiana, das ruas, das casas, das funções usualmente desenvolvidas dentro ou fora

da área em estudo. As informações das pessoas entrevistadas, cada uma delas com uma diferente maneira de usar o espaço, com diferentes experiências, com diferentes percepções, se somaram, contribuindo para uma melhor compreensão do espaço urbano naquele momento.

No **Terceiro Capítulo** procurou-se trazer à tona características da Área Central de Joinville entre os anos de 1950 e 2001. Para tanto julgou-se necessário definir períodos para análise os quais foram determinados a partir de marcos significativos na economia mundial, nacional e local, possibilitando um acompanhamento progressivo das alterações sofridas. O levantamento de informações referentes a estes períodos teve como objetivo abordar algumas das características do que poderia ser considerado como sendo a Área Central em cada um dos períodos estudados, viabilizando estabelecer, para cada um deles, uma provável delimitação. Só com a definição de tais delimitações torna-se possível conhecer um pouco do processo de expansão da Área Central ao longo dos anos.

A periodização adotada levou em consideração momentos em que o país passou por oscilações político-econômicas, as quais interferiram na economia e na vida da cidade de Joinville, induzindo alterações em sua configuração urbana.

O **primeiro período** estudado se refere àquele compreendido entre os anos de 1950 e 1965. Este período foi delimitado em função da grande crise que se delineou no país a partir do início dos anos 60 e que, gerando grande instabilidade econômica, social e política, culminou com o golpe militar de 1964.

Neste momento, Joinville já apresentava alguns problemas referentes à distribuição da população e das diversas funções do espaço urbano, em razão de seu progressivo crescimento industrial e populacional. E isto já preocupava a administração pública. Tanto assim que em 1965 foi elaborado o **Plano Básico Urbanístico** (JOINVILLE, 1965), pela empresa paulista SERETE e por Jorge Wilhelm Arquitetos Associados, doravante denominado **PBU/1965**. Também neste período foi editado o Código de Obras de Joinville (Lei nº 667 de 8/5/1965) referente às edificações.

Para a abordagem deste período foram utilizados os textos e mapas constantes do **PBU/1965**.

O **segundo período** estudado compreende os anos de 1965 até 1973. Isto porque este período trouxe consigo acontecimentos que culminaram em novas e importantes transformações na configuração espacial da Área Central da cidade.

Inicialmente, pode-se dizer que este foi um momento marcante, em função da notável aceleração do desenvolvimento industrial de Joinville. Isto em razão do impulso recebido nos anos do chamado “Milagre Brasileiro”, a partir do final da década de 1960, até meados da década de 1970 (TERNES,1993). As alterações na configuração espacial da cidade surgiram como consequência do crescimento econômico e do crescimento populacional expressivos verificados neste período.

Além disto, foi neste período, mais precisamente em 1972, que se regulamentou o primeiro plano urbano – o **Plano Diretor do Sistema de Transporte Urbano – PLADSTU** (JOINVILLE,1972), doravante denominado **PLADSTU/1972**, cujo objetivo era a definição de diretrizes para ordenamento espacial das atividades econômicas e de serviços, e para estabelecer normas de ocupação do solo (SOUZA,1991). Tal Plano resultou de uma reestruturação do **PBU/1965**.

O material utilizado para a pesquisa referente a este segundo período (1965 a 1973) foram as análises desenvolvidas pela empresa SERETE quando da elaboração do **PLADSTU/1972**.

O **terceiro período** estudado compreende os anos de 1973 a 1990, quando do início do governo do presidente Fernando Collor de Melo, que determinou uma mudança no perfil econômico do país e também da cidade de Joinville. É importante salientar que este período compreende, na verdade, dois subperíodos. O primeiro deles engloba os anos entre 1973 e 1980, momento de crescimento econômico em cenário de crise mundial, com presença de financiamentos externos e investimentos em indústrias de base. O segundo subperíodo, compreendido entre 1980 e 1990, foi recessivo, marcado por forte crise econômica.

Durante este **terceiro período** estudado iniciou-se, também, com base nas diretrizes estabelecidas pelo Plano Diretor regulamentado em 1973, um processo de reestruturação física, com a implantação das primeiras indústrias no Distrito Industrial, fora da Área Central. E ainda neste período foram abertas novas vias: a Av. Juscelino Kubitschek e parte da Av. Beira-Rio.

Para a análise das alterações sofridas pela Área Central de Joinville neste período compreendido entre os anos de 1973 e 1990 utilizou-se como base para pesquisa os estudos que compõem o **Plano de Estruturação Urbana – PEU** (JOINVILLE,1987) elaborado pela Prefeitura Municipal de Joinville e doravante denominado **PEU/1987**. Através da análise dos referidos estudos foi possível conhecer alguns aspectos das principais funções centrais neste período, e de sua distribuição espacial.

O **quarto período** estudado está compreendido entre os anos de 1990 e 2001, onde são abordados alguns dos impactos sofridos pela cidade dentro de um contexto regional e nacional e ainda alguns aspectos locais que atuaram como elementos que determinaram alterações na configuração urbana da Área Central de Joinville. Para esta abordagem recorreu-se à bibliografia existente.

No **Quarto Capítulo** procurou-se caracterizar e delimitar a Área Central de Joinville no ano de 2001, tomando-se por base a análise de trabalhos semelhantes realizados para outras cidades e reconhecidos como referência no meio acadêmico.

Para o desenvolvimento do trabalho, tornou-se imprescindível conhecer quais são, hoje, as funções urbanas predominantemente centrais e como se apresenta sua distribuição no espaço. O levantamento funcional da Área Central mostrou-se essencial, a despeito do contínuo processo de mudança a que as cidades estão submetidas.

Para a análise da Área Central da cidade, tal qual ela hoje se apresenta, tomou-se como ponto de partida o estudo do espaço administrativamente denominado de “Bairro Centro” (para a visualização da extensão do Bairro Centro de Joinville em relação ao perímetro urbano, no ano de 2001, ver a FIGURA 2). Com base neste estudo, foi possível detectar as funções que melhor se caracterizam como centrais. Só depois desta análise tornou-se possível a delimitação da Área Central da cidade.¹

¹ O ideal teria sido partir da análise de uma área ainda maior, a fim de detectar com mais exatidão as funções típicas do centro e aquelas não centrais, que caracterizam as áreas periféricas ao centro e os bairros. Entretanto, em função da necessidade de maior agilidade no desenvolvimento da pesquisa, optou-se por estudar de maneira mais completa apenas o chamado “Bairro Centro”. De fato, tal estudo revelou-se suficiente para a definição das funções centrais e para a delimitação final da atual Área Central da cidade de Joinville.

Para o trabalho de campo, tomou-se como orientação a pesquisa desenvolvida por CORDEIRO (1980) – **O centro da metrópole paulistana: expansão recente**. O procedimento adotado foi o levantamento funcional por quadra, através de pesquisa de campo, a fim de identificar da forma mais precisa possível a composição funcional da Área Central, tendo sido feito o levantamento horizontal e vertical.

Após ter sido concluída a coleta de dados, os resultados obtidos com relação às diversas funções urbanas presentes na Área Central foram organizados em uma Tabela Funcional Geral (ver Anexo 2), na qual se detalha cada uma das funções encontradas (comercial, prestação de serviços, institucional, residencial e industrial). A partir daí, os dados referentes a cada quadra foram inseridos em tabelas funcionais individuais, o que permite a visualização da composição funcional de cada uma das quadras estudadas. No Anexo 3 encontram-se alguns exemplos de como os dados foram organizados em tabelas.²

Utilizou-se ainda, como elemento auxiliar, a pesquisa em lista telefônica para análise da proporção entre a frequência de cada uma das atividades dentro e fora da Área Central e para complementação e conferência dos dados levantados na pesquisa de campo.

O referido levantamento funcional foi realizado nos meses de Abril e Maio de 2001, com o objetivo de detecção das funções urbanas predominantemente centrais e quais as tendências observáveis em sua distribuição no espaço em questão.³

Para a delimitação da Área Central em cada um dos períodos, tomou-se também como ponto de partida o trabalho desenvolvido por CORDEIRO (1980). Segundo ela, foram vários os autores que estudaram esta questão da delimitação dos centros urbanos. Entretanto, com relação à Área Central, *“a metodologia relativa à delimitação dessa área continua ainda sendo um desafio ao geógrafo, sendo rara a literatura especializada a respeito”* (CORDEIRO, 1980:15).

² O material completo com todas as informações conseguidas durante o levantamento funcional encontra-se disponível com a autora.

³ O levantamento da distribuição funcional foi feito, quadra por quadra, a partir de observações e de entrevistas com moradores ou funcionários. No caso de prédios, tanto residenciais quanto comerciais, face à extensão da área estudada, optamos por fazer entrevistas com os porteiros. Acredita-se que, ainda que com algumas imperfeições previsíveis, o resultado se aproxima da realidade, permitindo uma análise coerente da distribuição funcional na Área Central.

Em seu trabalho, CORDEIRO (1980) adota as seguintes variáveis: o **valor imobiliário**, a **área construída**, a **densidade demográfica** e a **ocupação funcional**. A justificativa da autora para a utilização destas quatro variáveis na delimitação da Área Central é de que, ao serem comparados os resultados obtidos, se reduziriam as inevitáveis falhas das informações estatísticas. Segundo CORDEIRO (1980), a Área Central seria aquela onde, comparativamente com o restante da área urbana, se encontrassem valores imobiliários mais elevados, maior proporção de área construída, menor densidade demográfica, ou seja, menor número de residentes e maior concentração de atividades predominantemente centrais.

Julgou-se imprescindível a definição da delimitação da Área Central em cada um dos períodos estudados por permitir a percepção de sua progressiva ampliação horizontal entre os anos de 1950 e 2001. É importante esclarecer que, na presente pesquisa, a utilização concomitante de todas as variáveis propostas por CORDEIRO(1980) para delimitação da Área Central não se mostrou viável em todos os períodos. De qualquer forma, pela análise dos dados conseguidos foi possível estabelecer uma provável delimitação para a Área Central de Joinville em cada um dos momentos estudados.

Desta maneira, além de um estudo das mais marcantes características em cada um dos períodos, foi possível conhecer sua extensão aproximada, e isto tendo em vista que os limites da referida área se alteram em função da variação na concentração de atividades preferencialmente centrais.

Embora se tenha consciência de que vários foram os caminhos que se abriram ao longo da pesquisa, optou-se por privilegiar, como escopo do trabalho, o aspecto da configuração urbana da Área Central de Joinville no ano de 2001. O estudo das características e da expansão da Área Central nos diversos sub-períodos considerados teve como objetivo último levar a uma compreensão das razões pelas quais a situação atual foi sendo conformada. Um maior aprofundamento na análise de cada sub-período poderá ser explorado em trabalhos posteriores.

A questão da centralidade:

A cidade, vista como expressão concreta de processos sociais, reflete as características da sociedade. A cidade moderna se apresenta como produto da economia de mercado e da sociedade estratificada que emerge, constituindo-se em

importante local de acumulação de capital e de reprodução da força-de-trabalho (HARVEY apud CORREA, 1997:121).

Com relação ao espaço urbano, SANTOS (1985) afirma que, embora deva ser compreendido como instância indivisível, é possível distinguir-se frações diferentemente utilizadas.

Desta forma, o espaço pode ser entendido, inicialmente, como sendo o “locus da produção”. Outras frações do espaço são utilizadas para a circulação da produção, sendo que tais “espaços de circulação” prestam-se de maneira diferente à utilização pelas diversas firmas dentro de uma cidade, região ou país. Pode-se distinguir ainda os “terminais de distribuição” que são definidos em função do tipo de produção e das condições técnicas, econômicas e financeiras do processo produtivo em questão. E há ainda aquele que pode ser chamado de “espaço de consumo”, o qual depende diretamente da capacidade efetiva de aquisição, representada pela disponibilidade financeira e pela acessibilidade ao bem.

A divisão territorial do trabalho provocada pela acentuação da divisão social do trabalho faz com que a cidade seja, então, ao mesmo tempo,

“o lugar da produção e do consumo, e os espaços serão consumidos tanto para a produção de bens e serviços, como para a reprodução da força de trabalho e para a circulação, permitindo que a troca se realize” (BELTRÃO SPÓSITO, 1991:5).

SANTOS (1985) nos alerta, ainda, para a interdependência entre as diversas instâncias produtivas, mostrando que não se deve perceber os espaços “de produção”, “de circulação”, “de distribuição” e “de consumo” como se tivessem existência autônoma. Para o autor o espaço é indivisível, e é no centro urbano que se gerencia a articulação de suas várias instâncias.

Neste sentido CASTELLS (1983:275) explica que o centro urbano não deve ser entendido como uma entidade espacial definida, mas sim como “a ligação de certas funções ou atividades que preenchem um papel de comunicação entre os elementos de uma estrutura urbana.” O centro, então, só pode ser definido em relação ao conjunto da estrutura urbana.

Também CORRÊA (1997) aborda a questão da centralidade urbana. Segundo este autor, os processos sociais se expressam espacialmente gerando a configuração urbana que se caracteriza pela distribuição dos diversos usos do solo no corpo das

idades (usos residencial, industrial, comercial, serviços, de gestão, lazer). Neste sentido o autor coloca que a configuração espacial é um reflexo direto da sociedade.

E são os *processos espaciais* que funcionam como elemento mediador entre os processos sociais e a configuração urbana. Tais *processos espaciais*, segundo o autor, atuam ao longo do tempo possibilitando o processo de localizações e realocações das atividades econômicas e das demais funções urbanas, tais quais residência e lazer, dentro do espaço urbano.

CORRÊA (1997) esclarece ainda que os *processos espaciais* são postos em ação pelos agentes modeladores do espaço urbano que são, segundo o autor, os proprietários dos meios de produção, os proprietários de terras, as empresas imobiliárias e de construção e o Estado. O papel destes agentes modeladores é decisivo na definição do uso e das mudanças de uso do solo urbano já que, conforme nos mostra BELTRÃO SPÓSITO (1991:6)

“(...) no modo capitalista de produção tanto a produção da cidade (crescimento territorial horizontal e vertical) quanto o seu consumo (localização dos diferentes usos do solo) estão subordinados às leis de mercado e determinados pela instituição da propriedade privada da terra, o que lhe dá o caráter de mercadoria, e permite a realização da renda da terra.”

Aqui se insere a *centralização*, na medida em que CORRÊA (1997) a define como sendo um dos *processos espaciais* em atuação no espaço urbano. Para o autor, o resultado do processo de *centralização* é a emergência da chamada Área Central, que se trata da área da cidade onde há mais acentuada concentração de atividades comerciais e de serviços. Sua importância dentro do contexto urbano se deve ao fato de ser o local de polarização de diversas atividades econômicas, políticas e sócio-culturais e de controle das demais atividades que se desenvolvem no espaço urbano.

Para BELTRÃO SPÓSITO (1991:7), o centro urbano deve ser compreendido, antes de tudo, como sendo o ponto de convergência/divergência da cidade, nem sempre coincidindo com o centro geográfico ou com o centro histórico. Para lá todos se dirigem para algumas atividades, e de lá se deslocam para exercer atividades que se desenvolvem fora do centro, estabelecendo-se a interação entre as atividades centrais e as demais. Para a autora o centro pode ser entendido, também, como sendo

“uma área no interior da cidade onde a circulação e as trocas das mercadorias e do dinheiro vão se realizar rapidamente, um lugar de estímulo ao próprio consumo de bens e de serviços.”

Mas, segundo CORRÊA (1993), a Área Central é também sede de grandes conflitos, apresentando tendência a sobrecarga, seja em termos de concentração de atividades econômicas, de maior verticalização das edificações, de concentração diurna de pedestres e de tráfego urbano em horas de trabalho, de convergência de transportes intra-urbanos, ou de concentração de sedes sociais ou escritórios de empresas.

BELTRÃO SPÓSITO (1991:9) afirma que,

“até meados da década de 70, as cidades brasileiras até um determinado porte tinham praticamente um centro único e monopolizador, com forte concentração de atividades comerciais e de serviços.”

De acordo com a autora, pouco a pouco, em função do crescimento populacional e espacial das cidades, iniciou-se um processo de *expansão* das áreas centrais pela absorção de setores limítrofes. Nas cidades maiores tal expansão foi seguida pelo surgimento de *subcentros*, em razão do aumento das distâncias em relação ao centro principal e das crescentes dificuldades de acesso a ele por causa da ineficiência do sistema viário e do sistema de transporte coletivo. Estes *subcentros*, que se caracterizam pela presença de atividades comerciais e de serviços, até então tipicamente centrais, localizam-se em áreas de alta densidade populacional, *“constituindo-se centros ‘regionais’ no interior da estrutura urbana, e pequenos nódulos de convergência de transporte coletivo”* (BELTRÃO SPÓSITO, 1991:10).

Houve ainda o processo de *desdobramento*⁴ da Área Central o qual, conforme explica BELTRÃO SPÓSITO (1991:10), passou a ser observado a partir da década de 1970 nas áreas metropolitanas e da década de 1980 nas cidades médias. Tal processo se expressava por

“uma tendência à localização de atividades terciárias tipicamente centrais ao longo de vias de maior circulação de veículos, traduzindo-se na configuração de eixos comerciais e de serviços importantes”.

Para BELTRÃO SPÓSITO (1991:12), os *Shopping Centers* que surgiram no Brasil a partir da década de 1970 estabeleceram nova forma de localização de atividades tipicamente centrais, podendo ser identificados *“como produção de nova centralidade”*, já que ocorre ali uma intensa concentração de atividades voltadas ao

⁴ Esta expressão *desdobramento da área central* foi utilizada originalmente no trabalho de CORDEIRO (1980).

comércio e aos serviços. Além disto, os *Shoppings* atuam como elementos que atraem a instalação de outros estabelecimentos comerciais e de serviços em suas proximidades.

CORRÊA (1997:124) explica que todo este processo espacial de *descentralização*⁵, trata-se de medida, planejada ou não, que permite reduzir “a *excessiva centralização, causadora de deseconomias de aglomeração*”, tais como aumentos no valor da terra, congestionamentos, dificuldade de obtenção de espaço para expansão, ausência ou perda de amenidades, pressões contra determinados usos da terra.

Emergem, assim, novas formas de localização de atividades que eram, anteriormente, tipicamente centrais. Mas BELTRÃO SPÓSITO (1991:13) explica que esta descentralização,

“Ao negar a concepção de centro único e monopolizador, recria a centralidade, multiplicando-a (...), reproduzindo em outras áreas da cidade as condições e qualidades centrais”.

Mas a característica de espaço polarizador nos aspectos econômico, político e sócio-cultural da Área Central não se perde. E para um maior aprofundamento em relação aos diferentes sentidos que assume a centralidade dentro do contexto urbano, CASTELLS (1983) estabelece diversos níveis de análise da estrutura urbana, deduzindo a noção de centro para cada um destes níveis.

O primeiro nível de análise é o que ele denomina de “nível econômico”, e a centralidade neste nível exprime uma certa correlação dos diferentes elementos econômicos da estrutura urbana (funções de produção, consumo e troca), bem como as relações internas de cada elemento. O centro seria, então, o “*intermediário entre os processos de produção e de consumo na cidade; ou, mais simplesmente entre a atividade econômica e a organização social urbanas*” CASTELLS (1983:277).

O segundo nível de análise é o “nível político-institucional”. Para CASTELLS (1983:277) “*a centralidade política define-se sobretudo pelo estabelecimento das formas urbanas, cuja lógica é servirem de canais para os processos internos ao aparelho institucional*”. Neste nível, as referências seriam o palácio presidencial, os ministérios e as prefeituras. A centralidade político-institucional se expressa ainda no aparelho

⁵ O citado processo de *descentralização* poderia incluir tanto os *subcentros*, quanto os *desdobramentos da área central* e o surgimento dos *Shopping Centers*.

repressivo, no aparelho ideológico (rede de estabelecimentos escolares) e no aparelho econômico.

O terceiro nível de análise é o “nível ideológico” que é a percepção da cidade enquanto estrutura simbólica. Nesta perspectiva, o centro urbano seria o local da espacialização dos signos que formam o eixo do sistema simbólico. O centro simbólico seria, então, o lugar ou os lugares que concentram uma intensa carga valorizante, em função da qual o espaço urbano se organiza de forma significativa. Ao estudar-se os espaços públicos, os monumentos, os edifícios, e os usos que se fazem dos mesmos, consegue-se contactar a própria identidade cultural dos centros urbanos.

O presente trabalho propõe-se, então, a estudar a Área Central da cidade de Joinville entendendo-a, conforme já explicitado anteriormente, como sendo o espaço de articulação entre as diversas instâncias produtivas, como local de polarização dentro do espaço urbano, ali se concentrando, de maneira mais acentuada, atividades comerciais e de serviços.

Entendendo que a centralidade nos espaços urbanos tem se modificado em função do surgimento de *subcentros*, e ainda em função do processo de *desdobramento* e da presença de *Shopping Centers* (BELTRÃO SPÓSITO, 1991) e que, apesar disto a polarização da Área Central em relação ao corpo total da cidade não se perde, procurar-se-á compreender, a partir do estudo dos níveis de análise da estrutura urbana propostos por CASTELLS (1983), os diferentes sentidos que assumiu a centralidade na cidade de Joinville entre os anos de 1950 e 2001.

CAPÍTULO 1 – ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Para se chegar ao estudo da formação sócio-espacial da cidade de Joinville é imprescindível a abordagem do processo histórico de seu surgimento e crescimento. Isto porque só a partir desta análise torna-se possível apreender as razões da definição e distribuição das diversas funções no espaço urbano, a forma como ocorreu a ocupação urbana e qual a malha viária resultante.

Tal abordagem histórica faz-se necessária, ainda, para que se evidencie a vocação econômica essencial da cidade (de colônia agrícola, passando a pólo comercial, a princípio, e posteriormente a pólo industrial), considerada dentro do contexto regional e nacional. Isto porque este fator foi um dos determinantes no desenvolvimento da cidade e, conseqüentemente, na definição da configuração espacial de Joinville.

Conforme nos mostra SANTOS (1959:25-26), há a

“necessidade de compreender como a evolução da região e a formação da cidade se processaram (...) e como a escolha de um sítio, de acordo com as funções iniciais da cidade, acarretou um certo tipo de organização do espaço urbano, cuja estruturação social se deve, em última análise, às condições passadas e atuais da economia regional e também do tipo de relações mantidas entre cidade e região”.

1.1. A colonização e os primeiros 50 anos da cidade:

As terras onde se assentou a Colônia Dona Francisca, a qual daria origem à cidade de Joinville, perfaziam uma área de 25 léguas quadradas situadas no norte de Santa Catarina, e faziam parte do dote da princesa Francisca Carolina, filha de D. Pedro I, no contrato de casamento com o príncipe de Joinville, terceiro filho do rei Luís Felipe da França (FICKER, 1965).

Em 1848 o rei Luiz Felipe é destronado, depois de 18 anos de reinado que “são marcados pela crescente corrupção administrativa, financeira e política” (TERNES, 1984:28). A família real foi então exilada, fugindo para a Inglaterra. Em função das dificuldades

financeiras da família, o príncipe de Joinville decidiu negociar com a Sociedade Colonizadora de Hamburgo as terras que havia recebido como dote.

Nesta época a Europa passava por sérias crises econômicas, políticas e sociais. Na Alemanha a situação não era diferente, e tão grande era o movimento emigratório, que as companhias alemãs de transporte de emigrantes prosperavam “aliciando” pessoas que quisessem se deslocar para as Américas.

“Neste quadro econômico-social, extensas camadas da população alemã não vislumbravam dias melhores. Pelo contrário, se nos campos, cada vez mais sobravam menores áreas de terras para serem distribuídas aos filhos, na cidade, as perspectivas eram de um trabalho assalariado muito mal remunerado, incapaz de permitir qualquer melhoria no nível de vida” (TERNES, 1984:32).

Em 1842 foi criada a “Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães do Sul do Brasil” com objetivo de proteger os emigrantes das falsas promessas dos que ofereciam *“as melhores vantagens, as melhores condições de viagem, assim como os mais ‘lindos’ lugares do mundo para o início de uma ‘vida nova’ ”* (TERNES, 1984:34). Outro objetivo da Sociedade era o de regularização da imigração e de desenvolvimento das relações comerciais com o Brasil, já há muito tempo existentes. O Senador Christian Mathias Schroeder fazia parte desta sociedade, mantendo uma agência de sua firma comercial particular no Rio de Janeiro. Em 1848 inicia as primeiras negociações com o vice-cônsul da França em Santa Catarina, Leonce Aubé, com a finalidade de implantar uma colônia agrícola nas terras dotais do príncipe de Joinville. Esta seria denominada “Colônia Dona Francisca”. O senador Schroeder foi o responsável pela criação da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, que organizou e executou o projeto de imigração e colonização (TERNES, 1984).

PELUSO JR.(1951) afirma que a Sociedade Colonizadora julgou adequado, para a instalação da futura Colônia, o sítio à margem do Rio Cachoeira, por se tratar do local de terras secas mais próximo e de maior facilidade de acesso a partir do Porto de São Francisco do Sul. Segundo este autor, era fundamental a existência de um porto na Colônia, já que permitiria a remessa de mercadorias a São Francisco do Sul, uma vez que as picadas então existentes nas serras e florestas não viabilizariam o comércio que a cultura dos imigrantes germânicos exigia. A localização escolhida para o novo núcleo urbano era, de fato, favorável ao desenvolvimento da função comercial na medida em que a proximidade com o Rio Cachoeira facilitava tanto a saída de produtos da nova Colônia quanto a chegada de bens de consumo necessários.

A fundação da Colônia Dona Francisca efetivou-se em 09 de Março de 1851, com a chegada dos primeiros imigrantes (em número de 118) que desembarcaram no porto de São Francisco do Sul. Em 1852 passou a denominar-se cidade de Joinville em homenagem ao príncipe. Nos anos seguintes, vários outros navios chegaram a Joinville, sendo os imigrantes predominantemente de origem teuta.

Havia de início uma área determinada para a instalação da Colônia e um projeto de urbanização para a mesma, em terrenos elevados do atual bairro Bucarein (JOINVILLE,1993). Entretanto o local foi alterado, nunca tendo sido executada a planta inicialmente proposta.

O engenheiro Herman Günther foi enviado em 1850 à Colônia Dona Francisca, tendo sido nomeado seu diretor. Foi encarregado da medição dos lotes da Colônia a ser fundada e de fazer os preparativos para receber o primeiro grupo de imigrantes. Veio para cá juntamente com o Sr. Leonce Aubé além de outras oito pessoas. Vindo pelo Rio Cachoeira, o grupo desembarcou no nascedouro do “Caminho de Jurapé” (o qual adentrava a mata pelo atual traçado da Rua Nove de Março), tendo o engenheiro Günther resolvido ali mesmo iniciar seu trabalho de demarcação dos lotes, embora a área escolhida não fosse a mais apropriada, por apresentar-se baixa e alagadiça (TERNES,1993).

O núcleo original de Joinville foi estabelecido, então, às margens do Ribeirão Matias, afluente do Rio Cachoeira, pois observou-se, na época, que pouco depois de sua foz as terras estariam cerca de três metros acima da maré média (PELUSO JR.,1951).

O traçado inicial foi definido pelo engenheiro Günther, em forma de cruz, e compreendia as seguintes ruas: Rua do Porto (atual Rua Nove de Março), Caminho do Meio (atual Rua Quinze de Novembro), além de dois caminhos, um para o Norte – a *Nordstrasse*, atual Rua Dr. João Colin – e um para o Sul – *Deutschstrasse*, atual Rua Visconde de Taunay. O núcleo colonial começou, portanto, no início da antiga Rua do Porto, tendo sido aberta uma clareira na confluência das atuais ruas Nove de Março, Dr. João Colin, Visconde de Taunay, e Avenida Juscelino Kubitschek, no local onde hoje se localiza a Praça Lauro Müller, e onde, por algum tempo, a direção da Colônia instalara seus escritórios, empório e ranchos de recepção aos colonos (TERNES,1993). Os primeiros lotes urbanos foram demarcados nas imediações deste local (PELUSO JR.,1951) (ver FIGURA 3).

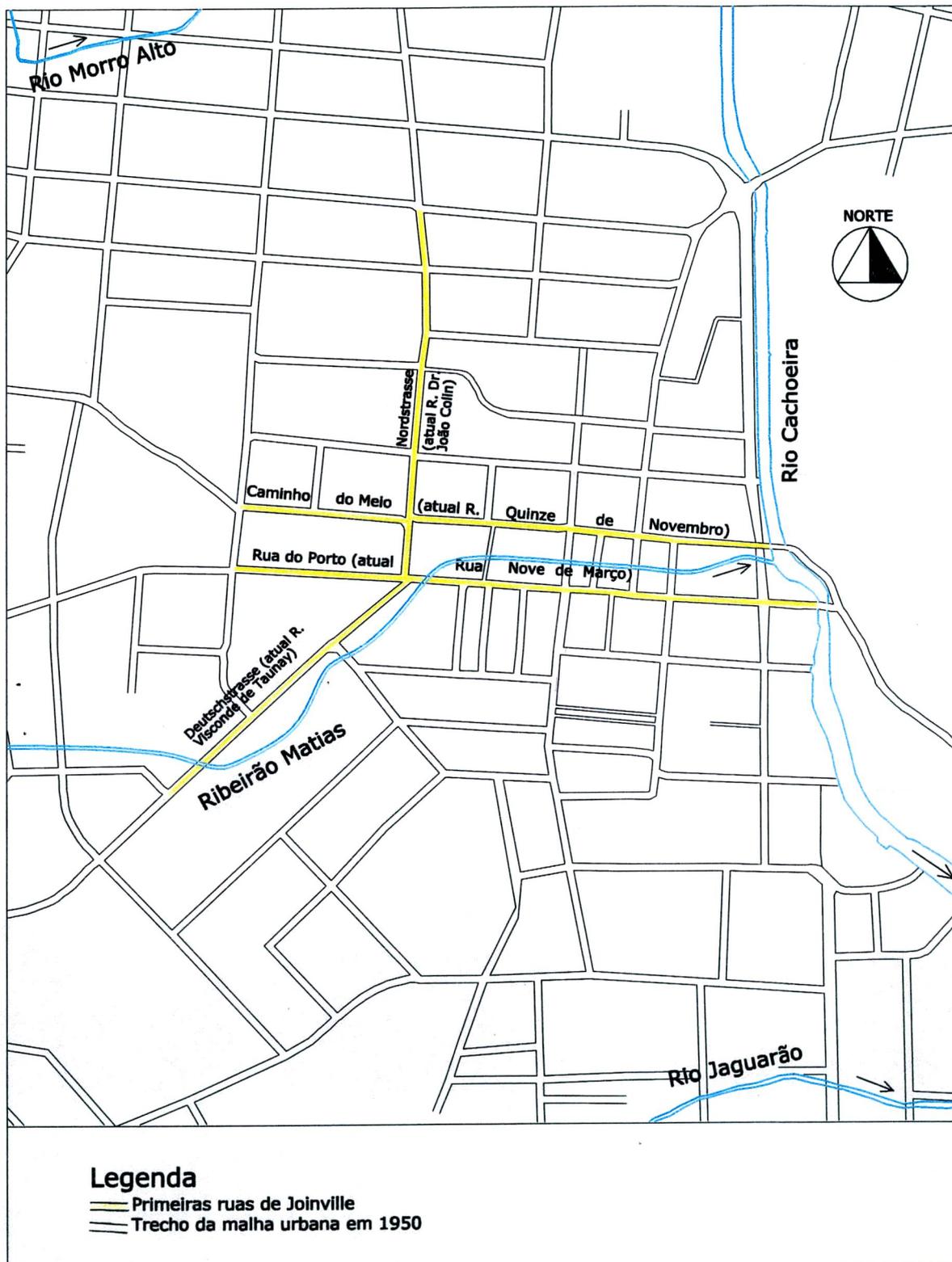


FIGURA 3 – Núcleo inicial de Joinville
ESCALA – 1:10.000
ORG.: A autora, a partir de TERNES (1993)

Para PELUSO JR. (1951) o Ribeirão Matias foi, de certa forma, o elemento gerador do plano, na medida em que orientou a definição da malha urbana, já que as primeiras ruas foram traçadas paralelamente ou perpendicularmente a ele. E isso porque julgava-se que a existência de um porto na colônia era de vital importância já que estabelecia a possibilidade de escoamento dos produtos através da ligação fluvial com São Francisco do Sul.

Para a definição das primeiras ruas, diversos elementos interferiram de forma a impedir que o traçado em xadrez, pretendido a princípio, pudesse se concretizar totalmente. Um deles, por exemplo, foi o outeiro onde se situa a Igreja Católica (Catedral). Para desviar-se deste outeiro, a Rua do Príncipe foi deslocada, procurando, entretanto, não fugir completamente da perpendicularidade em relação ao Ribeirão Matias. PELUSO JR. (1951) afirma que todo o plano da cidade foi resultado de adaptação ao relevo, sempre que havia necessidade, o que acabou por gerar alterações no traçado em xadrez que se almejava inicialmente.

A partir daquele núcleo inicial a malha urbana foi se definindo segundo a tradição do urbanismo germânico que, segundo PELUSO JR. (1991:396) *“não tinha na religião o seu foco, mas nas instituições econômicas”*. É ainda este autor que afirma que as cidades criadas pelo colonizador luso e descendentes, como era o caso de São Francisco do Sul, o princípio geral adotado era o de se desenvolver um traçado em xadrez a partir da praça da igreja matriz. De fato, tendo sido o período da colonização portuguesa marcado pela mentalidade contra-reformista, era usual que

“sempre que havia fixação de pessoas em pequenas aglomerações eram logo erguidas capelas toscas. Em torno destes templos as povoações iam crescendo. Com o passar do tempo as capelas eram aumentadas e, às vezes, eram inclusive substituídas por templos maiores e mais suntuosos” (ROCHA,1995:60).

Já em Joinville o que ocorreu foi a definição do traçado em xadrez a partir da rua comercial que, naquele tempo, era a Rua do Porto (atual Rua Nove de Março). Desta forma, PELUSO JR. (1991:379) observa que *“o estudo das plantas de Joinville mostra que o plano da cidade teve um elemento que guiava a direção geral dos arruamentos. Este elemento era a rua comercial”*. Nem a igreja luterana, nem a católica tiveram alguma influência no plano urbano. Joinville nasceu na Rua do Porto (atual Rua Nove de Março), que era o ponto da atividade comercial. Ali não foi criada uma praça, mas era sim ponto de confluência das principais estradas. A importância da rua comercial no traçado *“é visível no fato de que todas as ruas procurem ser paralelas ou perpendiculares a ela”*

(PELUSO JR.,1991:394). A Estrada Dona Francisca era a principal via de acesso ao núcleo urbano, tendo sido traçada perpendicularmente à Rua do Porto.

O processo de ocupação era do tipo extensivo, em direção ao interior da Colônia, com a definição de terrenos com cerca de 25 a 30 hectares para o assentamento dos colonos. As propriedades apresentavam-se com testadas estreitas e grandes profundidades e, partindo da sede da Colônia, distribuíam-se ao longo das principais vias de penetração.

Nos primeiros quatro anos de colonização a Sociedade Colonizadora de Hamburgo aplicou grandes recursos financeiros para o desenvolvimento da Colônia, subsidiando imigrantes, instalando moradias, determinando as construções prioritárias e contratando profissionais como professores, médicos, etc/(TERNES,1986).

As dificuldades financeiras vividas na Alemanha e as perseguições religiosas lá sofridas foram fatores que estimularam o colono a permanecer no Brasil e a superar as inúmeras limitações destes primeiros anos de colonização (TERNES,1986).

/Em virtude do isolamento do núcleo em relação ao país, tanto em nível espacial quanto étnico, os colonos procuraram uma forma de organização econômica que lhes desse autonomia. Inicialmente, a colônia dedicou-se à policultura de subsistência, dentro de uma estrutura minifundiária. À medida que se formou um excedente daquela produção, foram surgindo pequenos postos de troca. Assim, desde a fundação da Colônia (1851) até a instalação dos primeiros engenhos de erva-mate em Joinville (1877), a atividade comercial caracterizava-se pelo sistema "colônia-venda", centrando-se, de maneira geral, na venda de produtos tais como sal, ferramentas, tecidos, louças, além de outros importados os quais não eram produzidos pelos colonos, e na compra dos produtos coloniais disponíveis na época, tais como manteiga, banha, açúcar, madeira, etc (MAMIGONIAN apud ROCHA, 1994:25).

O fato é que a Colônia se desenvolveu rapidamente, contando, em fins de 1862, já com cerca de 5.000 pessoas, a maioria se dedicando à atividade agrícola. Nas duas décadas seguintes vários acontecimentos contribuíram com a modificação deste caráter agrícola, e levaram Joinville a se constituir em um núcleo urbano pré-industrial (TERNES,1984).

FICKER (1965:231) salienta que "*o primeiro passo na industrialização de Joinville foi o abastecimento do mercado de São Francisco com produtos fabricados na Colônia Dona Francisca*". Segundo FICKER (1965), em 1868 já existiam em Joinville 30 firmas comerciais para uma população de 5.237 pessoas.

Somava-se a isto a inadequação do sítio onde se instalou a colônia à atividade inicialmente proposta e também o isolamento físico e étnico do empreendimento. Pouco a pouco os colonos, provindos de regiões onde já se implantava o capitalismo industrial, passaram a buscar atividades econômicas que os tornassem autônomos. De fato, o tipo de colonização com assentamento de agricultores em pequenas propriedades com mão de obra familiar, e a presença entre eles de pessoas que dominavam técnicas extra-agrícolas, determinou um desenvolvimento produtivo favorável à industrialização (MAMIGONIAN apud ROCHA, 1994:20). Também foi elemento de modificação do caráter agrícola da colônia os freqüentes contatos com a Alemanha, que “*garantia o fornecimento de mão-de-obra especializada, equipamento e ‘know how’*” (SANTA CATARINA/CEAG/SC apud SANTANA, 1998:31),

Nos primórdios do processo de industrialização de Joinville esteve presente, portanto, a transformação artesanal dos produtos agrícolas e não-agrícolas pelos colonos, entre os quais vários dominavam conhecimentos técnicos e comerciais. Com isto, as primeiras indústrias coloniais foram os engenhos de açúcar e de cachaça, de farinha de mandioca, de milho, de serrarias e olarias (FICKER, 1965). Também o “Ciclo do Mate” teve importância decisiva neste processo. O mate que vinha do sul do estado do Paraná trazido em carroções pela estrada Dona Francisca, era industrializado em Joinville, e em seguida embarcado via fluvial até São Francisco do Sul onde era exportado.

O comércio que se estruturou a partir da exploração da erva-mate e de produtos agrícolas beneficiados.

*“*atuou como elemento indutor na capitalização daqueles envolvidos diretamente nestas tarefas, bem como daqueles que se dedicaram às atividades complementares. A tipologia da mão-de-obra local associada ao espírito de iniciativa fez surgir inúmeros estabelecimentos que produziam barricas para erva-mate, carroças para transporte do mate e madeira, ferrarias que acabaram se transformando em oficinas mecânicas e fundições (...)*” (JOINVILLE, 1987:28)

Aos poucos a Colônia passava pela transição da economia de subsistência para a economia de mercado com base no artesanato e finalmente para a indústria. Segundo ROCHA (1994) as primeiras indústrias foram fundadas a partir de 1880, tendo origem no trabalho dos artesãos e no capital comercial. E a maior parte destas fábricas e pequenas indústrias que surgiam instalavam-se ao lado ou dentro da própria residência de seus proprietários.

Paralelamente ao desenvolvimento da atividade produtiva, o setor comercial se empenhava na busca de mercados para a produção local, iniciada com o abastecimento de São Francisco do Sul e dali para outros estados. Esse processo de conquista de novos mercados foi facilitado pelas intensas ligações comerciais que a Companhia Colonizadora de Hamburgo já mantinha entre a Europa e a América do Sul, principalmente o Brasil, Uruguai e Argentina (SCHNEIDER apud JOINVILLE, 1993:02). /Com relação à importância do setor comercial, ROCHA (1994) afirma que a classe comercial, enquanto detentora de recursos financeiros, influenciava a vida econômica da cidade pela ampliação de seus negócios. Além disto, liderava a política local dirigindo suas iniciativas para a instalação de infra-estrutura básica como por exemplo, água encanada, construção da estrada de ferro, instalação de energia elétrica e telefone./

Haviam sido iniciados, ainda na década de 1850, os trabalhos de abertura da estrada em direção à Serra do Mar, a Estrada Dona Francisca (atual Rodovia SC-301). Isto porque a Sociedade Colonizadora julgava primordial para o sucesso do empreendimento de instalação da Colônia estabelecer-se uma ligação direta com o Planalto Norte, e dali com Curitiba. O objetivo era, por um lado, facilitar o comércio, e por outro, obter novas terras para instalação do maior número de imigrantes em pequenas propriedades agrícolas (TERNES, 1986).

A partir de 1858 aceleraram-se os trabalhos de implantação da Estrada da Serra em direção ao norte, agora com a participação do governo da Província e do Império. E tal acontecimento foi determinante na consolidação da Colônia, permitindo, entre outros, a instalação de dezenas de serrarias e a comercialização do mate. Em 1865 abriu-se esta via de comunicação para viajantes e para o comércio (TERNES, 1986). ROCHA (1994:30) nos mostra que a Estrada Dona Francisca foi de grande importância para a consolidação dos comerciantes “import-export” de Joinville, tendo se constituído

“num fator de desenvolvimento das atividades econômicas de Joinville, seja pela possibilidade de investimento no complexo ervateiro, seja pela ampliação do comércio de produtos coloniais e atividades de serviços correlatos ao comércio, como serrarias, fábricas de carroças, tonéis, fundições, oficinas mecânicas, etc, que capitalizavam o núcleo, permitindo investimentos em infra-estruturas, como na energia elétrica”.

A atual estrutura urbana da cidade se definiu logo nos primeiros 10 anos de colonização, com o desenvolvimento da malha viária no sentido Norte-Sul. O eixo viário básico, conforme nos mostra TERNES (1986), era definido pela Rua Duque de Caxias (atual Rua Dr. João Colin), pela Rua do Príncipe e pela Avenida Getúlio Vargas./O

crescimento da cidade deu-se, então, em direção ao Norte, no sentido do Planalto Norte e da cidade de Curitiba, e em direção ao Sul, no sentido de São Francisco do Sul.

O traçado viário do núcleo urbano sofreu rápidas transformações a partir de 1867. Foram abertas novas ruas, estabelecendo-se o traçado tradicional em quadras. O núcleo urbano inicial se expandiu em direção às terras de Brüstlein, região que hoje contorna o Museu Nacional de Imigração, e também em direção à área onde hoje está instalado o Mercado Público e à Zona Sul da cidade. Tal expansão se deu, inicialmente, de forma improvisada, tendo se definido melhor a partir de 1880 até 1910, quando foram abertas as ruas paralelas à “Katarinenstrasse”, atual Av. Getúlio Vargas. Em 1870 surgiram os becos ligando as antigas Rua Cachoeira (atual Rua Princesa Isabel) com o “Caminho do Meio” (Mittelweg), atual Rua Quinze de Novembro, e esta com a Rua do Porto (Hafenstrasse), atual Rua Nove de Março (TERNES,1993).

A população chegou a 7.860 pessoas no final de 1874, sendo que a área rural contava com 1.176 casas e o núcleo urbano com apenas 280 casas. Em 1879 a população já alcançava o número de 16.967 habitantes e o município já contava com várias fábricas, entre elas uma usina de açúcar, fábricas para beneficiamento de erva-mate, uma fábrica de beneficiar arroz, uma fábrica de móveis, uma de carroções, uma de araruta, etc (TERNES,1986)./

O processo de ocupação do solo foi lento e gradual, favorecido pelo contínuo fluxo migratório (SOUZA,1991). Em 1890, novas ruas foram abertas transversalmente às duas grandes avenidas da Zona Sul – Getúlio Vargas e Procópio Gomes. Na Zona Norte ampliou-se a atual Rua Blumenau, criando-se mais um trecho da Rua Max Colin, e de novas laterais a ela, a partir do grande eixo da atual Rua Dr. João Colin, então aberta até o cruzamento com a Estrada Dona Francisca (TERNES,1993).

Na FIGURA 4 encontra-se representada a planta da cidade de Joinville, conforme o traçado existente em 1907, estando ali identificadas as primeiras ruas implantadas.

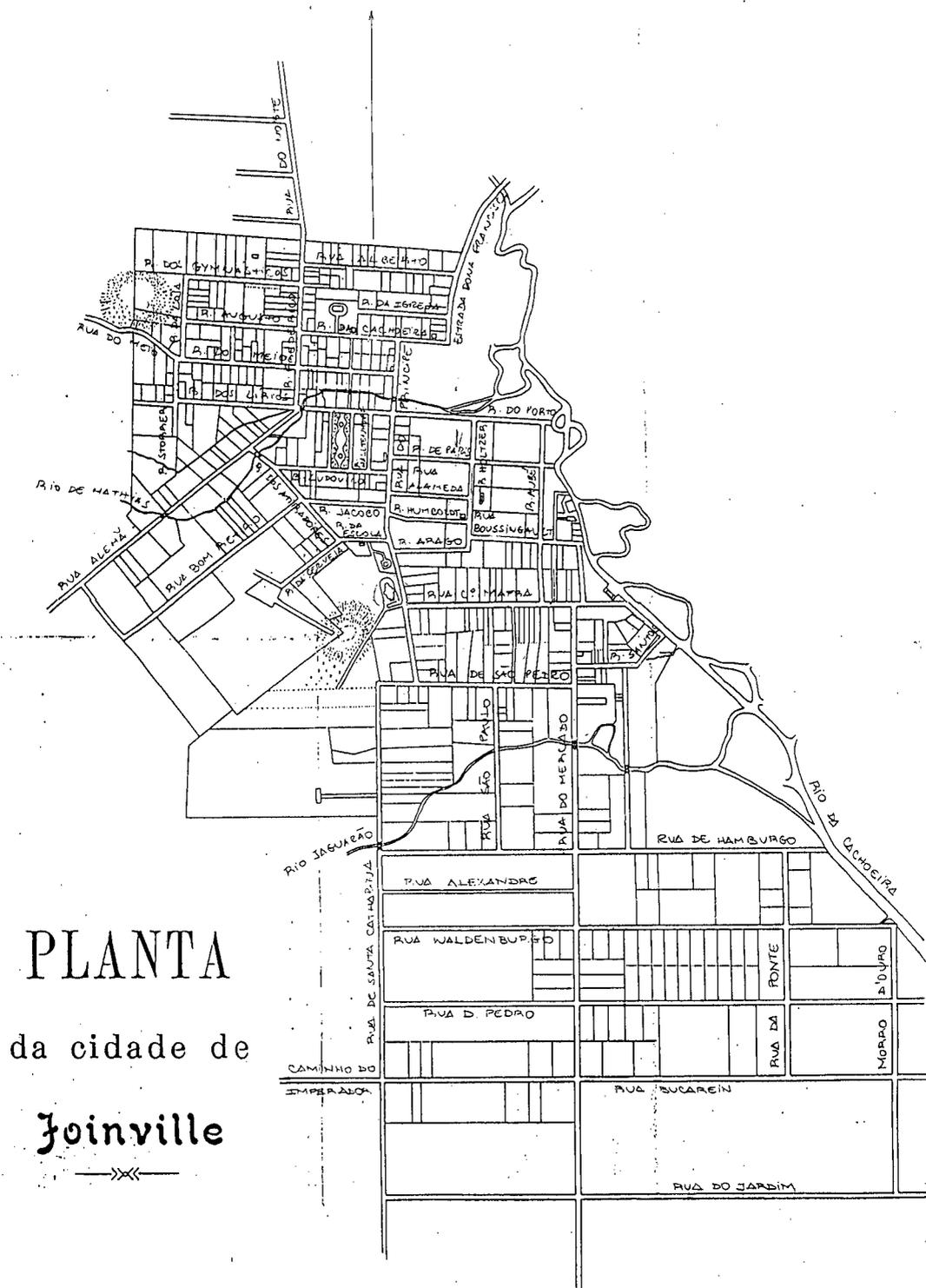


FIGURA 4 – Planta da cidade de Joinville em 1907
 FONTE: Mapoteca do Arquivo Histórico de Joinville

1.2. A evolução da cidade entre 1900 e 1950:

A partir do início do século XX, o processo de desenvolvimento econômico de Joinville se intensifica, aumentando-se as perspectivas industriais com a chegada da energia elétrica (1907) e da estrada de ferro. ROCHA (1994) nos mostra que, para a construção da estrada de ferro ligando São Francisco do Sul a Rio Negro, houve pressão dos comerciantes exigindo alteração no projeto a fim de que a cidade de Joinville fosse incluída no trajeto. O trecho São Francisco do Sul-Joinville foi concluído em 1906 e o trecho Joinville-Rio Negro, em 1913./O comércio de erva mate que já havia declinado foi, neste momento, substituído pelo da madeira (pinho)/

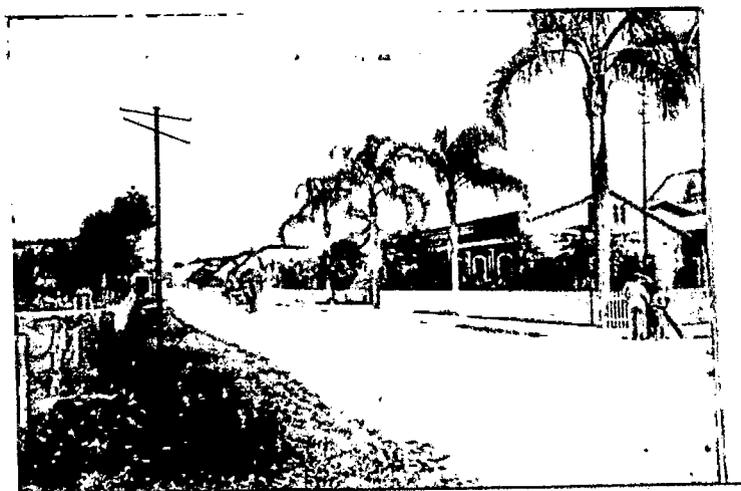


Foto 1 – Trecho da Rua do Príncipe (1907)
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 2 – Vista da Rua Abdon Batista a partir da Rua do Príncipe (1900)
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 3 – Atual Rua Dr. João Colin (1900)

FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

Ao longo do período entre 1903 e 1906 várias ruas foram alargadas, inclusive a *Katarinenstrasse* (atual Av. Getúlio Vargas) no sentido Sul, até a área destinada à Estação Ferroviária. Até o início do século, a cidade dispunha de apenas uma praça – a chamada Praça do Mercado, atual Praça Lauro Müller|(TERNES, 1993).

Pouco a pouco Joinville foi se firmando

“como pólo centralizador de uma região geográfica vasta, que se estendia de São Francisco do Sul ao planalto catarinense, passando por São Bento e alcançando Jaraguá e todo o Vale do Itapocu” (TERNES, 1986:235).

Aos poucos sua área de influência foi se expandindo pelo estabelecimento de relações comerciais com São Paulo e Rio de Janeiro.

Com a Primeira Guerra Mundial foi dado novo impulso ao processo de industrialização que já estava em andamento, uma vez que com as dificuldades de importação, as pequenas indústrias caseiras e artesanais existentes foram obrigadas a se expandir (TERNES, 1984). Houve, desta forma, um período de substituição de importações que contribuiu para o incremento das indústrias locais, as quais passaram a ser solicitadas para um mais amplo atendimento do mercado interno./

Um importante fator que contribuiu para a acelerada industrialização de Joinville é abordado por TERNES (1986:151). Segundo ele, nos anos seguintes à Grande Depressão de 1929,

“enquanto se alteravam as condições de evolução econômica em todo o mundo, atingindo-se também a economia brasileira, Joinville mantinha um processo de reciclagem, transformando-se de centro comercial, em pólo industrial, servindo a região em toda a demanda interna de peças de reposição na área mecânica”.

De fato, conforme nos mostra TERNES (1993:235) o comércio foi o principal responsável pelas transformações ocorridas ao longo de seus primeiros 50 anos de existência. Neste sentido ele afirma que:

“Nascida e planejada para colônia agrícola, Joinville cedo se transformou num pólo comercial, especialmente a partir da década de 1880, quando se acentuam os dois primeiros ciclos da economia local: a extração da madeira e da erva-mate”.

Entretanto, a partir do efetivo início do ciclo de industrialização, depois da década de 1920, e principalmente após a Segunda Guerra Mundial, o processo econômico passou a ser *“literalmente ‘puxado’ pelas indústrias”* (TERNES, 1993:236).

Outro aspecto importante refere-se ao fato de que em Joinville não houve especialização da economia, ocorrendo grande diversidade com relação a estabelecimentos industriais, os quais eram voltados à fabricação de produtos têxteis, e principalmente à metalurgia, à química e a produtos farmacêuticos.

Com a Segunda Guerra Mundial, tendo havido a interrupção das tradicionais relações comerciais com a Alemanha, forçou-se um desenvolvimento industrial ainda maior nas áreas que até então mantinham este contato. O próprio país passou por um processo similar, já que o isolamento do Brasil em relação aos mercados europeus de produção industrial propiciou o surgimento de novas indústrias. Estas tiveram seu desenvolvimento assegurado pela política protecionista aplicada, e que determinava a cobrança de pesadas tarifas sobre a importação (CEAG/SC apud JOINVILLE, 1993:04).

Entre as décadas de 1920 a 1940 surgiram diversos estabelecimentos no setor têxtil e também no setor metal-mecânico (ROCHA,1994). Surgem também três grandes empresas: a Fundação Tupy, fundada em 1938, a Companhia Hansen Industrial (atualmente Tigre), fundada em 1941 e a Indústria de Refrigeração Consul (atualmente Multibras), fundada em 1950. O desenvolvimento de Joinville, nessa época, se confunde com o surgimento e crescimento dessas três grandes empresas, as quais proporcionaram o aparecimento de uma série de outras pequenas e médias empresas (TERNES,1984).

No período entre as décadas de 1930 e 1950 ocorreu, em nível nacional, a transição da economia agro-exportadora para a urbano-industrial, e a tendência observada foi de preponderante atendimento ao mercado interno (JOINVILLE, 1993).

De fato, o processo de industrialização que já se iniciara teve, na década de 1950, sua consolidação dentro da realidade nacional, juntamente com a economia estadual, fortalecendo-se as relações econômicas com os centros produtores de São Paulo e do Rio de Janeiro (TERNES, 1984).

O escoamento da produção das indústrias de Joinville era garantido pelas seguintes vias de comunicação: rodoviária, ferroviária e fluvial. O município era cortado por três rodovias. A primeira delas era a Estrada Estadual Dona Francisca que ligava Joinville ao município de Campo Alegre e que, ao atingir o distrito de Pirabeiraba, se entronçava à estrada que seguia até Curitiba. A segunda rodovia era a chamada Estrada do Sul que ligava Joinville a Blumenau, e a terceira era a chamada Rodovia Santa Catarina que ligava Joinville a São Francisco do Sul e a Itajaí. A ferrovia se tratava de ramal da Rede Viação Paraná-Santa Catarina (linha São Francisco do Sul-Porto União) e a ligação fluvial se dava pelo Rio Cachoeira, que ligava Joinville ao porto de São Francisco do Sul (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).

A atividade comercial continuou ainda intensa, sobretudo devido ao contínuo crescimento populacional que ocorreu a partir da década de 1950, em função da geração de novos empregos pela crescente atividade industrial (TERNES, 1993). Isto ocorreu porque, sendo a oferta de empregos superior ao que a cidade poderia atender, iniciou-se, a partir de então, novo ciclo de imigração, provinda principalmente da região litoral de São Francisco do Sul e do Vale do Itajaí. Tais imigrantes constituíam-se sobretudo de operários em busca de trabalho nas indústrias locais (JOINVILLE, 1965).

Joinville que fora inicialmente concebida como colônia agrícola, e que havia passado, posteriormente, a pólo comercial, acabou por se consolidar como pólo industrial. E o processo de industrialização atuou como elemento indutor do processo de urbanização, já que transformou Joinville em pólo de atração para a mão-de-obra originária de outros locais. LEFEBVRE (1991:3) estabelece a justa conexão entre industrialização e urbanização, na medida em que nos assegura que:

“Se distinguirmos o ‘indutor’ e o ‘induzido’, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana(...)”

De fato, à medida que a industrialização se impunha, trazendo como consequência o aumento da população urbana, o núcleo existente passou a ser sujeito de um contínuo processo de transformação. E o espaço com características urbanas que, até a década de 1940, não ultrapassava poucos quilômetros quadrados, iniciando-se no Rio Cachoeira, e estendendo-se ao norte ao longo da Rua Dr. João Colin, a oeste até as imediações do Cemitério Municipal, e ao sul chegando apenas até a Estação Ferroviária, passou por um processo de grande expansão e de grandes modificações. /

CAPÍTULO 2 – A ÁREA CENTRAL DE JOINVILLE NA DÉCADA DE 1950

Toda a abordagem histórica da formação e desenvolvimento de Joinville, desde a época da colonização até o início da década de 1950, teve como objetivo buscar a compreensão das bases sobre as quais se assentou a estruturação dos espaços construídos da cidade. De fato, só através deste estudo se torna possível a reconstrução, ainda que em linhas bem gerais, dos aspectos mais marcantes da configuração espacial da cidade na década de 1950, visto que tal configuração pode ser entendida como reflexo de todas as questões econômicas, sociais e culturais vivenciadas até aquele momento.

No presente capítulo procurar-se-á descrever mais detalhadamente aspectos da configuração urbana da Área Central de Joinville nos primeiros anos da década de 1950, dentro da perspectiva de que se trata de um momento específico resultante de um longo processo de inter-relação entre a sociedade e o espaço.



Foto 4 – Vista parcial da cidade de Joinville (1951)
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

Conforme já explicitado na introdução do presente trabalho, este momento referente à década de 1950 foi escolhido por se tratar de um marco significativo, na medida em que, a partir dali, várias foram as alterações sofridas em diversos níveis, tendo como elemento propulsor o incremento da industrialização da economia regional. A partir deste momento, também a Área Central da cidade foi palco de marcantes

transformações formais e funcionais como reflexo do processo sofrido pela cidade como um todo.

Para a descrição dos principais aspectos da configuração urbana da Área Central da cidade de Joinville em 1950, serão enfocadas, inicialmente, as principais funções desenvolvidas na área em questão (residencial, comercial, industrial, serviços, etc) e também sua distribuição espacial. É importante lembrar que o levantamento desta distribuição das funções no espaço urbano foi feito através da definição de concentração funcional, e não no sentido de se tentar elaborar um mapa de uso do solo de 1950.

Posteriormente serão levantadas algumas características das formas construídas para abrigar aquelas funções, e ainda alguns aspectos da vida das pessoas naqueles espaços urbanos. Após a identificação das funções predominantemente centrais e de sua localização preferencial, foi possível estabelecer uma delimitação para a Área Central da cidade naquele momento, a fim de se pudesse conhecer sua provável extensão horizontal na década de 1950.

2.1. As funções urbanas da Área Central de Joinville

Na década de 1950, a Área Central de Joinville e adjacências apresentavam-se como um pequeno centro comercial, caracterizando-se por uma trama funcional complexa, onde as diversas funções, inclusive a industrial, conviviam umas com as outras, sem qualquer tipo de setorização.

Conforme nos mostra SANTANA (1998:22),

“a estrutura urbana, nos primeiros 50 anos do século XX se apresentava bastante concentrada, apoiada em um pequeno centro comercial, em torno do qual se instalavam grande parte das fontes de emprego, sejam comerciais ou industriais”.

A Área Central e adjacências destacavam-se dentro do corpo urbano por uma maior diversidade funcional, ao contrário dos bairros que além da função residencial, eram servidos apenas por um comércio varejista e por algum tipo de serviço direcionado apenas ao atendimento daquela população específica. De fato, era na Área Central que as diversas funções se concentravam mais intensamente, desde estabelecimentos comerciais, industriais e de crédito, até escritórios e repartições públicas.

Analisando as funções presentes na Área Central e em suas adjacências na década de 1950, observamos que, para algumas delas, aquele era o local ideal para atuação, em razão de fatores tais como facilidade de acesso e necessidade de atingirem um maior raio de ação. Tal era o caso das funções político-administrativas, financeira, comercial e cultural. Com relação à função industrial, sua centralidade, resultado do processo de industrialização com origem no artesanato, conferia um caráter diferenciado à cidade de Joinville.

A seguir serão enfocadas cada uma das funções da Área Central nesses primeiros anos da década de 1950 através de uma abordagem geral sobre a questão.

Função industrial

Uma função que, no caso de Joinville, era tipicamente central, era a industrial, não só no que se refere aos escritórios administrativos, como também às próprias sedes de fábricas ou indústrias.

Trata-se de uma função que, na maior parte das cidades, aparece deslocada para áreas mais periféricas. Entretanto, em Joinville, em decorrência da forma como se deu o processo de instalação de fábricas e indústrias desde os primeiros tempos da cidade, esta função adquiriu um caráter de centralidade. E esta foi uma das mais importantes funções desenvolvidas, durante muitos anos, na Área Central da cidade e em suas adjacências.

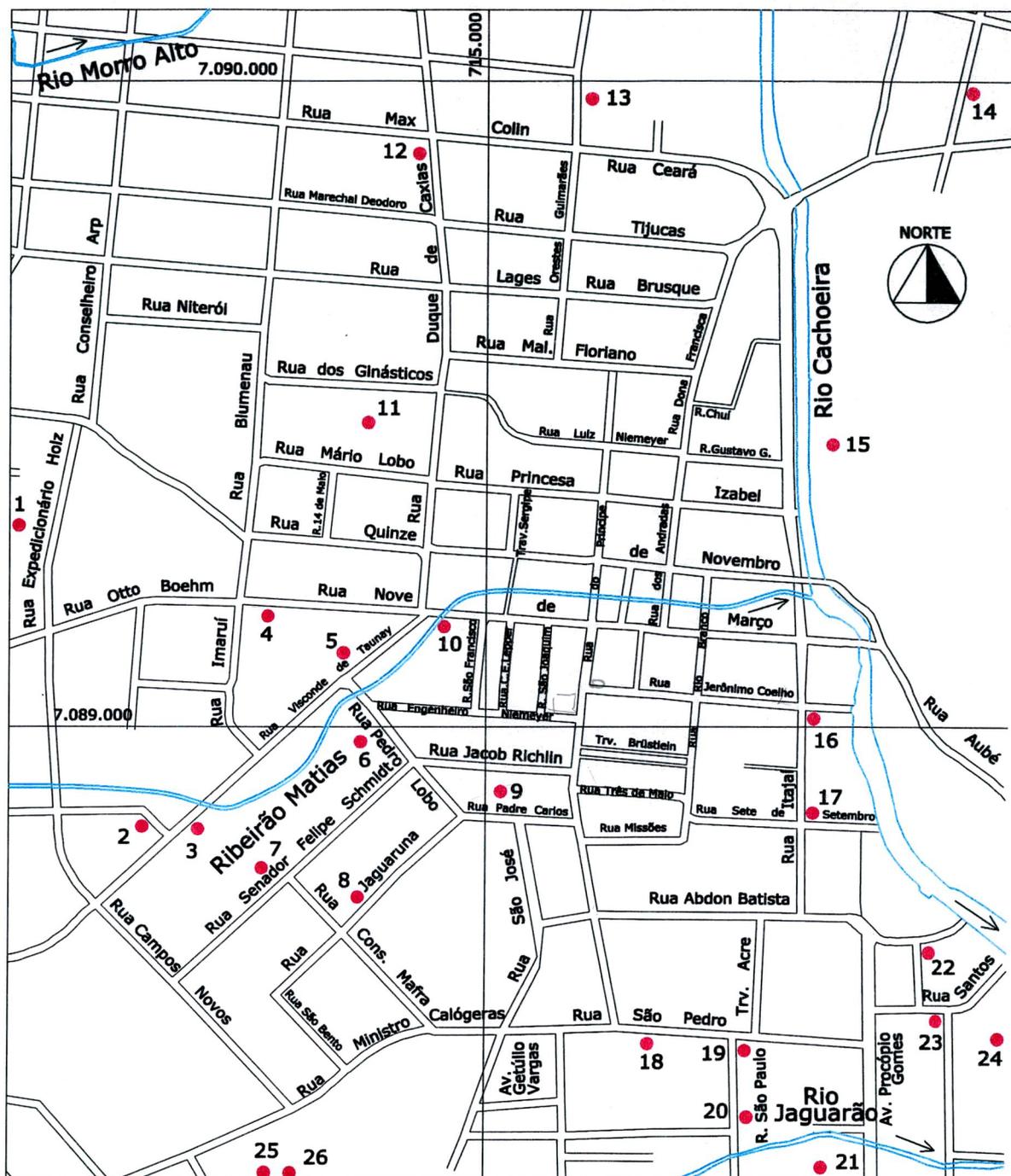
TERNES (1993) afirma que as fábricas foram se instalando de forma aleatória, em áreas próximas às residências, no próprio centro da cidade. As casas urbanas dos colonos, geralmente instaladas em lotes de grandes dimensões, passaram, com o tempo, a ter barracões nos fundos em substituição à horta e ao pomar. Ali foram instaladas as primeiras fábricas, e a atividade principal do habitante, que era a lavoura de minifúndio, passou a ser a criação de bens manufaturados. À medida que a cidade se desenvolvia, os estabelecimentos fabris que cresciam acabaram por ser envolvidos pela trama urbana (SANTANA,1998). Desta forma, Joinville acabou por assumir, como característica marcante, a presença de grandes lotes em que residências e indústrias se misturavam, conseqüência da formação industrial da cidade, com raízes no artesanato e na indústria de quintal (JOINVILLE,1965).

Nos anos de 1950, indústrias como a Fundação Tupy, a Cia. Wetzel Industrial, a Cia. Hansen Industrial, a Cervejaria Catarinense, a Colin e Lepper, a Döhler e a Malharia Arp se localizavam na Área Central. No **PBU/1965** (JOINVILLE,1965) afirmou-se

inclusive que, de certa maneira, o centro da cidade era também o próprio centro industrial, na medida em que ali estava concentrada a maioria dos estabelecimentos industriais e também a maioria dos empregos (ver FIGURA 5 – Localização de alguns estabelecimentos industriais). Nos depoimentos evidenciou-se a presença marcante de estabelecimentos industriais em todo o centro da cidade:

(Sr. Benno) “Todas as fábricas eram no centro. Nós tínhamos fábricas tradicionais: a Companhia Wetzel Industrial, a Usina Metalúrgica Joinville, a Fábrica de Vagões, o Curtume, o Moinho Santista, a Fábrica do Kursch de espula de madeira, a Fundição Tupy, a Fábrica de Cadarço do Rosenbach”.

O número total de estabelecimentos fabris em Joinville em 1951 era de 325, com predomínio de indústrias de transformação voltadas para o mercado interno (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951). É interessante o fato de que a presença de indústrias e fábricas localizadas na Área Central da cidade não causava incômodo à população residente, conforme foi possível perceber pelos depoimentos colhidos.



Legenda

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Cervejaria Catarinense S.A. | 14. Tecelagem Boa Vista Ltda. |
| 2. Afonso Meister Ltda. | 15. Cia Fabril Lepper |
| 3. Wetzel e Cia. Ltda. | 16. Casimiro Silveira e Cia.Ltda. |
| 4. Henrique Meyer e Cia. Ltda. | 17. Usina Metalúrgica Joinville S.A. |
| 5. Cia. Têxtil S.A. | 18. Móveis Cimo S.A. |
| 6. Fundação Tupy S.A. | 19. Tricotagem Alfredo Marquardt Ltda. |
| 7. Cia. Wetzel Industrial. | 20. Irmãos Strauhs Ltda. |
| 8. Kupsch e Cia. Ltda. | 21. Vogelsanger Irmãos |
| 9. Com. e Ind. Germano Stein S.A. | 22. Ind. de Madeiras Taco Lindner |
| 10. Colin e Cia. Ltda. | 23. Móveis Pereira Ltda. |
| 11. Malharia Arp S.A. | 24. S.A. Moinhos Riograndenses |
| 12. Moldmotores Ltda. | 25. Artefatos de Metais J. da Rosa |
| 13. Fábrica de Máquinas Raimann S.A. | 26. Cia. Hansen Industrial |

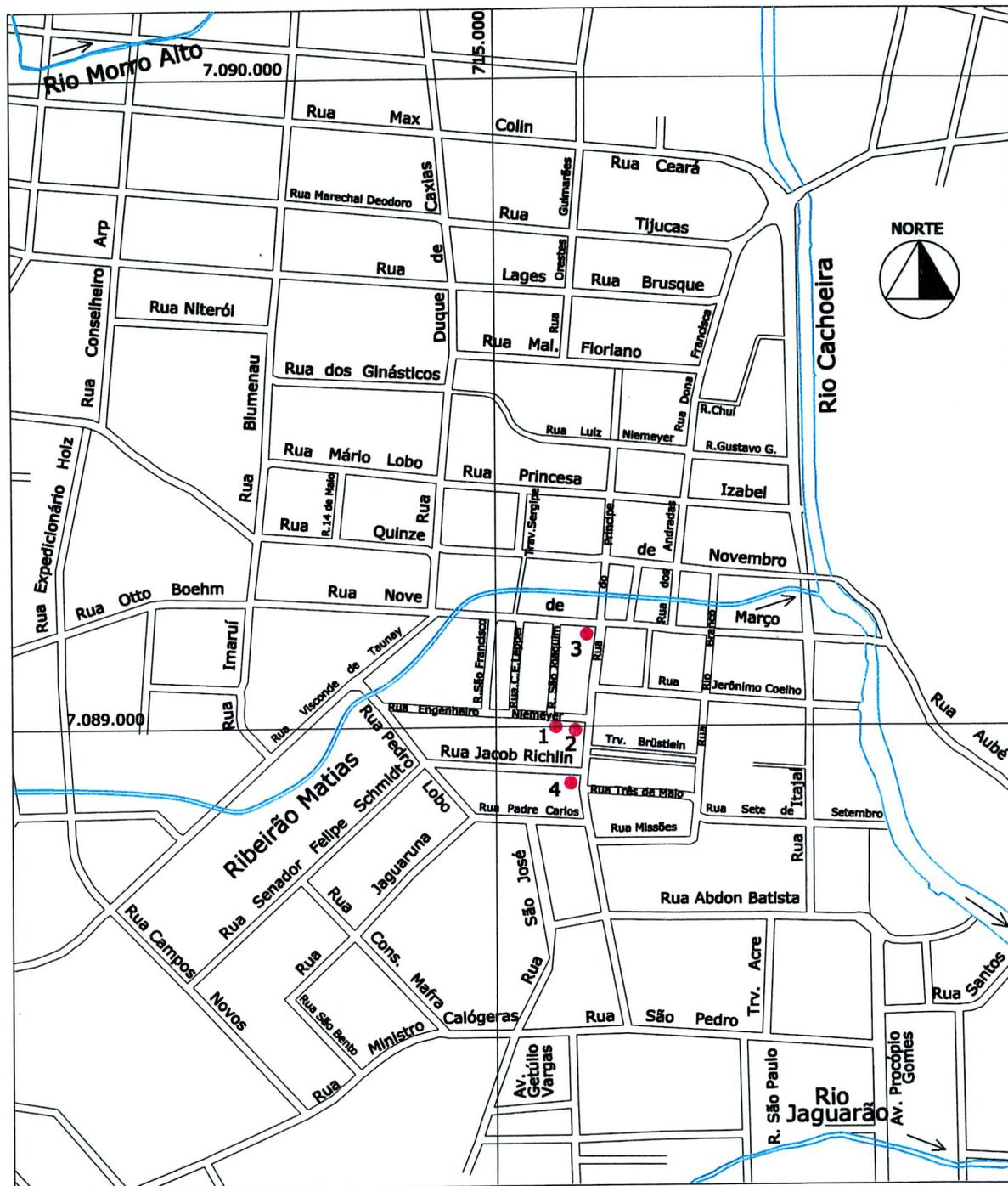
FIGURA 5 – Localização de alguns estabelecimentos industriais na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958) – ESCALA 1:10.000

FONTE: PLANTA, 1958

Funções político-administrativa e financeira

No caso de Joinville, pelo fato de não se tratar de capital administrativa do estado, a função político-administrativa não era tão expressiva, mas sua característica de centralidade era inegável. Assim, no que se refere aos prédios da Prefeitura Municipal, da Coletoria Estadual, das Coletorias Federais, da Empresa Sul Brasileira de Eletricidade S.A. (EMPRESUL), da Diretoria de Estradas de Rodagem (DER), da Telefônica Catarinense e da Delegacia do Imposto de Renda, além do Fórum e Delegacia de Polícia, pode-se dizer que todos eles localizavam-se em posição bem central, conforme é possível conferir na FIGURA 6. O Quartel do 13º B.C., encontrava-se fora da Área Central, embora não muito distante da mesma.

Com relação à função financeira em Joinville, pode-se dizer que eram três os bancos que, na década de 1950, atendiam a cidade: o Banco do Brasil, o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A (INCO), e o Banco Nacional do Comércio. Além destes havia ainda uma agência da Caixa Econômica Federal. Todos eles se localizavam na Área Central bem próximos à Praça Nereu Ramos, facilitando, assim, o atendimento à população (ver FIGURA 7).



Legenda

1. Caixa Econômica Federal
2. Banco do Brasil S.A.
3. Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A. (INCO)
4. Banco Nacional do Comércio S.A.

FIGURA 7 – Localização dos bancos na Área Central de Joinville (1958)

ESCALA 1:10.000

FONTE: PLANTA, 1958

Função comercial

Com relação à função comercial, pode-se dizer que havia uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais na cidade, perfazendo um total de 534 unidades no ano de 1951 (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).

Os estabelecimentos de comércio varejista atendiam não só as pessoas residentes na área urbana, como também pessoas de outras cidades e colonos residentes na área rural. Estes últimos se dirigiam semanalmente ao centro da cidade para vender seus produtos e adquirir gêneros que não tinham como produzir. Os colonos eram, então, responsáveis por um comércio ambulante, com a venda de seus produtos aos transeuntes. Ao mesmo tempo, freqüentavam regularmente o comércio urbano para aquisição de produtos tais como material para trabalho, vestuário e determinados gêneros alimentícios. Ver os seguintes depoimentos:

(Sr. Benno) “Sexta-feira era dia dos colonos virem dos sítios trazer as mercadorias para vender. O comércio mais antigo tinha atrás um espaço para estrebaria, com lugar para as carroças e com cocho para alimentar os animais dos colonos. E aí os colonos faziam as compras deles na cidade, e sexta à noite iam embora (...) Os homens iam fazer negócios de banco, faziam empréstimo para a lavoura, negociavam a venda de mercadoria. E as mulheres, cada uma com sua sacolinha, vendiam ovos, manteiga, queijo. Tudo na Rua Quinze”.

(D^a. Lia) “Este comércio do centro atendia a toda a população da redondeza, inclusive de Campo Alegre e de São Francisco do Sul”.

(D^a. Albertina) “Os colonos vinham de carroça para trazer a mercadoria: verduras, frutas, leite, ovos, manteiga, queijo. Tudo que eles produziam eles vinham vender aqui. Eles paravam na Rua João Colin, no Tilp. Ele tinha bastante espaço atrás, então os colonos deixavam os cavalos ali. Eles vinham de muito longe. Traziam os produtos deles e levavam o que eles não tinham”.

Vários eram os tipos de estabelecimentos, sendo comum a presença dos chamados “armazéns de secos e molhados” onde se encontravam os mais variados tipos de artigos desde armarinhos e tecidos até louças, ferragens, cal e cimento, além de gêneros alimentícios diversos.

Com relação ao comércio voltado exclusivamente para a alimentação havia alguns cafês, confeitarias e bares, sendo que alguns deles serviam refeições (“ponto de almoço”), já que não existiam restaurantes como os de hoje. Naquela época não se tinha o hábito de fazer as refeições fora de casa, conforme se pode perceber pelos relatos abaixo:

(Sr. Benno) “Na hora do almoço aqui fechava tudo. Restaurante realmente não tinha. Havia o bar-restaurante onde o dono servia o almoço: prato feito. Era o “comercial”. Tinha também o que servia churrasco e também os hotéis serviam refeição. Ninguém da cidade comia em restaurante. Só o pessoal de fora e os colonos quando vinham à cidade na sexta-feira”.

(D^a. Lia) “O pessoal da cidade só ia ao restaurante aos domingos”.

Não havia cafês e confeitarias em grande quantidade, mas eram muito freqüentados, principalmente nos finais de semana. Foi possível perceber, ao longo das entrevistas, que eram importantes pontos de encontro:

(Sr. Benno) “Tínhamos a confeitaria Tieme, que era na Rua Quinze de Novembro. Lá nós íamos tomar café, mas só nos finais de semana. A mais tradicional era a Confeitaria Dietrich, que tinha um flamboyant no pátio. E tínhamos o famoso Polar, que era o nosso ‘point’. O Polar era uma sorveteria de um alemão, o Delly Koch. Havia uma lenda que o Delly Koch fazia a melhor nata batida de Joinville. Fora, ele tinha um caramanchão de bouganville. O sorvete dele era maravilhoso”.

(D^a. Lia) “A Sorveteria Polar era conhecidíssima. Todo mundo ia tomar sorvete lá”.

Havia ainda algumas padarias, mas não era tão habitual comprar o pão diretamente no estabelecimento. Havia um sistema de entrega a domicílio, o que facilitava a venda nos bairros mais afastados do centro. Na área mais central a entrega era diária, e nos bairros mais distantes a entrega era semanal. Também havia entrega a domicílio de leite e de carne. Nos depoimentos abaixo fica claro como funcionava este sistema de entrega:

(D^a. Lia) “Eram poucas padarias, porque a maior parte das pessoas fazia pão em casa”.

(Sr. Benno) “Todo padeiro tinha uma carroça. Era um carro de um eixo só, com um baú fechado que abria por trás. E ali levava o pão. Cada carroça tinha sua rota para distribuir o pão”.

(D^a. Lia) “Tinha as carrocinhas puxadas a cavalo e que distribuíam o pão de manhã bem cedinho e também o leite. Os próprios colonos da redondeza vinham de manhã cedinho de bicicleta ou de carroça distribuir o leite em garrafas de vidro. Depois, quando abriram a leiteria, quem quisesse pagava mensalmente e eles traziam o leite em litros de vidro em casa”.

(D^a. Margarida) “Antigamente também entregavam o pão numa carroça puxada por um cavalo. Ele andava por todas as ruas de Joinville. O cavalo tinha uma sineta, então a gente ia bem depressa ao portão e comprava o pão”.

Este tipo de comércio voltado para a alimentação ficava bem concentrado na Área Central localizando-se, principalmente, nas ruas do Príncipe, Quinze de Novembro, Duque de Caxias (atual Dr. João Colin), Princesa Isabel e Av. Getúlio Vargas.



Foto 5 – Trecho da Rua do Príncipe, com o Clube Joinville ao fundo (1938)
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

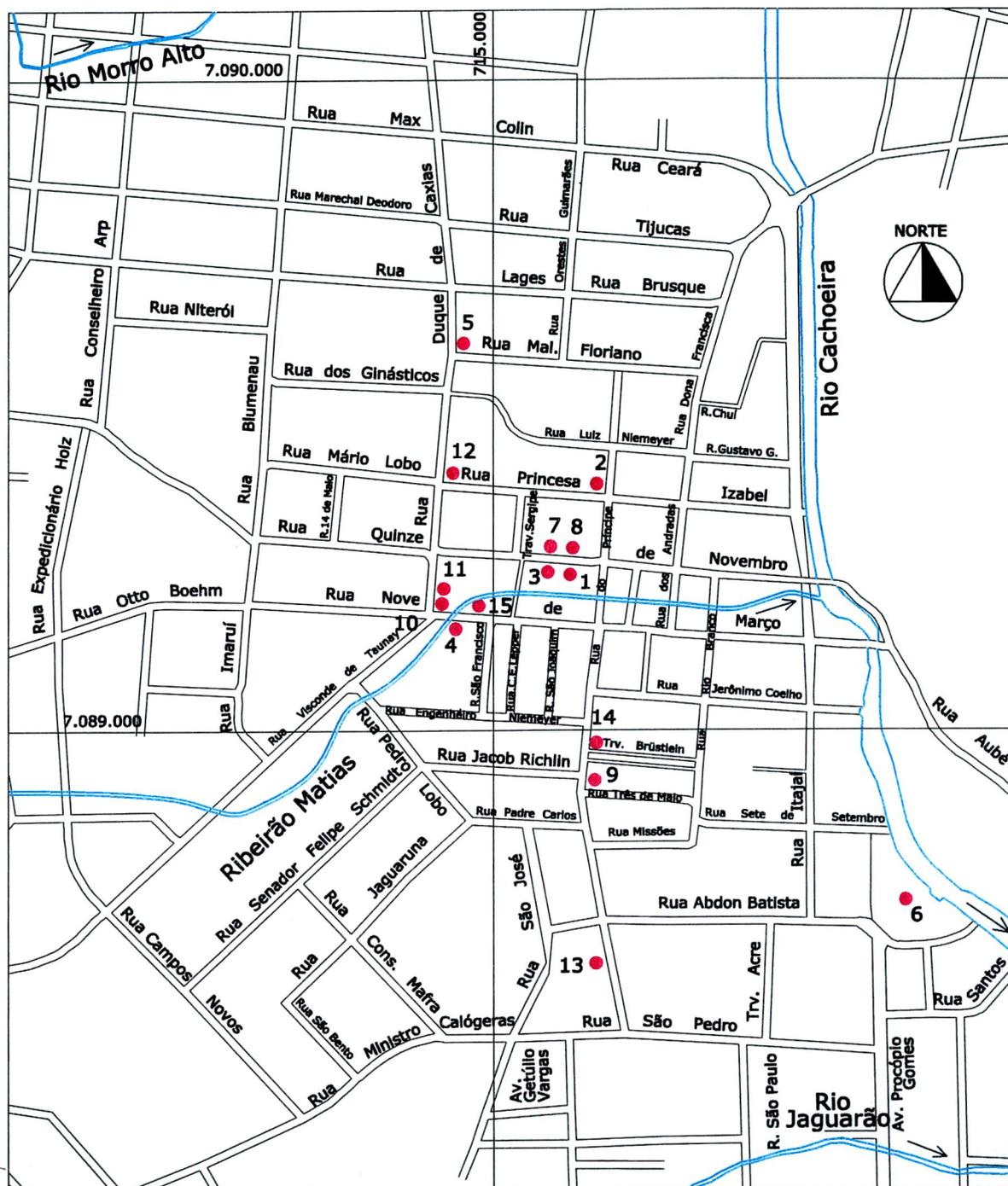
O Mercado Municipal, cujo prédio original foi construído em 1906, ficava levemente deslocado da Área Central propriamente dita. Na época houve grande pressão por uma parte da população no sentido de que fosse construído na Rua Nove de Março (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951). Mas o prédio acabou por ser construído às margens do Rio Cachoeira, em local posteriormente denominado de Praça Hercílio Luz. E tal opção foi feita, possivelmente, em razão de que seu funcionamento estava, na época de sua criação, estreitamente ligado ao porto. Os peixes e demais gêneros que chegavam pelo porto eram diretamente vendidos ali no mercado. Mesmo na década de 1950 o porto ainda mantinha forte relação com o Mercado Municipal sendo, este último, muito freqüentado pela população da cidade:

(D^a. Margarida) “O Mercado Público era muito freqüentado. Nós não comprávamos lá porque nós tínhamos tudo em nossa própria lavoura. Mas eu tinha uma tia que morava perto e eles compravam tudo lá”.

Além destes estabelecimentos havia também outros de comércio varejista tais como farmácias, joalherias e relojarias, armarinhos, lojas de calçados, de tecidos, livraria, lojas de artigos para presentes e objetos de uso doméstico, de móveis, de material fotográfico, de discos, de tintas, de material elétrico, lojas para vendas de máquinas diversas, de bicicletas, etc, estando a maior parte destas localizadas na Área Central e em suas proximidades concentradas, principalmente, na Rua do Príncipe, na Rua Quinze de Novembro, na Rua Nove de Março, na Rua Duque de Caxias (atual Rua Dr. João Colin) e na Rua Princesa Izabel (ver FIGURA 8). A centralidade do comércio pode ser evidenciada nos depoimentos abaixo:

(D^a. Lia) “Naquela época você já encontrava roupa pronta. Você podia conseguir camisas para homens, casacos, roupas de lã e vestidos. Tinha a Casa Suíça e a Casa Margarida, que tinham confecções belíssimas. Eram coisas muito finas, trazidas de São Paulo”.

(D^a. Margarida) “Para comprar calçados a gente ia ao centro. Tinha lojas de calçados, tinha a Casa Richling de confecções, na Rua do Príncipe, tinha o Alfredo Boehm, na Nove de Março com João Colin, que tinha de tudo, tinha também o Adolfo Grünsch, na Rua João Colin, que também tinha de tudo, começando de secos e molhados até uma outra seção de tudo que era confecção”.



Legenda

- | | |
|-------------------------|-------------------------------|
| 1. Confeitaria Tieme | 9. Casa Richling |
| 2. Confeitaria Dietrich | 10. Comércio Alfredo Boehm |
| 3. Sorveteria Polar | 11. Comércio Adolfo Grünsch |
| 4. Padaria Brunkow | 12. Loja Hoepcke |
| 5. Comércio Tilp | 13. Casa Dingee (de calçados) |
| 6. Mercado Municipal | 14. Farmácia Minâncora |
| 7. Casa Suíça | 15. Drogaria Catarinense |
| 8. Casa Margarida | |

FIGURA 8 – Localização dos principais estabelecimentos comerciais na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958) – ESCALA 1:10.000

FONTE: PLANTA, 1958; SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951 e dados das entrevistas desta pesquisa



Foto 6 – Trecho inicial da atual Rua Dr. João Colin. À direita o comércio de Otto Boehm (1950)
 FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

O comércio atacadista se concentrava, ainda nesta época, principalmente na exportação da madeira (pinho). Embora os depósitos e mesmo algumas das sedes das firmas estivessem localizados, de maneira geral, no bairro Bucarein, próximo ao porto, havia o caso de sedes de empresas localizadas na Área Central. Ainda com relação ao comércio atacadista é importante ressaltar que havia os grandes negociantes responsáveis pelo abastecimento dos pequenos estabelecimentos comerciais de “secos e molhados”.

Havia ainda firmas de importação, representação e distribuição de diversos produtos. Estas se localizavam, de maneira geral, na Área Central, provavelmente com o objetivo de facilitar o atendimento de sua clientela.

Além do comércio presente na Área Central e proximidades, havia estabelecimentos comerciais localizados, ainda que com menor freqüência, ao longo do eixo norte-sul (constituído pela Rua Duque de Caxias, atual Rua Dr. João Colin e pela Av. Getúlio Vargas)⁶ e também estabelecimentos de comércio varejista de gêneros de primeira necessidade em bairros, de forma a atender mais facilmente a população local, conforme se percebe nos relatos a seguir:

⁶ Tanto a Rua Duque de Caxias quanto a Av. Getúlio Vargas eram as principais vias de saída da cidade.

(Sr. Benno) “As compras do dia a dia eram feitas na venda da esquina. Você comprava por mês, e os produtos eram vendidos a granel. Em um cartuchinho era pesado o que a pessoa queria. Comprava-se por mês, e tudo era anotado em uma caderneta. (...) Os armazéns de secos e molhados podiam também vender remédios”.

(Sr. Benno) “Existiam espalhados na cidade aqueles comerciantes fortes de secos e molhados. Cada região tinha um. Era salão de baile e armazém. Ali tinha de tudo: chapéus, tecido a metro, querosene para lamparina, e também charque, lingüiça, banha de porco, manteiga. Tudo produto natural. Uma das mais tradicionais famílias de comerciantes de secos e molhados eram os Boehm.”

(D^a. Lia) “Havia pouca coisa de comércio nos bairros. Haviam, em geral, casas comerciais que tinham de tudo. Desde ferramentas agrícolas, armarinhos, tecidos, confecções, até a parte de alimentação. O outro tipo de comércio era todo no centro.”

O comércio de Joinville atendia suficientemente a população, embora já houvessem situações em que as pessoas se dirigissem a centros comerciais mais fortes, como Curitiba por exemplo, para compras mais específicas. Em uma das entrevistas, esta questão foi abordada:

(D^a. Albertina) “Nós nos casamos em 43 e ali já se fazia compra em Curitiba. Geralmente tecido para costurar porque tínhamos aqui as costureiras”.

Função de prestação de serviços

De maneira geral, a função de prestação de serviços se concentrava na Área Central da cidade. Havia uma tendência de localização nas ruas mais centrais, tanto de escritórios de advocacia, de engenharia e de contabilidade, quanto de consultórios médicos e odontológicos. A maior concentração deste tipo de atividade se dava nas ruas Nove de Março, Quinze de Novembro, Engenheiro Niemeyer, do Príncipe, Duque de Caxias (atual Rua Dr. João Colin), Cruzeiro (atual Rua Dr. João Colin, no trecho entre as ruas Princesa Izabel e Nove de Março), Jacob Richling, e Av. Getúlio Vargas. Haviam, em 1951, 18 médicos, 18 dentistas, 15 advogados e 15 engenheiros e construtores licenciados (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951). Uma característica interessante no que se refere aos consultórios médicos, era o fato de funcionarem, muitas vezes, em um cômodo da própria residência do profissional, conforme se afirmou nos relatos abaixo:

(D^a. Lia) “Os consultórios funcionavam na própria residência. Mas se tinha uma pessoa doente em casa ele vinha para consultar ali mesmo”.

(D^a. Albertina) “Médicos foram o Dr. Bachman, o Dr. Plácido, o Dr. David, o Dr. Petri, o Dr. Alfredo Schlemm. Depois vieram outros. Mas os consultórios eram na própria residência quase todos. Tudo no centro”.

Com relação aos diversos tipos de escritórios, tais como corretagem de seguros e representações, a característica de centralidade também se mantinha, havendo escritórios localizados nas ruas do Príncipe, Princesa Izabel, Rio Branco, Pedro Lobo e Nove de Março. Também os cartórios se concentravam na Área Central, havendo cartórios situados, por exemplo, à Rua Nove de Março e Praça Nereu Ramos. Foi possível levantar a existência de três cartórios em 1951 (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951). O primeiro deles era o de Rodrigo de Oliveira Lobo, tabelião do 1º Ofício, e que tinha Ivan Luiz Ribeiro como tabelião ajudante. O segundo era o de Darcy Schroeder Cubas, tabelião do 2º Ofício, e que tinha Ruth Silva como substituta. E o terceiro era o de Arnaldo da Luz, tabelião do 3º Ofício, contando com João Santiago Neves como tabelião substituto.

A centralidade destes serviços provavelmente se impôs devido à maior facilidade de acesso pelo maior número de pessoas, demonstrando a capacidade polarizadora da Área Central em relação ao corpo da cidade.

Os serviços de alojamento na Área Central e proximidades podiam ser considerados expressivos, na medida em que ali se situavam alguns dos melhores hotéis da cidade naquela época, tais quais o Joinville Palace Hotel, o Hotel Palácio, o Hotel Príncipe, o Hotel Joinville, o Hotel Trocadero e o Hotel Continental (JOINVILLE, 1939) (ver FIGURA 9). Sobre os hotéis, ver os depoimentos abaixo:

(Sr. Benno) “Hotéis nós tínhamos aqui o Joinville Palace Hotel, que ainda existe, o Hotel Príncipe, cujo prédio existe até hoje na esquina defronte à Praça Nereu Ramos, nós tínhamos na Rua Abdon Batista, o Hotel Joinville, que foi demolido e virou o Novo Hotel Joinville e tínhamos o Hotel Pensão Mattes. Fora estes tínhamos também hotéizinhos pequenos que abriam e fechavam. Os grandes eram estes.”

(D^a. Lia) “O Palace Hotel era na esquina da Rua do Príncipe com a Rua Quinze. Era um prédio muito bonito. Era de esquina, com uma escadaria na entrada. O mais fino era o Trocadero. Tinha um restaurante muito bom e o serviço era excelente. Hoje ainda funciona mas está feio e abandonado. E tinha o Hotel Príncipe. Este prédio também é muito bonito. Este e o Palace eram mais ou menos da mesma categoria. Havia também outros mais simples, como o Mattes Hotel, na Rua Quinze com Blumenau. Tinha também um outro, o Hotel Joinville, situado na Rua Abdon Batista, e que também é bem antigo. Hoje já reformaram o prédio. Mas este também foi um hotel da mesma categoria do Palace e do Príncipe”.

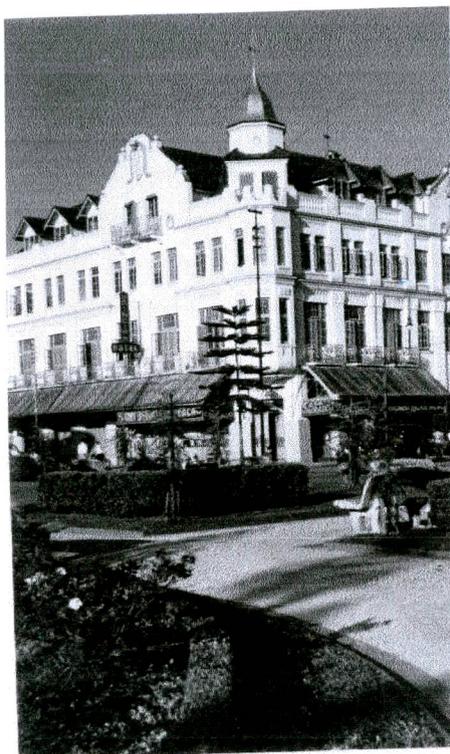


Foto 7 – Hotel Príncipe visto a partir da Praça Nereu Ramos
FONTE: Cartão postal da época

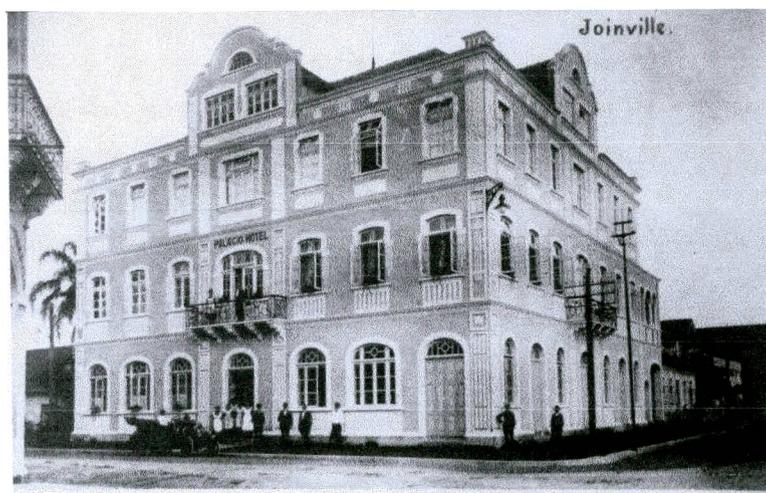
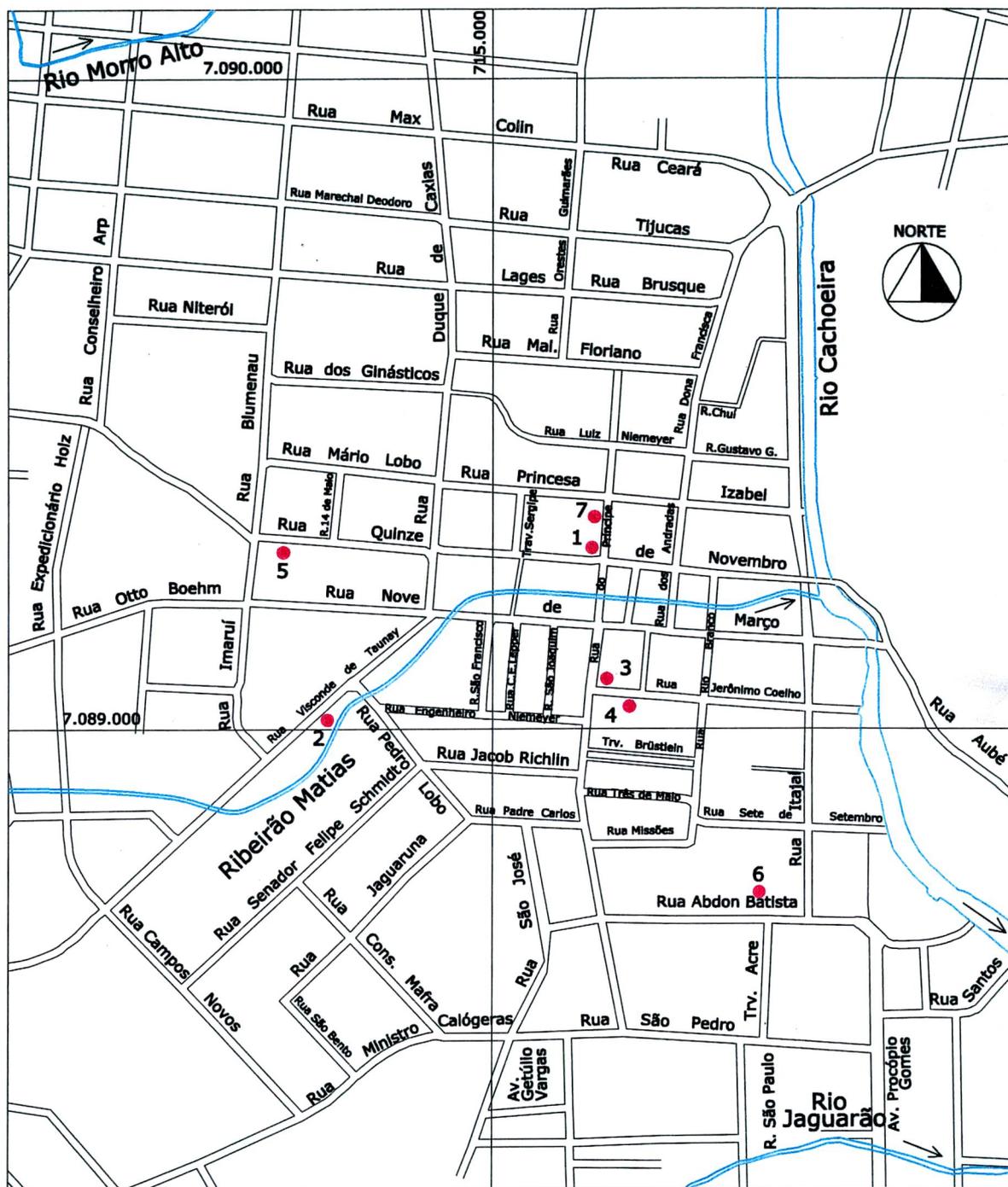


Foto 8 – Hotel Palácio
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Legenda

1. Hotel Palácio
2. Hotel Trocadero
3. Hotel Príncipe
4. Hotel Continental
5. Hotel Pensão Mattes
6. Hotel Joinville

FIGURA 9 – Localização dos principais hotéis na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958)
 ESCALA 1:10.000

FONTE: JOINVILLE, 1939 e informações obtidas nas entrevistas desta pesquisa

Função cultural e de lazer

Na Área Central e adjacências estavam localizadas as duas primeiras igrejas da cidade: a Igreja da Paz (Luterana), e a Matriz São Francisco Xavier (Católica) que atraíam grande número de fiéis para suas atividades. As demais igrejas de diversas religiões (incluindo uma segunda igreja luterana e uma segunda igreja católica) encontravam-se espalhadas na malha urbana, em áreas periféricas à Área Central. A centralidade da atividade religiosa era, portanto, relativa, já que apenas duas igrejas da cidade se localizavam no centro. Mas, de qualquer forma, estas igrejas mais centrais exerciam atração sobre populações de outros bairros, conforme se evidencia no depoimento de D^a. Margarida, que residia no bairro Anita Garibaldi:

(D^a. Margarida) “O costume aqui em Joinville nos domingos de manhã era ir ao culto. Quase todos iam ao culto, à missa. Depois iam para casa e à noite tinha cinema. (...) Domingo de manhã o nosso único passeio era ir à Igreja da Paz, a pé, ficando para o culto e depois também para o culto infantil”.

Com relação à educação também a centralidade era relativa. As duas maiores escolas da cidade – o Colégio Bom Jesus e o Colégio Santos Anjos – apresentavam localização central, atendendo grande parte da população em idade escolar. Mesmo crianças que moravam em áreas periféricas ao centro para lá se dirigiam a pé ou de bicicleta, conforme se observa nos relatos a seguir:

(D^a. Albertina) “As escolas eram todas no centro. As crianças vinham de longe. Eu tinha colegas que vinham até 4 km pela Rua Santa Catarina, lá de fora. Vinham a pé”.

(D^a. Margarida) “Para ir à escola era quase 1 km e meio. A gente ia em meia hora. Depois, quando eu fui para a Escola Alemã⁷ na Rua Princesa Isabel a gente caminhava 1 hora de casa até lá. A aula começava às 7. Já imaginou no inverno? A gente saía no escuro e com aquela neblina fechada”.

Entretanto, confirmando a hipótese de apenas relativa centralidade dos estabelecimentos educacionais dentro da malha urbana, observa-se que os três grupos escolares existentes na época (Grupo Escolar Rui Barbosa, Grupo Escolar Conselheiro Mafra, e Grupo Escolar Germano Timm), não se localizavam propriamente na Área Central e sim periféricamente a ela (JOINVILLE, 1939). Com relação às “escolas isoladas” estaduais e municipais, encontravam-se dispersas no corpo da cidade e mesmo na área rural como forma de facilitar o atendimento à população. O Sr. Benno, que morava no bairro Atiradores, estudou em uma destas “escolas isoladas”:

(Sr. Benno) “Eu estudei aqui perto⁸, em uma escolinha isolada, que meu pai e três vizinhos construíram.”

Havia ainda cursos técnicos dispersos na malha urbana. Um destes era bem central, a Escola de Comércio, descrita abaixo:

(D^a. Lia) “E tinha a Escola do Comércio na Rua do Príncipe, a do Miranda, que era famosíssima. Ensinavam datilografia, estenografia e algumas noções de comércio”.

⁷ Atual Colégio Bom Jesus.

⁸ O Sr. Benno morava no atual Bairro Atiradores.

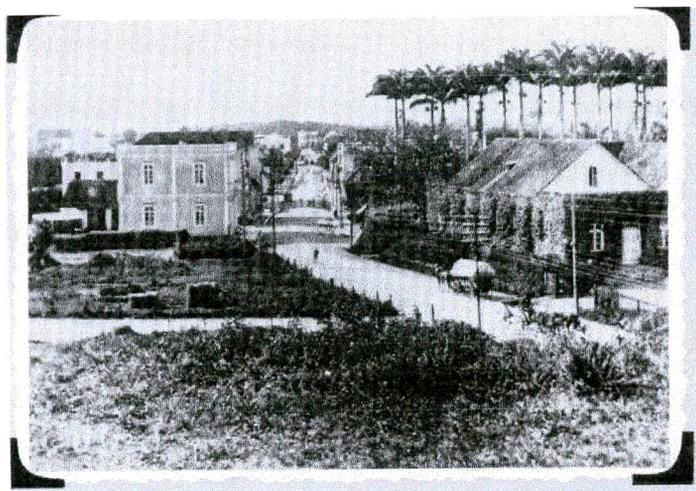


Foto 9 – Rua do Príncipe, esquina com Rua Padre Carlos. À direita, o prédio da Escola de Comércio (foto do início do século)

FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

Um interessante aspecto da cultura e do lazer em Joinville era a existência de grande número de sociedades culturais e recreativas já desde os primeiros anos da colonização. Em 1855 foram fundadas as primeiras sociedades de Joinville: a Sociedade de Cultura e a Sociedade Atiradores de Joinville. Segundo FICKER (1965), foi muito grande a influência das sociedades culturais, recreativas e beneficentes na formação moral e cultural dos imigrantes alemães.

O processo de criação destas sociedades teve continuidade ao longo dos anos. Em 1921, por exemplo, foi fundada a Sociedade Harmonia-Lyra, pela união de duas sociedades mais antigas: a “Harmonie” (de 1858), que tinha por finalidade oferecer divertimento por intermédio da arte dramática, e a Sociedade Musical Lyra, que havia sido fundada em 1899 (FICKER, 1965). O imponente edifício sede, situado à Rua Quinze de Novembro, foi construído em 1930 (ver Foto 34).

O Clube Joinville foi fundado em 1905 e teve sua origem na fusão do Congresso Joinvillense, do Clube União Joinvillense e do Clube Republicano. O belo edifício sede situado à Rua do Príncipe foi inaugurado em 1913. Dispunha de biblioteca e ali eram comemoradas datas festivas (ver Foto 61).

A Sociedade Ginástica de Joinville foi fundada em 1858, e é a mais antiga sociedade do gênero na América Latina. A inauguração de sua sede, situada à Rua Luiz Brockmann (atual Rua dos Ginásticos), ocorreu em 1929. Em 1951, a Sociedade

Ginástica possuía as seguintes seções: Educação Física, Ginástica de Aparelhos, Atletismo, Voleibol e Basquete (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).

Outra entre as sociedades recreativas de grande destaque em Joinville era a Liga de Sociedades, com sede à Rua Jaguaruna, fundada em 1922 a partir da fusão de cinco sociedades (de canto, de teatro e recreativa). Em 1936 todo o prédio foi destruído por um incêndio iniciado durante uma apresentação cinematográfica. Um novo prédio foi, então, construído, tendo sido inaugurado em novembro de 1937 (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).

Até 1938 a atividade das diversas sociedades foi bastante intensa, tendo sofrido uma brusca interrupção pela chamada “Campanha de Nacionalização”, após a instalação do Estado Novo pelo então presidente Getúlio Vargas. Tal campanha atingiu de maneira contundente a vida social e cotidiana de Joinville, já que neste período sociedades culturais e recreativas, entidades de tiro, e também de cunho religioso, assim como as Escolas Alemãs e a imprensa em língua alemã – o “Kolonie-Zeitung”, criadas pelos imigrantes e tão fundamentais para sua vida social, foram fechadas ou tiveram sua atuação alterada (TERNES, 1993)./

Pouco a pouco as Sociedades Artísticas e Clubes Esportivos, que haviam sido fechados durante o período da Segunda Guerra Mundial, foram reabertos, reiniciando suas atividades. As principais Sociedades e Clubes na década de 1950 eram as já citadas anteriormente: Sociedade Harmonia-Lyra, que em 1951 contava, inclusive, com uma orquestra sinfônica e um “corpo de bailados”, a Liga de Sociedades, a Sociedade Ginástica de Joinville, o Clube Joinville e o Tênis Clube (que acabou por se unir ao Clube Joinville).

Tanto a Sociedade Harmonia-Lyra, quanto a Sociedade Ginástica e o Clube Joinville mantinham posição de centralidade em relação à malha urbana e a sede da Liga de Sociedades situava-se em região bem próxima à Área Central. Sobre as diversas Sociedades, ver os relatos abaixo:

(D^a. Albertina e Sr. Norberto) “Tinha as sociedades como a Harmonia-Lyra, onde a gente ia aos bailes, aos concertos. Mas com o início da Guerra foi proibido o alemão e então tudo aquilo encerrou. Estas sociedades todas, a Sociedade Ginástica de Joinville, a Liga de Sociedades, tudo foi fechado depois da Guerra. Levou tempo para serem reabertas. Hoje para freqüentar não precisa nem ser sócio. Basta pagar

para entrar. Naquele tempo não podia nem pagar. Só os sócios entravam”.

(D^a. Lia) “Os clubes tinham sempre bastante movimentação. O ano todo tinha baile e sempre bem freqüentados. Mas havia uma certa divisão entre os freqüentadores. Por exemplo, a Sociedade Ginástica e a Harmonia-Lyra eram freqüentadas, em geral, por descendentes de alemães e de suíços. E o Clube Joinville era freqüentado por descendentes de portugueses. Depois esta certa rivalidade foi acabando.”

(D^a. Lia) “Os bailes aconteciam nas sociedades e clubes, em datas festivas: havia o baile de Natal, o baile de 1^o de janeiro, o de 9 de março, o baile de Páscoa, baile de dia das mães, baile de São João, baile de 7 de setembro e o baile de 15 de novembro. Nestas datas especiais sempre tinha alguma coisa acontecendo”.

Estas sociedades localizadas em posição bem central atendiam usualmente à população residente na própria Área Central da cidade. Além destas, com a finalidade de atender pessoas residentes nos diversos bairros, havia sociedades e salões de baile periféricos. Isto se vê nos depoimentos a seguir:

(Sr. Benno) “Final de semana tínhamos baile. Nos salões ou sociedades dos bairros. Ali tínhamos também curso de dança. E tinha o Salão Berner que era central, na Rua Nove de Março. Era famoso, lá até faziam teatro”.

(D^a. Margarida) “Nos salões de baile, nos domingos à tarde, haviam as ‘domingueiras’. A juventude ia dançar. As ‘domingueiras’ terminavam mais ou menos às 5 ou 6 horas da tarde”.

No final da década de 1950 foi criado, pela Lei nº 3188 de 2 de julho de 1957, o Museu Nacional de Imigração e Colonização, com a finalidade de recolher objetos e documentos evocativos da imigração no sul do país. Foi criado mediante convênio entre a Prefeitura Municipal de Joinville e o Ministério da Educação, e instalado no chamado “Palácio dos Príncipes”, situado em posição central (Rua Rio Branco). Esta edificação havia sido construída em 1872. Situava-se em amplo terreno, com a frente para a Rua do Príncipe, porém bem afastado da rua, tendo sido plantadas palmeiras imperiais na alameda de acesso à edificação. Com a abertura da Rua Rio Branco, paralela à Rua do Príncipe, a referida alameda foi transformada em via pública. O edifício pertencia aos Príncipes, tendo sido, por ocasião de sua morte, transferido aos seus herdeiros, e tendo ficado aos cuidados de administradores responsáveis por todo o patrimônio denominado “Domínio Dona Francisca” (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).

Segundo informações fornecidas por D^a. Edith Wetzel, membro da Comissão responsável pelo Museu, o prédio foi adquirido pela Prefeitura. Naquela época o “Palácio” estava vazio. Todos os bens, desde móveis até louças e prataria haviam sido retirados ou vendidos pelos administradores. Posteriormente, foi criada uma Comissão, pela própria Prefeitura, com a finalidade de recolher objetos para a montagem do Museu. Pouco a pouco as peças que atualmente fazem parte do acervo foram sendo adquiridas, sendo que algumas delas, como por exemplo o mobiliário da sala de estar e da sala de jantar, haviam pertencido de fato ao próprio “Palácio”. D^a. Albertina fala sobre o museu em seu depoimento:

(D^a. Albertina) “Antes não tinha museu. Ali morava a família que zelava pelas terras dos príncipes naquela época e que se chamava Condomínio Dona Francisca. O museu só foi montado depois. Quando vinha algum descendente dos príncipes para Joinville, eles vinham se hospedar lá. Até na época do Centenário veio D. Pedro de Orleans e Bragança para cá, e a família que estava morando neste prédio o recebeu”.

/Ainda com relação ao lazer, pode-se dizer que sua centralidade era garantida pela presença dos dois cinemas – Cine Palácio e Cine Colon – e das praças – Nereu Ramos e Lauro Müller, na Área Central da cidade. Além disto, havia o Pavilhão de Exposição do Centenário de Joinville (hoje Ginásio de Esportes Abel Schulz), construído em 1950 para

os festejos do 1º centenário de Joinville, e também situado na Área Central. Ver abaixo os depoimentos com relação ao lazer em Joinville, na década de 1950:/

(D^a. Lia) “Às vezes tinha retreta no coreto da Rua do Príncipe, na Praça Nereu Ramos. Ali tinha um coreto, mas hoje está tudo bem diferente. Ali, às vezes, a banda do Batalhão fazia as retretas nos domingos à tardinha ou à noite. Então o pessoal fazia o “footing” ali. Ficavam caminhando, sentavam nos bancos da praça. E depois disto ia-se ao cinema. O principal programa de domingo era o cinema. Havia o Cine Palácio e o Cine Colon. O Colon era um cinema grande, novo, moderno. Mas quando eu era menina ainda tinha o Cine Rex que foi o primeiro e que funcionava na Liga de Sociedades, e que depois foi fechado. Depois abriram o Cine Palácio que antigamente era um Salão de Bailes e que então foi transformado em cinema. E só depois abriram o Cine Colon”.

(D^a. Albertina e Sr. Norberto) “A gente ia muito ao cinema. O cinema era o passatempo predileto”.

(D^a. Margarida) “Também era muito bonito o Jardim Lauro Müller. Era lindo o jardim. Tinha um chafariz e a maior alegria das crianças era ver o chafariz jorrando bem alto”.

(D^a. Lia) “O Ginásio que foi inaugurado para o centenário da cidade funcionava com muitas atividades: basquete, vôlei, e, às vezes, comemorações em eventos especiais. Quando vinham espetáculos de fora, era ali que se apresentavam”.

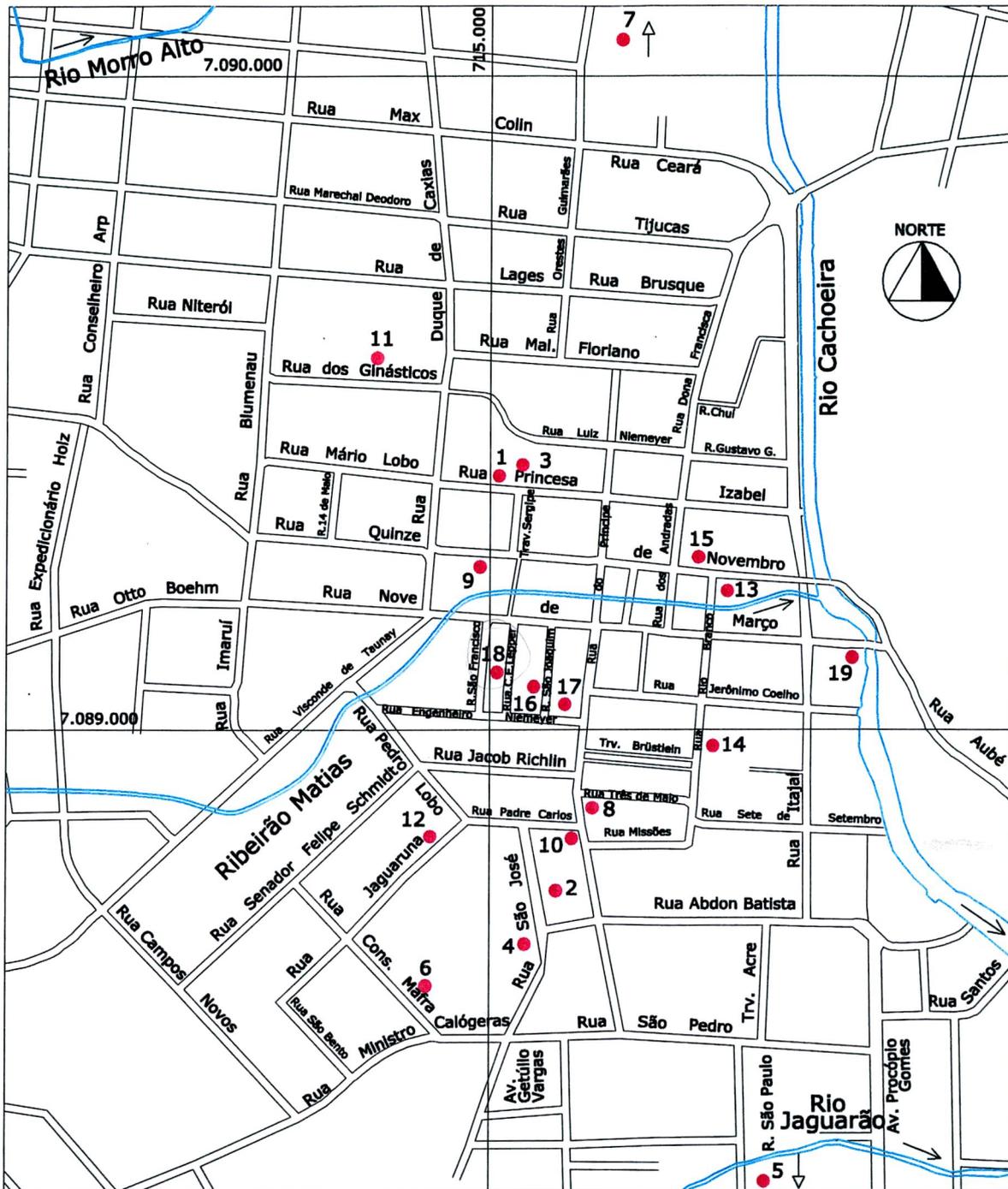
E havia ainda as Sociedades de Remo e as Sociedades de Atiradores, mas estas já fora da Área Central. Com relação às outras atividades nos finais de semana, D^a. Lia relata:

(D^a. Lia) “Nos finais de semana você ia visitar os parentes ou amigos. Isto se usava muito. Ou quem tinha carro ia fazer um passeio para fora e fazer piquenique. Os meus pais de vez em quando faziam a regata no Rio Cachoeira, porque eles participavam das Sociedades de Remo – o Cruzeiro e o Palmeiras.

Função residencial

A função residencial estava presente na Área Central de forma bem marcante, sendo muito grande a quantidade de residentes nesta área da cidade e em suas proximidades. Era comum a coexistência desta função com outras, tais quais a industrial, a comercial ou prestação de serviços em um mesmo terreno e até mesmo em uma mesma edificação. Em razão das grandes dimensões dos terrenos naquela época, esta coexistência era possível, e não causava incômodos à população local. Isto porque, de maneira geral as casas residenciais implantavam-se em grandes terrenos que permitiam a existência de jardins e de áreas para plantações de subsistência, o que garantia um relativo distanciamento em relação às demais edificações.

Em termos de distribuição espacial, a função residencial encontrava-se uniformemente distribuída em toda a Área Central e proximidades, podendo ser observada a convivência com as demais funções urbanas sem que houvesse qualquer tipo de setorização. A função residencial se instalava usualmente, naquele momento, em casas térreas ou de dois pavimentos, não havendo ainda a presença de prédios residenciais com vários andares. }



Legenda

- | | |
|---|---|
| 1. Igreja da Paz (Luterana) | 13. Pavilhão de Exposições do Centenário de Joinville (atual Ginásio Abel Schulz) |
| 2. Matriz São Francisco Xavier (Católica) | 14. Museu Nacional de Imigração e Colonização |
| 3. Colégio Bom Jesus | 15. Cine Palácio |
| 4. Colégio Santos Anjos | 16. Cine Colon |
| 5. Grupo Escolar Rui Barbosa | 17. Praça Nereu Ramos |
| 6. Grupo Escolar Conselheiro Mafra | 18. Praça Lauro Müller |
| 7. Grupo Escolar Germano Timm | 19. Sociedades de Remo (Cruzeiro e Palmeiras) |
| 8. Escola de Comércio | |
| 9. Sociedade Harmonia-Lyra | |
| 10. Clube Joinville | |
| 11. Sociedade Ginástica de Joinville | |
| 12. Liga das Sociedades | |

FIGURA 10 – Localização de alguns estabelecimentos institucionais na Área Central de Joinville e em suas proximidades (1958) – ESCALA 1:10.000

FONTE: PLANTA, 1958 e informações obtidas nas entrevistas desta pesquisa

2.2. A paisagem urbana na Área Central

A Área Central de Joinville e suas adjacências, no início da década de 1950, apresentavam fisionomia não muito diferente daquela das décadas anteriores, exceto pela inclusão das novas edificações. As grandes dimensões dos terrenos, sempre ajardinados, e a presença de grande quantidade de terrenos baldios na Área Central da cidade também contribuíram para que a paisagem se mantivesse, de certa forma, pouco alterada.

TERNES (1993:158) afirma que *“a Joinville de 1951 guardava ainda a fisionomia tímida dos tempos coloniais, mantendo um cotidiano típico de cidade de interior”*. Segundo ele a cidade contava, então, com apenas 143 ruas, duas vias principais em direção ao sul (a Av. Getúlio Vargas, e a Procópio Gomes), uma rua principal de acesso à Zona Norte (Rua Duque de Caxias, atual Rua Dr. João Colin), e quatro praças (Praças Nereu Ramos, Lauro Müller, da Bandeira e Hercílio Luz).

De fato, o território ocupado com características urbanas se restringia inicialmente a uma área de poucos quilômetros quadrados, tendo se mantido estável até o final dos anos de 1940. Só então se verificou um período de grande expansão, em função do incremento no processo de industrialização.

Entretanto, apesar de seu desenvolvimento econômico-industrial, Joinville conservava ainda na década de 1950 um aspecto bucólico, com ruas amplas onde predominavam as casas individuais, ajardinadas, e distanciadas da vizinhança e da rua. E este tipo de conformação urbana, segundo KELLER (1951) teve suas bases lançadas ainda pelos primeiros colonizadores, através das posturas municipais por eles elaboradas e que ainda estavam em vigor na década de 1950. Aspectos da paisagem urbana podem ser evidenciados nos depoimentos abaixo:

(Sr. Benno) “Joinville era uma cidade bucólica, calma, ordenada, limpa. Orgulhava-se dos jardins e de suas calçadas limpas”.

(D^a. Lia) “Todo mundo tinha jardim, horta, pomar e inclusive galinhas. Quem tinha casa e um quintal tinha suas galinhas, tinha sua horta”.

(D^a. Margarida) “Antigamente era bem aconchegante. Cada um com sua casa baixa ou quem podia, talvez um sobrado. Mas o jardim não podia faltar. (...) Cada um tinha as vacas, porcos, galinhas e a gente plantava aipim, batata, banana, verduras, a gente plantava de tudo. Quem tinha lugar plantava”.

/Com relação à malha urbana, o núcleo inicial criado foi, pouco a pouco, se consolidando, sem que tenha havido, até a década de 1950, alteração nos traçados das ruas inicialmente definidas. O que ocorreu foi a progressiva expansão da malha viária, à medida que a cidade crescia e que os novos bairros iam se estruturando. Entretanto, na Área Central propriamente dita, as alterações ocorridas se referiam, principalmente, à criação de algumas novas ruas e servidões à medida que se subdividiam os grandes terrenos originais. Exemplo disto são a já citada Rua Rio Branco e também a servidão que desemboca na Rua Itajaí, as quais surgiram a partir do parcelamento do terreno onde se localizava o “Palácio dos Príncipes”, hoje Museu Nacional da Imigração e Colonização.

Outra alteração ocorrida na Área Central foi o aterro feito por ocasião das comemorações do centenário de Joinville, no local onde hoje estão implantados o Ginásio Abel Schulz (antigo Pavilhão de Exposição do Centenário de Joinville), a Praça da Bandeira e o Terminal Rodoviário Urbano. Sobre este aterro falam D^a. Albertina e Sr. Norberto:

(D^a. Albertina e Sr. Norberto) “Onde hoje é o Terminal era um terreno baldio. (...). Depois com o Centenário começaram a aterrar. Aí fizeram tudo ali onde está hoje a Praça de Esportes Abel Schulz. Aquilo tudo foi aterrado. E foi assim: os empresários cediam os caminhões para o transporte do barro e o trabalho era voluntário, ajudava quem quisesse. Todo mundo ajudava, até mesmo os empresários”.

/No que concerne à concentração funcional dentro da Área Central da cidade pode-se dizer que não havia, naquela época, qualquer tipo de setorização ou de tendência de concentração de determinadas funções em pontos específicos. De fato, lotes grandes e residenciais misturavam-se com indústrias, de forma que as diversas funções conviviam

no espaço urbano segundo uma trama complexa. Havia, entretanto, um eixo em torno do qual se distribuíam as funções industrial e comercial – o tradicional eixo norte-sul, espinha dorsal de Joinville, o qual era constituído pelas ruas Duque de Caxias (atual Rua Dr. João Colin), Rua do Príncipe e Av. Getúlio Vargas. Tal eixo, coincidente com a via de comunicação com Curitiba, garantia a ligação com o mercado para o produto industrial de Joinville (JOINVILLE, 1965).

Um interessante aspecto se refere à Rua Nove de Março, antiga Rua do Porto. Era ela a principal rua comercial, a partir da qual se definiu todo o traçado da malha viária inicial da cidade logo no início da colonização. Com o passar do tempo, embora esta rua mantivesse sua vocação original, houve um deslocamento de função, e a Rua do Príncipe passou a ser a rua de maior intensidade comercial da cidade. Esta rua passou a concentrar prédios de maior porte e com fachadas esteticamente bem trabalhadas, o que lhe conferia um caráter de requinte e de homogeneidade. Ela era, nos anos de 1950, considerada o próprio “centro” da cidade.

Com relação ao calçamento, havia, em 1951, 7 ruas asfaltadas, 15 calçadas com paralelepípedos e 131 pavimentadas com macadame ou saibro (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951). Sobre o calçamento, ver os depoimentos a seguir:

(D^a. Albertina) “O calçamento começou lá na Rua do Príncipe, na altura da Rua Princesa Izabel até a Rua Quinze. Foi feita uma experiência. Mas os paralelepípedos eram escolhidos para ficar um igual ao outro, para não dar desigualdades”.

(Sr. Benno) “A Rua do Príncipe foi calçada com umas lajotonas largas. Depois intercalaram com asfalto no meio, mas não funcionou. Também foi feita a Senador Schmidt. Eram feitas umas lajotonas grandes, afastadas, e colocavam depois asfalto no meio. Só que era um tipo de piche. E como aqui era muito quente, no verão derretia”.

(D^a. Lia) “A Rua do Príncipe foi a primeira a ser asfaltada. No pedaço que ia da Catedral até a Rua Ministro Calógeras (antiga São

Pedro). O verão era tão quente que o asfalto na beirada da calçada ficava bem mole. Talvez fosse outro tipo de asfalto na época. Aquele foi o primeiro trecho asfaltado. E depois começaram com o calçamento. Na época do João Colin⁹, foram calçadas a maioria das ruas do centro”.

Diferentes tipos de edificações conviviam no espaço urbano, principalmente na Área Central e em suas proximidades, pois era ali que havia uma maior concentração e diversidade de usos, o que acabou por gerar correspondente diversidade nas formas produzidas. Além disto, deve-se lembrar que a paisagem urbana de qualquer cidade resulta do somatório de edificações que, em função de terem sido construídas em diversos momentos da história, apresentam diferentes características estéticas, técnicas e funcionais.

Segundo KELLER (1951), um dos tipos de edificação existentes em Joinville era o “enxaimel”, presente desde os primeiros tempos da colonização. Esta técnica de construção foi introduzida no Brasil pelos imigrantes, e demonstrou ser uma boa solução diante da necessidade de criar moradias secas e com alvenarias que garantissem a proteção contra as intempéries e ainda contra insetos e animais. O piso elevado garantia, ainda, proteção contra a excessiva umidade do ambiente. Este foi um tipo de edificação muito usado pelos colonos, principalmente na área rural. Contudo, já na década de 1950 não havia muitos exemplares deste tipo de edificação em posição central na cidade.

Havia ainda as edificações inspiradas em estilo germânico, com um ou mais pavimentos e com sótãos, mansardas e telhados bem inclinados. Suas fachadas recebiam, algumas vezes, elementos decorativos com inspiração neo-clássica.

Aos poucos, à medida que o núcleo urbano se desenvolvia, vieram outros tipos de construção, destacando-se aquelas inspiradas no estilo neo-clássico, e que surgiram no final do século XIX e início do século XX, como era o caso do prédio da Sociedade Harmonia-Lyra, do Clube Joinville e do antigo prédio do Banco do Brasil. Posteriormente, surgiram as edificações em linhas mais retas, como é o caso dos prédios onde funcionavam os Correios e Telégrafos, o Banco de Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A (INCO), e a Empresa Sul Brasileira de Eletricidade S.A. (EMPRESUL).

⁹ João Colin foi prefeito de Joinville, pela segunda vez, entre os anos de 1956 e 1958.

Além das edificações de uso exclusivamente residencial, existiam ainda os prédios de residência que eram parcialmente ocupados por estabelecimentos comerciais, e ainda as chamadas “casas de apartamentos” que começavam a ser construídas naquela época (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951).

Com relação às fábricas, pode-se dizer que as maiores delas dispunham de grandes edificações construídas, em geral, diretamente no alinhamento dos terrenos. Observa-se, neste caso, que havia a preocupação em se dar um tratamento estético às fachadas. Era o caso, por exemplo, da Metalúrgica Wetzell S.A. e da Malharia Arp. O fato era que as fábricas se localizavam, conforme já explicitado, na Área Central da cidade e em suas proximidades, imbricadas entre edificações onde se desenvolviam as demais funções urbanas.

2.3. A vida urbana na Área Central

O movimento nas ruas não era muito intenso. As ruas com maior intensidade de tráfego e de circulação de pessoas eram aquelas com maior concentração de lojas comerciais, de bancos e de atividades diretoras da vida urbana. Eram elas a Rua do Príncipe, a Rua Nove de Março, a Rua Quinze de Novembro, a Rua Duque de Caxias (atual Dr. João Colin), a Rua Princesa Isabel e a Av. Getúlio Vargas. As demais ruas da Área Central e adjacências eram muito tranquilas, conforme diz D. Albertina em seu relato:

(D^a. Albertina) “A vida na cidade era bem mais tranquila. A gente andava só no centro. Naquele tempo não tinha movimento nenhum. A gente ficava à vontade. Chegava de noite, no verão, a gente sentava em frente da casa. Pegava as cadeiras, sentava lá. Vinha um vizinho, vinha outro. A gente ficava conversando. Era uma vida tranquila. As crianças brincavam na calçada sem perigo nenhum”.

O meio de transporte mais utilizado era a bicicleta, e sua presença era constante nas ruas. Também eram utilizados o automóvel e o ônibus embora em menor intensidade. Segundo levantamento publicado na época havia em Joinville, em 1951, 382 automóveis, 15 ônibus e 8.145 bicicletas (SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE, 1951). Pelas ruas de Joinville circulavam ainda carroças e caminhões trazendo os colonos e também produtos que seriam vendidos na cidade ou levados daqui para outros locais. As ruas tinham sempre sentido duplo, provavelmente em função da reduzida movimentação de veículos naquela época. Sobre os meios de transporte utilizados, ver os seguintes depoimentos:

(Sr. Benno) “Os ônibus iam da Estação Ferroviária¹⁰ até o final da João Colin. Era o famoso “Zarcão do Abílio”. A turma chamava de Zarcão porque ele pintou na cor de ferrugem. Tinha os carros de mola, depois vieram os táxis. Mas todo mundo se locomovia de bicicleta.”

(D^a. Lia) “A bicicleta era o transporte mais utilizado. Não tinha casa que não tivesse pelo menos uma bicicleta. Para as fábricas, por exemplo, todo mundo ia de bicicleta. Já tínhamos o ônibus, mas a bicicleta ainda era o meio de transporte mais barato. E os bairros não eram tão distantes” .

(D^a. Albertina e Sr. Norberto) “A gente levava até as crianças na bicicleta. Andava-se de bicicleta ou a pé. Saída de baile à noite era tudo a pé. Na minha época já tinha ônibus. Ele saía lá da Rua João Colin na altura onde hoje está o Supermercado Vitória¹¹ e ia pelas ruas principais até a Estação Ferroviária.”

¹⁰ A Estação Ferroviária localizava-se na extremidade sul do eixo norte-sul, no final da Av. Getúlio Vargas.

¹¹ O Supermercado Vitória fica na Rua Dr. João Colin, esquina com a atual Rua Aracajú.

(D^a. Margarida) “Nestas ruas de comércio, que eram a Rua do Príncipe, a Rua Dr. João Colin e a Av. Getúlio Vargas, muitas pessoas circulavam principalmente com bicicletas. Não tinha rua em sentido único. A gente podia entrar em qualquer rua e isto facilitava muito para se chegar aos negócios e aos destinos”.

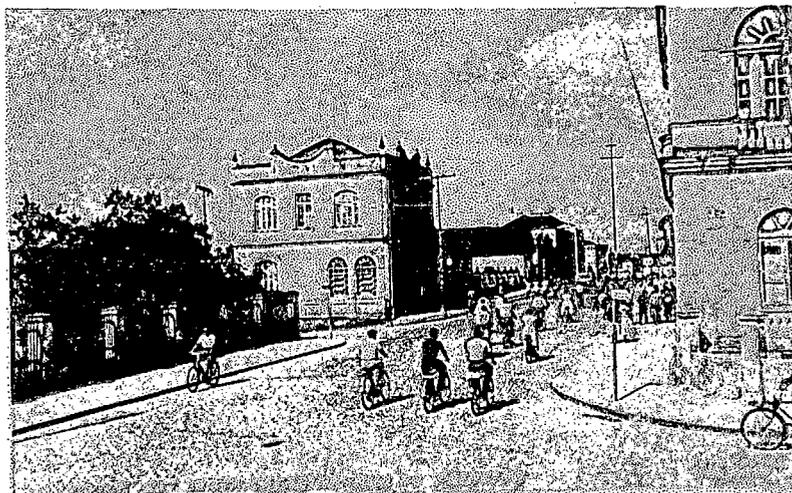


Foto 10 – Ciclistas na Rua do Príncipe, esquina com Rua Padre Carlos. A direita, em primeiro plano, aparece pequeno trecho do Clube Joinville

FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

Em termos de demografia, pode-se dizer que era ainda expressiva a presença de moradores permanentes. De fato, a população residente no centro urbano mantinha-se constante, não se observando movimento no sentido de deslocamento da população residente no centro para áreas mais periféricas.

Com relação à vida social na Área Central da cidade, além das atividades oferecidas pelas diversas sociedades e clubes e além dos cinemas, havia algumas atividades desenvolvidas no próprio espaço urbano, ou seja, nas ruas e praças, tais como o “footing” dos domingos à noite, as retretas apresentadas pelo Batalhão, além de desfiles nos dias nacionais. Os depoimentos abaixo abordam aspectos da vida social na Área Central de Joinville:

(Sr. Benno) “Domingo à noite os pais que tinham carro paravam o carro na Rua do Príncipe do lado da Praça Nereu Ramos. Então nós ficávamos encostados na parede conversando, e as meninas passando”.

(D^a. Albertina) *“O centro da cidade era a Rua do Príncipe, entre a Rua das Palmeiras e a Rua Quinze. Era ali que a gente passeava, fazia o ‘footing’, ali tinha a praça. Na praça, toda quarta-feira o batalhão fazia a tal da retreta. Então a gente ia lá assistir. Ali tinha um coreto, mas a praça era mais bonita, mais aberta que é hoje”.*

(D^a. Lia) *“Havia os desfiles de Sete de Setembro. E, na época, tínhamos dois clubes principais de futebol – o América e o Caxias. Então, quando tinha jogo, quando um ou outro ganhava, era aquela festa de rua. Soltavam foguete e todo mundo ia para a rua”.*

(D. Albertina) *“Havia desfiles nos dias nacionais: Sete de Setembro, Quinze de Novembro, Primeiro de Maio. Na Rua do Príncipe, onde era o Correio¹², era feito um palanque oficial”.*

Joinville apresentava, naquela época, característica bem peculiar no que se refere ao valor dos terrenos, podendo-se dizer que a cidade ainda não sofrera o processo de valorização de terrenos na Área Central, não havendo uma diferenciação marcante entre os preços de terrenos dentro ou fora da área em questão. Conforme colocado no **PBU/1965** (JOINVILLE, 1965:77)

“Os valores imobiliários permaneciam baixos, sendo incentivada a ocupação horizontal dispersa. Também a especulação imobiliária adquiriu um caráter peculiar: em lugar de grande valorização em certos pontos, a Companhia vendedora tinha interesse em vender e ‘colonizar’ mais e mais terra, para desfazer-se do legado original”.

¹² O Correio estava instalado em edificação situada na Praça Nereu Ramos e hoje ocupada pelo IPREVILLE (Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Joinville).

2.4. A delimitação da Área Central na década de 1950

Nos itens anteriores procuramos examinar as principais funções da Área Central de Joinville no início da década de 1950, além de aspectos da paisagem urbana gerada, e da vida dos habitantes nesta área específica da cidade. Foi possível observar que, naquela época, a Área Central e adjacências desempenhavam variadas funções. E isto lhe conferia um caráter particular em relação às outras áreas da cidade. Porém, sua fisionomia mantinha-se ainda semelhante àquela dos tempos coloniais.

Com base nos elementos estudados, procurar-se-á estabelecer a delimitação da Área Central da cidade de Joinville na década de 1950. Para tanto, adotou-se uma das variáveis propostas por CORDEIRO(1980) – a **ocupação funcional**, ou seja, a análise de como o solo urbano era utilizado em termos de distribuição espacial das funções tipicamente centrais naquele momento. Para adoção desta análise, tomou-se como ponto de apoio o estudo de CORRÊA (1993:38) acerca da Área Central das cidades. Ele afirma que

“a Área Central constitui-se no foco principal não apenas da cidade mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos”.

Dentro desta perspectiva de compreensão da Área Central enquanto local de concentração de determinadas funções urbanas, procuraremos fazer sua delimitação no início da década de 1950. Entretanto, não se pode esquecer, conforme coloca DUARTE (1967:35), que os limites encontrados *“não são rígidos, são graduais e, muitas vezes, imprecisos”*.

Pela análise dos aspectos funcionais, percebe-se que a Área Central apresenta maior variedade e maior concentração de funções e de serviços urbanos, enquanto que nas demais áreas da cidade a presença da função residencial é marcante, entremeada por alguns estabelecimentos comerciais e de serviços direcionados ao atendimento daquela população.

Tanto no caso do comércio quanto no caso da prestação de serviços o que se observa é que havia uma grande concentração na Área Central. A partir dali, indo em direção às áreas mais periféricas, ocorria um processo de diluição daquelas funções com a função residencial, principalmente ao longo do eixo norte-sul constituído pela Rua Duque de Caxias (atual Rua Dr. João Colin) e pela Av. Getúlio Vargas, até o seu desaparecimento quase total (JOINVILLE,1965).

Conforme já visto nos itens anteriores, era na Área Central e em suas proximidades que se localizavam em sua totalidade as repartições públicas e os estabelecimentos bancários. Com relação à função cultural, as duas mais importantes escolas e as duas mais antigas igrejas se localizavam na Área Central. Também na Área Central localizavam-se as quatro mais importantes Sociedades Culturais e Esportivas da cidade, os cinemas, e as praças Nereu Ramos e Lauro Müller. E era ainda na Área Central e em suas adjacências que se localizava a maioria das indústrias e fábricas da cidade.

Com base neste critério funcional, foi definida uma delimitação para a Área Central da cidade, na década de 1950, tendo em vista o fato de que as atividades comerciais, institucionais e de prestação de serviços se concentravam de maneira mais intensa nas ruas do Príncipe, Princesa Izabel, Nove de Março, Quinze de Novembro, Visconde de Taunay, Pedro Lobo, Rio Branco e Duque de Caxias (atual Dr. João Colin). Desta forma, será considerada com Área Central da cidade aquela interna ao perímetro compreendido pelas ruas Princesa Izabel, dos Andradas (primeira quadra da Rua Dona Francisca, entre ruas Princesa Izabel e Quinze de Novembro), Quinze de Novembro, Rio Branco, Missões (atual Rua Dr. Marinho Lobo), Padre Carlos, Pedro Lobo, Visconde de Taunay e Duque de Caxias (atual Dr. João Colin) (ver FIGURA 11).

A área considerada como sendo a Área Central era, portanto, aquela que apresentava maior complexidade funcional, sendo o espaço da cidade onde mais intensamente se distribuíam as funções tipicamente centrais.

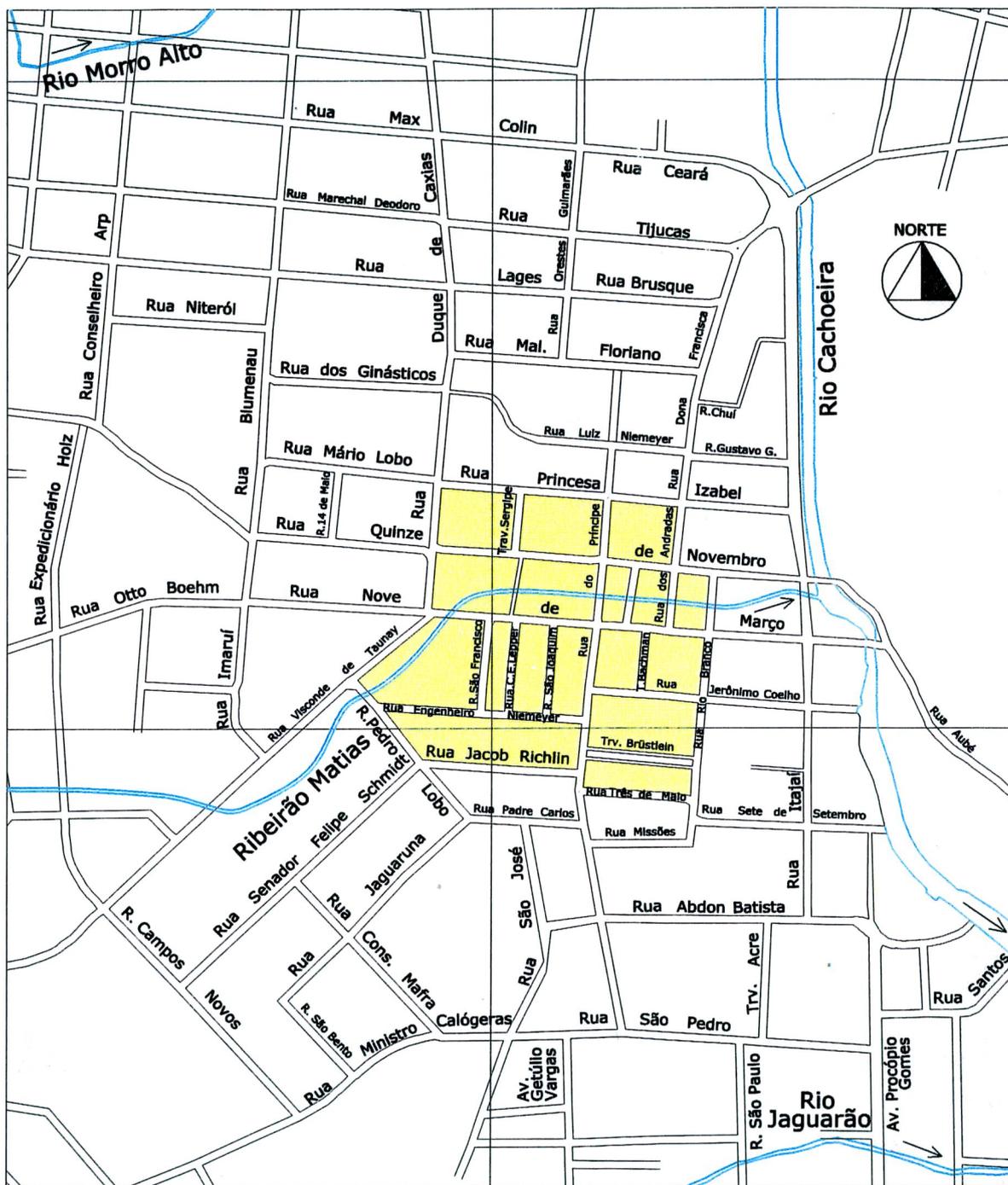


FIGURA 11 – Delimitação da Área Central de Joinville na década de 1950
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

CAPÍTULO 3 – ALTERAÇÕES NA CONFIGURAÇÃO URBANA DA ÁREA CENTRAL DE JOINVILLE ENTRE OS ANOS DE 1950 E 2001

Neste capítulo procurar-se-á visualizar, em linhas gerais, as alterações mais marcantes sofridas pela Área Central de Joinville a partir de 1950 até os dias de hoje. Serão abordadas as características do processo de crescimento horizontal e vertical daquela área da cidade, além de aspectos gerais no que se refere às modificações em sua composição funcional.

Para tal análise, conforme já abordado na introdução do presente trabalho, adotou-se uma periodização que considera momentos de oscilações político-econômicas sofridos pelo país e que atuaram como elementos indutores de alterações na configuração urbana de Joinville como um todo e, mais especificamente, de sua Área Central.

O primeiro período a ser estudado se refere àquele compreendido entre os anos de 1950 e 1965, o segundo período compreende os anos de 1965 até 1973, o terceiro período compreende os anos de 1973 a 1990 e o quarto e último período a ser estudado está compreendido entre os anos de 1990 e 2001.

3.1. Primeiro período: 1950 a 1965

A partir de 1950 inicia-se uma fase de intensa industrialização da economia local, observando-se acelerada expansão de empreendimentos industriais de grande absorção de mão-de-obra, tais como a Fundação Tupy, a fábrica de geladeiras Consul, as malharias do setor têxtil, etc. Multiplicavam-se novos negócios, na medida em que as maiores fábricas passaram a utilizar os serviços de pequenos fornecedores (TERNES, 1993).

E o grande desenvolvimento industrial de Joinville passou a exercer forte atração, levando a um grande crescimento populacional decorrente, principalmente, da imigração oriunda do interior de Santa Catarina e do sudoeste do Paraná (SANTANA, 1998). A correlação entre desenvolvimento industrial e crescimento

populacional pode ser evidenciada ao se observar que, ao mesmo tempo em que a população cresceu a uma taxa de 8,53% ao ano no período entre 1950 e 1960, atingindo 13,15% ao ano entre 1960 e 1964, as taxas de crescimento do emprego industrial alcançaram o valor de 6,38% ao ano no período entre 1949 e 1959, chegando a 15,85% ao ano no período entre 1959 e 1963. Estas taxas eram consideradas extremamente altas se comparadas com outras cidades industriais brasileiras (JOINVILLE,1965).

A crescente industrialização de Joinville e o conseqüente crescimento populacional trouxeram diversas alterações ao processo de urbanização da cidade. Já no início da década de 1960 havia grande preocupação por parte da administração pública com relação à “*organização da irrefreável urbanização*” (TERNES,1993:169).

Em maio de 1965 assinou-se um contrato com a empresa paulista SERETE, especializada em planos urbanísticos, para a elaboração de um Plano Diretor para Joinville. Foi elaborado o **Plano básico urbanístico - PBU** (JOINVILLE,1965), pela empresa SERETE associada a Jorge Wilhelm Arquitetos Associados, onde se fazia um diagnóstico sócio-econômico e urbanístico de Joinville e que serviria de base para a elaboração do Plano Diretor. Entretanto, o Plano Básico não chegou a ser implantado naquele momento.

A partir da análise dos textos e mapas constantes do diagnóstico sócio-econômico do **PBU/1965**, é possível delinear algumas das principais características da Área Central da cidade e do processo de alteração na área em questão no período compreendido entre os anos de 1950 e 1965.

Em termos de adensamento populacional a cidade não havia passado, até então, por grandes alterações. A característica de baixa densidade demográfica observável nos primeiros anos da década de 1950 ainda se mantinha. Conforme descrição feita no **PBU/1965** (JOINVILLE,1965:131),

“A colonização alemã marcou bastante a paisagem de Joinville com sua arquitetura e seus jardins, determinando uma densidade demográfica bastante baixa, o que nos dá a impressão de verde contínuo em quase toda a cidade”.

/De fato, apesar das elevadas taxas de crescimento demográfico a partir da década de 1950, não houve um correspondente adensamento da Área Central, já que os novos habitantes da cidade tendiam a se segregar no território urbano, ocupando zonas descritas como “bairros operários” ou como “região de moradia de caboclos” (SANTANA,1998).

Predominava na cidade a tendência à ocupação extensiva de baixíssima densidade com a presença de grande quantidade de lotes vagos mesmo na Área Central. A densidade média na área urbana girava em torno de 15,5 habitantes/hectare, valor considerado muito baixo se comparado com a densidade ideal para a época que ficava entre 70 e 100 habitantes/hectare. Esta baixa densidade tinha raízes no tipo de ocupação do solo desde os tempos da colonização, quando foram definidos terrenos de grandes dimensões.

Além disto, conforme já explicitado no capítulo anterior, a Companhia vendedora dos terrenos incentivava a ocupação horizontal a fim de conseguir comercializar a maior quantidade de terras o que acabou por reafirmar a característica de ocupação do solo de "caráter disperso", de baixa densidade. Em decorrência de tudo isto os terrenos na Área Central não foram super valorizados em relação aos demais, praticamente inexistindo especulação imobiliária.

E esta característica de ocupação extensiva de baixa densidade, presente ainda em 1965, foi considerada problemática, na medida em que ocasionava a elevação dos custos de urbanização e da execução dos serviços públicos de infra-estrutura. Neste sentido, o **PBU/1965** esclarece que, naquele ano, era grande o déficit em infra-estrutura e serviços públicos. Não havia rede de esgoto, sendo utilizadas fossas sépticas em toda a cidade, inclusive em sua Área Central. Alertava-se para o fato de que as fossas eram consideradas adequadas desde que a rede de água potável fosse completada, com a eliminação do uso de poços.

Ainda no que diz respeito à infra-estrutura e aos serviços públicos, afirmava-se no **PBU/1965** que, com relação à pavimentação urbana, a situação era precária, pois eram poucas as ruas pavimentadas. Destas apenas quatro eram asfaltadas sendo as demais pavimentadas com paralelepípedos. Mesmo algumas das ruas mais centrais não eram pavimentadas. Além disto, observava-se um crescente agravamento nos problemas de trânsito em decorrência da ausência de hierarquia de vias.

Quanto à distribuição de energia elétrica, havia uma rede de grande extensão atendendo a um pequeno número de usuários, em função da baixa densidade na ocupação. A rede telefônica era extremamente limitada, contando-se apenas com 1.500 aparelhos.

Um aspecto considerado negativo no trânsito de Joinville se referia ao fato de que a Rua do Príncipe, de grande importância para a vida cotidiana da cidade, estivesse sofrendo a interferência do tráfego pesado que se intensificava. Isto porque era ela que servia de ponte entre os dois ramos do eixo norte-sul (Rua Dr. João Colin e Av. Getúlio Vargas). Previa-se, já neste Plano, a inclusão de uma nova via de ligação

entre a Rua Dr. João Colin e a Av. Getúlio Vargas “*permitindo o isolamento do centro de negócios do trânsito rápido ou intermunicipal*” (JOINVILLE, 1965:151).

O eixo norte-sul (Rua João Colin, Rua do Príncipe e Av. Getúlio Vargas) mantinha-se como elemento norteador na estrutura urbana, conservando sua característica de “*espinha dorsal*” da cidade, já que garantia o escoamento do produto industrial.

O transporte urbano tinha características determinadas pela baixa densidade na ocupação que obrigava a definição de grandes percursos, pelo reduzido número de vias pavimentadas e ainda pelo pequeno número de passageiros em decorrência do uso freqüente de bicicletas e da proximidade entre o local de trabalho e a moradia. O ponto central de embarque ficava na Praça da Bandeira, no local onde ainda hoje se localiza o Terminal Rodoviário Urbano Central. No **PBU/1965** afirmava-se que

“O transporte praticamente resume-se em ligar o centro (Praça da Bandeira) com as extremidades Norte-Sul e com quatro pontos extremos de tentáculos: Nova Brasília, Itaum, Boa Vista e Iriú” (JOINVILLE, 1965:98).

Em termos de distribuição funcional na Área Central da cidade, pode-se dizer que ainda em 1965 as indústrias mantinham localização preferencialmente central, conservando-se a característica de centro da cidade coincidente com o próprio centro industrial, ali se concentrando a maior parte dos estabelecimentos e dos empregos. Conservava-se o caráter de convivência indiscriminada entre as diversas funções urbanas. Não havia qualquer tipo de determinação por parte do poder público com relação à predominância de uso do solo, já que a única legislação existente era o Código de Obras de Joinville (Lei nº 667 de 8/5/1965) referente às edificações, além de algumas posturas municipais mais específicas.

Mas já no **PBU/1965** se alertava sobre a necessidade de deslocamento das indústrias para fora da Área Central e de suas adjacências em razão da escassez de espaço. Já naquela época “*as indústrias localizadas no centro apresentavam área por operário muito abaixo da média do ramo*” (JOINVILLE, 1965:30). Propunha-se, inclusive, a criação de distritos industriais que permitissem a instalação das indústrias em áreas específicas e afastadas da Área Central. E isto em razão da tendência de ampliação dos estabelecimentos existentes e de surgimento de novas empresas.

Os estabelecimentos de comércio de abastecimento varejista e atacadista localizavam-se preferencialmente ao longo do eixo norte-sul e em algumas das ruas mais antigas da cidade, como por exemplo, nas ruas Quinze de Novembro, Nove de

Março, Princesa Izabel e Mário Lobo. Esta localização ao longo das principais vias de comunicação, locais de maior trânsito de veículos e próximos aos pontos de embarque dos transportes públicos, facilitava o atendimento da população que por ali circulava.

Além desta distribuição Norte-Sul, dois outros núcleos de comércio de abastecimento estavam em formação nos bairros Itaum e Boa Vista.

Afirma-se no **PBU/1965** que era grande o número de pequenos estabelecimentos como açougues, peixarias e lojas de gêneros alimentícios variados mas já se previa naquele momento a gradativa substituição daquelas pequenas vendas por "*estabelecimentos polivalentes mais concentrados*".

A localização dos restaurantes era preferencialmente central, embora houvesse diversos estabelecimentos distribuídos ao longo das vias que compunham o eixo norte-sul. Quanto aos hotéis, localizavam-se quase que exclusivamente na Área Central e em suas adjacências, o mesmo ocorrendo com os edifícios públicos, o que facilitava o atendimento aos usuários.

Com relação ao lazer, afirmava-se no **PBU/1965** que a cidade caracterizava-se pela escassez de espaços para recreação ao ar livre e de espaços ou praças que atuassem como pontos de encontro para a população. Apenas duas praças na Área Central mereciam cuidados especiais por parte do poder público – a Praça Nereu Ramos e a Praça Lauro Müller. No que diz respeito à função residencial estava presente de maneira muito constante na Área Central e em suas adjacências, sendo muito grande o número de pessoas ali residentes.

Para a delimitação da Área Central da cidade em 1965 tomou-se novamente como ponto de partida a análise da ocupação funcional, sendo considerada como central aquela área de maior diversidade e concentração de atividades. E foi possível perceber que ela praticamente não se expandiu em relação ao que se observou em 1950.

3.2. Segundo período: 1965 a 1973



Vista superior de Joinville apresentando uma idéia de sua amplitude e desenvolvimento.

Foto 11 – Vista parcial da cidade de Joinville, sendo possível observar, à direita, a Rua Quinze de Novembro e, à esquerda, a Rua Nove da Março. O prédio mais alto à esquerda é o Edifício Manchester e o outro prédio a seu lado é o Hotel Colon

FONTE: JOINVILLE, 1973:7



Vista parcial do centro de Joinville.

Foto 12 – Vista parcial da cidade de Joinville, mostrando um aspecto da Rua das Palmeiras (Alameda Brüstlein). Em primeiro plano, à esquerda, encontra-se o prédio da Farmácia Minâncora

FONTE: JOINVILLE, 1973:13

Também neste período o desenvolvimento industrial de Joinville se acelerou. Após o impulso recebido nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, um novo avanço ocorreu nos anos do chamado “Milagre Brasileiro” no final da década de 1960 até meados da década de 1970 (TERNES,1993).

Com relação ao crescimento industrial de Joinville, ROCHA (1994:55) diz que:

“entre 1946-1973, foram fundadas indústrias em Joinville, beneficiadas pela expansão do mercado consumidor, queda das importações durante e após a Segunda Guerra, e benefícios de ordem federal e estadual, sendo que as existentes cresceram e se afirmaram no mercado nacional”.

Segundo TERNES (1993:169), no período entre o ano de 1961 e os primeiros anos de 1970, o perfil de Joinville modificou-se, “*não só em razão das transformações econômicas, mas em razão da explosão populacional, pulando de 70.687 habitantes, para 126.559 habitantes, em 1972*”. Assim, a partir da década de 1960, em decorrência do forte processo de industrialização, as taxas de crescimento populacional de Joinville superam em mais do que o dobro as taxas verificadas no estado e no país (SANTANA,1998). E isto em função do contínuo processo de imigração de população advinda de outros estados e municípios, e também da zona rural do próprio município (JOINVILLE,1972).

Em 1972 foi elaborado o **Plano Diretor do Sistema de Transporte Urbano – PLADSTU** (JOINVILLE,1972) a partir da reestruturação do **PBU/1965**, tendo sido regulamentado pela Lei de nº 1262/73. Em 1975 foi formulado o capítulo referente ao uso do solo do Plano Diretor, dando origem à Lei nº 1410/75 (TERNES,1993).

Os principais problemas detectados quando da elaboração do Plano Diretor foram “*a desordenada distribuição de estabelecimentos industriais e residenciais, baixo índice demográfico e má distribuição da população*” (TERNES,1993:177), características decorrentes das condições topográficas específicas e também do processo natural de povoamento, conforme já visto anteriormente.

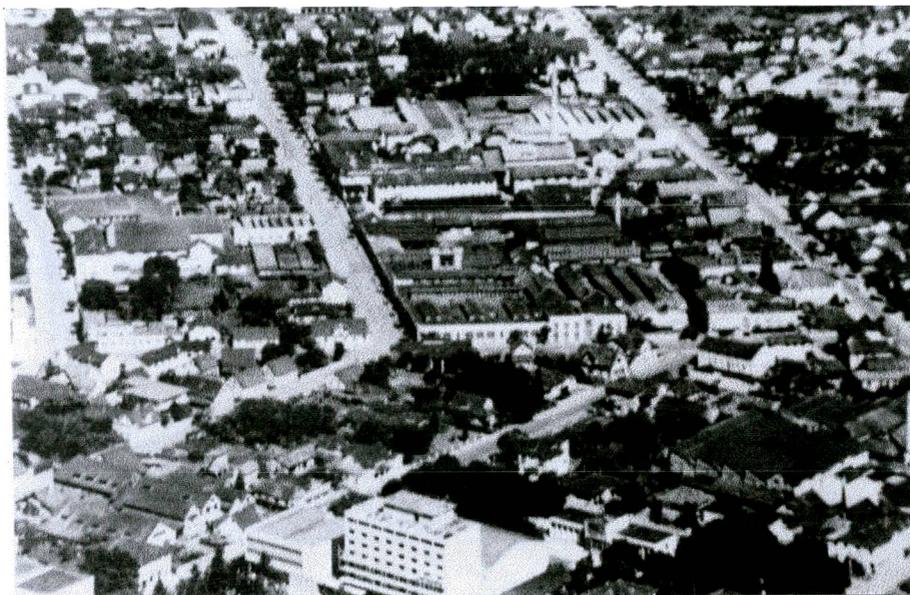


Foto 13 – Vista parcial da cidade de Joinville. Observa-se a presença da Fundição Tupy e da Cia. Wetzel Industrial em terreno na parte central da foto (meados da década de 1960)
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

Em termos de malha viária o **PLADSTU/1972** previa alterações na Área Central com a inclusão de duas novas avenidas: a Av. Beira Rio e a Av. Juscelino Kubitschek (também chamada Av. Norte-Sul), sendo que a implantação de ambas foi iniciada nos primeiros anos da década de 1970.

Também desta década foi a obra de remodelação da tradicional Alameda Brüstlein (Rua das Palmeiras), localizada diante do Museu Nacional de Imigração e Colonização, tendo sido esta fechada ao tráfego e transformada em um “boulevard” (TERNES, 1993).



Foto 14 – Aspecto da Rua das Palmeiras (Alameda Brüstlein) antes de ser fechada ao trânsito de veículos. Ao fundo encontra-se o Museu Nacional de Imigração e Colonização
FONTE: Cartão postal da época

O crescimento populacional gerado a partir do processo de imigração não atuou como fator de adensamento da Área Central. Segundo se afirma no **PLADSTU/1972**, as baixíssimas densidades observáveis ainda naquela época, embora refletissem hábitos culturais herdados da época colonial, só haviam permanecido em razão de que as populações de níveis sócio-econômicos mais baixos instalavam-se em áreas menos valorizadas localizadas na periferia da cidade (áreas de mangue), gerando um tipo de ocupação extensiva. Outro fator que influenciou o assentamento residencial em Joinville foi a preferência pela proximidade em relação aos locais de trabalho. De fato, a população migrante se alojou, preferencialmente, até os primeiros anos da década de 1970, no atual Bairro Boa Vista, devido à presença da Fundação Tupy nesta área.

Entretanto, apesar de que a população migrante se instalasse preferencialmente em áreas periféricas, ocorreram modificações na ocupação do solo na Área Central da cidade e em suas adjacências a partir do acelerado crescimento urbano. A forma de apropriação do espaço que, desde a época da colonização, se fez

pela definição de lotes de grandes dimensões, com testadas curtas e de grande profundidade permitiu um progressivo parcelamento do solo. Desta forma, a resposta espacial à explosão demográfica a partir de 1950, foi

“a intensificação da ocupação dos lotes urbanos, desencadeando um violento processo de parcelamento do solo, bem como a abertura constante de novos eixos viários (...)”
(JOINVILLE,1987:33).

Assim, iniciou-se um processo de subdivisão da terra urbana de Joinville, através de desmembramentos sucessivos que liberavam os fundos dos lotes através da criação de servidões prediais de acesso e/ou de ruas particulares laterais aos eixos viários.

Com relação à infra-estrutura e serviços urbanos, a rede de distribuição de água estendeu-se praticamente por toda a cidade. Também no que se refere à energia elétrica a população era satisfatoriamente atendida, já que a rede de distribuição abrangia todo o perímetro urbano. Não havia ainda em Joinville rede de esgoto sanitário, sendo ainda utilizadas fossas sépticas em toda a cidade. Quanto à pavimentação de ruas, a situação era também ainda precária. Apenas as vias centrais e as vias de acesso principal aos bairros eram pavimentadas.

O transporte coletivo ainda era pouco utilizado em Joinville até os primeiros anos da década de 1970. Apenas 30,5% das viagens realizadas na área urbana eram feitas pelo sistema coletivo (JOINVILLE,1972). Mas, de qualquer forma, a estrutura radial do sistema de transporte coletivo representava fator de polarização da Área Central em relação ao corpo total da cidade, na medida que forçava a circulação dos usuários pelo centro.

Joinville, caracterizando-se como cidade industrial, contava em 1972 com 51% da população ativa empregada na indústria. Ao se analisar a população total, havia uma porcentagem de 19% de pessoas trabalhando na indústria, contra 13% que trabalhavam no setor de serviços e apenas 4,1% trabalhando no comércio. Esta situação, entretanto, vinha sofrendo alterações tendo havido, entre 1963 e 1972, uma diminuição na porcentagem de pessoas ocupadas na indústria.

De qualquer forma, em razão de que ainda houvesse predomínio de atividades do setor secundário, tanto o setor de serviços quanto o de comércio apresentavam-se pouco expressivos. Prevalencia a presença de estabelecimentos comerciais de artigos mais populares, havendo poucas lojas que oferecessem mercadorias mais sofisticadas.

Isto se justificava pelo fato de que a grande maioria da população tivesse um baixo rendimento, com salários próximos ao salário mínimo (JOINVILLE,1972).

E esta situação de reduzida faixa de renda da maior parte da população tendia a se agravar. Comparando-se os anos de 1962 e de 1972, nota-se que houve um aumento muito grande de famílias com rendas nas classes mais próximas do salário mínimo. SANTANA (1998:27) nos mostra que

“As famílias com renda de até 5 S.M. que em 1962 correspondiam a cerca de 49,1% do total pesquisado, passaram em 1972, a representar cerca de 83% do total das famílias residentes em Joinville.”

Com relação à distribuição funcional, pode-se afirmar que diversas eram as funções urbanas que, neste momento, se distribuíam pela Área Central da cidade e adjacências: as funções comercial, serviços, institucional, residencial e industrial se mesclavam na trama urbana, sem que houvesse, ainda, qualquer determinação por parte do poder público com relação ao uso da terra. O centro urbano de Joinville representava um pólo de concentração de atividades, aspecto que era fortalecido devido à ausência de subcentros¹³ em outras zonas da cidade.

Encontravam-se localizados na Área Central propriamente dita ou em suas imediações duas das igrejas existentes em Joinville, o Hospital e Maternidade D^a. Helena, sedes de três jornais e de duas rádios difusoras, agências bancárias (17), diversas sociedades recreativas e esportivas, cinemas (2), diversas repartições públicas, três praças, alguns dos hotéis existentes na cidade. Além disto havia grande concentração, na Área Central, de casas comerciais, de escritórios de prestação de serviços, e de residências (JOINVILLE,[197-]).

Muitas eram as indústrias presentes na Área Central, embora já se observasse um processo de deslocamento para outras áreas. Tal processo de deslocamento e expansão industrial, iniciado no período compreendido entre os anos de 1964 e 1973, não se deu pela ocupação de áreas subjacentes à BR 101, como se previra no **PBU/1965**, mas sim em direção ao setor norte da cidade. Para este setor se deslocaram grandes indústrias anteriormente localizadas na Área Central e proximidades, instalando-se em locais que permitiam sua expansão.

¹³ Os subcentros se referem a pontos de concentração de atividades tipicamente centrais (estabelecimentos comerciais, escritórios de prestação de serviços, consultórios médicos e odontológicos, escolas, bancos, etc) que surgem em bairros, constituindo novos centros de atividades localizados fora da Área Central.

O comércio da Área Central era o mais especializado distribuindo-se, principalmente, nas ruas do Príncipe, Nove de Março e Quinze de Novembro. Na Rua Dr. João Colin, a qual constituía um verdadeiro corredor comercial, os estabelecimentos eram mais simples, semelhantes aos encontrados nos bairros, com predomínio de mercearias e similares.

Ainda em 1972 a Rua do Príncipe, no trecho entre as ruas Princesa Izabel e Jerônimo Coelho, se destacava pela presença de diversos bares que, estando ali concentrados, garantiam algum movimento após as 19:00 horas, o que não ocorria em outras áreas da cidade. Era ali *“o local de encontro da população jovem”*, *“era o local mais vivo em toda a cidade”* (JOINVILLE,1972:36).

A função bancária era bastante concentrada, com a maior parte dos estabelecimentos localizados nas ruas do Príncipe, São Joaquim, Nove de Março e Engenheiro Niemeyer.

Em termos de instituições culturais, a cidade contava, na década de 1970, com o Museu Nacional de Imigração e Colonização, o Museu Arqueológico do Sambaqui (criado no início da década de 1960), a Biblioteca Pública Municipal “Rolf Colin”, a Casa da Cultura, além do Museu de Arte Contemporânea e o Museu “Fritz Alt”, ambos criados no início da década de 1970 (TERNES,1993). Entre estes, os quatro primeiros se encontravam na Área Central ou em suas imediações.

O espaço verde público estava restrito a pequenas praças que, embora bem cuidadas, eram pouco expressivas dentro do contexto urbano, não só em termos de área como também de localização.

No **PLADSTU/1972** afirma-se ainda que os prédios públicos, de maneira geral, não tinham qualquer tipo de tratamento diferenciado que os colocasse em destaque na malha urbana, valorizando-os. Apenas o prédio da Biblioteca Pública e a sede dos Correios foram apontados como exceção. O primeiro por se localizar em meio à Praça Lauro Müller, e o segundo por contar com área ajardinada e equipada com bancos em frente a ele (Praça Castelo Branco, hoje parcialmente ocupada pelo “camelódromo”). Alertava-se para a necessidade de constituição de um centro cívico onde estaria concentrada a função cívico-administrativa da cidade, alerta este que já havia sido dado quando da elaboração do **PUB/1965**.



A moderna agência de correio construída pela ECT durante nossa Administração e a Praça "Presidente Castelo Branco", que construímos no local.

Foto 15 – Agência dos Correios construída no início da década de 1970
FONTE: JOINVILLE, 1973:126

O **PLADSTU/1972** aponta o fato de que algumas quadras da Área Central da cidade apresentavam grande número de residências de alto padrão, sendo talvez o setor mais valorizado, estando delimitado pelas ruas do Príncipe, Jerônimo Coelho, Abdon Batista e pelo Rio Cachoeira. Aponta ainda para a existência de um setor, dentro da Área Central que, apresentando certo grau de deterioração, demonstrava tendência a sofrer processo de substituição. Tal setor tinha como limite as ruas do Príncipe, Luiz Niemeyer, Itajaí e Jerônimo Coelho (ver FIGURA 14).

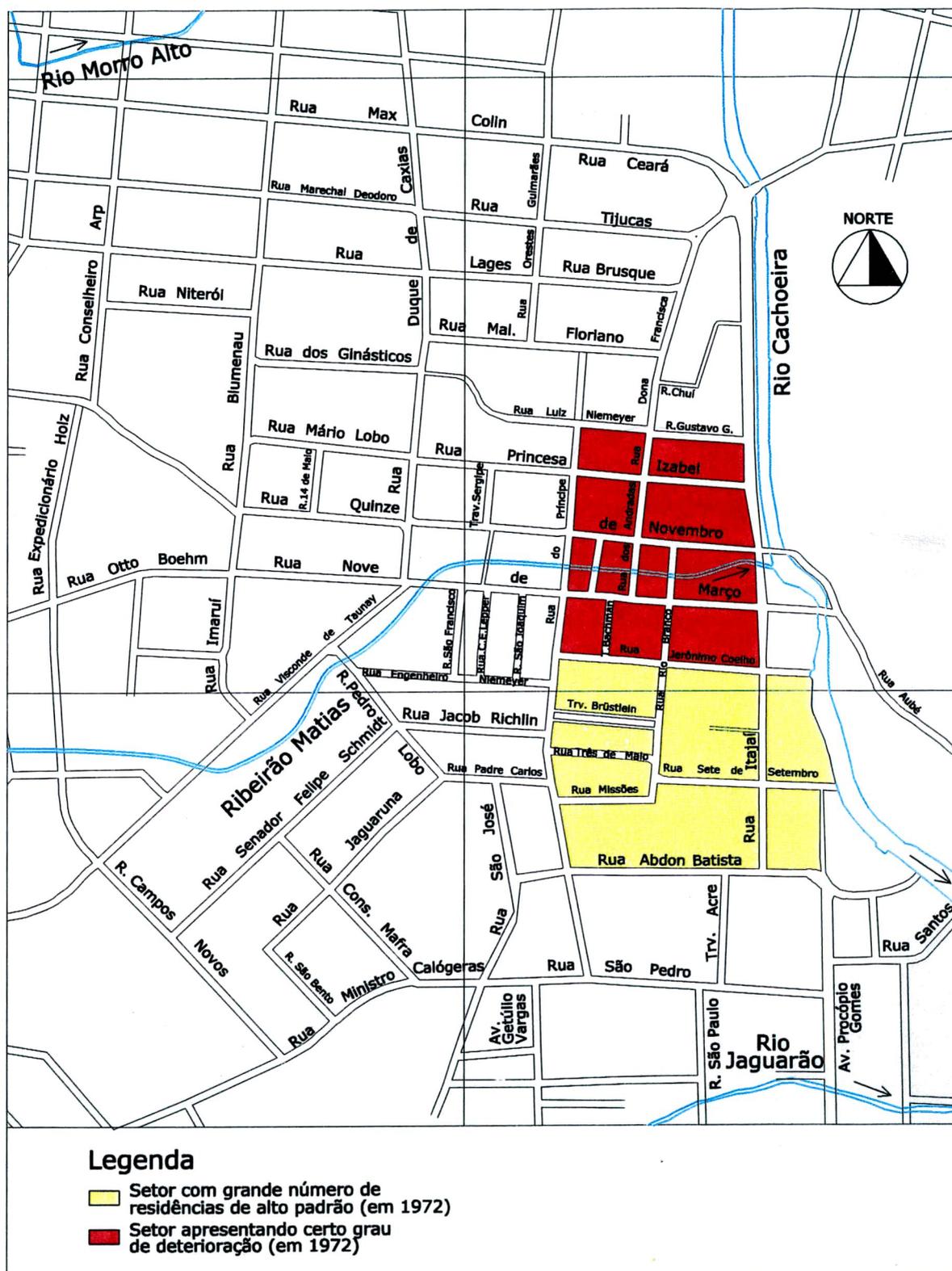


FIGURA 14 – Setores definidos pela Prefeitura Municipal de Joinville, em função do padrão e do estado de conservação das edificações – 1972

ESCALA 1:10.000

FONTE: JOINVILLE, 1972

Para a delimitação da Área Central no ano de 1973 foi tomada como base a delimitação definida pelo **PLADSTU/1972**. O centro da cidade era, então, determinado como sendo o setor limitado pelas seguintes ruas: ao norte a Rua Max Colin, ao sul a Rua Ministro Calógeras, a oeste as ruas Dr. João Colin, Visconde de Taunay, Pedro Lobo e Travessa São José, e a leste o Rio Cachoeira. Entretanto, a área de concentração de funções tipicamente centrais, segundo o **PLADSTU/1972**, era aquela limitada ao norte pela Rua Luiz Niemeyer ao invés da Rua Max Colin. Adotou-se, então, esta última delimitação por ter sido definida com base na análise da distribuição funcional (ver FIGURA 15).

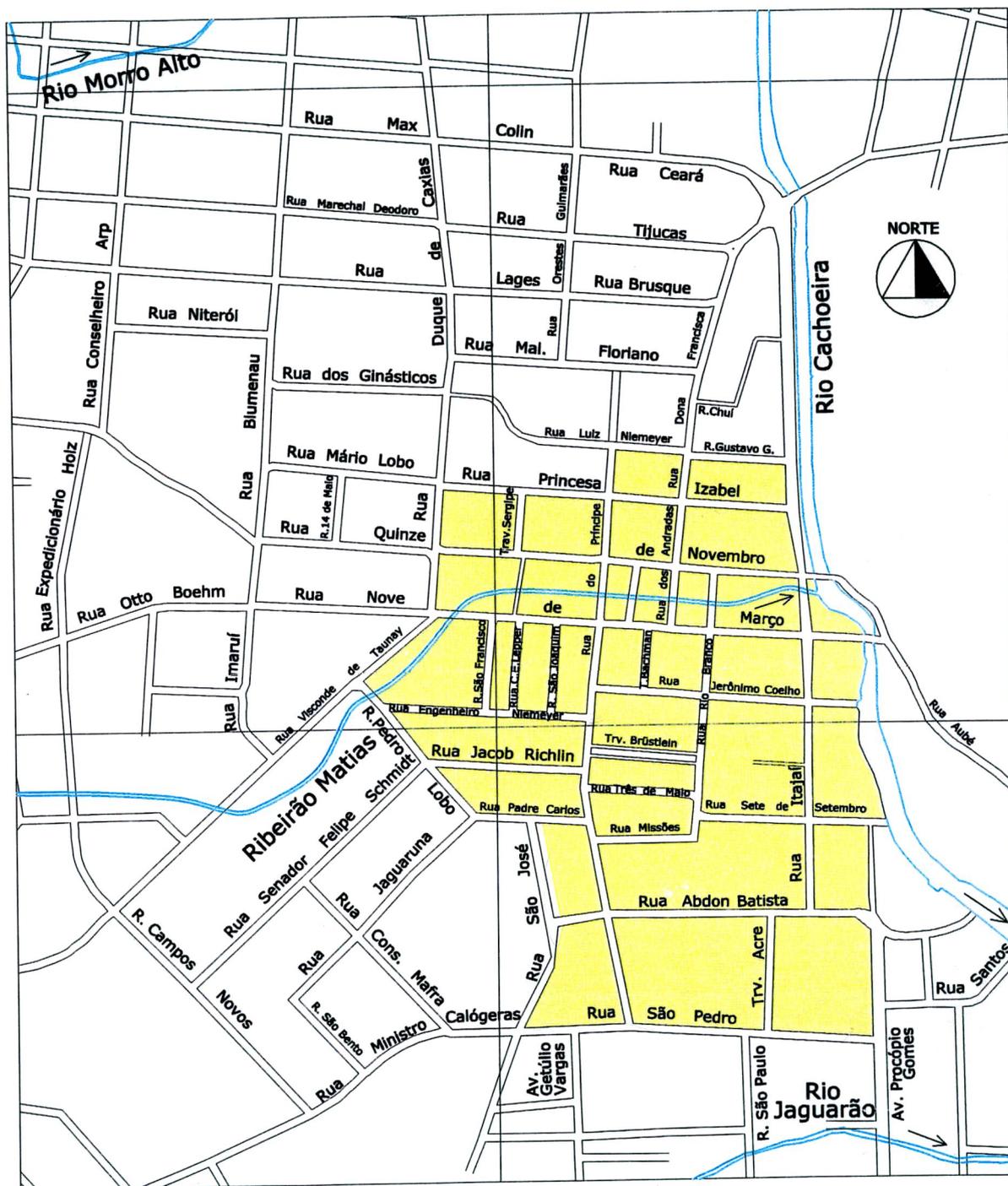


FIGURA 15 – Delimitação da Área Central de Joinville em 1973
 ESCALA 1:10.000
 FONTE: JOINVILLE, 1972

3.3. Terceiro período: 1973 a 1990

O crescimento populacional de Joinville manteve-se intenso ainda durante a década de 1970, tendo começado a decrescer a partir dos anos 1980. E isto porque ocorreu uma gradativa retração da atividade industrial, não só em nível local, em consequência das crises econômicas mundiais que vinham se manifestando já desde a década de 1970. O conseqüente período de recessão econômica que, no Brasil, se iniciou em 1980 e que se estendeu ao longo de toda aquela década afetou diversas empresas joinvillenses, levando algumas delas à concordata (SANTANA, 1998).

Joinville acompanhou os passos da economia nacional, tanto no processo de produção industrial quanto no que se refere à distribuição da renda. Conforme já visto, as famílias com renda de até 5 S.M., em 1962, correspondiam a cerca de 49,1% do total pesquisado, passando, em 1972, a representar cerca de 83%. Já no censo demográfico de 1980, revelou-se uma diminuição nesta porcentagem, sendo que as famílias naquela faixa de renda passaram a representar 63% do total. De qualquer forma, evidenciava-se uma situação de predominância de famílias de baixa renda (SANTANA, 1998). A Área Central, neste período, também não sofreu adensamento acentuado, já que a população migrante continuou ocupando a periferia da área urbana.

A ocupação do solo se apresentava, ainda em 1987, de baixa densidade, sendo marcante a característica de horizontalidade da Área Central da cidade, a despeito do fato de que alguns prédios já tivessem sido inseridos na malha urbana. Era ainda alta a incidência de lotes vazios em toda a área urbana, e a média bruta de ocupação verificada na cidade era de, aproximadamente, 13,5 habitantes/hectare, valor que estava muito aquém dos índices urbanísticos aceitáveis na época e que apontavam para um valor ideal de 300 habitantes/hectare. E mesmo na Área Central a densidade era baixa, com índice de, aproximadamente, 64 habitantes/hectare.

Previa-se, no **Plano de Estruturação Urbana - PEU** (JOINVILLE, 1987), a possibilidade de adensamento da Área Central através de processos de renovação urbana, com a substituição de edificações antigas por outras com maior número de unidades (previa-se um processo de verticalização) e também com o preenchimento de espaços vazios (lotes, reservas de fundo de lote, etc).

Com relação aos valores imobiliários, afirma-se no **PEU/1987** que já havia, naquela época, grande diferenciação entre o custo dos terrenos localizados dentro e fora da Área Central. Quando mais centrais, mais fácil era a acessibilidade aos benefícios oferecidos pelo Poder Público, e mais caros eram os terrenos.

A infra-estrutura urbana passou por um processo de melhoria quando, em 1982, foi assinado o contrato CASAN/BNH para a execução das obras da 1ª etapa do Sistema de Esgotos Sanitários de Joinville. As obras, entretanto, foram paralisadas em 1986 em função da falta de recursos do BNH, tendo sido reiniciadas em 1987 com recursos da Caixa Econômica Federal (SANTANA,1998).

Afirmava-se no **PEU/1987** (JOINVILLE,1987:70) que para a pavimentação usava-se, predominantemente o paralelepípedo. Entretanto, em razão do tipo de solo local, eram grandes as dificuldades na conservação do pavimento, o que contribuía para *“baixar o nível de utilização dos principais canais de circulação viária da cidade”*.

Neste período foram implantadas algumas das novas vias previstas no **PLADSTU/1972**, o que trouxe algumas alterações para o sistema de circulação da Área Central.

A primeira grande obra do início da década de 1970 foi justamente o reordenamento do eixo norte-sul com a abertura da Av. Juscelino Kubitschek (1974/1975), a qual tinha como papel estabelecer uma ligação direta entre a Av. Getúlio Vargas e a Rua Dr. João Colin. Facilitava-se, assim, o fluxo por este eixo de comércio e de serviços, presente desde o surgimento da Colônia. Vários terrenos foram desapropriados e várias edificações demolidas, para que tal obra de reestruturação urbana se implantasse. Um dos prédios demolidos foi o da Prefeitura Municipal, situado, então, à Rua Padre Carlos. (TERNES,1993). A Prefeitura Municipal foi, então, transferida para a Rua Max Colin, esquina com Rua Dr. João Colin, em situação deslocada do que poderia ser considerado como Área Central naquele momento. Atualmente a Prefeitura encontra-se em outra localização, a qual pode ser identificada na FIGURA 28.

Outra interferência refere-se à abertura da Avenida Beira-Rio, também definida no Plano Diretor de 1973, a qual contribuiu para estabelecer uma comunicação direta bairro a bairro, trazendo redução na circulação pelo centro urbano. O primeiro trecho, ligando a Rua Nove de Março e a Rua Dona Francisca já estava em construção desde o início da década de 1970, mas o trecho total da Av. Beira-Rio, incluído no que pode ser considerado hoje como sendo a Área Central da cidade, só foi concluído no final da década de 1990.

No que se refere ao trânsito, o **PEU/1987** mostra que as alterações eram evidentes, já que o volume de veículos estava aumentando consideravelmente. De fato, a proporção entre habitantes e veículos havia se modificado bastante, já que em 1972 a relação era de 16 habitantes/veículo, passando para 8 habitantes/veículo em 1987.

O fato de não haver, ainda, uma clara definição hierárquica das vias, levava a uma desorganização no fluxo de veículos. Além disto, a localização industrial já dispersa na malha urbana ocasionava algumas deficiências no sistema viário. A primeira delas era a instabilidade do fluxo de veículos em função da existência de horários de pico relacionados com o funcionamento das indústrias. E a segunda se referia ao deslocamento significativo de carga pesada dentro da área urbana.

Era evidente, também, o fato de que as principais vias da Área Central da cidade apresentavam intenso trânsito de veículos e de pedestres, uma vez que ali estavam concentrados equipamentos urbanos, e grande quantidade de estabelecimentos de comércio e de prestação de serviços. Em tais vias já se observava sintomas de saturação em relação ao transporte individual e coletivo e também escassez de áreas de estacionamento e de espaços públicos destinados aos pedestres.

A operação do transporte coletivo se caracterizava por um sistema eminentemente radial, com transbordo central, tendo como ponto de apoio físico o Terminal Rodoviário Urbano. Segundo se afirmava no **PEU/1987** (JOINVILLE, 1987:83), este terminal estava em “*seu ponto máximo de saturação*”. Constituíam-se também em suportes físicos os eixos da Av. Getúlio Vargas ao sul e da Rua Dr. João Colin ao norte, concentrando as demandas de origem/destino. Esta forte centralização do sistema de transporte coletivo já vinha sendo apontada como problemática em função da saturação no terminal central e do excesso de trânsito de veículos na Área Central.

Com relação à distribuição funcional, afirmava-se no **PEU/1987** que a maior concentração e diversidade de atividades se dava no então chamado “Centro Tradicional”.

De fato, a despeito do surgimento de subcentros de atividades em fase inicial de formação em alguns bairros da cidade e da tendência que demonstravam algumas áreas próximas à Área Central de incorporar atividades tipicamente centrais, a característica de centralidade urbana se mantinha. A Área Central mantinha

“uma característica toda especial que a diferencia do resto. Aí se concentra a maioria das atividades importantes, é o lugar onde os preços dos terrenos são mais altos, para ele converge a

estrutura viária e o interesse da população que vem todos os dias em busca de serviços, lazer, comércio e emprego e apresenta também os melhores atendimentos em termos de infra-estrutura e equipamentos urbanos” (JOINVILLE,1987:88).

No que diz respeito à função industrial, embora a legislação urbanística em vigor na década de 1980 não incentivasse tal uso na Área Central, tendo sido inclusive criados mecanismos que objetivavam a transferência de indústrias para zonas periféricas, mantinha-se a localização central de estabelecimentos fabris e industriais. Inseriam-se em terrenos que não permitiam expansão das instalações gerando interferências negativas para a vizinhança no que se refere a poluição, ruídos, trânsito intenso, etc. Em razão disto, a Administração Municipal percebeu a necessidade de estudar novas alternativas para a localização das indústrias.

Em 1973 o Plano Diretor de Joinville definiu uma “Zona Industrial” em área situada ao norte da cidade, entre o Rio Cubatão e o final da Rua Dr. João Colin, sem ter, contudo, estabelecido uma delimitação precisa para a mesma. A delimitação desta área só ocorreu em 1975, quando foi elaborado o “Plano Diretor do Distrito Industrial de Joinville”. O principal objetivo era o de abrigar indústrias que não pudessem permanecer na malha urbana em função de seu porte ou de sua necessidade de ampliação, e ainda abrigar novas indústrias de grande porte que viessem a se instalar na cidade. Esta iniciativa interferiu no processo de reorganização espacial da Área Central da cidade, funcionando como fator de estímulo para que as indústrias, então localizadas no centro da cidade, se transferissem para aquela nova área.

Mas, ainda em 1987, era significativo o número de indústrias de médio e de grande porte localizadas na Área Central da cidade ou em suas imediações. De acordo com o **PEU/1987**, o Distrito Industrial ainda se encontrava subutilizado em 1987, tendo sido apontadas como causas as modificações ocorridas na economia nacional e que levaram ao empobrecimento do Tesouro do Estado, inviabilizando o cumprimento do cronograma de implantação da infra-estrutura na área. Além disto, houve valorização dos terrenos após a divulgação do projeto. Notava-se, ainda, a preferência por parte das empresas no sentido de investir em tecnologia ao invés de arcar com os altos investimentos referentes à transferência para zona distante dos serviços urbanos necessários ao seu funcionamento.

No que se refere ao comércio, afirma-se no **PEU/1987** (JOINVILLE,1987:30) que, a tendência a que grande parte da população vivesse com baixos rendimentos,

“determinou a predominância de padrões de baixa renda, que aparecem não só na forma de morar, como também é espelhada pela estrutura do comércio e dos serviços voltados principalmente para esta categoria social.”

De qualquer forma, notava-se forte polarização da Área Central com relação à oferta de bens e serviços especializados.

Na Área Central da cidade, ainda em 1987, a função residencial estava presente de forma marcante. Segundo se afirma no **PEU/1987** (JOINVILLE,1987:120) a Área Central *“possui o setor residencial mais denso, com a característica de abrigar vários tipos de moradores e edificações”*.

Para a delimitação da Área Central neste período, optou-se por adotar novamente a análise da **distribuição funcional**. Para isto, tomou-se por base a estrutura proposta no **PEU/1987**, onde a Área Central seria composta pelo “Centro Tradicional” e, ainda, pelas Sub-Áreas Norte, Sul, Leste e Oeste (ver FIGURA 16).

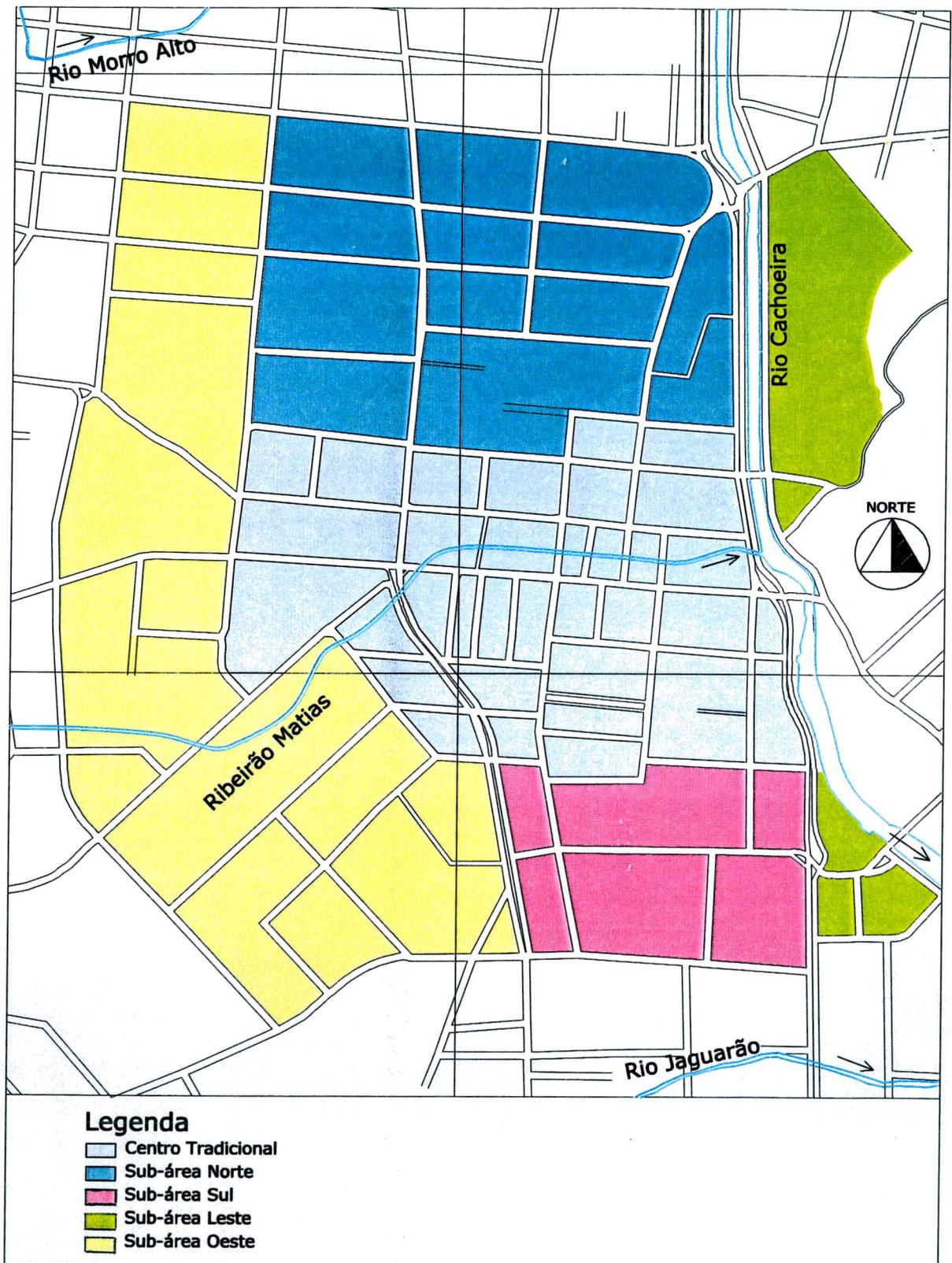


FIGURA 16 – Estrutura proposta pelo Plano de Estruturação Urbana - PEU/1987 para a Área Central
ESCALA 1:10.000
FONTE: JOINVILLE, 1987

Entretanto, tendo em vista a análise da **distribuição funcional**, acredita-se que algumas das Sub-Áreas propostas deveriam ser excluídas em razão de não apresentarem concentração de atividades tipicamente centrais.

A Sub-Área Norte caracterizava-se pela predominância do uso residencial unifamiliar, tendo sido observada aí a tendência à verticalização, com o surgimento de alguns prédios residenciais. Outra tendência observada nesta Sub-Área se referia ao surgimento de alguns estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços que começavam a se deslocar do “Centro Tradicional” (JOINVILLE,1987).

A Sub-Área Sul caracterizava-se pelo uso extremamente diversificado e pela horizontalidade das edificações. Nesta área a característica marcante era o uso combinado de comércio e residência em uma mesma edificação (JOINVILLE,1987).

A Sub-Área Oeste caracterizava-se como sendo essencialmente residencial, com baixa taxa de ocupação e forte tendência à horizontalidade. Iniciava-se naquele momento um processo de verticalização nesta área, com a construção de prédios residenciais. Segundo o **PEU/1987** esta área começava a incorporar algumas atividades tipicamente centrais.

A Sub-Área Leste apresentava um trecho, nas imediações do Mercado Municipal, em estágio de progressiva deterioração, e um trecho da Rua Aubé com uso residencial unifamiliar de alto padrão. Além disto, localizava-se ali um significativo número de indústrias de médio e grande porte (JOINVILLE,1987).

De acordo com estas descrições constantes do **PEU/1987**, acredita-se que a Área Central, naquele momento, englobava o “Centro Tradicional” e a Sub-Área Sul, já que ali se encontrava a maior concentração de funções tipicamente centrais, tais como comércio, prestação de serviços, etc (ver FIGURA 17). As demais Sub-Áreas, embora apresentassem tendência a futura incorporação não poderiam ainda ser incluídas nesta delimitação.

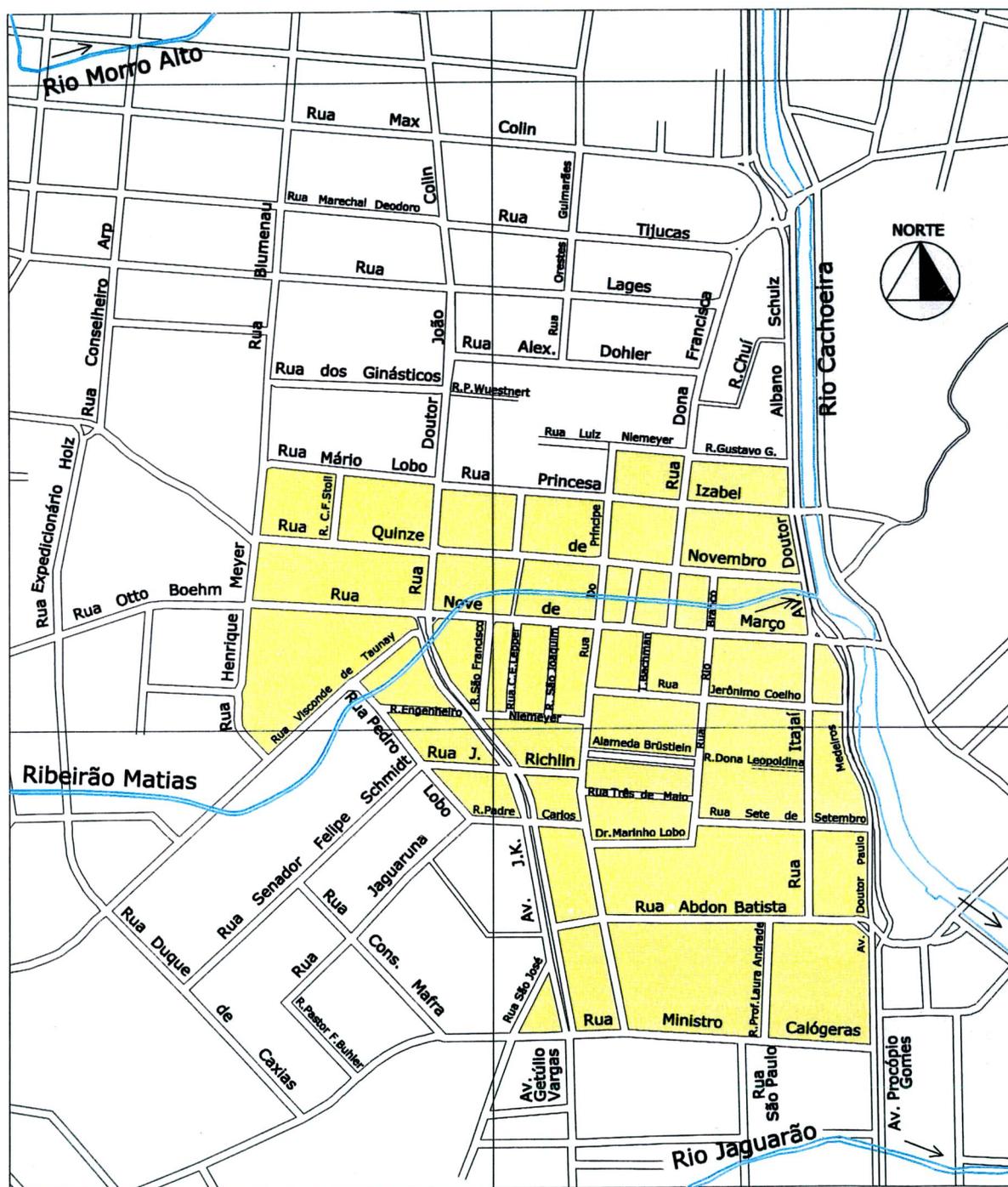


FIGURA 17 – Delimitação da Área Central de Joinville em 1990
 ESCALA 1:10.000

ORG.: A autora, a partir de dados do Plano de Estruturação Urbana - PEU/1987

3.3. Quarto período: 1990 a 2001

Neste item serão abordados de maneira sumária alguns fatos que atuaram como elementos de impacto gerando alterações na economia e na configuração urbana de Joinville.

A partir do ano de 1990 ocorreu uma grande mudança no perfil econômico do país, com reflexos na economia local. E isto em função do governo do Presidente Fernando Collor de Melo (1990-1992), que foi marcado pelo confisco dos depósitos bancários, pela implantação de nova moeda – o Cruzeiro, pelo congelamento de preços, pelo recálculo da correção monetária, pela demissão de funcionários públicos federais, pelo fechamento de órgãos públicos; pelo início do processo de privatização de empresas estatais, pela adoção de uma política neo-liberal e pela liberalização comercial (SANTANA,1998).

Também após a renúncia do Presidente Collor ocorrida em decorrência do processo de “impeachment” movido contra ele, novo impacto é sentido com a conseqüente diminuição dos investimentos diretos na economia (SANTANA,1998).

Em 1994 é editado o “Plano Real”, o qual entra em vigor em 1º de julho de 1994, iniciando-se um período de estabilidade econômica e baixa inflação, mas com grandes taxas de desemprego já que as empresas estavam passando por processos de reestruturação face à crescente globalização dos mercados (SANTANA,1998).

Neste período também novas mudanças foram impressas na cidade e; mais especificamente, em sua Área Central. Em termos de estrutura viária pode-se dizer que foi totalmente concluída a implantação da Av. Beira Rio no trecho compreendido na Área Central, facilitando alguns acessos bairro a bairro.

Com relação ao Ribeirão Matias que foi, conforme já abordado no Capítulo 1, um dos elementos norteadores na definição do traçado das ruas de Joinville, é interessante esclarecer que o mesmo foi sendo, pouco a pouco, canalizado. Nos trechos que cortavam as ruas foram feitas galerias pela Prefeitura Municipal, e nos trechos que estavam dentro dos lotes o trabalho feito pelos proprietários dos mesmos. Atualmente, dentro do perímetro do “Bairro Centro”, o Ribeirão Matias está completamente canalizado mas, segundo informações da Secretaria de Infra Estrutura Urbana da Prefeitura Municipal de Joinville – SEINFRA, as galerias existentes encontram-se estranguladas. Há um projeto de abertura de novas galerias pelas ruas do “Bairro Centro” para que se alivie a sobrecarga nas galerias existentes. Entretanto, não há ainda definição de quando será executada a obra.

Em 1987 surgiu o **Plano de Estruturação Urbana** (JOINVILLE,1987) devido à necessidade, observada por parte da Administração Pública, de que se reformulassem os instrumentos normativos de parcelamento e de uso e ocupação do solo urbano. Mas, embora as diretrizes tenham sido discutidas com a Comissão de Urbanismo e encaminhadas à Câmara de Vereadores, o Projeto de Lei só foi aprovado em 1996 (SANTANA,1998).

A partir da aprovação da Lei Complementar nº 027/96 – Lei de Uso e Ocupação do Solo, grandes alterações foram sentidas também com relação à distribuição de usos no espaço urbano e à taxa de ocupação permitida para as edificações. A referida lei atuou como elemento de alteração do processo de verticalização da Área Central de Joinville. Se até 1996 as edificações eram implantadas com ocupação quase total dos terrenos, a partir da edição da Lei de Uso e Ocupação do Solo tal situação se modificou, e passou-se a exigir recuos maiores. Hoje, embora se permita, em alguns casos, a ocupação máxima do terreno até o 3º pavimento, obriga-se um afastamento de 1,50 metros, acrescido de 0,25 metros ou de 0,50 metros a cada novo pavimento, dependendo do caso.

Quanto ao sistema de transporte coletivo, importantes alterações foram definidas no final da década de 1980, com a implantação do sistema de linhas integradas, transformando a relação dos habitantes com a Área Central da cidade. Segundo SANTANA (1998:49),

“Esta mudança no padrão de circulação da população trouxe repercussões no uso do solo da área central, em especial do comércio popular que dependia do intenso fluxo de pedestres e que dominava a região próxima ao terminal de ônibus. O antigo sistema radial concêntrico implicava em um transbordo no terminal central para quem desejasse atravessar a cidade.”

Outro elemento que abalou a polarização total que a Área Central exercia sobre o corpo da cidade foi a consolidação de subcentros de atividades (comércio e prestação de serviços) nos bairros, com a instalação, inclusive, de filiais de algumas lojas de departamentos até então localizadas exclusivamente nas ruas mais centrais. À medida que os diversos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços se instalavam nos bairros, o deslocamento das pessoas até a Área Central foi reduzido, já que várias atividades passaram a ser desenvolvidas no próprio bairro.

Aliado a estes fatores referentes à alteração do sistema de transporte coletivo e ao surgimento de subcentros de atividades houve ainda outro elemento que causou *“forte impacto na estrutura urbana e da área central da cidade de Joinville”*

(SANTANA,1998:210) – a inauguração das Lojas Americanas (hoje “Shopping Americanas”) no final da década de 1980. De fato, em razão da implantação do estabelecimento ter se dado no “braço sul” do eixo norte-sul, próximo à Estação Ferroviária, criou-se ali um novo pólo de atração comercial. Em consequência disto percebeu-se uma relativa fragilização da Área Central da cidade.

Entretanto, a partir dos primeiros anos da década de 1990 a Área Central sofreu um processo de revitalização em função da instalação dos Shopping Centers – primeiro o Shopping Cidade das Flores e depois o Shopping Mueller.

No próximo capítulo serão levantados aspectos funcionais e formais da cidade tal qual ela hoje se apresenta.

CAPÍTULO 4 –A ÁREA CENTRAL DE JOINVILLE NO ANO DE 2001

São grandes as alterações que podem ser constatadas em Joinville, desde 1950 até os dias de hoje. A cidade se expandiu e o que constituía antes o corpo da cidade passou a ser hoje sua Área Central, em torno da qual se desenvolveram os diversos bairros.

Conforme visto anteriormente, a taxa de urbanização do município cresceu de forma muito acentuada, podendo-se explicar esta notável expansão populacional urbana em razão do processo de desenvolvimento econômico e crescimento industrial de Joinville, o qual gerou um intenso processo migratório regional e interestadual em função da atração exercida pelas grandes indústrias locais (MOSER, 1993).

O fato é que, em consequência desta crescente industrialização e urbanização aliada a fatores sociais, políticos, culturais, etc, foram se consolidando significativas transformações na estrutura da cidade de Joinville como um todo e também em sua Área Central. A malha urbana se expandiu, a área já urbanizada adensou-se, as diversas funções se redistribuíram no tecido urbano do município, novas formas foram geradas e as antigas readaptadas a novos usos. A fisionomia da cidade se alterou e também a relação das pessoas com o espaço urbano. Conforme diz SANTOS (1959:101),

“A variedade dos traçados, as gerações de construções, esses pedaços do tempo cristalizados na paisagem urbana, significam muito mais que as preferências urbanísticas ou arquitetônicas: são o mosaico dos séculos, mas representam também a sucessão das técnicas, toda a evolução da vida urbana, a soma do passado e dos modernos modos de ser, cuja incorporação à vida urbana não se faz sempre segundo o mesmo ritmo”.

Além da diversidade formal, percebe-se que algumas das funções que, na década de 1950, se concentravam exclusiva ou predominantemente na Área Central da cidade se deslocaram para outras áreas, como foi o caso da função industrial. Outras das funções anteriormente centrais, quando do desenvolvimento de subcentros de atividades em alguns bairros, distribuíram-se no espaço urbano, passando a ter área de ação restrita à população residente em setores próximos.

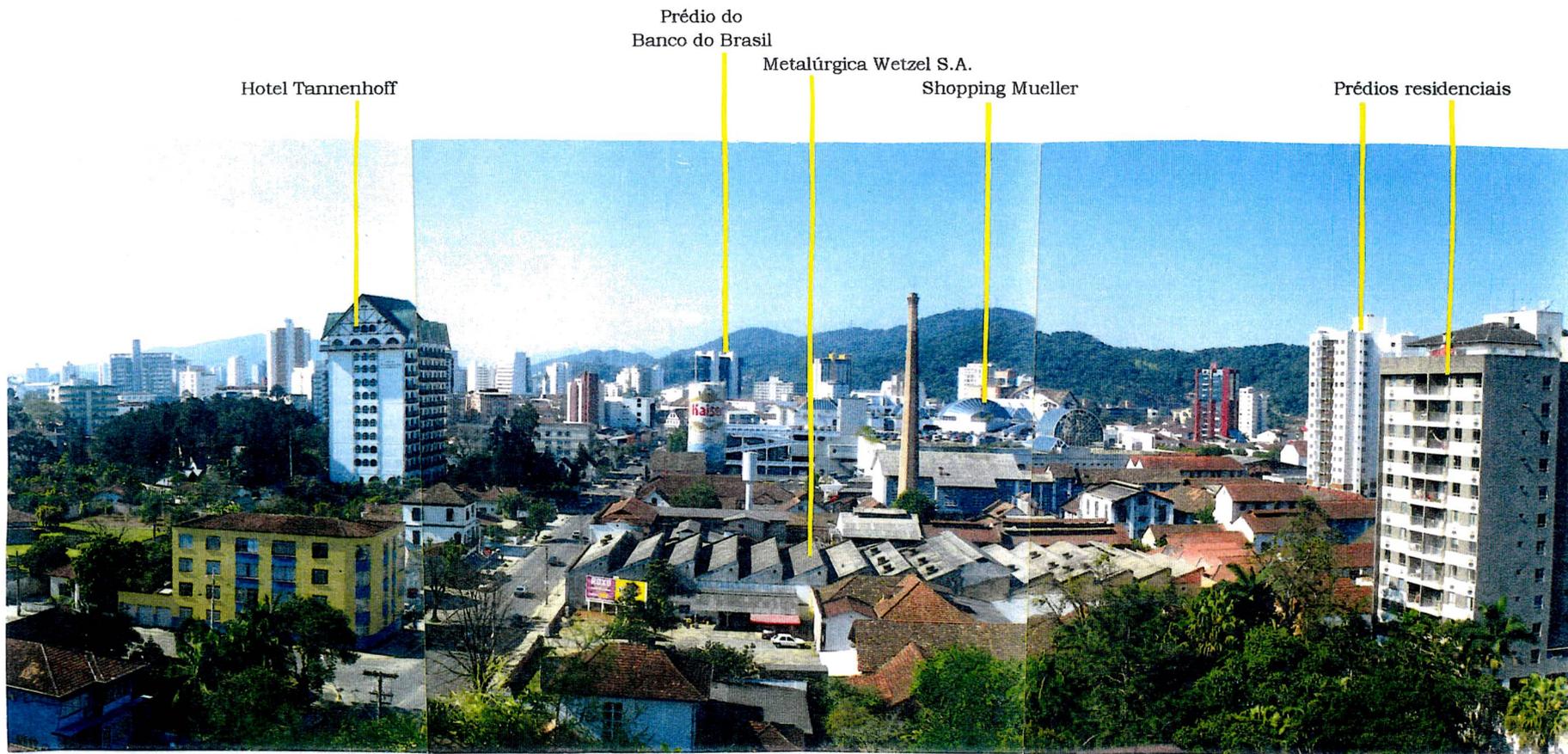


Foto 16 – Vista parcial de Joinville (Setembro/2000)
FONTE: Foto da autora

De fato, em vários dos bairros da cidade, além da função residencial que é a predominante, observa-se a presença de grande número de estabelecimentos comerciais, de escritórios de prestação de serviços, de consultórios médicos e odontológicos, de escolas, de bancos, etc. Tais funções, presentes na década de 1950 quase que exclusivamente na Área Central e em suas adjacências, passaram a se desenvolver de forma intensa também nos bairros, alguns dos quais se tornaram, pouco a pouco, novos centros de atividades.

Conforme DUARTE (1967), este fenômeno de surgimento de subcentros de atividades era comum já na década de 1960, não só nas grandes cidades brasileiras como também nas cidades americanas e européias. Ele indica que são várias as razões para o aparecimento dos subcentros, entre elas o crescente congestionamento da Área Central, a grande extensão territorial das cidades, a grande concentração populacional em áreas afastadas da Área Central e as deficiências no transporte público urbano. Atualmente tal fenômeno tem se expandido, atingindo também as cidades brasileiras de médio porte como é o caso de Joinville. Isto porque, à medida que as cidades crescem, torna-se cada vez mais inviável o acesso de toda a população à Área Central sempre que necessite de qualquer tipo de serviço.

De qualquer forma, apesar desta tendência a surgimento de subcentros de atividades em diversos bairros, a Área Central mantém a exclusividade ou predominância de algumas funções urbanas, o que lhe garante uma característica de foco polarizador em relação à cidade como um todo.

A seguir serão discutidas as diversas funções urbanas presentes na Área Central de Joinville, e também sua tendência ou não à centralidade. Este estudo permitirá que se estabeleça uma delimitação para Área Central da cidade em 2001, dentro da perspectiva de que tal área deve ser entendida como sendo aquela com a maior concentração de funções tipicamente centrais. Acredita-se que a definição desta delimitação é fundamental para que se conheça a extensão da Área Central no momento em questão, e para que se possa perceber sua expansão no período estudado, ou seja, entre os anos de 1950 e 2001.

Após o estudo das diversas funções procurar-se-á identificar as alterações surgidas na paisagem urbana. Isto porque, conforme já visto acima, a partir das modificações no desenvolvimento de antigas funções ou ainda a partir do surgimento de novas funções no espaço que pode ser considerado hoje como sendo a Área Central da cidade, tornaram-se necessárias a substituição ou adaptação das antigas formas.

4.1. As funções urbanas da Área Central de Joinville

Com o objetivo de analisar a configuração urbana da Área Central de Joinville foi feito o levantamento funcional em todas as quadras do Bairro Centro, conforme já exposto na introdução deste trabalho. A seguir serão descritas as diversas funções urbanas levantadas, em termos de características principais e de tendências de distribuição espacial (ver FIGURA 18 – Delimitação do Bairro Centro de Joinville).

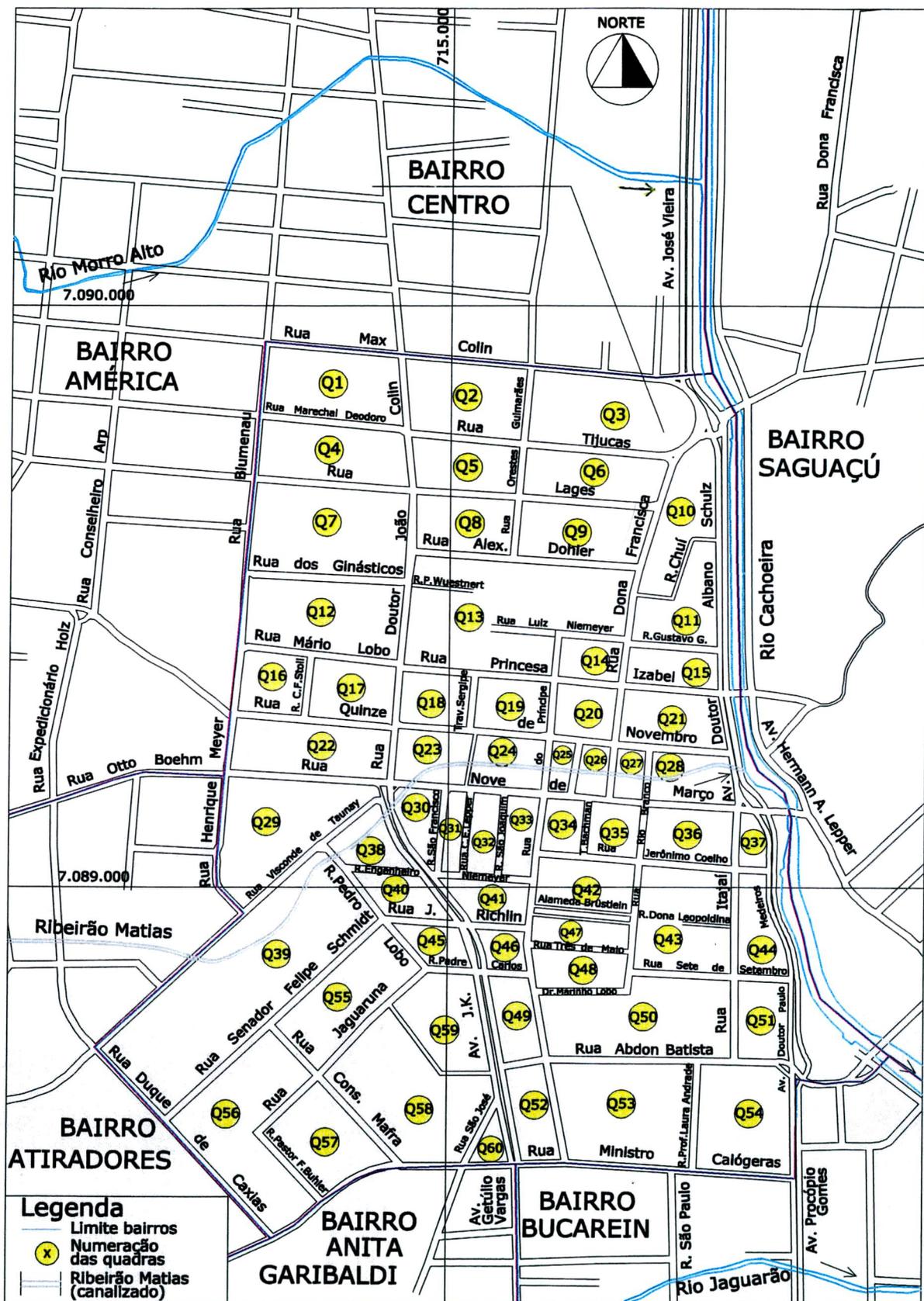


FIGURA 18 – Delimitação do Bairro Centro de Joinville – 2001
 ESCALA 1:10.000

FONTE: Prefeitura Municipal de Joinville

Função comercial

Na Área Central de Joinville localiza-se grande parte dos estabelecimentos comerciais. Isto faz com que esta área exerça ainda uma ação polarizadora em relação ao corpo total da cidade, a despeito da existência de grandes subcentros comerciais em alguns dos bairros periféricos. A razão disto talvez se deva a três aspectos: o fato de que a Área Central seja ainda um forte centro de negócios, com a presença de diversos estabelecimentos de prestação de serviços, de bancos, de repartições públicas, etc; a grande concentração de estabelecimentos comerciais com oferta de maior diversidade de produtos e o fato de que os ônibus passassem constantemente pela Área Central em seus trajetos, até a década de 1980, já que o desembarque era feito no Terminal Rodoviário Urbano ali localizado. Só a partir daquele momento começaram a ser criados outros terminais rodoviários urbanos situados em diversos bairros, como medida para a diminuição do tráfego na Área Central da cidade, já que permitem o estabelecimento de ligações bairro a bairro.

A atividade comercial da Área Central se apresenta, principalmente, na forma de estabelecimentos do tipo varejista, estabelecimentos voltados à comercialização de alimentação, e também na forma de algumas galerias de lojas e pela presença de dois dos três Shopping Centers existentes na cidade.

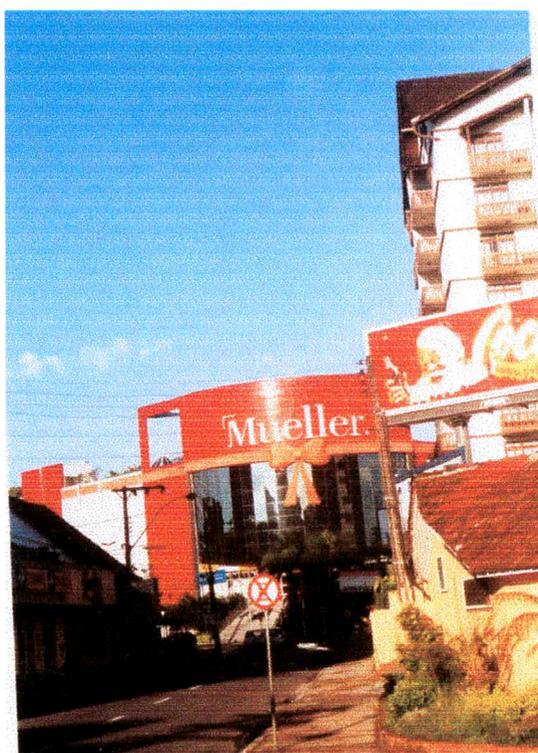


Foto 17 – Shopping Mueller (Janeiro/2002)
FONTE: Foto da autora



Foto 18 – Shopping Cidade das Flores, adaptado no antigo prédio da Malharia Arp (Janeiro/2002)
 FONTE: Foto da autora

O comércio varejista caracteriza-se principalmente pela presença de lojas populares, voltadas ao atendimento das grandes massas consumidoras. Com relação aos aspectos que caracterizam o comércio varejista na Área Central de Joinville hoje, pode-se dizer que são similares aos encontrados no Rio de Janeiro na década de 1960, conforme nos mostra DUARTE (1967). Também em Joinville o comércio varejista, com a finalidade de atrair a clientela, se organiza da seguinte forma: proximidade entre lojas de artigos semelhantes¹⁴, presença de filiais em diversos pontos da Área Central e diversificação de mercadorias em uma mesma loja, criando-se as lojas departamentais¹⁵. No caso da presença de várias filiais em situação de proximidade, o que se objetiva é facilitar o atendimento da clientela de forma a garantir o máximo de vendas. É o caso, por exemplo, das Lojas Madol e das Lojas Salfer que vendem móveis populares e eletrodomésticos em geral, da Drogaria Catarinense, além da “Resistência Moda Jovem” e da “Magasine Brasília”, lojas de confecções.

Os estabelecimentos mais tipicamente encontrados nesta área da cidade são lojas com artigos de uso pessoal (lojas de confecções para adultos ou crianças, lojas de calçados, armarinhos, pequenos bazares com artigos variados, etc) e lojas com artigos para casa (principalmente lojas onde se vende móveis e eletrodomésticos). Além deste tipo de comércio há ainda a presença de grande número de pequenas lojas com as mais

¹⁴ Em Joinville esta proximidade se dá, principalmente, entre lojas de confecções, de calçados, de óticas e de eletrodomésticos.

¹⁵ Um exemplo de loja departamental em Joinville é a “Só Tênis”, situada na Travessa Bachman, onde se vende artigos de perfumaria, de papelaria, brinquedos, calçados, confecções e artigos esportivos.

variadas mercadorias, desde farmácias até livrarias, papelarias, floriculturas, joalherias, óticas, e também lojas para venda de material fotográfico, instrumentos musicais, bijuteria, brinquedos, etc.¹⁶

Além das lojas de caráter popular existe um comércio mais selecionado, tanto no que se refere à qualidade das mercadorias oferecidas, quanto ao tratamento estético dos estabelecimentos. Tais lojas, principalmente voltadas para a venda de artigos de uso pessoal e de artigos para casa e de equipamentos, são mais freqüentes nos dois Shopping Centers situados na Área Central da cidade. Nota-se ainda a presença deste tipo de comércio nas proximidades do Shopping Center Cidade das Flores, e também disperso nas quadras 14 (em especial na galeria do prédio comercial ali existente), 19 e 24 e ainda na Galeria de Lojas da quadra 34.

Com relação à distribuição espacial da função comercial na Área Central, percebe-se que há forte concentração de estabelecimentos no espaço que constituía o centro da cidade na década de 1950. As principais ruas comerciais daquela época mantêm ainda hoje muito nitidamente esta característica, o que pode ser conferido na FIGURA 19 pela indicação das quadras onde ocorre a maior concentração de estabelecimentos comerciais. Desta forma, as ruas do Príncipe, Quinze de Novembro, Nove de Março e Princesa Isabel mantêm ainda hoje sua antiga vocação comercial, conservando posição de destaque em relação às outras ruas da Área Central.



Foto 19 – Vista da Rua Quinze de Novembro entre as ruas Dr. João Colin e do Príncipe (Janeiro/2002)

FONTE: Foto da autora

¹⁶ A relação total das atividades encontra-se especificada na Tabela Funcional Geral – Anexo 2.

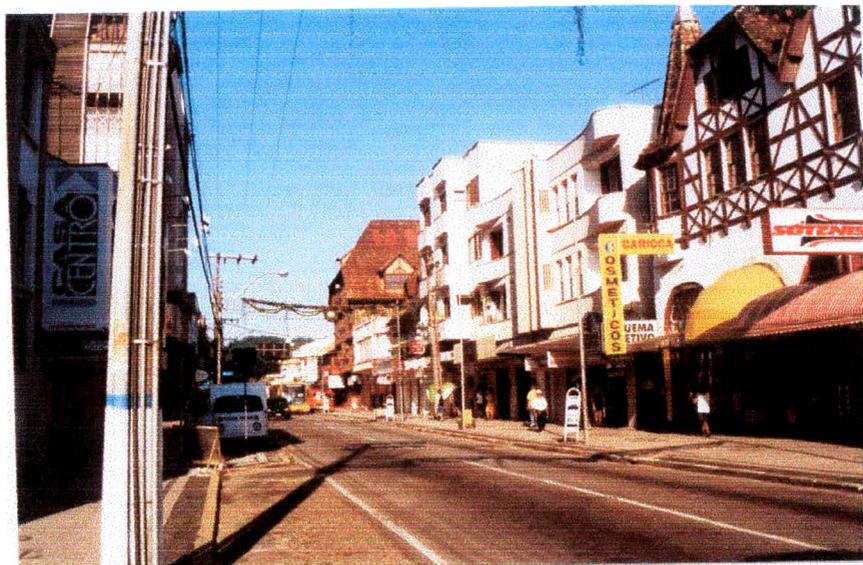


Foto 20 – Vista da Rua Nove de Março entre as ruas Dr. João Colin e do Príncipe (Janeiro/2002)
FONTE: Foto da autora



Foto 21 – Vista da Rua do Príncipe entre as ruas Nove de Março e Quinze de Novembro (Janeiro/2002)
FONTE: Foto da autora

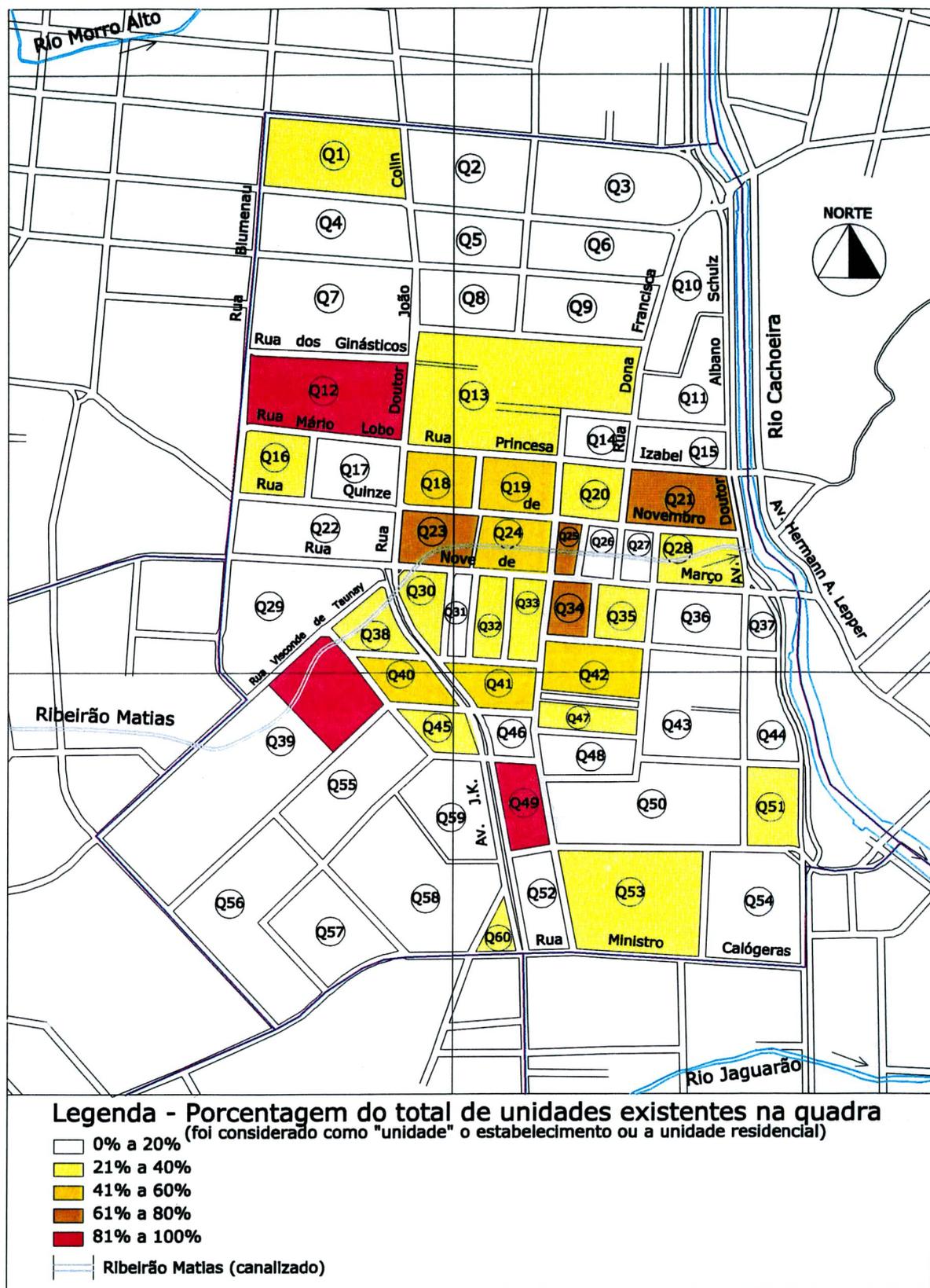


FIGURA 19 – Concentração de estabelecimentos comerciais no Bairro Centro – maio/2001

ESCALA 1:10.000

ORG: A autora

A exemplo do que já ocorria em 1950, há ainda hoje forte tendência de concentração de estabelecimentos comerciais varejistas ao longo do eixo norte-sul, hoje representado pela Rua Dr. João Colin, Av. Juscelino Kubitscheck e Av. Getúlio Vargas, com a concentração de lojas com oferta de grande diversidade de mercadorias, formando um verdadeiro eixo comercial. Conforme DUARTE (1967), os grandes eixos de circulação constituem-se em ótimos pontos para localização de estabelecimentos comerciais, em função do maior fluxo de pedestres e de veículos.



Foto 22 – Vista da Rua Dr. João Colin, acima da Rua Nove de Março (Dezembro/2001)

FONTE: Foto da autora

SANTANA (1998:47) esclarece que há uma diferenciação entre o tipo de comércio oferecido em cada um dos braços do eixo norte-sul:

“Enquanto o ‘braço sul’ (Av. Getúlio Vargas) apresenta uma grande diversidade em termos de atividades comerciais, o ‘braço norte’ (binário João Colin/Blumenau) apresenta uma forte especialização, resultado de uma economia de aglomeração. Ali se encontra a maioria das grandes lojas de materiais de construção e, principalmente, o comércio automobilístico (concessionárias, revendedoras de automóveis usados e autopeças)”.

Com relação a Av. Juscelino Kubitscheck a qual foi aberta na década de 1970 para estabelecer a ligação entre a Rua Dr. João Colin e a Av. Getúlio Vargas, percebe-se que não apresenta forte característica comercial. Ao longo das quadras da referida avenida existem apenas quatro lojas de móveis, duas delas mais sofisticadas (uma delas situada na esquina com Rua Padre Carlos e outra na esquina com a Rua Ministro Calógeras) e duas mais populares (uma delas situada na esquina com Rua Nove de Março e outra na

esquina com Rua Padre Carlos). Além destas lojas, pode-se citar ainda a existência de uma galeria de lojas no prédio comercial da quadra 59. Entretanto, nesta galeria, apenas duas lojas têm utilização comercial, estando as demais ocupadas por escritórios com diversos tipos de atividades.



Foto 23 – Trecho da Av. Juscelino Kubitschek (Novembro/2001)

FONTE: Foto da autora

Observando-se a área ocupada hoje pelo Bairro Centro, percebe-se que existem zonas de densidade comercial fraca ou onde o comércio é quase inexistente. Tais zonas coincidem com as quadras mais distantes daquela que poderia ser considerada como sendo a Área Central da cidade na década de 1950, ou ainda com zonas de grande densidade de prestação de serviços.

Ainda no que se refere à distribuição espacial da função comercial, é importante ressaltar que não existe qualquer tipo de setorização por tipo de mercadoria oferecida, havendo uma distribuição indiscriminada dos diversos tipos de estabelecimentos em toda a Área Central. O que existe, conforme já mostrado anteriormente, é uma tendência de proximidade entre lojas que oferecem artigos semelhantes, com o objetivo de atrair mais facilmente a clientela. Entretanto, com relação às óticas, nota-se uma grande concentração nas quadras 50 e 53, principalmente ao longo da Rua Abdon Batista, em função da proximidade com prédios comerciais onde se concentram os consultórios médicos e ainda com o Hospital de Olhos Sadalla Amin Ghanem.

O comércio de abastecimento é mais escasso na Área Central havendo poucos estabelecimentos voltados unicamente para este fim. Há, por exemplo, poucas panificadoras que não exerçam também a função de lanchonetes ou de confeitarias com

salões de café. Há ainda três supermercados (um no Shopping Mueller, um na Rua Nove de Março e outro na Rua Jerônimo Coelho) e alguns outros estabelecimentos como quitandas, pequenas mercearias, delicatessen, etc. Não se pode deixar de citar, além destes, o Hipermercado Big, instalado na Av. José Vieira (um dos braços da Av. Beira-Rio). Embora não se situe na Área Central propriamente dita, não se encontra totalmente deslocado da mesma, conforme se pode visualizar na FIGURA 20.

Já o comércio voltado à alimentação existe de maneira constante em toda a Área Central da cidade, na forma de diversas lanchonetes, cafés e confeitarias e de restaurantes, desde populares até alguns mais sofisticados. É grande o número de lanchonetes e pequenos restaurantes voltados para o atendimento de uma população de menor poder aquisitivo e que diariamente circula pela Área Central. Os estabelecimentos que oferecem para o almoço refeições “a quilo” são cada vez mais numerosos nesta área da cidade, facilitando o atendimento de toda a população que ali trabalha ou que por ali circula.

Existem também alguns estabelecimentos mais bem cuidados, voltados ao atendimento de uma clientela de maior poder aquisitivo, oferecendo um serviço diferenciado em relação aos demais restaurantes e confeitarias. Pode-se citar, por exemplo, o Restaurante Parapluie, situado no andar térreo do Hotel Partenon Platz, situado na Rua Comandante Frederico Stoll (quadra 16), o restaurante do Hotel Anthurium (quadra 58), o restaurante “Casa do Bacalhau” (quadra 17), o Restaurante Recoleta (quadra 56) e a Delicatessen Vitória (quadra 39).

Em termos de distribuição espacial deste tipo de comércio, encontra-se completamente disseminado nas diversas quadras da Área Central, evidenciando-se sua inter-relação com as demais atividades desenvolvidas nesta área da cidade. De fato, é grande a variedade de restaurantes e lanchonetes imiscuídos entre os estabelecimentos comerciais, institucionais e de prestação de serviços.

Mais recentemente uma nova tendência tem aos poucos se insinuado e se refere à localização de bares e restaurantes nas proximidades do Shopping Mueller, ao longo da Rua Visconde de Taunay, entre as Ruas Jacob Eisenhuth e a Rua Pedro Lobo, e ainda nas quadras 38 e 40, próximos à rua Pedro Lobo, onde estão instalados cerca de treze restaurantes e bares. Mais recentemente, após a execução do levantamento funcional, foi instalada ainda uma nova boite na Rua Visconde de Taunay, e que vem reforçar mais uma vez a vocação de comércio de alimentação e de lazer noturno desta área da cidade (ver FIGURA 20).

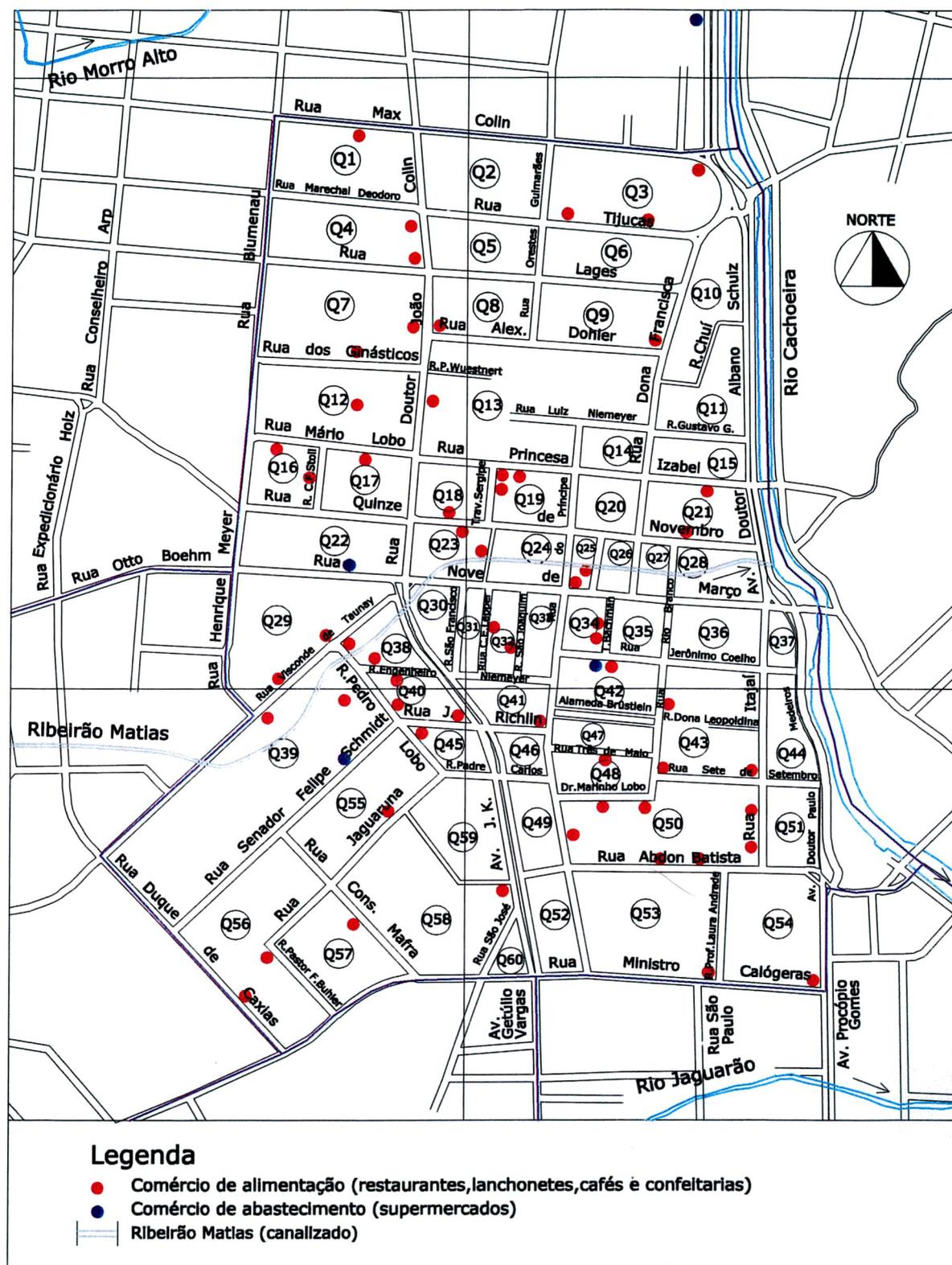


FIGURA 20 – Localização do comércio de abastecimento e de alimentação no Bairro Centro e em suas adjacências – maio/2001

ESCALA 1:10.000

ORG.: A autora

Há ainda um pequeno comércio das chamadas atividades menores ou de calçada, com a presença de algumas bancas de revista, lanchonetes em trailers, e cabines para fotos para documentos. Existe ainda na Área Central da cidade um espaço destinado ao “camelódromo”, situado na Rua Princesa Izabel, o qual conta com diversos estandes para venda de artigos variados. Não se pode esquecer também da “feirinha” de artesanato que funciona no calçadão da Rua do Príncipe, entre as Ruas Nove de Março e Jerônimo Coelho, com estandes para venda de diversos artigos, alguns deles artesanais, funcionando de segunda a sexta-feira das oito às dezoito horas, e aos sábados pela manhã.

Um interessante aspecto de Joinville, com relação à função comercial, se refere à localização bem central de dois entre os três Shopping Centers existentes na cidade. Tal locação foi facilitada pelo fato de que as indústrias, que anteriormente ocupavam espaços bem centrais, se deslocaram para áreas periféricas. Desta forma, o Shopping Mueller foi construído em terreno no qual se localizava o prédio da Fundação Tupy. Já o Shopping Cidade das Flores foi instalado no prédio anteriormente ocupado pela Malharia Arp, o qual foi adaptado para abrigar a nova função.

Função de prestação de serviços

No que se refere à prestação de serviços, pode-se dizer que se trata de uma função com acentuada presença na Área Central (ver FIGURA 21). Entretanto, pode-se observar que, embora algumas atividades referentes à prestação de serviços sejam exercidas essencialmente na Área Central, outras dividem com os subcentros de atividades dos bairros sua localização preferencial. E há ainda aquelas que são exercidas principalmente nos bairros.

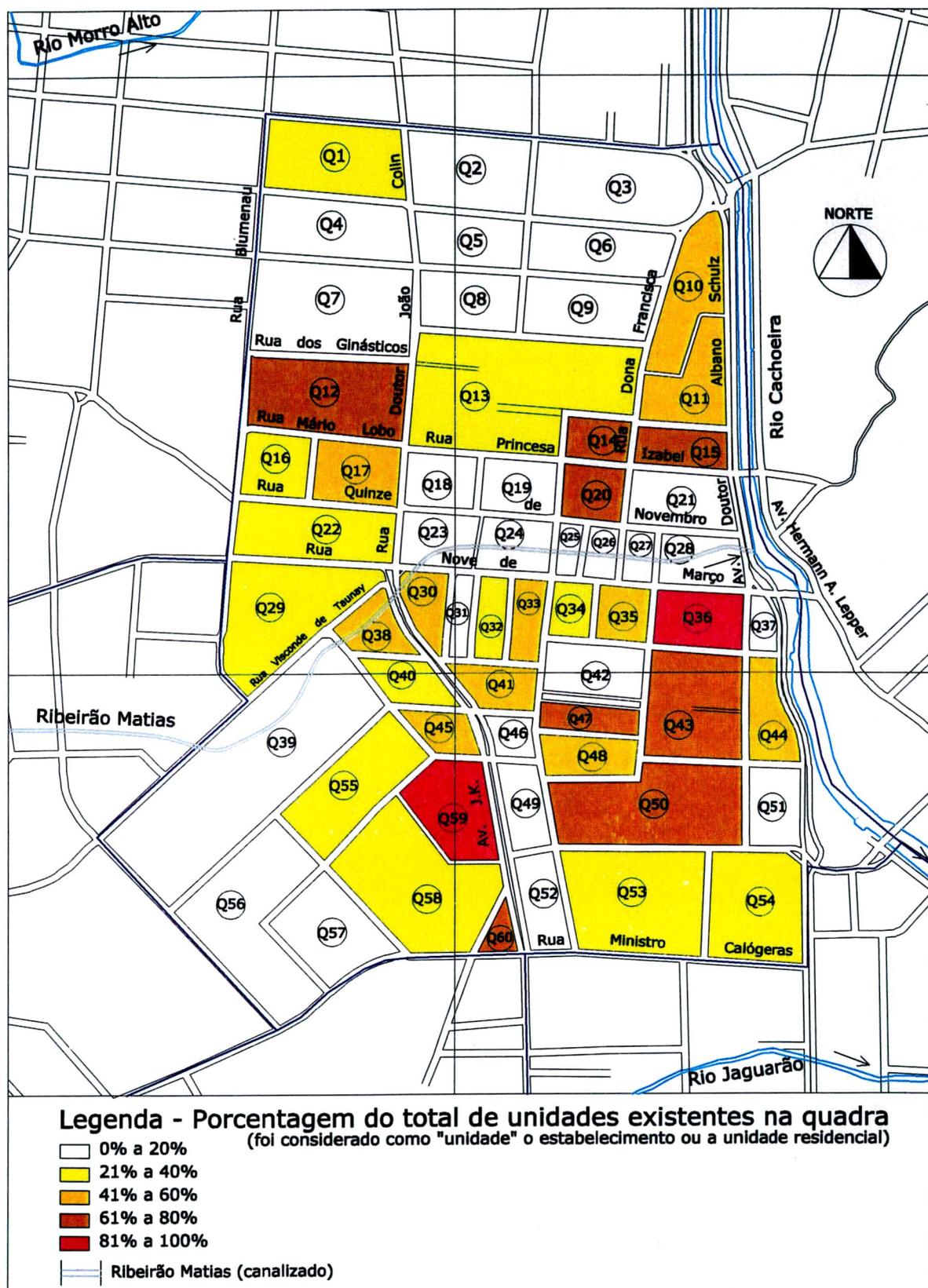


FIGURA 21 – Concentração de estabelecimentos de prestação de serviços no Bairro Centro – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

Das atividades exercidas em escritórios, percebe-se que são os advogados os profissionais que mais freqüentemente escolhem a Área Central para a instalação de seus estabelecimentos¹⁷. A maior quantidade de escritórios de advocacia se localiza nas quadras 14, 15 e 20, provavelmente em função da proximidade com o antigo prédio do Fórum, além de outros órgãos tais quais a Procuradoria Geral do Estado e a Justiça do Trabalho – 1ª e 2ª varas (ambas na quadra 14), a Procuradoria da União (quadra 15), a Procuradoria da Fazenda Nacional e a Justiça do Trabalho – 3ª e 4ª varas (ambas na quadra 10), e ainda em função da proximidade com os cartórios. Em 1998 o Fórum foi deslocado para um novo prédio mais amplo e localizado fora da Área Central propriamente dita, mas os escritórios mantiveram sua localização. Há ainda uma quantidade marcante de escritórios de advocacia na quadra 59.

As demais atividades de prestação de serviços exercidas em escritórios encontram-se disseminadas em toda a malha urbana da Área Central, não ocupando locais bem definidos. Nota-se apenas a existência de zonas de maior ou menor adensamento desta função, conforme pode ser confirmado na FIGURA 22. Este adensamento ocorre, muitas vezes em função da presença de prédios comerciais que permitem maior concentração de salas comerciais ocupadas por empresas de prestação de serviços.

¹⁷ Para descrição das atividades de prestação de serviços exercidas em escritórios, ver discriminação no item “Serviço-Escritórios” constante da Tabela funcional geral (Anexo 2)

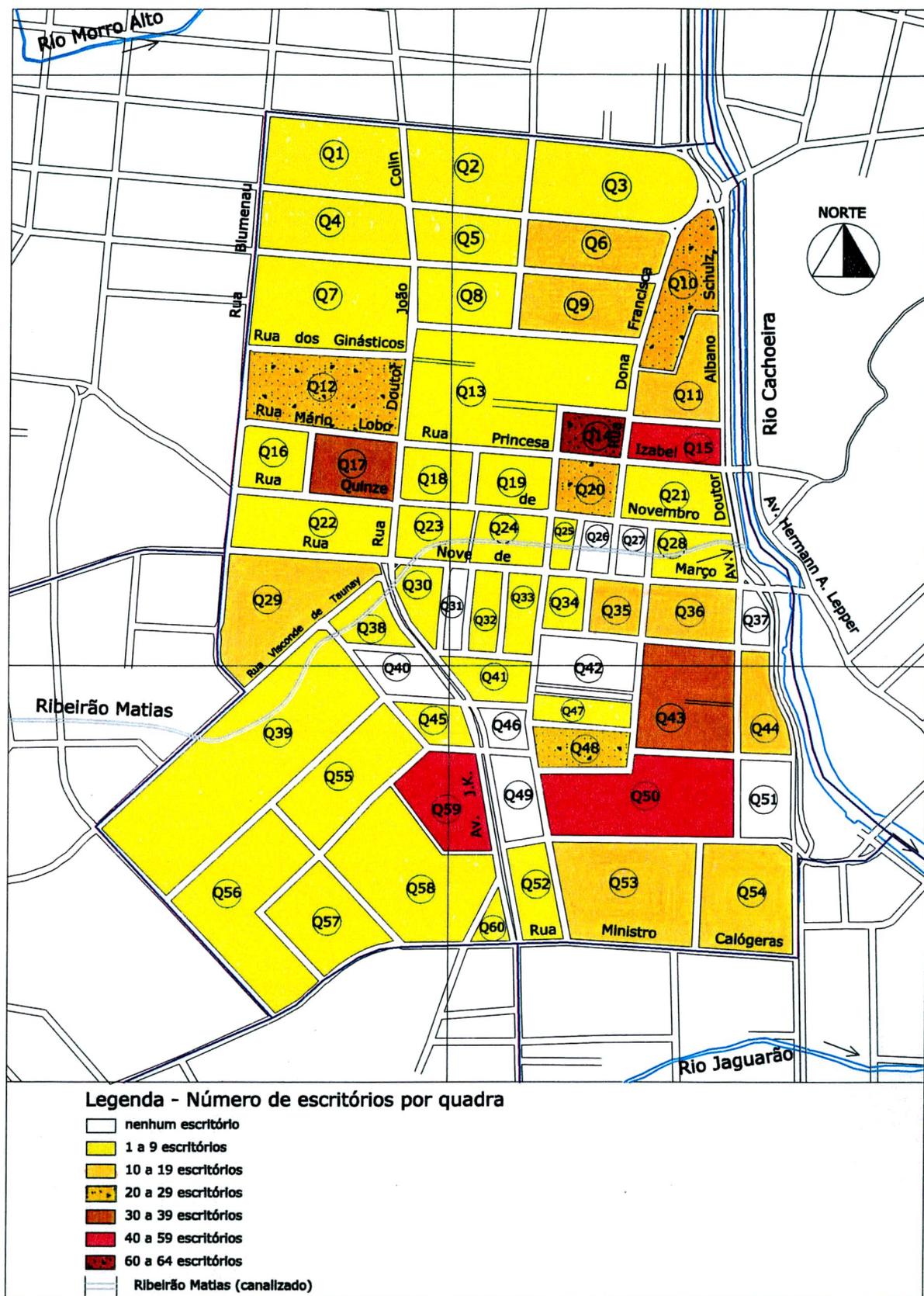


FIGURA 22 – Distribuição espacial dos escritórios de prestação de serviços nas quadras do Bairro Centro – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

Diversos tipos de atividades ligadas à prestação de serviços, conforme já explicitado anteriormente, dividem com os subcentros de atividades dos bairros a preferência para sua localização. Tal é o caso, por exemplo, das firmas de contabilidade e de consultoria, além de escritórios de arquitetura, engenharia e de construtoras e imobiliárias, em função da necessidade de proximidade em relação à clientela a ser atendida.

Cartórios e tabeliães localizam-se preferencialmente na Área Central de forma a facilitar o acesso da população em geral e dos profissionais interessados. Entre os antigos cartórios de Joinville, dois deles foram subdivididos. O de Rodrigo de Oliveira Lobo foi subdividido no 1º Tabelionato que ficou com seu filho, Rodrigo Otávio Lobo e em um Cartório de Registro de Imóveis (1ª Circunscrição) que ficou com sua nora Beatriz Loyola. O de Arnaldo da Luz foi também subdividido no 3º Tabelionato que ficou com sua nora Neusa Bley Luz e em um Cartório de Registro de Imóveis (2ª Circunscrição) que ficou com seu filho Hercílio Luz, mas que hoje tem Hercílio Conceição como responsável. O cartório de Darcy Shroeder Cubas, 2º Tabelionato, tem hoje como responsável a Sra. Ruth Silva que o assumiu em função do tempo de serviço prestado como substituta. Existe ainda um Cartório de Registro de Imóveis (3ª Circunscrição), o Cartório Braga, que foi criado posteriormente. Além destes há o Cartório de Registro Civil de Títulos e Documentos de Adilson Pereira dos Anjos e dois cartórios distritais, o Cartório Distrital Boa Vista e o Cartório Distrital de Pirabeiraba, de Margit Gilgen Behling.

Com relação à prestação de serviços na área médica, percebe-se que a localização de consultórios médicos e de laboratórios na Área Central é a preferencial. Observa-se que o maior número de consultórios médicos está localizado nas quadras 12, 17 e 50, provavelmente em função da proximidade com o Hospital e Maternidade D^a Helena, e na quadra 50, devido à proximidade com dois hospitais: o Hospital São Marcos e o Hospital de Olhos Sadalla Amin Ghanem.

Quanto aos dentistas, não se observa a mesma tendência de localização preferencial na Área Central. Embora uma grande parte dos consultórios odontológicos estejam espalhados em toda a Área Central, observando-se, neste caso, uma maior concentração nas quadras 14, 50 e 59, vários são os profissionais que têm preferido a localização em bairros, visando atender as populações daquelas zonas com maior facilidade (ver FIGURA 23).

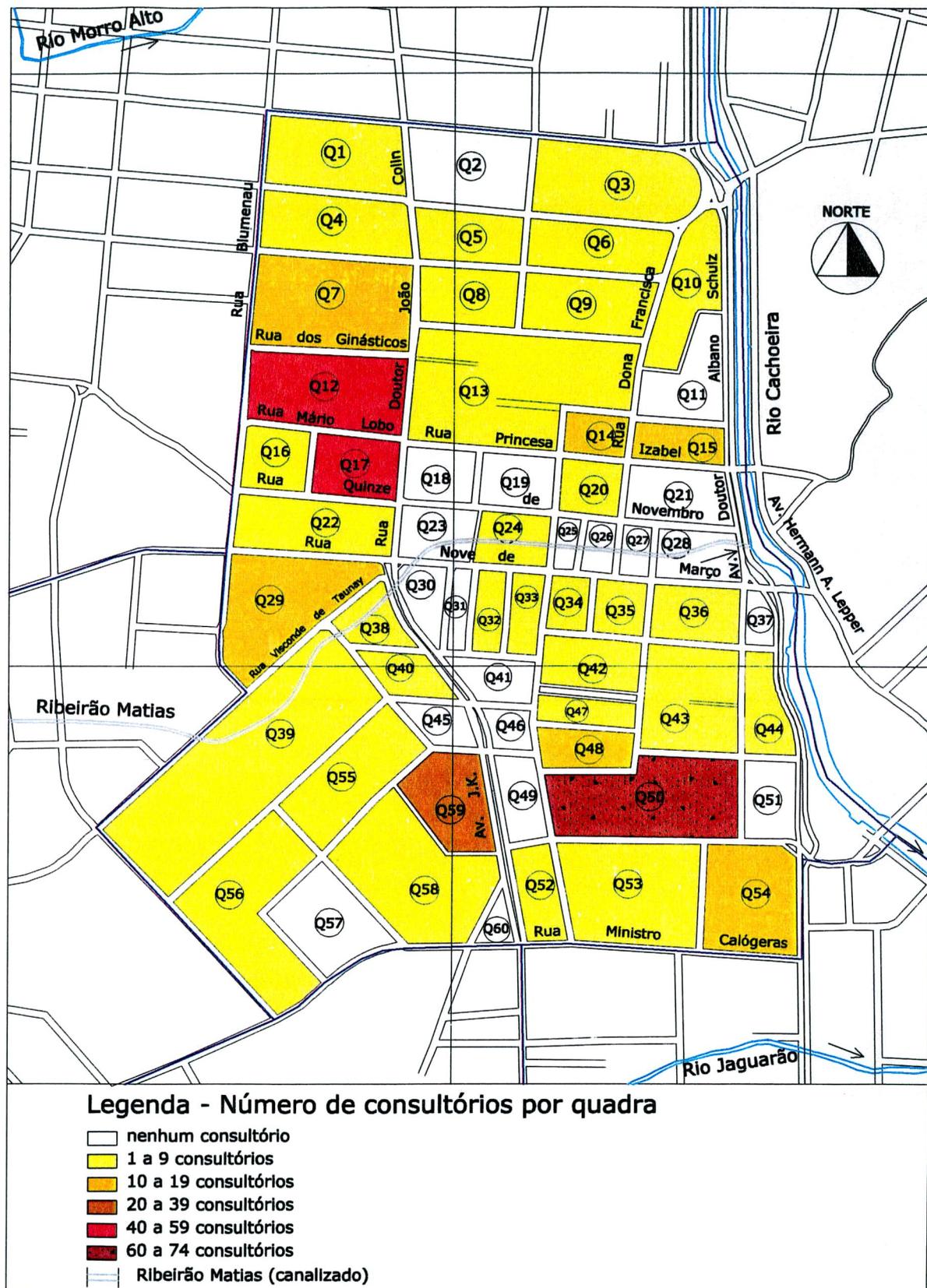


FIGURA 23 – Distribuição espacial dos consultórios nas quadras do Bairro Centro – maio/2001

ESCALA 1:10.000

ORG.: A autora

De maneira geral, o que tem ocorrido com relação aos diversos escritórios e consultórios é um processo gradativo de descentralização de forma a facilitar o atendimento ao cliente. Entretanto, a Área Central continua a desempenhar um papel de importante centro de atividades, com grande número de escritórios e de consultórios das mais diversas áreas de atuação. Sobretudo no que se refere a advogados e a médicos, a preferência pela Área Central é ainda notável.

Para análise da área da prestação de serviços referente às finanças foram levantados os estabelecimentos bancários e os de empréstimo pessoal. No que se refere aos estabelecimentos bancários, percebe-se que a maior parte deles se localiza na Área Central, principalmente no caso dos edifícios-sede. Entretanto, alguns dos bancos, tais quais o BESC, o Bradesco, o Banco do Brasil, o HSBC Bamerindus, o Itaú, o Unibanco e a Caixa Econômica Federal possuem agências em bairros, de forma a aumentar a captação de recursos e de clientela.

A distribuição espacial dos bancos presentes na Área Central não se faz pela ocupação de locais bem definidos. O que se observa é que os estabelecimentos bancários encontram-se dispersos nesta zona da cidade, embora se localizem, preferencialmente, ao longo das ruas do Príncipe, Nove de Março, Quinze de Novembro, Princesa Isabel, Mário Lobo e Jerônimo Coelho.

É importante ressaltar que a zona ocupada por bancos na década de 1950, ou seja, a Rua do Príncipe nas proximidades da Praça Nereu Ramos, continua sendo ocupada por estabelecimentos bancários, embora tenha havido, ao longo dos anos, uma expansão desta função financeira com a ocupação de uma maior área da malha urbana em razão do crescimento da cidade e dos negócios aqui realizados.

Com relação às empresas de empréstimo pessoal, observa-se que se localizam quase que totalmente na Área Central, de forma a facilitar o atendimento da clientela interessada, e provavelmente também em função da proximidade em relação à maior parte dos estabelecimentos bancários. Tais empresas, que se apresentam em pequena quantidade, localizam-se de forma dispersa em toda a Área Central, não se observando qualquer tipo de concentração em zona específica.

Pelo exposto acima com relação à concentração preferencial de estabelecimentos bancários e de crédito pessoal na Área Central, percebe-se que a referida área de fato monopoliza a função financeira em relação ao corpo total da cidade (ver FIGURA 24).

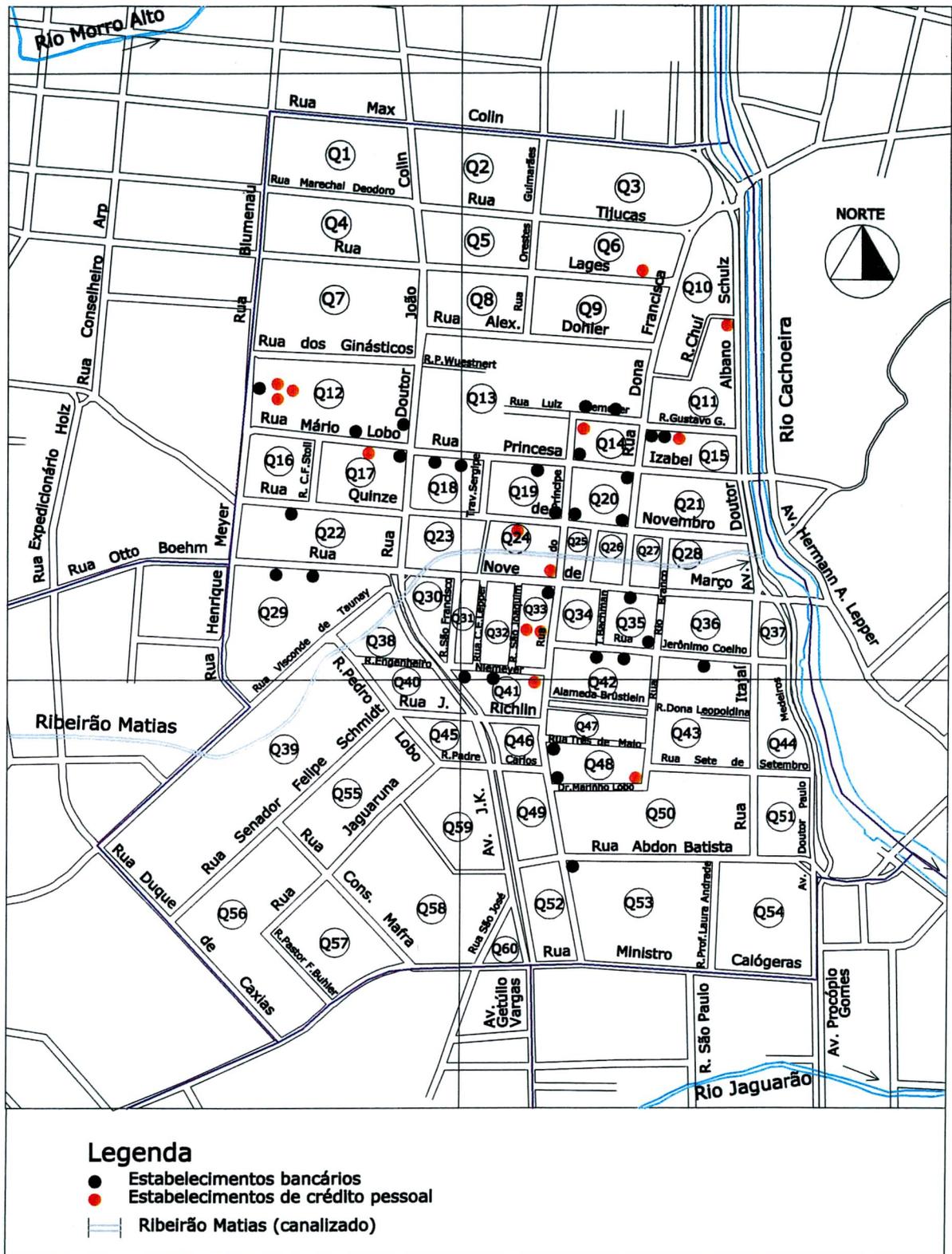


FIGURA 24 – Localização dos estabelecimentos bancários e de crédito pessoal no Bairro Centro – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

Com relação aos serviços de hospedagem, percebe-se que grande parte dos hotéis localizam-se na Área Central, dispersos na malha urbana, não se observando um setor específico de concentração deste tipo de serviço. Tratam-se de estabelecimentos dos mais diversos tipos, desde pousadas e hotéis bem simples até aqueles mais sofisticados, viabilizando o atendimento da população flutuante que para cá se encaminha advinda do próprio país ou do exterior. A existência deste tipo de estabelecimento na Área Central se garante em função das facilidades oferecidas à clientela com relação ao acesso aos serviços em geral, aos bancos, ao comércio, aos shoppings, etc (ver FIGURA 25).

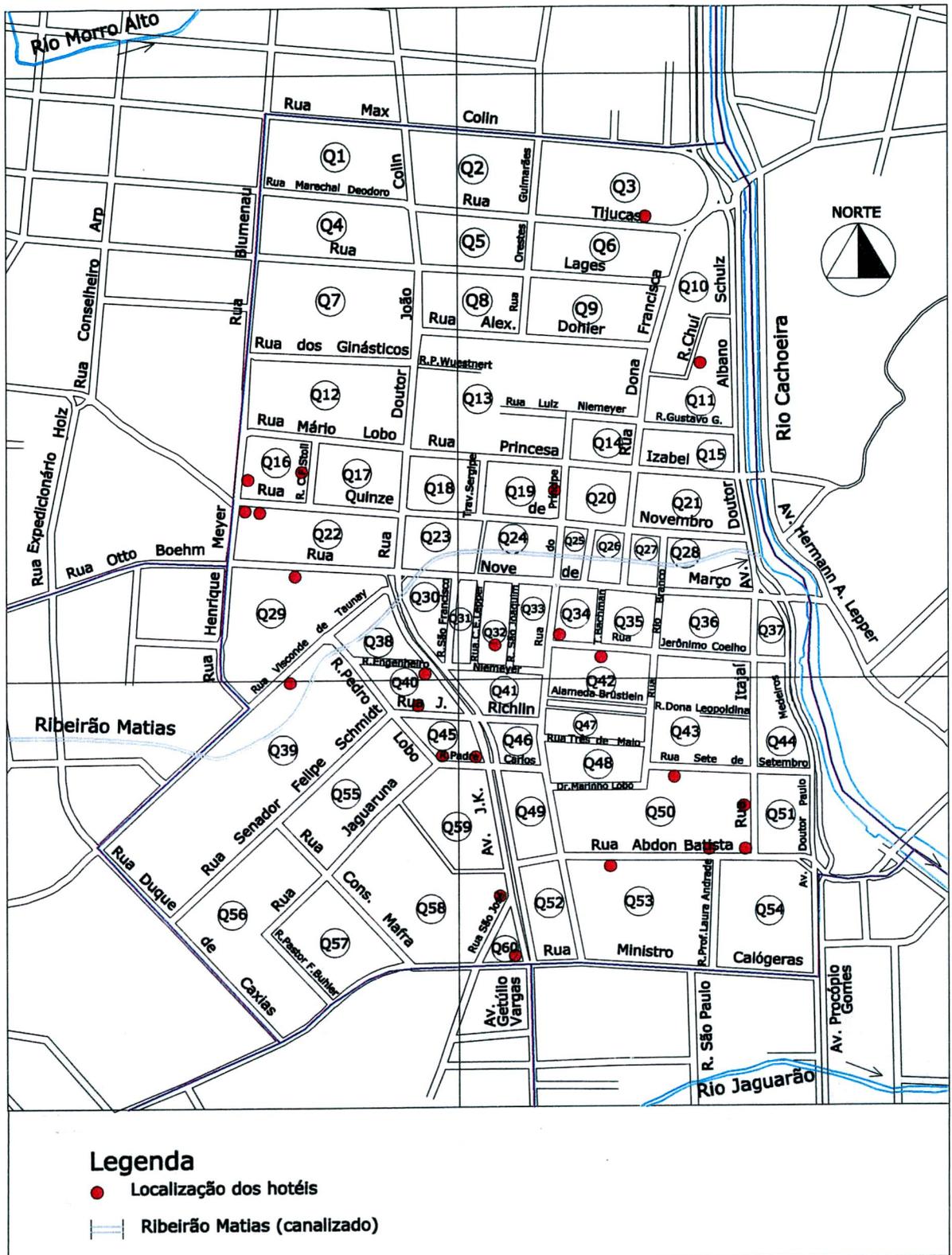


FIGURA 25 – Localização dos estabelecimentos de hospedagem no Bairro Centro – maio/2001

ESCALA 1:10.000

ORG.: A autora

Conforme já visto no Capítulo 2, esta tendência de centralidade dos hotéis e pensões já era observável na década de 1950, também em função das facilidades proporcionadas à clientela a partir deste tipo de localização.

Embora alguns dos antigos hotéis tenham desaparecido, observa-se que outros se conservaram, como é o caso, por exemplo, do Hotel Mattes, localizado à Rua Quinze de Novembro.

Também o Hotel Príncipe, localizado na esquina de Rua do Príncipe e Rua Jerônimo Coelho, já existia em 1950. Posteriormente foi edificado um novo prédio, na Rua Jerônimo Coelho, ao lado do antigo, e que hoje abriga o referido hotel. Embora o antigo prédio não tenha sido demolido, encontra-se atualmente em precário estado de conservação, estando o andar térreo ocupado por algumas lojas, e os andares superiores por depósitos e lavanderia do próprio Hotel Príncipe.

Quanto ao Hotel Joinville, o prédio original foi demolido, tendo dado lugar a um ^{abdução} prédio novo, e tendo recebido o nome de “Novo Hotel Joinville”. O Hotel Trocadero, que também já existia na década de 1950, continua funcionando no prédio original.

Além dos hotéis e apart-hotéis atualmente presentes na Área Central da cidade, há ainda um hotel, o Anthurium, que surgiu como resultado de adaptação em uma edificação antiga – o Palácio do Bispo.

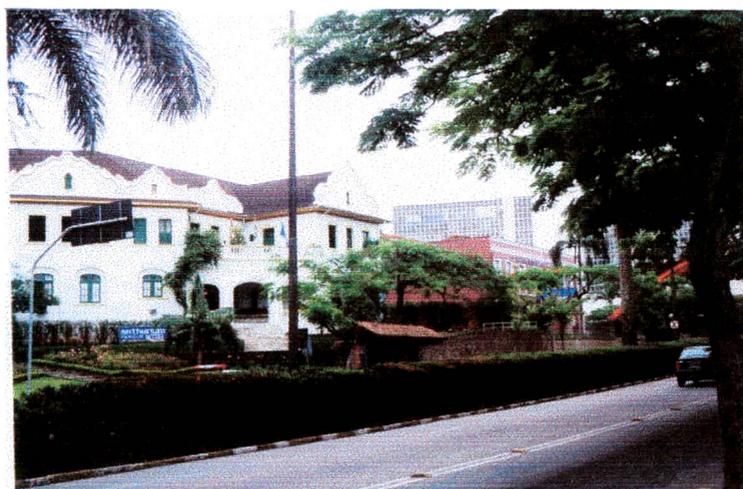


Foto 24 – Hotel Anthurium visto a partir da Av. Juscelino Kubitschek. Ao lado, pode ser visto o Colégio dos Santos Anjos (Dezembro/2001)

FONTE: Foto da autora

No que se refere aos serviços voltados ao atendimento de veículos, observa-se a existência de apenas cinco postos de gasolina na Área Central, dois deles situados ao longo do eixo norte-sul (um na Rua Dr. João Colin e outro na Av. Juscelino Kubitschek), um situado na Av. Dr. Albano Schulz (um dos braços da Av. Beira-Rio), um situado na Av. Dr. Paulo Medeiros (outro braço da Av. Beira-Rio) e outro na Rua Pedro Lobo, todos eles localizados em vias de intensa circulação de veículos.

Quanto aos estacionamentos, pode-se dizer que é grande a presença, na Área Central da cidade, tanto de estacionamentos rotativos quanto privativos, dispersos na malha urbana em questão. A maior incidência de estacionamentos rotativos ocorre, evidentemente, próximo a locais onde há intensa concentração de atividades sejam elas comerciais ou de prestação de serviços. É o que ocorre, por exemplo, nas quadras 50 e 53. Nestas quadras há uma grande concentração de atividades voltadas à prestação de serviços, especialmente consultórios médicos (ver FIGURA 26). Este grande número de estacionamentos na Área Central viabilizou-se pela presença de terrenos vazios, provavelmente aguardando valorização imobiliária. O que se espera é que, ao longo dos anos, tais terrenos venham a ser ocupados por prédios, intensificando o processo de verticalização daquela área da cidade.

As oficinas não aparecem de forma acentuada na Área Central. Apenas uma pequena quantidade de oficinas dos mais diversos tipos são encontradas dispersas na malha urbana desta zona da cidade, desde oficinas mecânicas até marcenaria, serralheria, vidraçaria e ainda oficinas para consertos de aparelhos elétricos e eletrônicos, etc, perfazendo um total de 38 unidades em todo o Bairro Centro. Com relação às oficinas mecânicas, a maior parte delas se localiza nos bairros ou ao longo do eixo norte-sul.

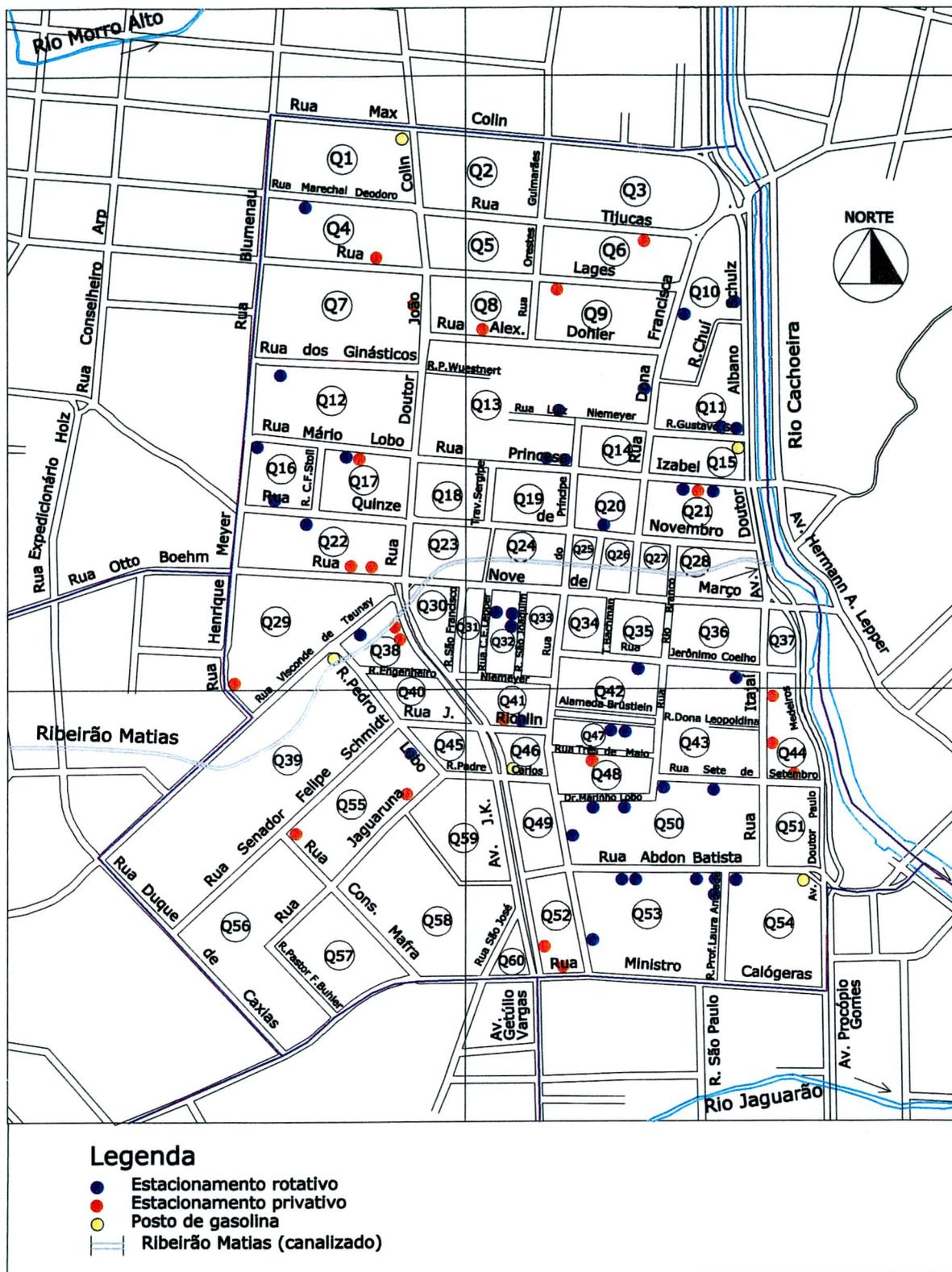


FIGURA 26 – Localização de postos de gasolina e de estacionamentos no Bairro Centro – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

Função institucional

No que diz respeito a repartições públicas municipais, estaduais e federais, várias delas se localizam na Área Central, tanto aquelas do Poder Executivo, quanto as dos Poderes Legislativo e Judiciário, de forma a facilitar o acesso ao maior número de pessoas vindas dos diversos bairros e também de outras localidades do município e da região. Sua distribuição espacial, entretanto, é dispersa, ao contrário do que usualmente ocorre que é a formação de conjuntos (ver FIGURA 27).

No caso do setor administrativo, a tendência à centralidade é evidente. O prédio sede da Prefeitura Municipal de Joinville, inaugurado em 1996, não está localizado exatamente no Bairro Centro, e sim na Av. Hermann August Lepper, na margem do Rio Cachoeira, linha de divisa entre o Bairro Centro e o Bairro Saguauçu. Entretanto, trata-se de posição apenas levemente deslocada da Área Central, se se considerar o Rio Cachoeira como sendo, ainda hoje, um limite natural da área em questão. De qualquer forma, a localização da sede da Prefeitura é privilegiada permitindo o fácil acesso por parte da população em geral em função da proximidade em relação à Área Central e ao Terminal Rodoviário Urbano Central.

No prédio sede da Prefeitura estão em atividade o Gabinete do Prefeito, o Gabinete do Vice-Prefeito, a Procuradoria Geral do Município, a Secretaria de Assuntos Governamentais, a Secretaria de Administração e Recursos Humanos, a Secretaria da Fazenda, a Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional e a Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville (IPPUJ).

Entretanto, vários dos órgãos da Prefeitura, tanto da administração direta quanto da indireta, localizam-se fora do prédio sede.

Algumas das secretarias da Prefeitura Municipal que não funcionam no prédio sede localizam-se na Área Central, mas não concentradas em zona específica. São elas: a Secretaria do Bem Estar Social (situado na quadra 38), a Secretaria da Educação e Cultura e a Fundação Municipal de Esportes de Joinville (dividem um mesmo prédio situado na quadra 37) e a Secretaria Municipal de Saúde e Fundação Municipal de Vigilância (dividem um mesmo prédio situado na quadra 50).

Localiza-se também na Área Central, em frente à Praça Nereu Ramos, o Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Joinville – IPREVILLE (quadra 33).

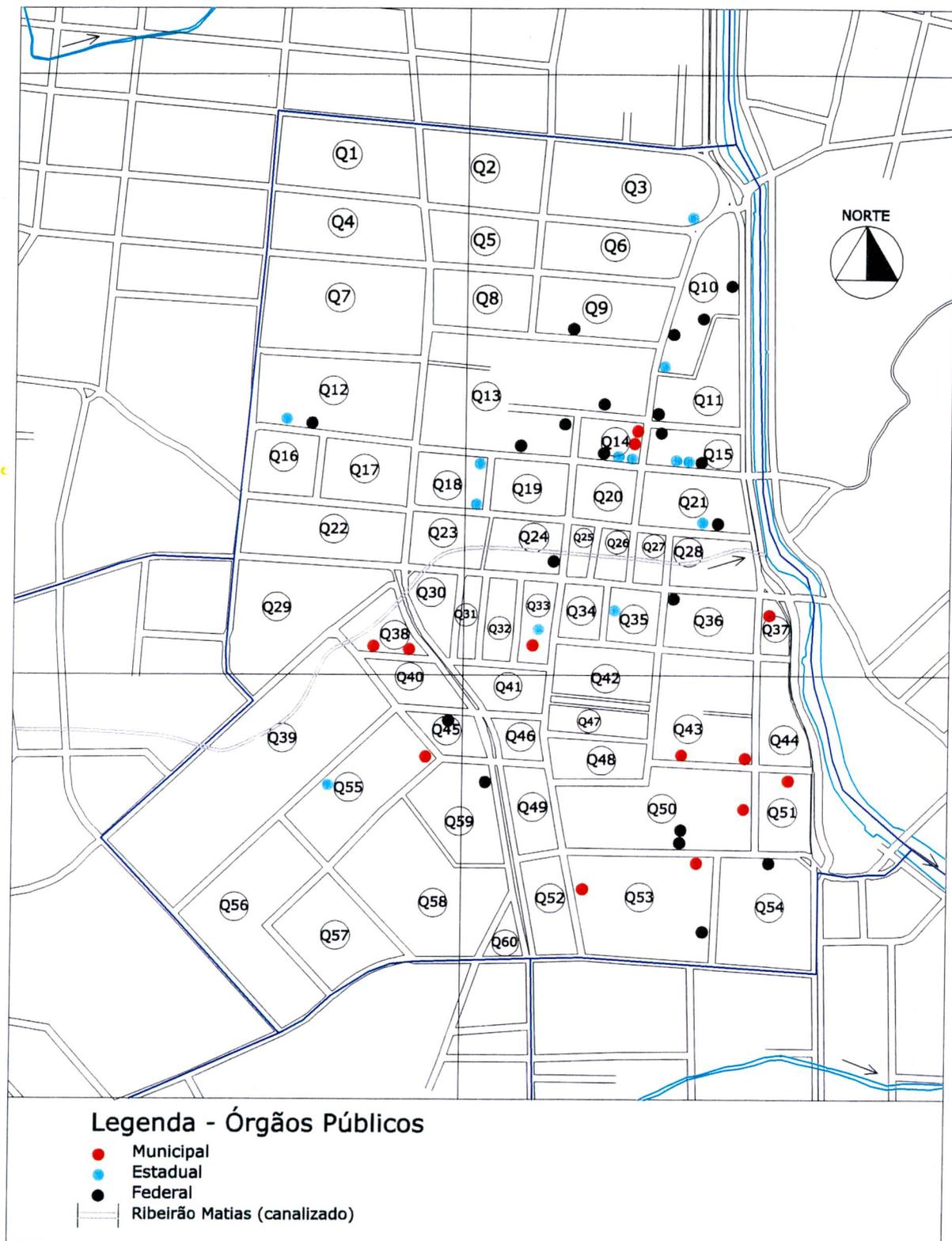


FIGURA 27 – Localização de órgãos públicos no Bairro Centro e em suas proximidades – maio/2001

ESCALA 1:10.000

ORG.: A autora

Além das Secretarias e da Fundação já citadas há ainda outras que, embora não localizadas na Área Central propriamente dita, estão apenas levemente deslocadas dela, o que facilita o atendimento da população interessada e permite uma melhor inter-relação entre os diferentes órgãos.

A Secretaria de Infra Estrutura Urbana, por exemplo, localiza-se na Rua Saguacú, bairro Saguacú. A Secretaria da Habitação localiza-se na Rua Hermann August Lepper, via de divisa entre os bairros Centro e Saguacú, lateralmente ao Arquivo Histórico de Joinville e à Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, ambos também ligados à Prefeitura. Já a Fundação Cultural de Joinville funciona no prédio do Centreventos, localizado na Av. Beira Rio, Bairro América, em zona que tem demonstrado tendência a agregação à Área Central.

Quanto à Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente e à Fundação do Meio Ambiente (FUNDEMA), localizam-se em prédio situado na Rua Otto Boehm, em quadra que faz esquina com a Rua Blumenau, linha de divisa entre o Bairro Centro e o América.

Há ainda a Fundação Municipal Albano Schmidt (FUNDAMAS) e a Fundação Municipal 25 de Julho que, em função do tipo de atividades por elas desenvolvidas, localizam-se fora da Área Central. A FUNDAMAS oferece cursos profissionalizantes à comunidade carente, mantendo cinco núcleos de atendimento em bairros. Na época em que foi feito o levantamento funcional a sede administrativa ainda se localizava na Área Central da cidade, na Rua do Príncipe (quadra 53). Posteriormente, também ela foi deslocada para um bairro fora da área em estudo. Também a Fundação Municipal 25 de Julho, que presta assistência técnica aos produtores rurais, se situa excentricamente à Área Central.

Existem ainda duas Sociedades Anônimas das quais o Município detém o controle acionário: a Companhia de Desenvolvimento Urbano de Joinville S.A. (CONURB) e a Companhia Municipal de Promoção Turística de Joinville e Região S.A. (PROMOTUR). A CONURB, embora com sede no Bairro América, mantém uma central de atendimento referente ao estacionamento rotativo urbano na Área Central da cidade (quadra 43). Já a PROMOTUR funciona no prédio da Expoville, no Bairro Glória, em área totalmente deslocada da Área Central.

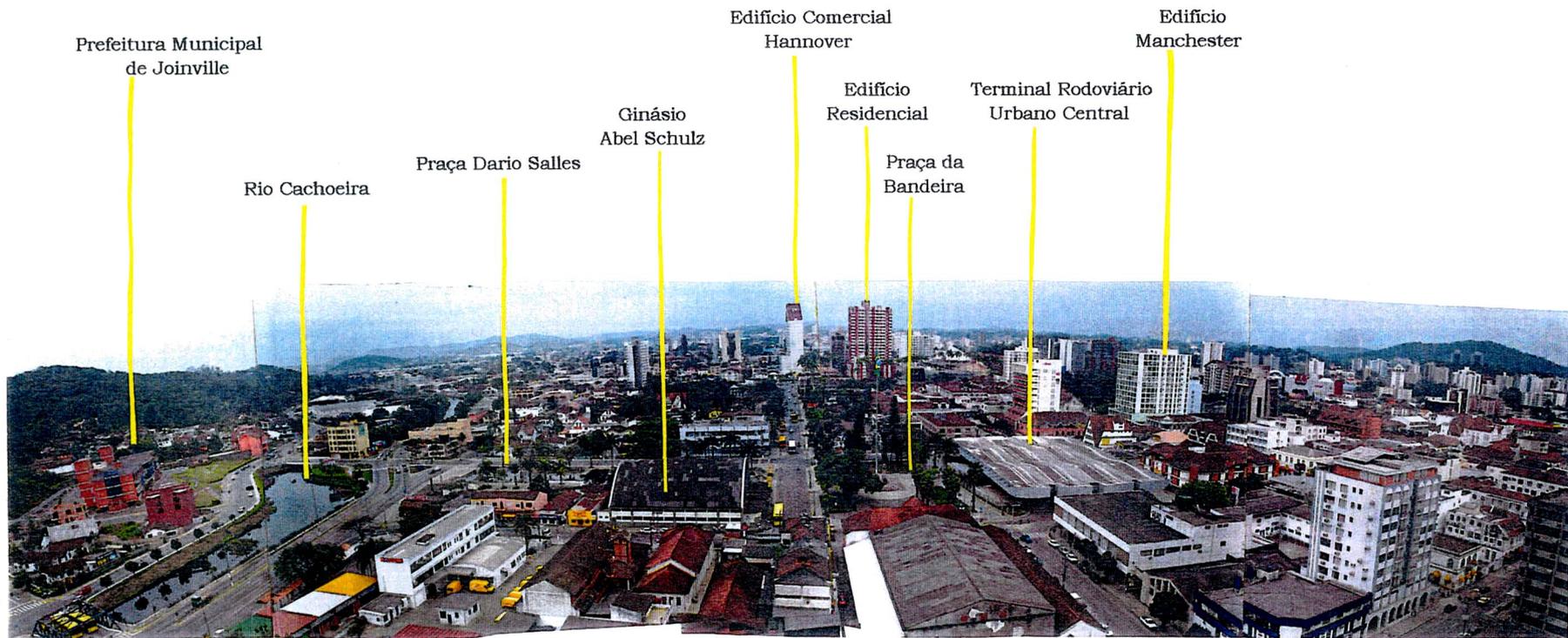


Foto 25 – Vista parcial de Joinville. À esquerda do Rio Cachoeira encontra-se o prédio da Prefeitura Municipal de Joinville. Na parte central da foto está a Praça da Bandeira. À sua esquerda, pode ser visto o Ginásio Abel Schulz e, à sua direita, o Terminal Rodoviário Urbano Central (Setembro/2000)
FONTE: Foto da autora

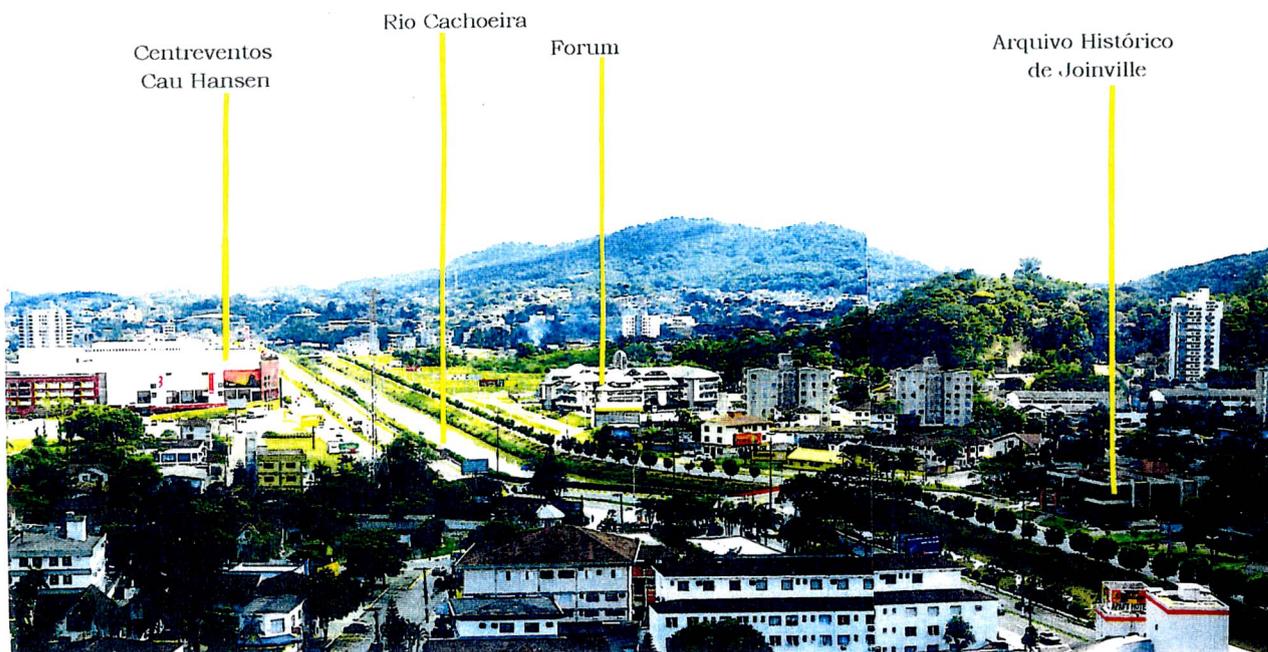


Foto 26 – Às margens do Rio Cachoeira encontram-se, do lado esquerdo, o Centreventos Cau Hansen e, do lado direito, o Fórum, o prédio da Justiça Federal, a Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, o Arquivo Histórico de Joinville e a Secretaria da Habitação (Dezembro/2001)

FONTE: Foto da autora

É importante lembrar que a Prefeitura mantém diversas “Secretarias Regionais” nos bairros da cidade a fim de facilitar o atendimento direto à população e a execução dos trabalhos mais imediatos. Existem onze “Secretarias Regionais” para atendimento a todos os bairros da cidade, além de uma Coordenadoria da Região Central, responsável pelos bairros Centro, Atiradores e Anita Garibaldi, sendo que esta última funciona no prédio da Secretaria de Infra Estrutura Urbana, no Bairro Saguacú.

Também com relação às repartições públicas estaduais, tais como as sedes regionais da Secretaria de Estado da Administração (situada na quadra 3), Secretaria do Estado do Desenvolvimento Social e Família (situada na quadra 12), a Secretaria da Fazenda (quadra 10) e Secretaria do Estado da Saúde (situada na quadra 21), mantêm, todas elas, posição de centralidade, embora situadas de maneira dispersa na malha urbana.

Os órgãos do Poder Judiciário conservam também relativa centralidade. Tanto o Fórum, cujo prédio-sede foi inaugurado em 1998, quanto o prédio que abriga a Justiça Federal – 1ª Instância (1ª, 2ª e 3ª varas) e a Justiça Eleitoral – 19ª Zona Cartório, inaugurado em 1987, estão localizados lado a lado na Av. Hermann August Lepper, na margem oposta do Rio Cachoeira, em posição apenas levemente deslocada da Área Central. Já a Justiça Federal – 1ª Instância (4ª vara) encontra-se praticamente em

posição central, já que ocupa parcialmente um prédio situado na Rua Ministro Calógeras, esquina com Rua São Paulo, na linha divisória entre o Bairro Centro e o Bairro Bucarein.

Quanto à Justiça do Trabalho, 1ª e 2ª varas, esta localiza-se em posição bem central (quadra 14), assim como a Justiça do Trabalho, 3ª e 4ª varas (quadra 10).

Ainda ao lado do prédio da Justiça Federal será construída a sede própria da Câmara de Vereadores, cuja pedra fundamental já foi lançada em meados do ano 2000.¹⁸

Há ainda uma série de outros prédios abrigando órgãos públicos municipais, estaduais e federais localizados de maneira dispersa na Área Central da cidade, não havendo qualquer tipo de concentração, conforme pode ser observado na FIGURA 27. Pode-se constatar que, embora os diversos órgãos públicos localizem-se preferencialmente na Área Central, não há tendência ao surgimento de zonas de concentração deste tipo de atividade.

Também é significativo o número de sindicatos e associações profissionais presentes na Área Central da cidade, embora não se localizem em pontos específicos, e sim disseminados em toda a extensão da área em questão.

Com relação à distribuição espacial das diversas escolas, sejam elas escolas de 1º ou de 2º grau, particulares ou públicas, escolas técnicas ou profissionalizantes e escolas maternas, observa-se que se localizam preferencialmente nos diversos bairros, em função da proximidade com a população a ser atendida, facilitando-se, assim, o acesso dos usuários.

A despeito disto, são encontradas algumas escolas na Área Central, desde as de 1º e 2º graus até aquelas que oferecem cursos supletivos, profissionalizantes, pré-vestibulares, além de escolas de línguas e de informática. Estas diversas escolas não se localizam concentradamente em áreas específicas, estando dispersas na malha urbana. Observa-se que, com relação a este tipo de atividade, a Área Central ainda exerce certa força de atração em função da proximidade com o centro de trabalho e da facilidade de acesso por transportes coletivos. E isto continua ocorrendo apesar de já se notar concorrência dos bairros no que se refere à presença dos vários tipos de escolas e cursos.

¹⁸ Atualmente a Câmara de Vereadores está instalada em três andares do prédio do Banco do Brasil, situado na Rua Luiz Niemeyer, quadra 13.

Duas escolas tradicionais da cidade estão presentes ainda na Área Central, nos mesmos locais onde funcionam desde sua criação: o Colégio dos Santos Anjos, localizado na Av. Juscelino Kubitscheck (ver Foto 24), e o Colégio Bom Jesus, localizado na Rua Princesa Izabel. No caso do Colégio Bom Jesus, boa parte dos cursos já foram transferidos para um novo prédio deslocado da Área Central, localizado no Bairro Saguacu. No prédio antigo funcionam ainda os períodos entre a 4ª série do 1º grau e o 3º ano do 2º grau, além das faculdades de publicidade e propaganda, jornalismo, turismo, enfermagem e educação física.

Há ainda outras faculdades com localização central. Na Rua Visconde de Taunay, quadra 29, localiza-se a Faculdade de Processamento de Dados e Faculdade de Desenho Industrial (UTESC). Também a Associação Catarinense de Ensino (ACE), que oferece diversos cursos superiores, encontra-se em posição que pode ser considerada central, situada na Rua Ministro Calógeras, via que faz a divisa entre os bairros Centro e Anita Garibaldi. A posição central destas faculdades se justifica por facilitar o acesso da população, já que visam atender a toda a cidade e não apenas a algum bairro específico. Com esta centralidade atende-se ainda, com maior facilidade, a população que trabalha na Área Central (ver FIGURA 28).

Entretanto a presença de faculdades não ocorre de forma predominante na Área Central. O Campus Universitário da Univille, por exemplo, localiza-se em zona completamente deslocada da área em estudo. Tal localização foi definida em função da necessidade de implantação da universidade em terreno suficientemente grande, viabilizando, assim, a concentração dos cursos universitários em um mesmo local. Lateralmente a este campus localiza-se o campus da UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, no Bairro Bom Retiro. Também fora da Área Central estão a faculdade da Escola Técnica Tupy (Bairro Boa Vista), a do Colégio Elias Moreira (Bairro Anita Garibaldi) e a do Colégio Nova Era (Bairro Glória).

A Biblioteca Pública Municipal Rolf Colin foi criada pela Prefeitura Municipal de Joinville através do Decreto-Lei de 26 de outubro de 1945 e está situada na Praça Lauro Müller (quadra 31). A Biblioteca Pública funcionou inicialmente em prédio já demolido localizado na Rua do Príncipe, esquina com Rua Três de Maio (quadra 48). Em meados da década de 1960 a antiga Praça Lauro Müller foi demolida, tendo sido ali construído o atual prédio da Biblioteca. Sua localização bem central facilita o acesso dos usuários, tanto de estudantes de diversos graus de ensino e de várias escolas, quanto de pessoas que trabalham ou circulam pela Área Central e que para lá se dirigem a fim de elaborar pesquisas escolares ou ter acesso à leitura de volumes literários ou de periódicos.

Dentre os museus existentes na cidade, dois deles encontram-se na Área Central: o Museu Nacional de Imigração e Colonização (situado na quadra 43), e o Museu Arqueológico do Sambaqui (situado na quadra 10). Ambos os museus contam com exposições permanentes e também com exposições temporárias, recebendo grande número de visitantes. Em especial no que se refere ao Museu Nacional de Imigração e Colonização, pode-se dizer que é muito procurado por turistas de várias regiões do país e também do exterior, sobretudo nos períodos de férias escolares (de dezembro a março e no mês de julho). Também é muito grande, durante todo o ano, a freqüência de grupos de estudantes de várias escolas da cidade.

Quanto aos outros museus, tanto o Museu de Arte de Joinville quanto o Museu Fritz Alt se localizam fora da Área Central, ocupando edificações antigas. O primeiro está instalado na antiga residência de Ottokar Doerfell¹⁹ e o segundo na antiga residência do artista plástico Fritz Alt.

De grande importância dentro do contexto cultural da cidade são a Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior e o Arquivo Histórico de Joinville. Ambos se localizam, assim como o prédio sede da Prefeitura Municipal de Joinville, na Av. Hermann August Lepper, na margem do Rio Cachoeira, linha de divisa entre o Bairro Centro e o Bairro Saguçu, em área apenas levemente deslocada da Área Central. A Casa da Cultura, cuja edificação onde se instala teve sua construção concluída no início da década de 1970, oferece diversos cursos nas áreas de dança e de artes plásticas. Ali funcionam a Escola Municipal de Ballet e a Escola de Artes Fritz Alt, com grande freqüência de alunos. Além disto, são ali organizadas exposições temporárias. O Arquivo Histórico é aberto ao público em geral para pesquisas, sendo constantemente visitado por grupos de alunos das escolas da cidade e por pesquisadores.

É necessário citar ainda a Escola de Música Villa-Lobos, municipal, a qual funciona no prédio do Centventos Cau Hansen, prédio apenas levemente deslocado da Área Central. No mesmo prédio funciona também a Escola de Ballet Bolshoi.

¹⁹ Ottokar Doerfell chegou a Joinville em 1854, vindo da Alemanha. Viveu em Joinville cerca de 50 anos, tendo sido prefeito entre os anos de 1874 a 1876, consul da Alemanha e co-fundador ou sócio de todas as associações culturais, assistenciais ou recreativas criadas a partir de 1855.

No que diz respeito às igrejas, elas se localizam preferencialmente nos bairros, embora existam diversos templos e instituições religiosas dispersas também na Área Central. As duas primeiras igrejas de Joinville, uma católica e outra luterana, permanecem nos locais de origem, embora tenha havido substituição das edificações originais. A igreja católica (Catedral) se localiza à Av. Juscelino Kubitschek, e a igreja luterana (Igreja da Paz) se localiza à Rua Princesa Izabel.

Quanto aos órgãos ligados à saúde, observa-se que há uma grande descentralização a fim de atender com maior facilidade os moradores dos diversos bairros. Evita-se, assim, que a pessoa seja forçada a deslocar-se para a Área Central sempre que necessite deste tipo de serviço. Desta forma, a Prefeitura Municipal mantém 43 (quarenta e três) Postos de Saúde nos bairros da cidade. Na Área Central existem dois postos, um na Rua Engenheiro Niemeyer nº 230 e outro na Rua Itajaí nº 51, mas em ambos são atendidos apenas casos específicos. No Posto de Saúde da Rua Engenheiro Niemeyer são atendidos apenas os casos de doenças infecto-contagiosas e no Posto da Rua Itajaí apenas casos de doenças sexualmente transmissíveis.

Com relação aos hospitais observa-se certa tendência à centralização. Estão localizados na Área Central tanto o Hospital São Marcos quanto o Hospital de Olhos Sadalla Amin Ghanem, ambos situados na Rua Abdon Batista (o primeiro na quadra 50 e o segundo na quadra 53). Pode-se também considerar o Hospital Maternidade D^a. Helena como estando situado na Área Central. O prédio que o abriga está localizado na Rua Blumenau, de frente para a Rua Mário Lobo, exatamente na via que define a separação entre o Bairro Centro e o América.

Os demais hospitais – o Hospital Municipal São José, a Maternidade Darci Vargas e o Hospital Regional Hans Dieter Schmidt – encontram-se deslocados da Área Central, sendo que os dois primeiros não se encontram totalmente afastados da área em estudo. Mais recentemente foi concluída a construção do Hospital da Unimed, inaugurado em fevereiro de 2001, e também localizado fora da Área Central, na Rua Orestes Guimarães. É interessante observar que este último hospital localiza-se em área que tem demonstrado uma tendência a se anexar à Área Central propriamente dita, em função da proximidade em relação à área em estudo, e também devido à inserção, naquelas imediações, de edificações de grande importância dentro do contexto urbano (ver FIGURA 28).

São poucos os estabelecimentos ou equipamentos voltados ao lazer presentes na Área Central. As praças, por exemplo, são sub-utilizadas e funcionam mais como local de circulação do que como ponto de encontro e de entretenimento, principalmente no caso

das Praças da Bandeira e Praça Dario Salles. Quanto à Praça Nereu Ramos, foi ali recentemente construído um palco em estrutura metálica onde, eventualmente, são feitas apresentações teatrais ou de dança.

Além das praças, pode-se dizer que são quase inexistentes outros estabelecimentos voltados ao lazer, restringindo-se a poucas casas de jogos eletrônicos e bingo.

Em termos de lazer noturno, quatro boites encontram-se na Área Central, localizadas nas quadras 29, 39, 50 e 57²⁰. Há ainda vários restaurantes na Área Central da cidade, conforme já abordado no item “Função Comercial”. A maior parte deles, entretanto, só funciona para almoço, atendendo a necessidade de quem trabalha ou circula nesta área da cidade durante o dia. De qualquer forma, existem alguns restaurantes e pizzarias localizados na Área Central que funcionam à noite, sendo que alguns deles oferecem serviço diferenciado, não só em termos de uma ambientação mais bem cuidada, como também em termos de melhor qualidade dos produtos oferecidos e melhor atendimento. Observa-se que os restaurantes existentes na Área Central se distribuem pela malha urbana sem tendência a concentração, exceto nas proximidades do Shopping Mueller, conforme já abordado anteriormente. Entretanto, apesar da presença deste tipo de estabelecimento na área em estudo, nota-se uma forte tendência à descentralização. Não se pode esquecer também das praças de alimentação do Shopping Cidade das Flores e do Shopping Mueller que funcionam à noite, e sempre com boa frequência de usuários.

No que diz respeito a cinemas e teatros, são poucos os estabelecimentos existentes na cidade, os quais, de maneira geral, se localizam na Área Central ou próximos a ela (ver FIGURA 28). Joinville conta com sete salas de projeção, duas delas instaladas no Shopping Cidade das Flores, três no Shopping Mueller e duas no Shopping Americanas. Desta forma, dentre as sete salas existentes na cidade, cinco estão na Área Central, já que apenas o Shopping Americanas localiza-se fora da área em questão.

Os antigos cinemas da cidade, tanto o Cine Palácio quanto o Cine Colon, deixaram de funcionar já há muitos anos. O Cine Palácio, o qual se localizava na quadra 21, funcionou até a década de 1980 quando foi desativado. No prédio onde funcionava foi instalada uma igreja e também diversos estabelecimentos comerciais de pequeno porte. Já o Cine Colon, o qual se localizava junto ao Hotel Colon (quadra 32) incendiou-se em meados da década de 1980 e não chegou a ser reativado.

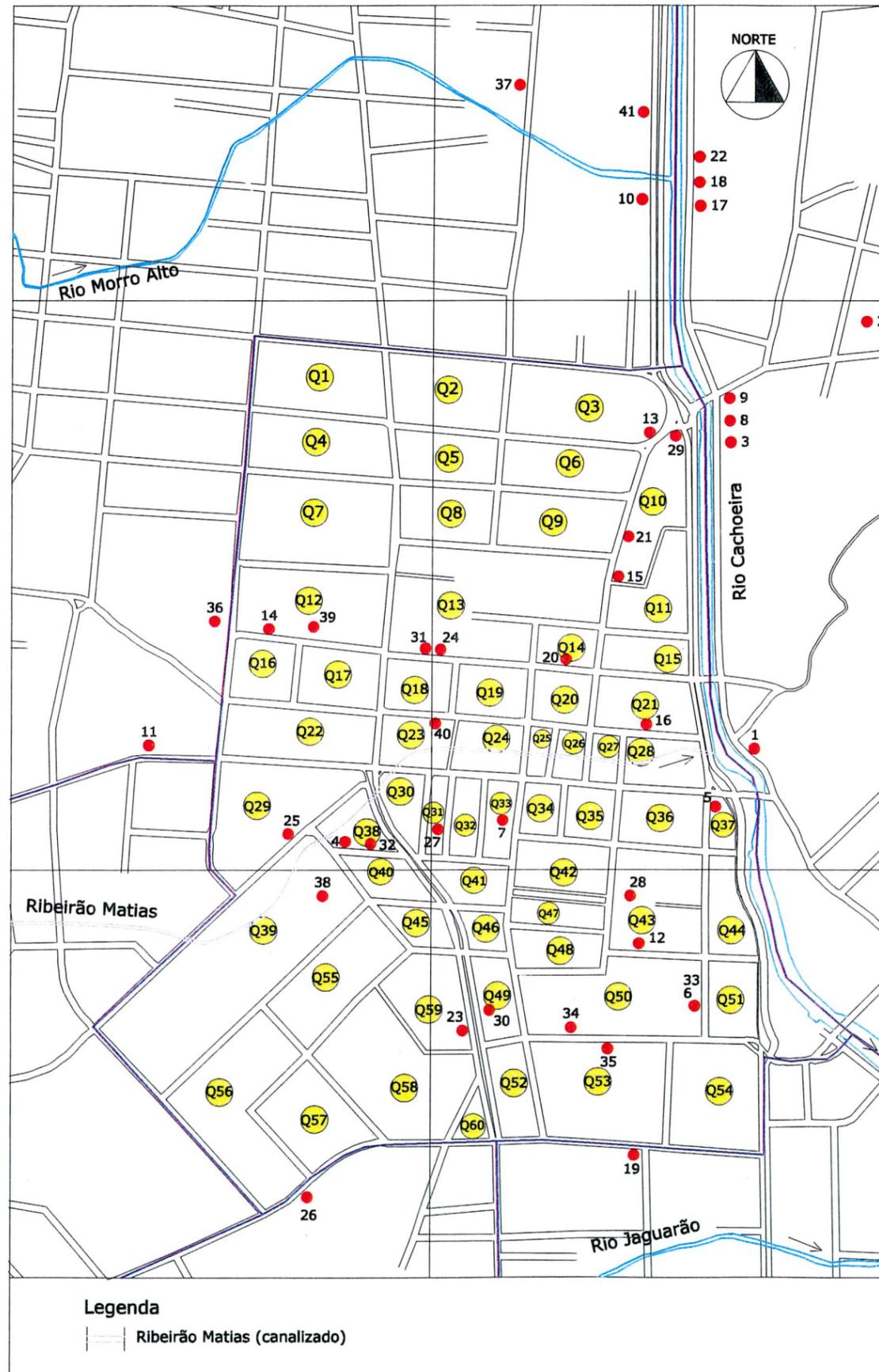
²⁰ As boites existentes nas quadras 39 e 50 foram abertas após ter sido feito o levantamento funcional.

Para apresentações teatrais, de dança e shows musicais, a cidade dispõe do teatro existente no belo prédio construído na década de 1930 para sediar a Sociedade Harmonia-Lyra, com capacidade para receber 650 pessoas.

Mais recentemente foi construído o Centreventos Cau Hansen, inaugurado em 26 de junho de 1998, contando com um espaço multiuso denominado "Arena", com capacidade para receber 10.000 pessoas, que se presta para diversos tipos de apresentações teatrais, musicais e de dança, além de funcionar como quadra poliesportiva. No prédio do Centreventos está instalado ainda o Teatro Juarez Machado, inaugurado em agosto de 2001, com capacidade para receber 500 pessoas. A localização do Centreventos é levemente deslocada da Área Central, em zona que tem demonstrado, como já visto anteriormente, tendência a futura integração à área em estudo.

Ainda próximo ao Centreventos há o prédio do SESC que dispõe de um ginásio o qual é esporadicamente aberto para apresentação de shows e para seminários, tendo capacidade para receber 3.000 pessoas. Também no prédio do SESC há um cine-teatro com capacidade para receber 150 pessoas, e no qual são feitas, eventualmente, apresentações teatrais, musicais e de dança.

No que se refere aos Shopping Centers, tanto o Cidade das Flores quanto o Mueller, pode-se dizer que são, hoje, pontos fortes no que se refere a lazer e entretenimento na Área Central da cidade. Ali estão as salas de projeção (cinco entre as sete existentes na cidade), ali se encontram dois bingos (um em cada Shopping) e suas praças de alimentação se transformaram em verdadeiros pontos de encontro, mantendo constante movimentação tanto no período noturno quanto no diurno.



Legenda

1. Prefeitura Municipal de Joinville
2. Secretaria de Infra Estrutura Urbana (PMJ)
3. Secretaria da Habitação (PMJ)
4. Secretaria Municipal do Bem Estar Social
5. Secretaria de Educação e Cultura, e Fundação Municipal de Esportes de Joinville
6. Secretaria Municipal de Saúde e Fundação Municipal de Vigilância
7. IPREVILLE
8. Arquivo Histórico de Joinville
9. Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior
10. Centreventos Cau Hansen
11. Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, e Fundema (PMJ)
12. CONURB
13. Secretaria de Estado da Administração
14. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social e Família
15. Secretaria da Fazenda (Estadual)
16. Secretaria de Estado da Saúde
17. Fórum
18. Justiça Federal 1ª Instância (1ª, 2ª e 3ª varas) e Justiça Eleitoral – 19ª Zona Cartório
19. Justiça Federal 1ª Instância (4ª vara)
20. Justiça do Trabalho (1ª e 2ª varas)
21. Justiça do Trabalho (3ª e 4ª varas)
22. Terreno onde será construída a sede da Câmara de Vereadores de Joinville
23. Colégio Santos Anjos
24. Colégio Bom Jesus
25. UTEC
26. ACE
27. Biblioteca Pública Municipal
28. Museu Nacional de Imigração e Colonização
29. Museu Arqueológico do Sambaqui
30. Catedral
31. Igreja da Paz
32. Posto de Saúde
33. Posto de Saúde
34. Hospital São Marcos
35. Hospital de Olhos Sadalla Amin Ghanem
36. Hospital Maternidade Dona Helena
37. Hospital da UNIMED
38. Shopping Mueller
39. Shopping Cidade das Flores
40. Sociedade Harmonia-Lyra
41. SESC

FIGURA 28 – Localização de alguns estabelecimentos institucionais no Bairro Centro e em suas proximidades
 – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

Função residencial

Com relação à função residencial, percebe-se uma tendência ao seu deslocamento para áreas periféricas ao centro ou para outros bairros. Tem ocorrido um gradativo, embora lento, esvaziamento do centro, no sentido de que a população residente tem diminuído nos últimos anos. Este processo tem sido observado principalmente na área próxima ao Terminal Rodoviário Urbano Central em função da intensa movimentação de pessoas e veículos e da presença de grande quantidade de estabelecimentos comerciais. De fato, de acordo com o levantamento funcional desenvolvido, pode-se observar que as quadras mais centrais têm pouca ou, em certos casos, nenhuma população residente (ver FIGURA 29).

O que contribui em grande parte para o coeficiente de população residente na Área Central é a presença de prédios residenciais mais antigos, de dois ou três pavimentos, e residências compartilhadas com estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviços.

Existem ainda prédios residenciais com maior número de pavimentos e com grande número de unidades em cada um deles, localizados justamente em algumas das quadras mais centrais, e que são responsáveis pelo alto coeficiente de população residente naqueles locais. Isto ocorre, por exemplo, nas quadras de número 16, 17, 22, 29, 32, 33, 46, 48, 52 e 54. No caso da quadra 32, por exemplo, há apenas um prédio residencial com 7 pavimentos, com 4 apartamentos por andar. Já na quadra 33 existe também um único prédio, conjugando o uso comercial (lojas e salas) e o residencial (40 unidades, entre kitinetes e apartamentos). Outro prédio que exemplifica bem esta questão se localiza na rua Abdon Batista (quadra 54). Trata-se do único prédio residencial daquela quadra, com 115 kitinetes distribuídas em 5 pavimentos (23 por andar). Há ainda um prédio na Rua Marinho Lobo (quadra 48), com 17 pavimentos e 8 apartamentos por andar (ver FIGURA 30).

Há também, no Bairro Centro, quadras que apresentam predominância da função residencial, com ocupação de 80% a 100% por unidades residenciais. É o que ocorre nas quadras 2, 3, 4, 5, 9, 56 e 57 que são quadras mais distantes da zona mais central da cidade e também mais deslocadas em relação ao Terminal Rodoviário Urbano Central.

De qualquer maneira, embora a Área Central ainda apresente alguma característica residencial, observa-se que esta função está sendo transferida, pouco a pouco, para áreas menos centrais.

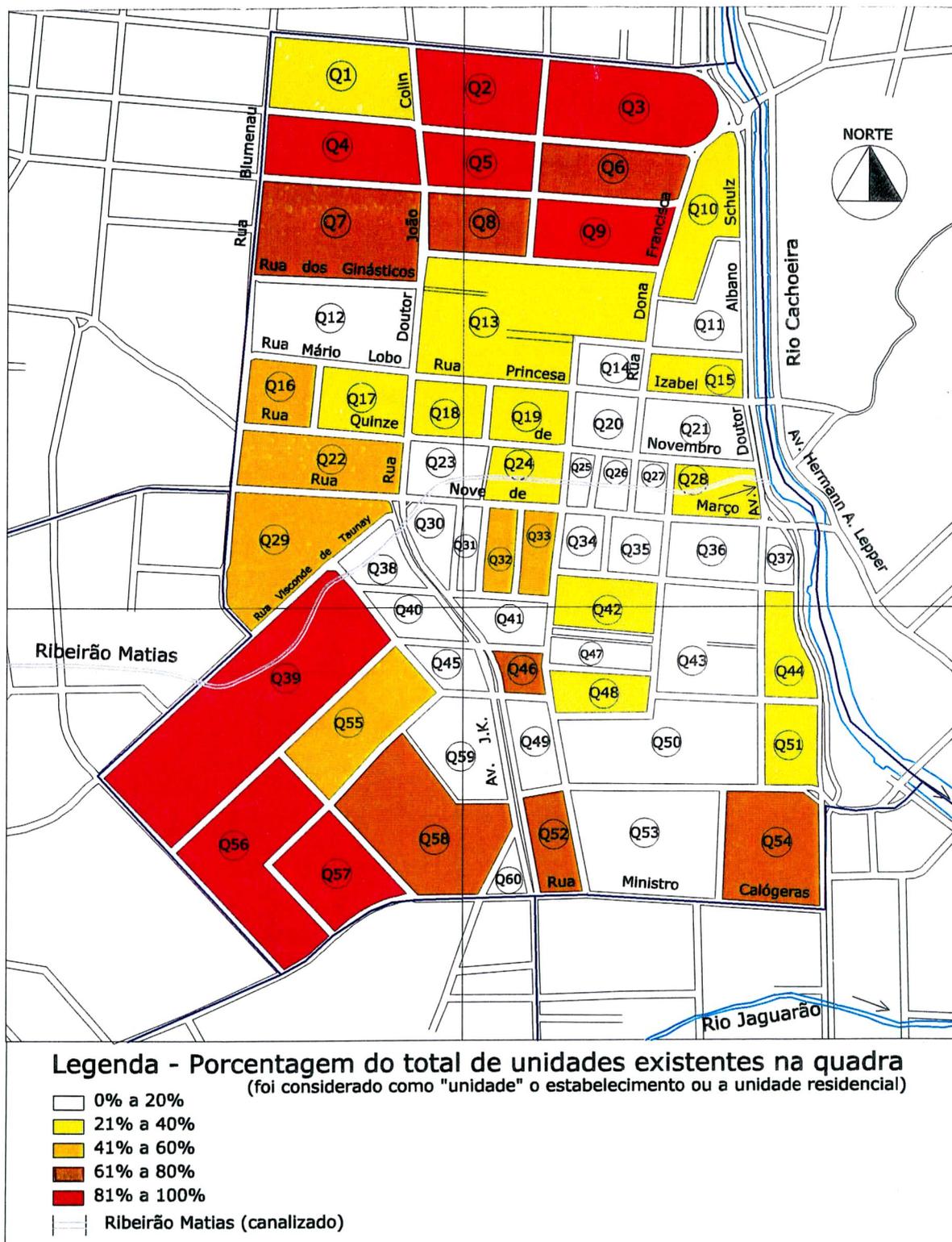


FIGURA 29 – Concentração de unidades residenciais no Bairro Centro – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

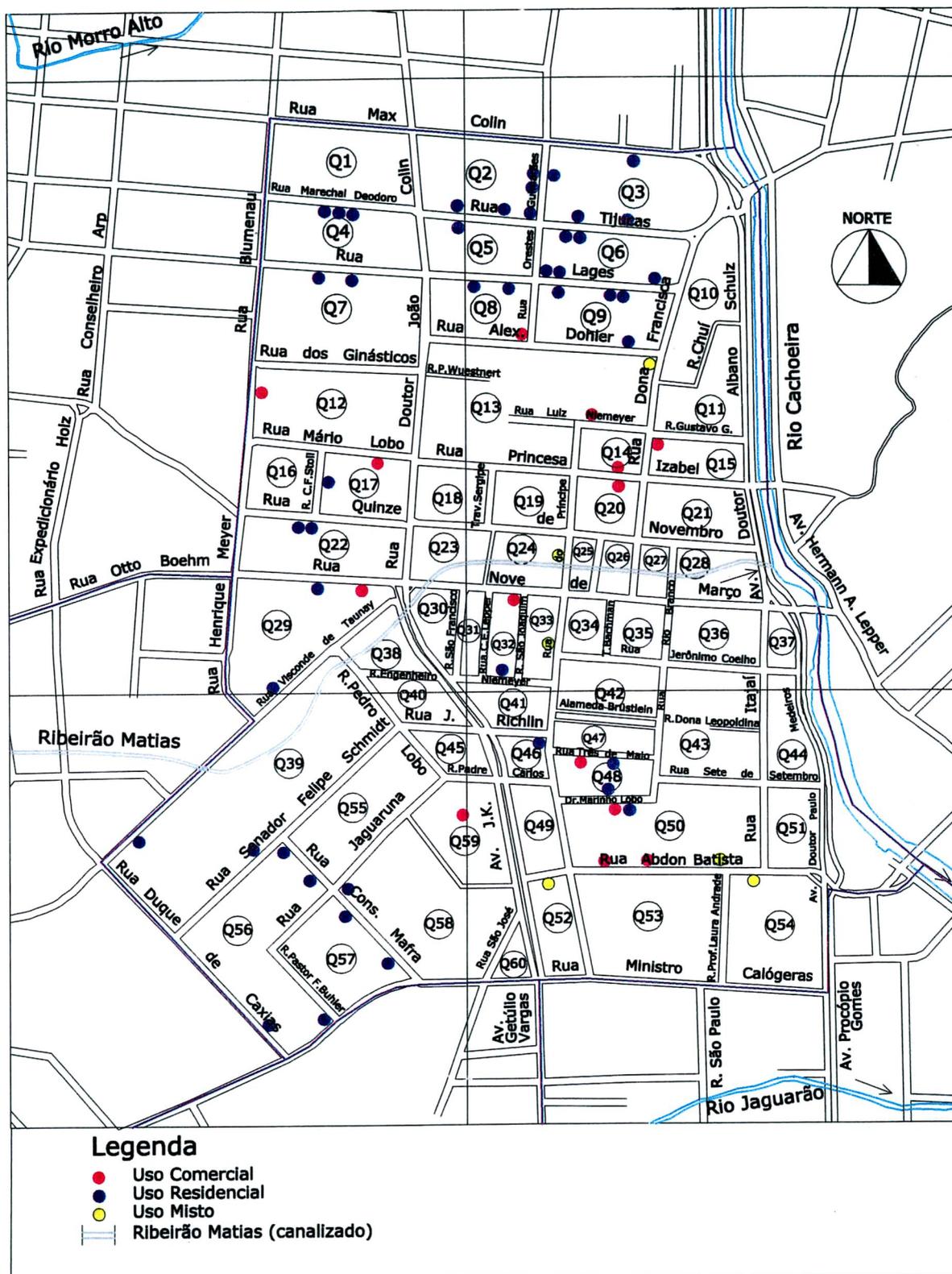


FIGURA 30 – Localização de prédios comerciais e residenciais no Bairro Centro (prédios com 5 pavimentos ou mais) – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

Função industrial

No que concerne à função industrial, percebe-se que houve uma grande transformação quanto à localização preferencial. Trata-se de função que se localizava preferencialmente na Área Central até a década de 1980, conforme já explicitado anteriormente. Pouco a pouco as indústrias foram sendo transferidas para áreas periféricas da cidade e hoje existem apenas dois estabelecimentos industriais localizados na Área Central propriamente dita (ver FIGURA 31).

A Metalúrgica Wetzel S.A., por exemplo, localiza-se na Rua Senador Schmidt (quadra 39). Com relação à Fábrica Döhler, apenas uma parte da fábrica localiza-se na Área Central, na Rua Alexandre Döhler (quadra 13). Os demais setores, inclusive o escritório administrativo, situam-se no Bairro Santo Antônio, fora da Área Central. Quanto à Buschle e Lepper, apenas o escritório administrativo manteve, até recentemente, sua posição central. Até o momento em que foi feito o levantamento funcional o escritório da Buschle e Lepper ainda funcionava na Rua Dona Francisca (quadra 20), tendo sido posteriormente deslocado para o bairro Bucarein, fora da área em estudo.



Foto 27 – Metalúrgica Wetzel S.A. (Dezembro/2001)

FONTE: Foto da autora

Há ainda dois estabelecimentos fabris localizados praticamente na Área Central – a Meister, que fabrica embalagens diversas de metal e a Lepper, que fabrica artigos para cama e mesa em tecido de algodão.

A localização central para estabelecimentos industriais é, de fato, inconveniente, tendo em vista a produção de ruídos e/ou poluição, e a necessidade de grandes áreas para se instalarem. E, à medida que as cidades crescem, a tendência é de não restarem mais terrenos livres com tão grandes dimensões na Área Central e de se atingirem valores muito elevados para este tipo de imóvel. Além disto, a necessidade de movimentação de carga e descarga exige local que permita facilidade de acesso, distante dos congestionamentos da Área Central, e com espaço para estacionamento. No caso de Joinville, a Lei de Uso do Solo de 1996 inclusive proíbe a instalação de novas indústrias na Área Central.²¹

²¹ Existem, no “Bairro Centro” de Joinville, outros estabelecimentos menores, tais como gráficas, marcenarias, serralherias e vidraçarias. Entretanto, em função da dimensão do estabelecimento e do tipo de atividade desenvolvida (funcionam como pequenas oficinas), foram enquadradas na presente pesquisa como empresas de prestação de serviços. Quanto às panificadoras foram consideradas estabelecimentos de comercialização de alimentos.

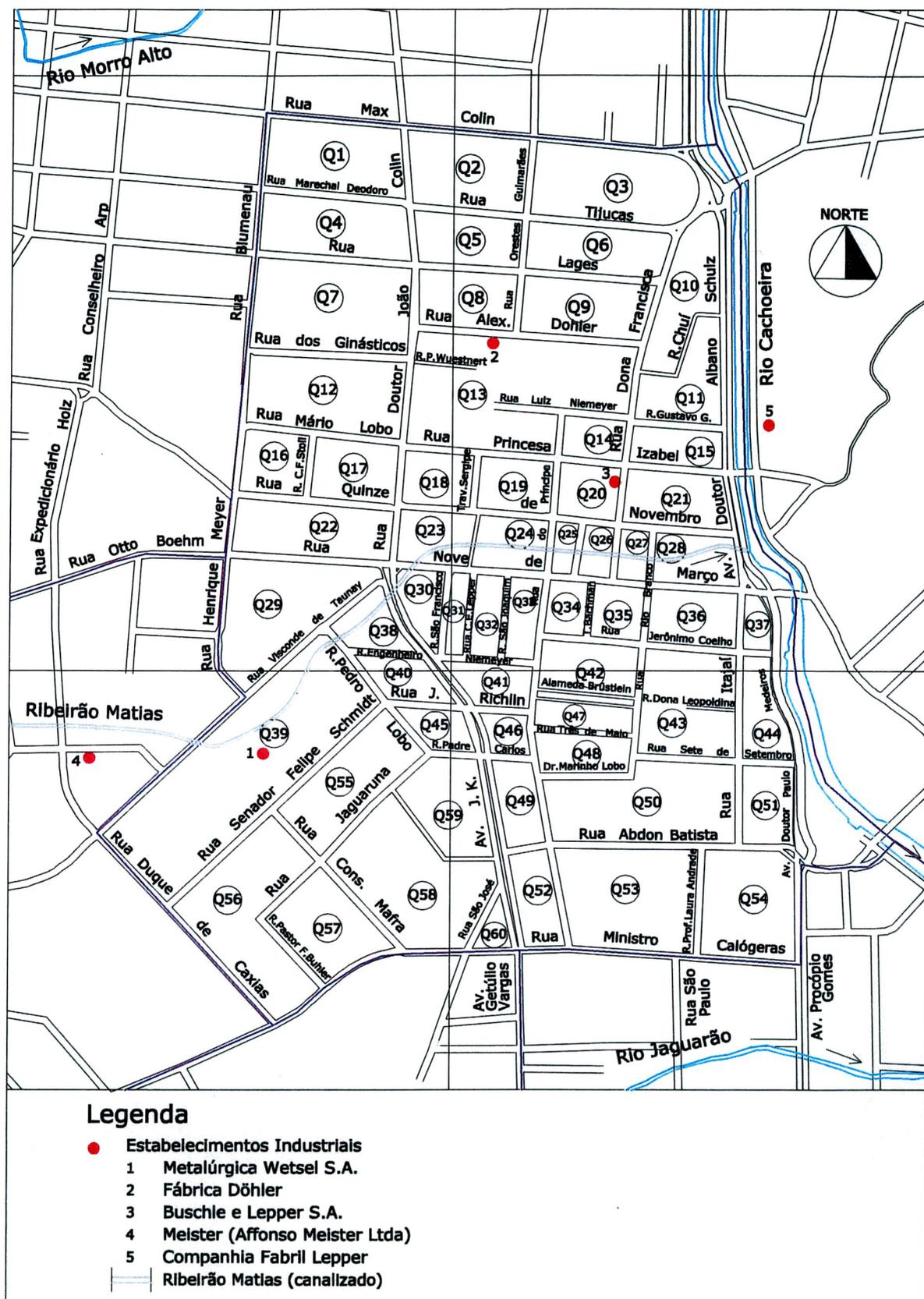


FIGURA 31 – Localização dos estabelecimentos industriais existentes no Bairro Centro e em suas proximidades – maio/2001
 ESCALA 1:10.000
 ORG.: A autora

4.2. A paisagem urbana na Área Central

A cidade tal como hoje se apresenta é resultado do processo de transformação, não só funcional como também fisionômico, sofrido desde o início da colonização até os dias de hoje. Entretanto, nas décadas que se seguiram a 1950, as transformações na paisagem urbana de Joinville foram mais intensas em razão do crescimento populacional mais acelerado e da expansão das funções urbanas da cidade, com conseqüentes influências sobre a Área Central.

Com relação à malha urbana, pode-se dizer que as ruas no Bairro Centro, conforme já abordado anteriormente, seguem uma trama irregular, resultado de adaptações ao terreno, definidas desde a época da colonização, quando foram traçadas as primeiras vias.

É interessante observar que tal traçado não passou por grandes alterações, já que as ruas existentes apenas foram alargadas, calçadas e posteriormente asfaltadas.

Mas algumas novas vias foram implantadas, gerando alterações no sistema de circulação da Área Central. Conforme já descrito anteriormente, a primeira grande obra urbanística foi a abertura da Av. Juscelino Kubitschek em 1974, a qual estabeleceu ligação direta entre a Av. Getúlio Vargas e a Rua Dr. João Colin, principais vias de acesso à cidade e que constituem o chamado eixo norte-sul. A definição deste eixo alterou a circulação pela Área Central da cidade, na medida em que redirecionou e facilitou o escoamento do tráfego dos veículos que eram antes forçados a uma circulação em curvas, já que a ligação entre a Rua Dr. João Colin e a Av. Getúlio Vargas só era possível pela Rua do Príncipe.

Foram incluídas ainda a Av. Hermann August Lepper, a Av. Dr. Paulo Medeiros e a Av. Dr. Albano Schulz (todas elas constituindo a chamada Av. Beira Rio), margeando o Rio Cachoeira. Sua implantação, no trecho que corta o Bairro Centro, foi iniciada em meados da década de 1980, tendo sido a obra terminada em meados da década de 1990, trazendo importante contribuição no sentido de reduzir a circulação de veículos pela Área Central da cidade já que facilitou alguns acessos bairro a bairro. Estas avenidas que margeiam o Rio Cachoeira, além de facilitar a circulação de veículos, contribuíram ainda para a criação de uma nova paisagem nas proximidades do rio, funcionando como elemento de valorização visual de toda aquela área.

É preciso citar ainda a criação de diversas servidões, também já anteriormente citadas, as quais permitiram o acesso aos terrenos surgidos de desmembramentos de

grandes glebas, como ocorreu com grande frequência, por exemplo, nas quadras 53 e 54, e ainda ao redor do Museu Nacional de Imigração e Colonização.

As ruas da Área Central apresentam, de modo geral, homogeneidade nas larguras, variando entre 8 e 10 metros. São exceção as avenidas Dr. Paulo Medeiros, Dr. Albano Schulz e Hermann August Lepper, além da Av. Juscelino Kubitschek, que apresentam maior largura.

Há ainda algumas ruas e travessas mais estreitas, com largura variando entre 3 e 6 metros. São elas a Rua Chuí (entre as quadras 10 e 11), Rua Gustavo Grossebacher (entre as quadras 11 e 15), Travessa Praeses Wuestner (quadra 13), Rua São Francisco (entre as quadras 30 e 31), Rua Comandante Eugênio Lepper (entre as quadras 31 e 32), Rua D^a. Leopoldina (quadra 43), Rua Professora Laura Andrade (entre as quadras 53 e 54) e Rua São José (entre as quadras 58 e 60). A Travessa Sergipe, também estreita, é aberta apenas para tráfego de pedestres (entre as quadras 18 e 19 e 23 e 24).

É necessário citar ainda o calçadão da Rua do Príncipe entre as Ruas Nove de Março e a Jerônimo Coelho, que fechou este trecho da rua ao tráfego de veículos, permitindo a circulação apenas de pedestres. Neste calçadão é montada, diariamente, a já citada “feirinha” de artesanato.



Foto 28 – Calçadão da Rua do Príncipe, entre as ruas Nove de Março e Jerônimo Coelho (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

Quanto ao sistema de circulação na Área Central da cidade, pode-se dizer que outro fator de alteração, além da abertura de novas vias, foi a já citada implantação do sistema de linhas integradas iniciada no final dos anos 80. Novos terminais rodoviários

urbanos (Estações de Integração do Sistema de Transporte Coletivo) foram construídos em vários bairros da cidade: Bairro Iririú, Bairro Itaum, Bairro Guanabara, Bairro Bom Retiro, Bairro Tupy e Bairro Vera Cruz. Estão em construção ainda dois outros terminais nos Bairros Vila Nova e Nova Brasília. A descentralização de terminais rodoviários permitiu o estabelecimento de ligações bairro a bairro, aliviando o tráfego de ônibus na Área Central da cidade.

Outro elemento de transformação da estrutura de Joinville se refere à redistribuição das diversas funções dentro do espaço da cidade, com conseqüente alteração nas formas urbanas. Novas formas foram criadas e as antigas desapareceram ou sofreram adaptações. Neste processo de renovação urbana, vários prédios foram demolidos e outros novos foram inseridos, como resposta à necessidade de se gerar formas que melhor se adaptassem às novas funções.

Entretanto, apesar do contínuo processo de renovação a que está sujeita a paisagem, observa-se que várias das formas urbanas criadas no passado sobrevivem aos tempos, abrigando as funções para as quais foram originalmente construídas ou, ainda, adaptando-se a novas funções. Tais monumentos urbanos adquirem caracteres de permanência, colocando-se tais como elementos do passado “cristalizados” até os nossos dias (SANTOS, 1959).

Como diz SANTOS (1997:68), as antigas formas do passado, de vários momentos diferentes, passam a conviver com as formas mais atuais, em um contínuo processo de inclusão e exclusão de formas urbanas. Para o referido autor

“A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas(...). Suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço.”

É ainda SANTOS (1997:69) quem diz que o movimento de transformação da paisagem é variável de cidade para cidade, na medida em que

“As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também, das condições econômicas, políticas, culturais, etc.”

Ao se lançar o olhar sobre Joinville, observa-se que a paisagem encontrada na Área Central da cidade é, de fato, resultado do convívio entre formas urbanas criadas em vários momentos diferentes, com diferentes técnicas, sendo ainda resultado de diferentes tipos de inter-relação com as antigas formas.

A Área Central de Joinville caracteriza-se pela presença de diversos tipos de edificações que variam quanto às características estéticas, aos aspectos técnicos adotados, e ainda à capacidade para abrigar diferentes funções urbanas. Convivem nesta área da cidade antigas casas residenciais, várias delas com inspiração germânica, sendo encontrados inclusive alguns exemplares de arquitetura enxaimel; prédios comerciais de dois ou três pavimentos construídos na primeiras décadas do século XX; prédios de dois a quatro pavimentos, construídos entre as décadas de 1960 e 1970 nos quais conjugam-se os usos comercial e residencial; prédios em estilo “enxaimelado”²²; prédios de diversas alturas e funções construídos ao longo das décadas de 1970 e 1980 e ainda prédios de construção mais recente, em linhas contemporâneas.



Foto 29 – Aspecto da Rua Blumenau, entre as ruas Quinze de Novembro e Nove de Março (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

²² O chamado estilo “enxaimelado” refere-se a um tipo de tratamento estético muito utilizado na década de 1970, com o qual se tentava recriar o enxaimel apenas no aspecto visual e não na estrutura da construção. Eram utilizados alguns elementos estéticos, tal como madeiramento aparente e em “X” na composição das fachadas, em edificações com estrutura em nada similar ao estilo enxaimel original.



Foto 30 – Aspecto da Rua Blumenau, entre as ruas Mário Lobo e Quinze de Novembro – casa enxaimel (Setembro/2001)
 FONTE: Foto da autora



Foto 31 – Aspecto da Rua Nove de Março, entre as ruas Blumenau e Dr. João Colin (Setembro/2001)
 FONTE: Foto da autora



Foto 32 – Prédio em estilo *enxaimelado* situado na Rua Nove de Março, entre as ruas Dr. João Colin e do Príncipe (Janeiro/2002)
 FONTE: Foto da autora



Foto 33 – Aspecto de edificações na Rua Blumenau, esquina com Rua dos Ginásticos (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

Toda a heterogeneidade deste quadro se apresenta como resposta à necessidade de criar e recriar formas que permitam o melhor desempenho das diversas funções urbanas.

As paisagens urbanas, de fato, não chegam nunca a um resultado pronto, acabado. Estão, ao contrário, em constante processo de construção e reconstrução, em constante processo de mutação. Para SANTOS (1997:70) as mutações estruturais na paisagem ocorrem a partir do envelhecimento físico ou social das formas existentes. Para o autor,

“as formas envelhecem por inadequação física quando, por exemplo, ocorre desgaste dos materiais. Já o envelhecimento social corresponde ao desuso ou desvalorização, pela preferência social a outras formas (...). O envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais, o envelhecimento social não é tão previsível, muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural”.

Todo este processo pode ser presenciado em Joinville, podendo ser encontradas, na Área Central da cidade, além de variados tipos de construção de diferentes idades e fisionomias, também variações na integração forma/função.

Diante do processo de **envelhecimento físico das formas**, diferentes resultados podem ser observados em Joinville:

– Há edificações que, passando por constantes processos de manutenção e de reformas, continuam abrigo de maneira eficaz as funções para as quais foram projetadas. Podem ser percebidas como formas de resistência às “mutações urbanas” em atividade. Enquadram-se nesta situação diversas casas existentes na Área Central da cidade e que continuam a ser utilizadas como residências. Também são mantidas as funções originais nos prédios da Sociedade Harmonia-Lyra, do Colégio Bom Jesus, do Colégio dos Santos Anjos, da Farmácia Minâncora, do Hotel Trocadero, da Biblioteca Municipal e dos Correios e Telégrafos localizado na Praça Castelo Branco entre tantos outros. Outro exemplo é o prédio construído para sediar a Empresa Sul Brasileira de Eletricidade S.A. (EMPRESUL), e que hoje é ocupado pela CELESC;



Foto 34 – Sociedade Harmonia-Lyra (1995)
FONTE: Foto de Carlos Roberto Brüske

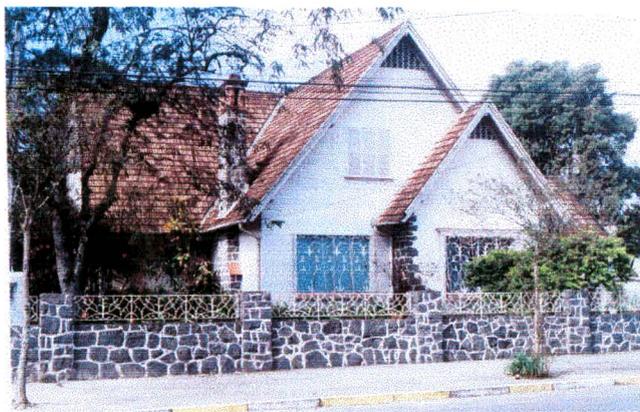


Foto 35 – Residência situada na Rua Visconde de Taunay (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora



Foto 36 – Farmácia Minâncora (1995)
 FONTE: Foto de Carlos Roberto Brüske

– Outras edificações, permanecem sendo utilizadas para funções diversas, mas, sem receber serviços de manutenção, atingem um progressivo estado de deterioração, como está ocorrendo, por exemplo, com o belo prédio do antigo Hotel Príncipe, e com outros sobrados da Rua do Príncipe. E, há ainda o prédio da antiga Concessionária Ford, no qual já funcionou a Prefeitura Municipal de Joinville. Após o deslocamento da Prefeitura para o atual prédio sede, aquele antigo prédio não foi mais utilizado, encontrando-se, hoje, em processo de deterioração;



Foto 37 – Prédio do antigo Hotel Príncipe (Janeiro/2002)
 FONTE: Foto da autora

– Há ainda aquelas edificações que, à medida que se deterioram por falta de conservação e que acabam por ser demolidas.

Já o processo de **envelhecimento social das formas**, que “*corresponde ao desuso ou desvalorização, pela preferência social a outras formas*” (SANTOS, 1997:70), pode gerar:

– Substituição de antigas formas por outras mais modernas, com inovações que permitam o melhor desempenho das novas funções. Foi o caso, por exemplo, da Fundação Tupy, cujo prédio situado na Área Central da cidade foi completamente desativado no início da década de 1970. A Fundação foi, então, transferida em sua totalidade para o parque fabril situado no Bairro Boa Vista, o qual já estava em funcionamento desde meados da década de 1950. Muitos anos depois, em meados da década de 1990, foi construído o Shopping Mueller naquele terreno da Fundação Tupy, situado na Rua Pedro Lobo.

– Substituição da edificação por outra construída no próprio terreno e com manutenção da função original. Foi o que ocorreu com a Catedral e com o Hotel Joinville, por exemplo, cujas edificações originais foram demolidas com substituição por outras mais modernas.

– Adaptação e reutilização da antiga forma com total mudança de uso. Várias foram as casas residenciais que sofreram adaptações de maneira a abrigar lojas (de confecções, de calçados, de instrumentos musicais, etc), restaurantes, escritórios de prestação de serviços, etc. Além destas, vários outros exemplos são encontrados na cidade. O Shopping Cidade das Flores foi instalado no prédio antes ocupado pela Malharia Arp; o Hotel Anthurium funciona no antigo Palácio do Bispo; o Museu Nacional da Imigração e Colonização funciona no antigo “Palácio dos Príncipes” e o prédio onde esteve instalado o Cine Palácio está ocupado, hoje, por uma igreja (Igreja Universal do Reino de Deus) e por diversas lojas. Em todos esses casos as edificações originais foram submetidas a adaptações que permitiram que ali se instalassem as novas funções. Outros prédios poderiam ainda ser citados, tais como o prédio da antiga Casa Dingee, de calçados, hoje ocupado por um bar e uma alfaiataria; o antigo Clube Joinville que hoje abriga a “Nova Loja Sofia” (centro comercial); o antigo prédio do Banco do Brasil hoje ocupado pela FININVEST e por um bingo; o antigo comércio Carlos Hoepcke S.A., hoje ocupado por uma farmácia no primeiro pavimento e por um colégio no segundo pavimento; a antiga Casa Fernando Tilp e Cia, hoje ocupada pela Panificadora da Vila; o antigo comércio Alfredo Boehm e Cia, onde hoje se instala a Sapataria Apollo; o antigo prédio dos Correios situado na Praça Nereu Ramos, onde hoje está instalado o Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Joinville (IPREVILLE).



Foto 38 – Antiga fábrica situada na Rua Visconde de Taunay e que hoje abriga uma loja de venda de tintas (Setembro/2001)

FONTE: Foto da autora



Foto 39 – Antiga edificação ocupada pelo Comércio Germano Stein de “secos e molhados”, situada na esquina entre as ruas Dr. João Colin e Quinze de Novembro. Hoje abriga uma loja de eletrodomésticos e móveis (Setembro/2001)

FONTE: Foto da autora



Foto 40 – Antiga residência situada na esquina entre as ruas Blumenau e Nove de Março e que hoje abriga uma agência de turismo e câmbio (Setembro/2001)

FONTE: Foto da autora



Foto 41 – Antigo comércio Hoepcke situado na esquina entre as ruas Dr. João Colin e Princesa Izabel. Na última das reformas do andar inferior, o nome do antigo comércio ficou temporariamente aparente. (Setembro/2001)
 FONTE: Foto da autora

Estas diversas formas urbanas, com fisionomia, idade e funcionamento tão diferenciados entre si, se imbricam na paisagem urbana da cidade e mais especificamente em sua Área Central, revelando conforme aponta SANTOS (1959:23),

“seja uma adaptação a um quadro herdado do passado, utilizado como ele é ou adaptado, parcial ou totalmente; seja a criação de uma nova paisagem, superposta ou justaposta à paisagem existente.”

Em termos de distribuição espacial das diversas formas urbanas, observa-se que não há áreas de concentração para cada tipo de forma encontrada. Ao contrário, o que se observa é uma grande diversidade de tipos de construção em todas as quadras da Área Central.

Há, entretanto, algumas exceções. Observando-se o Bairro Centro, fica evidente o fato de que nas quadras 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 56 e 57, por exemplo, é predominante a presença de antigas casas residenciais, muitas delas usadas ainda como residência, ou adaptadas para outras funções tais como comércio ou prestação de serviços, e também a presença de prédios residenciais de cinco ou mais pavimentos, construídos nas décadas de 1980 e 1990. O mesmo ocorre com a quadra 39, no trecho entre a Metalúrgica Wetzell S.A. e a Rua Duque de Caxias. Isto se justifica pelo fato de que estas quadras não sejam tão centrais, e estejam afastadas da zona de maior concentração de atividades e de tráfego mais intenso de veículos e de pedestres.

Com relação às quadras mais centrais, especialmente aquelas bem próximas ao Terminal Rodoviário Urbano Central (por exemplo as quadras 18, 19, 20, 23, 24, 25, 30, 32, 34, 35, 36), observa-se que passaram por um processo mais intenso de substituição em razão do dinamismo das atividades nesta área da cidade. Várias edificações foram demolidas, tendo surgido outras que melhor se adaptassem às novas funções.

A Rua do Príncipe mantém, ainda, uma certa uniformidade com a presença de prédios de dois ou três pavimentos, das primeiras décadas do século XX, com tratamento estético bem trabalhado. Estão ali, os prédios do antigo Hotel Príncipe (hoje ocupado por lojas e pela lavanderia do novo Hotel Príncipe), da Farmácia Minâncora, da Loja Richling, do Banco do Brasil (hoje FININVEST no 1º pavimento e Bingo no 2º pavimento), do Banco INCO (hoje o prédio está desocupado), do antigo Clube Joinville onde hoje está instalada a “Nova Loja Sofia” (centro comercial) e da antiga Casa Dingee, de calçados, onde hoje funcionam um bar e uma alfaiataria, entre outros. Há ainda a casa situada na Rua Luiz Niemeyer em frente à Rua do Príncipe (“Palácio Niemeyer”) onde hoje funciona a BBTUR Turismo.

Com relação à presença destes prédios históricos, remanescentes de outros tempos e presentes ainda hoje na paisagem urbana, observa-se que várias destas edificações localizadas ao longo da Rua do Príncipe e das outras ruas da Área Central da cidade encontram-se em mau estado de conservação, e há ainda as que sofreram ou estão sofrendo intervenções que as descaracterizam bastante.

Um aspecto negativo presente na Área Central das cidades vem ocorrendo também em Joinville, a exemplo do que foi observado em São Paulo por CORDEIRO (1980:130). Propagandas têm sido instaladas nas fachadas das edificações com funções comercial ou de prestação de serviços, com

“apresentação caótica, desenfreada e descontrolada (...). A poluição visual (...) se expande na multiplicação de anúncios nas portas das lojas – luminosos em acrílico, profusão de preços nas vitrines, faixas promocionais, grandes painéis e out-doors (...)”.

E as edificações históricas também não fogem deste tipo de tratamento. Em função da diversidade de usos nelas instalados, têm recebido não raras vezes, elementos que as descaracterizam e que as ocultam parcial ou totalmente (placas indicativas e de propaganda, revestimentos, etc). O que se observa é que a paisagem urbana das áreas mais antigas da cidade sofreu profundas alterações em função do crescente desenvolvimento industrial e conseqüente crescimento populacional. E com isto, as

edificações historicamente significativas para a cidade ficam em situação de fragilidade diante da valorização imobiliária dos terrenos onde se localizam (JOINVILLE,1993).

Um importante elemento de alteração na paisagem urbana da Área Central se refere ao gradativo processo de adensamento sofrido pela cidade ao longo dos anos, e mais especificamente no período compreendido entre os anos de 1950 e 2001. Este adensamento foi gerado, em parte, pela subdivisão de antigos e extensos terrenos, e ainda pela inclusão de prédios com mais de cinco pavimentos. Entretanto, tal processo de adensamento não se deu de maneira muito intensa, na medida em que é ainda constante a presença de edificações baixas de um ou dois pavimentos, havendo até mesmo presença de terrenos vazios, alguns deles transformados em estacionamentos privativos ou rotativos, salpicados na malha urbana nesta área da cidade.

Pode-se dizer que o crescimento vertical da Área Central sofreu um primeiro impulso a partir da década de 1970 com o surgimento dos primeiros edifícios de maior porte, entre eles o Ed. Manchester, com 11 pavimentos, destinado a uso misto (apartamentos, salas comerciais e lojas) e, posteriormente, o Ed. Boneville, com 12 pavimentos, destinado ao uso residencial, contando com uma grande loja no andar térreo. O Ed. Manchester foi inaugurado em 24 de julho de 1970 tendo sido o edifício mais alto da cidade (TERNES,2001).

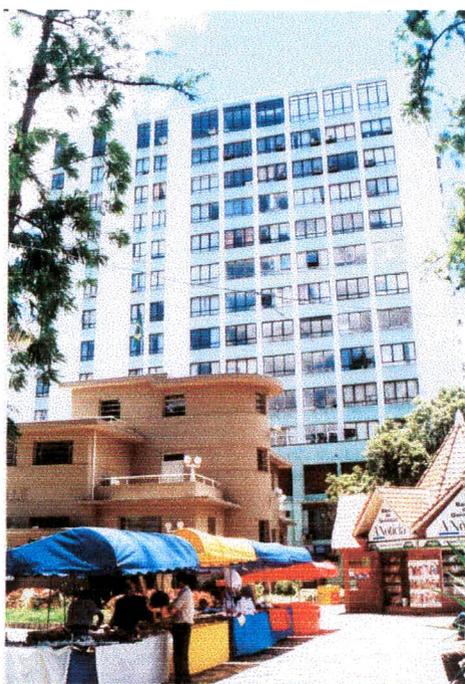


Foto 42 – Ao fundo observa-se o Edifício Manchester. As barracas em primeiro plano são da “feirinha” de artesanato do calçadão da Rua do Príncipe (Setembro/2001)

FONTE: Foto da autora

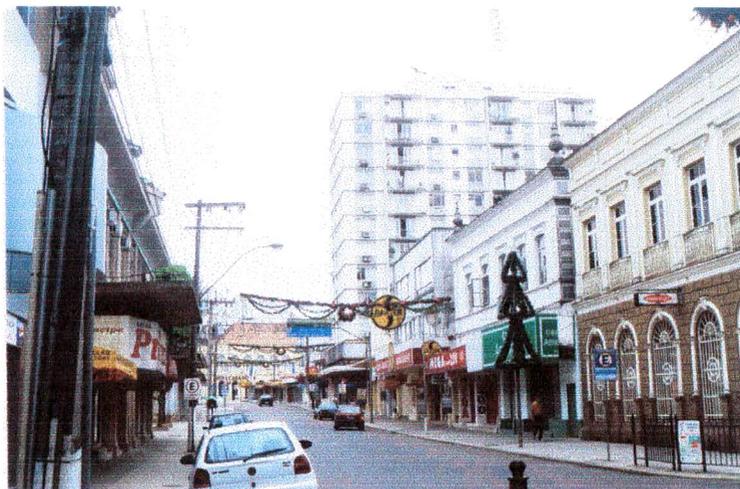


Foto 43 – Edifício Boneville, ao fundo (Janeiro/2002)
 FONTE: Foto da autora

Ao longo das décadas de 1970 e de 1980 o crescimento vertical da cidade ocorreu de forma modesta, tanto no que se refere à altura quanto ao número de prédios construídos. Posteriormente novos edifícios foram construídos embora, ainda hoje, não haja significativo adensamento da Área Central. De fato, a expansão vertical da área em estudo não foi tão acentuada, existindo, ainda hoje, uma pequena quantidade de prédios com mais de cinco pavimentos (ver FIGURA 30).

4.3. A delimitação da Área Central em 2001

Concluído o estudo das principais funções atualmente encontradas na Área Central e de sua distribuição espacial, faz-se necessário estabelecer a delimitação da área em questão, situando-a dentro do corpo total da cidade.

Foram tomadas como base as variáveis propostas por CORDEIRO (1980) e já citadas na introdução do presente trabalho: o **valor imobiliário**, a **densidade demográfica** e a **ocupação funcional**.

Entre as variáveis propostas por aquela autora apenas a variável **área construída** não foi utilizada em razão da inviabilidade em levantar os dados necessários já que, segundo informação da Prefeitura Municipal de Joinville, os mesmos não se encontram sistematizados, e seria necessário fazer o cálculo de área construída terreno por terreno.

A delimitação da Área Central foi definida, portanto, a partir da análise da **ocupação funcional** que se refere ao tipo de utilização do solo urbano, do **valor imobiliário**, ou seja, da valorização dos terrenos estabelecida pela Prefeitura Municipal de Joinville e da **densidade demográfica** que diz respeito à distribuição da população residente na malha urbana.

Analisando-se os aspectos funcionais, verifica-se que a Área Central é aquela onde se concentra a maior diversidade de funções urbanas, alcançando-se uma complexidade funcional que não pode ser encontrada em nenhuma outra área da cidade, nem mesmo nos subcentros de atividades encontrados nos bairros. Observando a distribuição funcional analisada no item 4.1, conclui-se que a área de maior concentração e com maior diversidade de atividades é aquela que exclui as quadras 2, 3, 4, 5, 9, 56 e 57.

Além desta análise funcional, adotou-se o critério do valor imobiliário venal. Conforme alerta DUARTE (1967), ainda que os valores tributados por lei sejam estimativos e se encontrem muitas vezes abaixo do valor de mercado, permitem que se analise com aproximação razoável a avaliação da terra urbana. Observando-se a “Planta de Valores Imobiliários” elaborada pela Prefeitura Municipal de Joinville, percebe-se que os terrenos mais valorizados são exatamente os mais centrais. A partir dali os valores vão caindo gradativamente em direção às áreas mais periféricas (ver FIGURA 32).

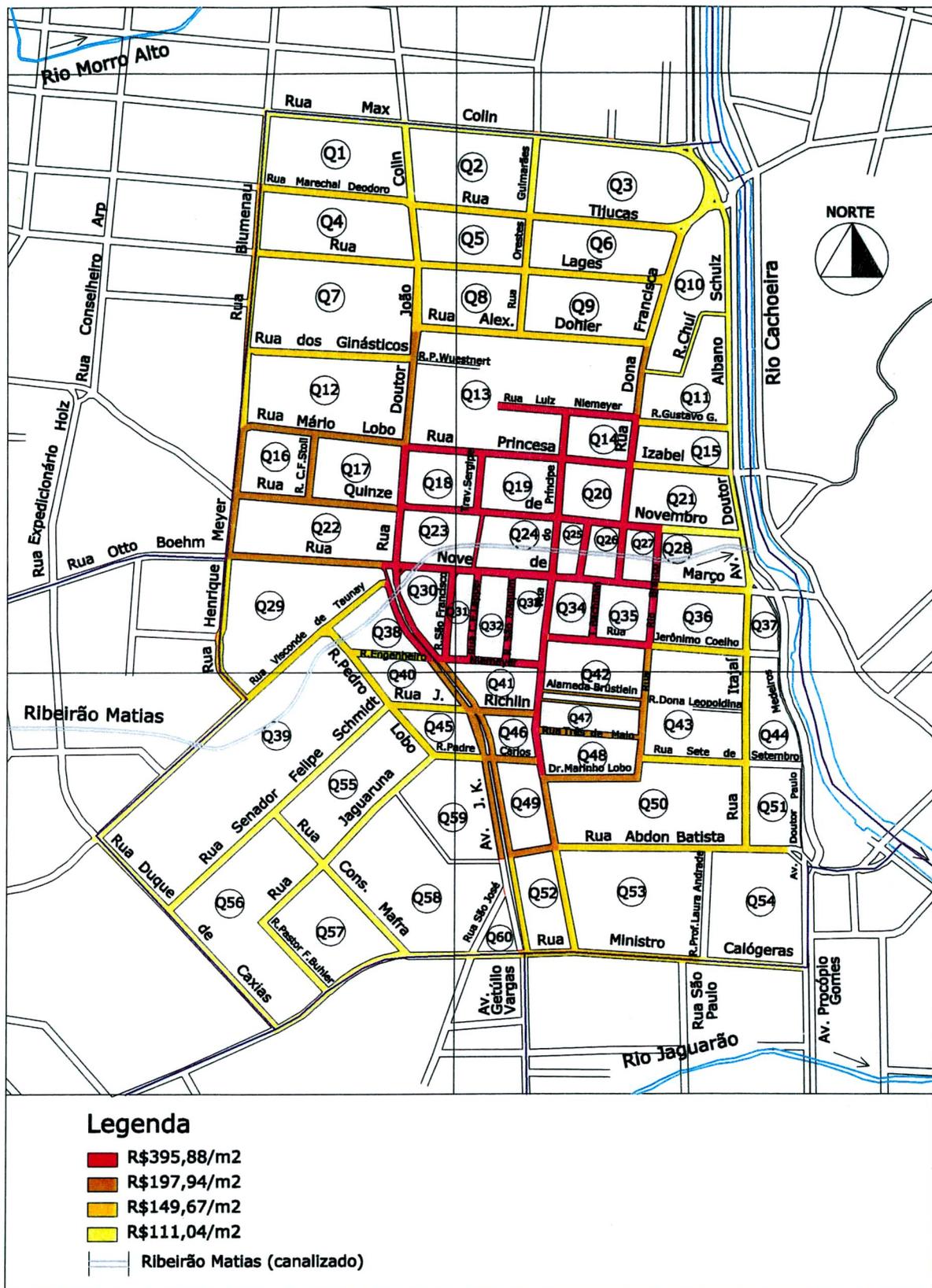


FIGURA 32 – Valores definidos pela PMJ para terrenos no Bairro Centro de Joinville – 2001
 ESCALA 1:10.000

FONTE: Setor de Tributação da Secretaria da Fazenda da Prefeitura Municipal de Joinville

Por último utilizou-se o critério da densidade demográfica, ou seja, a distribuição da população residente. Trata-se de tendência comum às cidades que, à medida que crescem, percam gradualmente os moradores permanentes em suas Áreas Centrais. Em Joinville, entretanto, ainda há presença acentuada de moradores (ver FIGURA 30). De fato, apenas nas quadras mais centrais se nota a escassez ou mesmo inexistência de unidades residenciais. De acordo com este critério, poderiam ser excluídas da Área Central as quadras 1 a 9, 56 e 57, em função da grande quantidade de unidades residenciais e da pouca concentração de atividades predominantemente centrais.

Ao se sobrepor os resultados encontrados na aplicação dos três critérios, chega-se à delimitação final da Área Central, que pode ser considerada como aquela que exclui as quadras 1, 2, 3, 56 e 57 (ver FIGURA 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se detectar, na presente pesquisa, as principais características da Área Central de Joinville no ano de 2001 e aspectos de sua expansão entre os anos de 1950 e 2001. Foram abordadas, ainda, algumas facetas do processo de transformação da área em estudo no que se refere a alterações fisionômicas (inclusão de novas vias e de novas edificações e parcelamento do solo) e também à redistribuição funcional. (Conforme SANTOS (1986:59),

“Toda cidade resulta da agregação de trabalho humano a um suporte natural. Isto quer dizer que, uma vez fundadas, as cidades vivem se refazendo, jamais estão prontas.”

E, no caso de Joinville, tal processo de transformação esteve intimamente atrelado ao crescente aumento populacional ocorrido a partir da década de 1950 quando da intensificação da industrialização da economia da cidade. A Área Central expandiu-se paulatinamente em função do crescente processo de urbanização e do conseqüente aumento nas demandas por serviços e comércio.

Analisando-se a Área Central de Joinville na década de 1950, pode-se concluir que ela, de fato, monopolizava funções e serviços, já que ainda não haviam ainda sido configurados subcentros de atividades nos bairros. Entretanto, já existiam algumas funções urbanas dispersas na cidade, ocorrendo também a incidência de atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços ao longo do eixo norte-sul (Rua Duque de Caxias – atual Rua Dr. João Colin – e Av. Getúlio Vargas), as quais ficavam cada vez mais esparsas à medida que se afastavam da Área Central. A centralidade da função industrial conferia à Área Central da cidade de Joinville um caráter diferenciado, assim como a ausência de qualquer tipo de setorização de funções no espaço urbano.

De qualquer forma, pode-se dizer que as funções presentes na Área Central atendiam a toda a cidade, exercendo atração sobre toda a população urbana e até mesmo sobre a rural.

Em termos de adensamento, a tendência à ocupação extensiva, perceptível já desde os primeiros anos da colonização, estava ainda presente na década de 1950, mesmo na Área Central da cidade e em suas adjacências. Os terrenos eram de grandes dimensões, em geral com jardins, e era significativo o número de terrenos baldios. A

valorização dos terrenos na Área Central e proximidades não diferia do restante da cidade. Conforme nos mostra SANTANA (1998:182),

“A ocupação do território sob o comando da produção agrícola forneceu terras suficientes para que no futuro se realizasse um segundo processo de parcelamento do solo atendendo às necessidades de um novo estágio do desenvolvimento local, agora sob o comando do capital industrial. Essa grande disponibilidade de terras a baixos preços pelo Domínio Dona Francisca, inibiram durante muito tempo a atividade imobiliária mais intensiva e especulativa (...)”.

Usando os níveis de análise da estrutura urbana adotados por CASTELLS (1983), para uma melhor compreensão do sentido que a centralidade assumia naquele momento, percebe-se que, no chamado “nível econômico”, a polarização da Área Central era de fato marcante, na medida em que nela e em suas imediações se localizavam as empresas estatais, municipais e prestadoras de serviços (Empresa Sul Brasileira de Eletricidade S.A. – EMPRESUL, a Telefônica Catarinense, a Delegacia do Imposto de Renda e as Coletorias Estadual e Federais) e também as diversas instituições financeiras (o Banco do Brasil, o Banco Industria e Comércio de Santa Catarina S.A. – INCO, o Banco Nacional do Comércio e a Caixa Econômica Federal). Além disto, era na Área Central e em suas proximidades que a presença de estabelecimentos comerciais era mais intensa e diversificada. A polarização da Área Central e adjacências, no “nível econômico”, estava representada ainda pela própria função de produção, já que ali se encontrava a grande parte dos estabelecimentos fabris e industriais.

Com relação ao nível de análise “político-institucional”, a Área Central era igualmente polarizadora, já que naquela área e em suas imediações se localizavam a Prefeitura e o Fórum e Delegacia de Polícia. Para CASTELLS (1983) a centralidade político-institucional está expressa ainda no que ele chama de “aparelho ideológico” e que se refere à rede de estabelecimentos escolares. Neste sentido a polarização da Área Central não era efetiva, já que apenas duas escolas encontravam-se em posição central – o Colégio Bom Jesus e o Colégio Santos Anjos. Os grupos escolares e “escolas isoladas” existentes na época eram excêntricos a fim de facilitar o atendimento da população interessada.

O terceiro nível de análise abordado por CASTELLS (1983:279) é o “nível ideológico” que se trata da caracterização do centro enquanto “centro simbólico”. Para esse autor,

“o centro simbólico é a organização espacial dos pontos de interseção dos eixos do campo semântico da

cidade, quer dizer o lugar ou os lugares que condensam de uma maneira mais intensa uma carga valorizante, em função da qual se organiza de forma significativa o espaço.”

Embora este sistema simbólico esteja presente em todo o corpo de uma cidade, em Joinville ele estava e ainda está mais evidentemente presente naquele espaço urbano onde se originou a cidade. Tal sistema fica indelevelmente impresso nos traçados das vias, no tipo de parcelamento do solo, nas edificações mais antigas, na localização das principais instituições políticas e religiosas e ainda na distribuição espacial das diversas funções urbanas.

Na Joinville da década de 1950, a Área Central tinha uma carga simbólica muito forte. Era ali o centro da vida da cidade. O local para onde tudo e todos convergiam. Ali se concentravam as principais edificações político-administrativas e financeiras, as duas mais antigas igrejas e também as duas mais tradicionais escolas. Também estavam ali os dois cinemas da cidade e os cafês e sorveterias que preenchiam os momentos de lazer. A Rua do Príncipe com seus bonitos prédios de dois pavimentos era o ponto culminante da Área Central. Era ali o centro de fato. Para lá todos se dirigiam para resolver negócios e para os momentos de lazer quando haviam as retretas na Praça Nereu Ramos e para o “footing” dos finais de semana.

Atualmente a Área Central de Joinville apresenta tendência a uma grande concentração de diversas atividades, caracterizando-se, também, como ponto de intensa circulação de pessoas e de veículos. A partir da pesquisa de campo desenvolvida, foi possível perceber que, tanto a área em estudo como as áreas limítrofes a ela, não apresentam homogeneidade funcional, e sim presença de grande variedade de atividades.

É fato que entre a década de 1950 e o ano de 2001 a Área Central de Joinville se modificou sob diversos aspectos, tendo havido redistribuição das diversas funções urbanas (residencial, comercial, institucional, serviços e industrial), com deslocamento, para áreas periféricas, de algumas atividades que anteriormente se concentravam exclusivamente na Área Central. A mais notável alteração no que se refere a relocação de funções urbanas foi o deslocamento, para áreas periféricas, dos estabelecimentos industriais. Outra modificação que já se fez sentir e que, provavelmente, será cada vez mais perceptível é a transferência da função residencial para áreas também excêntricas.

Com relação às demais funções urbanas tais quais a comercial, a de prestação de serviços e a institucional, sua presença na Área Central é marcante. Observa-se que, embora na maior parte das vezes não haja exclusividade de localização de atividades na Área Central da cidade, sua polarização em relação à área urbana se garante.

Em termos de crescimento horizontal, pode-se dizer que a Área Central de Joinville se expandiu pouco a pouco à medida que algumas áreas próximas a ela passaram a incorporar atividades tipicamente centrais (ver FIGURA 34).

E este processo de expansão da Área Central certamente terá continuidade ao longo do tempo. De fato, se entre 1950 e 2001 vários setores limítrofes foram agregados à Área Central, observa-se hoje a tendência demonstrada por outras áreas a uma futura absorção. Uma destas áreas é aquela onde se situam, de um lado da Av. Beira-Rio, o Centreventos e o Supermercado Big, e do outro, o Fórum, o prédio que abriga a Justiça Federal – 1ª Instância (1ª, 2ª e 3ª varas) e a Justiça Eleitoral – 19ª Zona Cartório, e também o terreno onde será construída a Câmara de Vereadores de Joinville. E ainda mais próxima à Área Central, na margem oposta do Rio Cachoeira, estão situados os prédios da Prefeitura Municipal de Joinville, da Secretaria Municipal de Habitação, do Arquivo Histórico de Joinville e da Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior.

É interessante observar que estas edificações que abrigam funções tão tipicamente centrais, e que estão sendo construídas em posições levemente deslocadas, asseguram um reforço da centralidade, na medida em que se encontram em situação de proximidade em relação à Área Central. E a futura absorção desta área é esperada a despeito de que se situe na margem oposta do Rio Cachoeira, obstáculo físico que, ainda hoje, representa um limite natural da Área Central da cidade.

Também outra área contígua à Área Central tem demonstrado tendência a futura absorção. Trata-se da área compreendida entre as ruas Quinze de Novembro, Expedicionário Holz e Visconde de Taunay. Nesta área têm sido implantados estabelecimentos voltados ao comércio e à prestação de serviços.

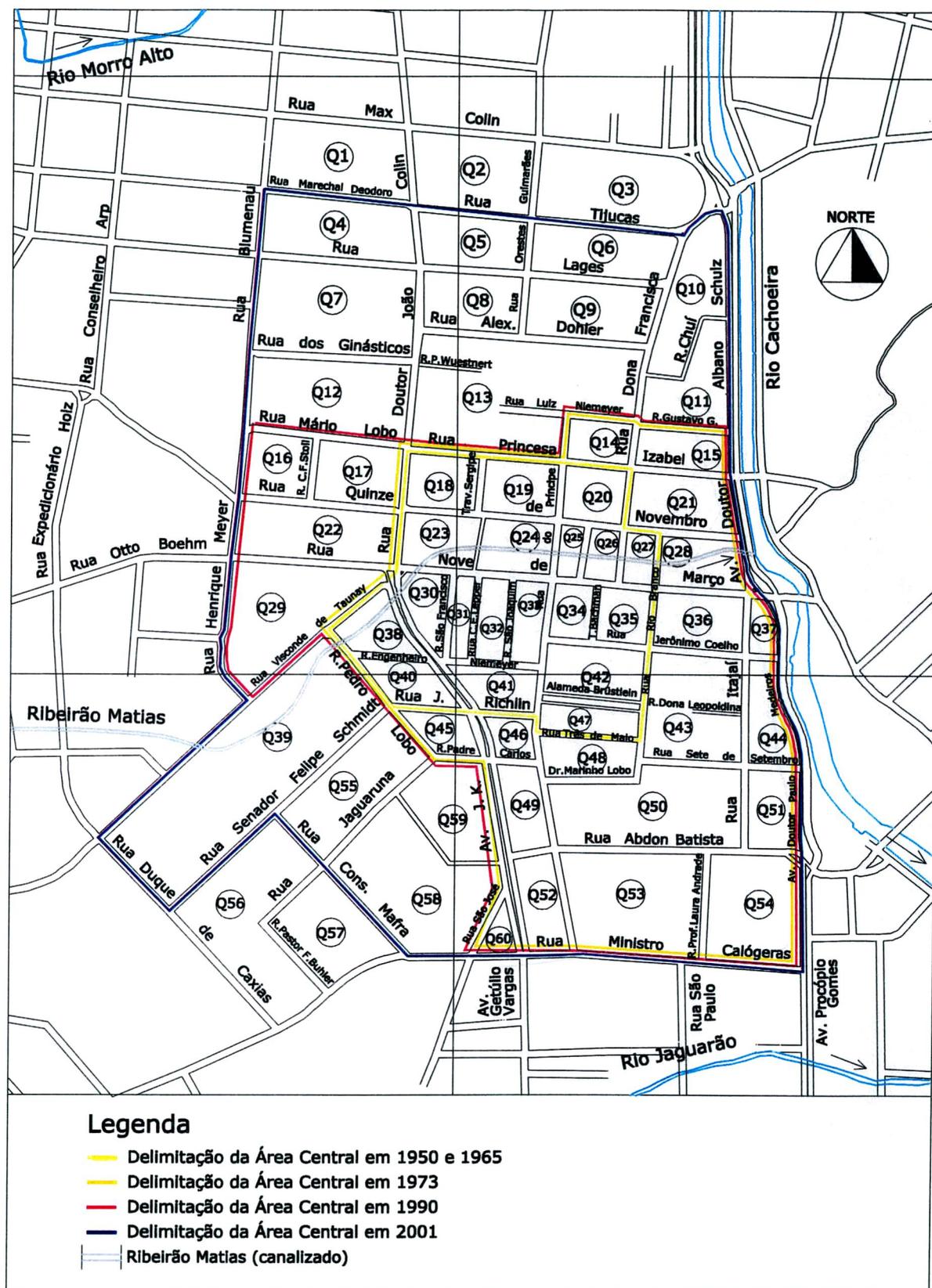


FIGURA 34 – Expansão da Área Central de Joinville entre os anos de 1950 e 2001

ESCALA – 1:10.000

ORG.: A autora

Além do processo já citado de expansão horizontal ocasionado pela agregação de novas áreas onde passaram a se desenvolver atividades tipicamente centrais, iniciou-se, ao longo dos anos, também um processo de expansão vertical. Hoje observa-se que, embora a horizontalidade das edificações ainda seja marcante em toda a cidade, a tendência à verticalização tem se acentuado, podendo ser encontrados, na Área Central, alguns prédios com cinco pavimentos ou mais (ver MAPA 30). Tanto este incipiente processo de verticalização quanto a subdivisão dos lotes originais, conforme já explicitado ao longo do trabalho, têm atuado no sentido de possibilitar um maior adensamento na Área Central. Entretanto, ainda hoje é marcante a horizontalidade da Área Central de Joinville, inclusive com a presença de lotes vagos.

Ao longo dos anos tem ocorrido em Joinville o que BELTRÃO SPÓSITO (1991) chamou de **processo de descentralização** e que inclui o surgimento de *subcentros*, os *desdobramentos* e a criação de *Shopping Centers*.

Conforme já exposto na introdução do presente trabalho, ao mesmo tempo que ocorria esta expansão da Área Central pela incorporação de setores contíguos a ela, ocorria também o surgimento de *subcentros* de atividades, situados em bairros e com a finalidade de facilitar o atendimento daquelas populações específicas no que se refere a comércio e serviços. O surgimento destes *subcentros* seria, então, um primeiro aspecto do processo de descentralização que vem ocorrendo nas cidades e que também pode ser observado em Joinville.

Um segundo aspecto do processo de descentralização tratado por BELTRÃO SPÓSITO (1991) seria o *desdobramento*, definido como sendo a localização de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços ao longo das principais vias de penetração dos bairros, formando *corredores de ocupação terciária* (CORDEIRO, 1980). Já desde a década de 1950 tal fato era perceptível ao longo do eixo norte-sul (atuais Rua Dr. João Colin, Av. Juscelino Kubitschek e Av. Getúlio Vargas). E hoje ainda mais fortemente já que são várias as vias de intensa circulação de veículos, inclusive as vias de penetração em bairros, e que poderiam ser enquadradas como casos de *desdobramento*.

Também os *Shopping Center* são tratados por BELTRÃO SPÓSITO (1991) como outro aspecto do processo de descentralização, já que concentra em uma localização específica grande quantidade de atividades comerciais e de prestação de serviços.

É ainda a mesma autora que diz que

“os Shoppings podem ser identificados por uma multiplicidade funcional (...) e por uma especialização sócioeconômica, na medida em que se voltam para clientelas de maior poder aquisitivo, oferecendo facilidades de acesso para o transporte individual, abrigo, segurança, beleza arquitetônica, etiquetas, enfim, de ‘distinção social’.”

No caso de Joinville ocorreram dois momentos interessantes no que se refere a criação de *Shopping Center* da cidade, conforme já visto no quarto período do Capítulo 3. No final da década de 1980, quando surgiu o Shopping Lojas Americanas, ocorreu, de fato, a criação de uma nova centralidade, com o deslocamento do foco de interesse comercial para a direção sul do eixo norte-sul (Av. Getúlio Vargas). Ao longo da década de 1990, com a criação dos outros dois *Shopping Centers* – o Mueller e o Cidade das Flores – houve um novo deslocamento dos interesses dentro da esfera urbana. A localização desses dois *Shopping Centers* dentro da Área Central, atuou como elemento de reforço do caráter de centralidade urbana daquela área em relação ao corpo da cidade, revitalizando-a.

O fato é que, conforme nos alerta BELTRÃO SPÓSITO (1991), embora as cidades sofram processos de descentralização com o surgimento de *subcentros*, os *desdobramentos* e com a criação de *Shopping Centers*, a Área Central de fato não perde sua característica de espaço polarizador dentro da área urbana. E em Joinville, a localização central dos dois mais freqüentados *Shopping Centers* da cidade atuou ainda como elemento fortalecedor da centralidade.

De qualquer forma não se pode esquecer o fato de que os *Shopping Centers*, ainda que inseridos no centro urbano, criam uma nova realidade pela concentração mais maciça de determinadas funções em um espaço único. Pode atuar como elemento desagregador da Área Central, enfraquecendo algumas funções tipicamente centrais, na medida em que polariza as atividades comerciais e de serviços.

E ao checar o sentido que a centralidade assume pela análise dos três níveis propostos por CASTELLS (1983), percebe-se que a Área Central de Joinville mantém forte polarização em relação ao corpo total da cidade. E isto a despeito de todas as alterações sofridas tanto em nível de transformações em sua estrutura física (traçado viário, reparcelamentos do solo, tipo de edificações utilizadas), quanto na redistribuição espacial das diversas funções urbanas.

No “nível econômico” a centralidade é garantida já que é na Área Central que se concentram as principais empresas estatais, municipais e prestadoras de serviços (Escritório Central da CELESC, INSS, TELESC, etc), instituições financeiras (Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Bradesco, BESC, etc), empresas particulares prestadoras de serviços (advocacia, contabilidade, engenharia, consultórios médicos e dentários, etc), e comércio varejista bem diversificado.

No que se refere ao nível de análise “político-institucional”, pode-se dizer que é na Área Central e em suas adjacências que se localizam o prédio sede da Prefeitura Municipal e também as diversas secretarias municipais. Também próximas à Área Central propriamente dita, na já citada área que tem demonstrado tendência a futura absorção, estão o Fórum, o prédio que abriga a Justiça Federal e a Justiça Eleitoral, e também o terreno onde será construída a Câmara de Vereadores de Joinville.

Percebe-se, com relação ao último nível de análise, o “ideológico”, que a Área Central é ainda polarizadora. Esta área da cidade mantém-se como ponto de referência, como “centro simbólico” da cidade, já que ainda é o lugar que condensa de forma mais intensa *uma carga valorizante*. É ainda um local de convergência dentro do corpo total da cidade. Apresenta uma individualidade própria, uma vez que é ali que se guardam os registros da história da cidade desde os seus primórdios e também a ideologia daquela sociedade, cristalizados seja no traçado de seus arruamentos, nos edifícios e em sua forma de inserção na malha urbana, nos espaços públicos, na horizontalidade das edificações, no uso que as pessoas fazem dos espaços, na forma que se desenvolvem as diversas atividades, em suas funções, etc. Tudo isto constitui, conforme CASTELLS (1983), o que a cidade tem de mais precioso – sua identidade cultural.

Entretanto é perceptível o fato de que a identidade cultural da cidade de Joinville tem sido colocada em xeque, pouco a pouco, pela ação da especulação imobiliária, na medida que edificações de grande valor histórico e cultural têm sido perdidas ou irremediavelmente alteradas para atender interesses particulares.

As antigas formas urbanas ao sofrerem o que SANTOS (1997) chamou de *envelhecimento físico e social* passam a ser renovadas para que estejam aptas a abrigar novas funções. Entretanto, neste processo de adaptação muito se perde do referencial histórico contido nas edificações, seja em seus aspectos fisionômicos, seja por sua inserção no contexto urbano. No caso de Joinville, em particular, a vulnerabilidade das edificações mais antigas é sensível em razão de que o único mecanismo municipal vigente é a Lei nº 1.773 de 1º de dezembro de 1980 que dispõe sobre o tombamento do patrimônio histórico, arqueológico, artístico e natural do município. E são poucos os bens tombados

no município: existem três tombamentos federais (Cemitério do Imigrante, Museu Nacional de Imigração e Colonização/e um terreno na Rua Marechal Deodoro), três tombamentos estaduais (Casa Krüger, Sociedade Harmonia-Lyra e Estação Ferroviária) e um tombamento municipal em andamento (parte antiga do Hospital São José).

Uma das ações, de fato, mais difíceis para o planejador, e para a qual ele deve estar continuamente atento, é exatamente este balanceamento entre o preservar e o renovar e adaptar, de maneira a garantir a preservação não de uma cidade intacta e intocada pela ação do tempo e dos acontecimentos, mas sim daquilo que há de mais fundamental para uma sociedade que é sua identidade cultural.

BIBLIOGRAFIA E FONTES CONSULTADAS E/OU UTILIZADAS

1. FONTES BÁSICAS

1.1. MAPAS

JOINVILLE ponta a ponta – guia de ruas, mapas, CEP's, compras, lazer, serviços, turismo e história. Joinville: Alcance, 2001.

JOINVILLE. Arquivo Histórico. **Planta da cidade de Joinville**. Joinville, SC, 1907.

JOINVILLE. Arquivo Histórico. **Planta da cidade de Joinville**. Joinville, SC, 1939.

JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Planta da Cidade de Joinville**. Joinville, SC: PMJ, [197-].

PLANTA da cidade e do município de Joinville. Curitiba,PR: Sociedade Comercial e Representações Gráficas LTDA, 1958. 1 mapa. Escala município 1:200.000; cidade 1:20.000.

2. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E/OU UTILIZADA

ABREU, Maurício de Almeida. Políticas públicas e estrutura interna das cidades: uma abordagem preliminar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, CE: Associação dos Geógrafos Brasileiros, UFCE, 1978. p.13-21.

ADAMS, Betina Maria. **O processo de preservação das permanências históricas do patrimônio cultural edificado no espaço urbano contemporâneo: área central de Florianópolis**. 34 f. 1999. Projeto de Qualificação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1999.

BAHIANA, Luis Cavalcanti da Cunha. Agentes Modeladores e Uso do Solo Urbano. In ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, CE: Associação dos Geógrafos Brasileiros, UFCE, 1978. p.53-62.

BELTRÃO SPÓSITO, Maria Encarnação. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geográfica**, Presidente Prudente, SP, n.10, p.1-18, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7.ed. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1999.

BOURSCHEID, José Antônio. **O cadastro multifinalitário aplicado ao planejamento urbano: estudo da expansão urbana na cidade de Joinville – SC**. 1993. 120 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1993.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1983.

CORDEIRO, Helena Kohn. **O centro da metrópole paulistana: expansão recente**. São Paulo: Universidade de São Paulo: Instituto de Geografia, 1980.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, Rosalina Maria. **Em busca do espaço perdido: A reconstrução das identidades espaciais do bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro**. 1993. 216 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1993.

DUARTE, Aluizio Capdeville (org.). **A Área Central da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 1967.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: crônica da Colônia Dona Francisca**. 2. ed. Joinville, SC: Ipiranga, 1965.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. São Paulo, SP: Difel, 1983.

HERKENHOFF, Ely. **Era uma vez um simples caminho**. Joinville, SC: Meyer, 1987.

JOINVILLE. Fundação Cultural. Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville. **Denominação das ruas da antiga Joinville e suas alterações**. Joinville, SC: PMJ, [19--]. Mimeografado.

- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Administração 70/72**. Joinville, SC: Meyer, 1973.
- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Aspectos sócio-econômicos**. Joinville, SC: PMJ, 1993. Mimeografado.
- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Código de obras**: Lei n.667/65. Joinville, SC: PMJ, 1965.
- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Código de posturas e código de obras**: Lei n.414/56. Joinville, SC: PMJ, 1956.
- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Plano básico urbanístico**. Joinville, SC: PMJ, 1965. Mimeografado.
- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Plano diretor do sistema de transportes urbanos – PLADSTU**. Joinville, SC: PMJ, 1972. Mimeografado.
- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Plano de estruturação urbana – PEU**. Joinville, SC: PMJ, 1987. Mimeografado.
- JOINVILLE. Prefeitura Municipal. **Plano de preservação do patrimônio ambiental urbano de Joinville**. Joinville, SC: PMJ, 1993. Mimeografado.
- KELLER, Paul Hellmuth. **Joinville na arquitetura. Álbum histórico do Centenário de Joinville**: 1851 – 9 de março – 1951, Joinville, SC, Sociedade Amigos de Joinville, 1951. p.65-69.
- LEFEBVRE, Herry. **O direito à cidade**. São Paulo, SP: Editora Moraes, 1991.
- LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna de ontem e de hoje: espaços públicos e vida urbana**. 1998. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1998.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978.
- MOSER, Liliane. **Como o mangue virou cidade: um estudo sobre condições de vida e a organização institucional do espaço urbano nas áreas de mangue em Joinville, SC**. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1993.

MÜLLER, Nice Lacoq. A área central da cidade. In: AZEVEDO, Aroldo de (Org.). **A cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Cia. Editora Nacional, 1958. p.121-182.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC: Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte, 1991.

_____. O plano de Joinville: um capítulo de geografia urbana. **Revista Vida Nova**, Joinville, SC, v.3, n.28/30, jan./mar. 1951.

ROCHA, Dinorah Luisa de Melo. **O espaço urbano colonial brasileiro: estudo comparativo entre as cidades de Ouro Preto e Mariana**. 222 f. 1995. Monografia (Especialização em Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1995.

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville (SC): da gênese às exportações**. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1994.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. **A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC; Joinville, SC: FCJ, 1992.

SANTANA, Naum Alves de. **A produção do espaço urbano e os loteamentos na cidade de Joinville(SC) – 1949/1996**. 1998. 232 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1998.

SANTOS, Carlos Nelson dos. Preservar não é tombar, renovar não é pôr tudo abaixo. **Revista Projeto**, São Paulo, SP, n.86, p.59-63, 1986.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **O centro da cidade de Salvador**. 1959. 200 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade de Strasbourg, [s.l.], 1959.

_____-1978. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **A fundação de Blumenau e Joinville**. Joinville: Imprensa Alvorada, 1983.

SILVA, Antônio Francisco da. O centro funcional de Madureira. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, RJ, n.242, p.52-87, set./out. 1974.

SILVEIRA, Ronaldo Gomes. **Análise da expansão urbana sobre a área de mangue do município de Joinville, SC.** 1994. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1994.

SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE (Org.). **Álbum histórico do Centenário de Joinville:** 1851 – 9 de março – 1951. Joinville, SC: Sociedade Amigos de Joinville, 1951.

SOUZA, Célia Ferraz de e MÜLLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

SOUZA, Luiz Alberto. **O processo de ocupação das áreas de mangues de Joinville, estratégias e conflitos.** 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1991.

TERNES, Apolinário. **História Econômica de Joinville.** Joinville: Meyer, 1986.

_____. **História de Joinville, uma abordagem crítica.** Joinville: Meyer, 1984.

_____. **Joinville, a construção da cidade.** São Paulo: Bartira, 1993.

_____. Joinville, o grande salto da economia – 1964-1977. **Jornal A Notícia,** Joinville, SC, p.B5, 26/08/2001.

TÍRICO, José Domingos. Rua da Consolação, uma das artérias da capital paulista. **Boletim Paulista de Geografia,** São Paulo, SP, n.29, p.20-56, jul. 1958.

3. ENTREVISTAS

1. Albertina Schlemm Colin – Nascida em Joinville, sempre morou no atual “Bairro Centro”.
2. Benno Paust – Nascido em Joinville morou, quando criança, no atual “Bairro Atiradores”.
3. Edith Wetzel – Nascida em Joinville, é membro da Comissão responsável pelo Museu Nacional de Imigração e Colonização.
4. Lia Brüske – Nascida em Porto União, veio ainda criança para Joinville, tendo morado durante muitos anos no atual “Bairro Centro”.

5. Margarida Schultz – Nascida em Joinville, sempre morou no atual “Bairro Anita Garibaldi”, e é funcionária do Museu Nacional de Imigração e Colonização.
6. Norberto Colin – Nascido em Joinville, sempre morou no atual “Bairro Centro”.

ANEXOS

ANEXO 1 – Aspectos de Joinville ontem e hoje

1º Rua do Príncipe



Foto 44 – Aspecto da Rua do Príncipe podendo-se observar, ao fundo, o antigo prédio da Igreja Católica (1905)

FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 45 – Trecho da Rua do Príncipe podendo-se observar, em primeiro plano, à direita, o prédio do Banco do Brasil e, ao fundo, o antigo Clube Joinville (1915)

FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 46 – Rua do Príncipe (Setembro/2001)

FONTE: Foto da autora

2º Praça Nereu Ramos



Foto 47 – Vista da Praça Nereu Ramos, observando-se, à esquerda, o antigo prédio dos Correios e Telégrafos (hoje sede do IPREVILLE) e, à direita, o Hotel Príncipe (décadas de 1940/1950)
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 48 – Vista da Praça Nereu Ramos (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

3º Rua Engenheiro Niemeyer



Foto 49 – Vista da Rua Engenheiro Niemeyer
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 50 – Vista da Rua Engenheiro Niemeyer (Dezembro/2001)
FONTE: Foto da autora

4º Rua do Príncipe, esquina com Rua Nove de Março



Foto 51 – Trecho da Rua do Príncipe. Em primeiro plano, à direita, encontra-se o prédio do antigo Banco INCO
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 52 – Mesmo trecho da Rua do Príncipe (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

5° Rua Nove de Março, entre as ruas Dr. João Colin e do Príncipe



Foto 53 – Trecho da Rua Nove de Março
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville

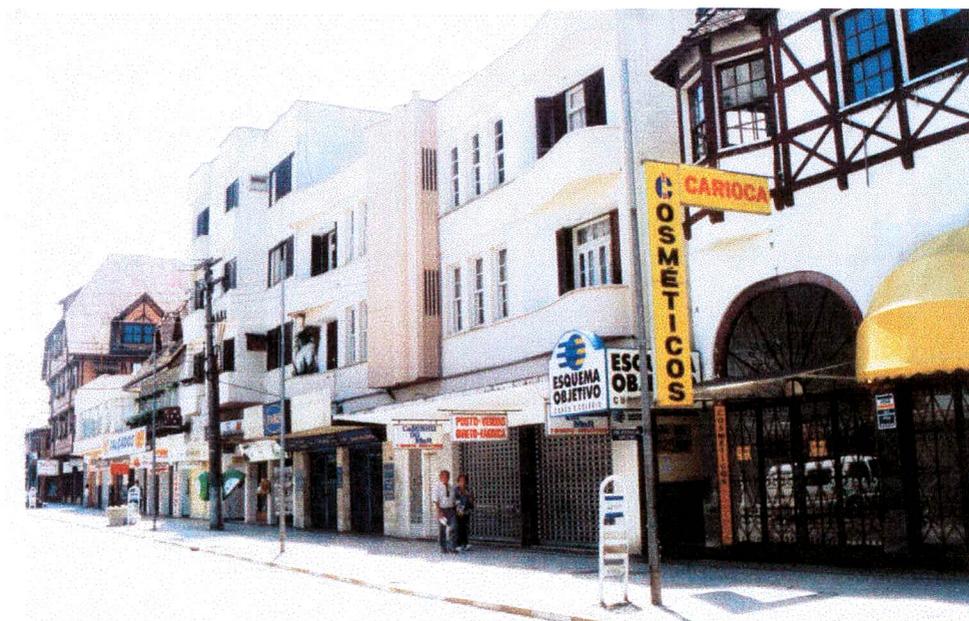


Foto 54 – Mesmo trecho da Rua Nove de Março (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

6° Casa Dingee



Foto 55 – Trecho da Rua do Príncipe entre as ruas Ministro Calógeras e Abdon Batista. Podem ser vistos os prédios da Casa Dingee, do Palácio Episcopal e da antiga Catedral
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 56 – Trecho da Rua do Príncipe entre as ruas Ministro Calógeras e Abdon Batista (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

7º Rua Nove da Março



Foto 57 – Vista da Rua Nove de Março (1900)
FONTE: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Joinville



Foto 58 – Mesmo trecho da Rua Nove de Março (Setembro/2001)
FONTE: Foto da autora

8º Antigo Cinema Palácio



Foto 59 – Cine Palácio
FONTE: Cartão postal



Foto 60 – Antigo Cine Palácio. Hoje, o bloco principal abriga a *Igreja Universal do Reino de Deus* e diversas lojas no bloco anexo. Trecho deste bloco anexo foi recentemente demolido, tendo sido iniciada uma construção de três andares contígua ao antigo prédio (Dezembro/2001)
FONTE: Foto da autora

9º Antigo Clube Joinville



Foto 61 – Antigo Clube Joinville ocupado por diversas casas comerciais (1995)
FONTE: Foto de Carlos Roberto Brüske



Foto 62 – Antigo Clube Joinville, transformado em *Nova Casa Sofia* após a última reforma (Janeiro/2002)
FONTE: Foto da autora

ANEXO 2 – Tabela funcional geral

Função	Subdivisão	Descrição	Quantidade
--------	------------	-----------	------------

Residencial	Casa		
	Apartamento		
	Total parcial		

Industrial	Indústria		
	Esc. Administ.		
	Total parcial		

Comércio	Alimentação	Restaurante	
		Lanchonete/Confeitaria/Café	
		Bar/Choperia	
		Tele Pizza	
	Abastecimento	Supermercado	
		Mercearia	
		Panificadora	
		Polpa de frutas/Delicatessen/ Chocolates	
		Quitanda	
	Lojas diversas	Loteria	
		Esportes/Brinquedos	
		Foto/Ótica	
		Papelaria	
		Farmácia/Perfumaria/Prod. Naturais e Dietéticos	
		Artigos Religiosos/ Típicos/Festas/Surf	
		Artesanato/Modelismos	
		Discos	
		Instrumentos Musicais	
		Livraria/Editora/Distrib. Revistas ou Jornais/Revistaria	
		Joalheira/Relojoaria	
		Bijuteria	
		Floricultura	
		Prod. Agropecuária/Pet Shop	
Embalagens/Plásticos			
Loja Departamental			

Comércio	Equipamentos Elétricos, Mecânicos, etc	Máquinas/Equipamentos		
		Ferragens/Material Construção/Tintas/etc		
		Artigos eletricidade		
		Rebolos		
		Caça e Pesca		
		Suprimentos e equipamentos para computador		
		Eletrônicos/Relógios de ponto		
	Artigos casa	Móveis/Eletrodomésticos		
		Antiquários		
		Decoração/Cortinas/Tapetes		
		Lustres		
		Presentes domésticos		
		Quinquilharias/Loja de R\$1,99		
	Artigos pessoais	Confecções (Adultos)		
		Confecções (Infantil)		
		Lingerie		
		Calçados/Bolsas/Malas		
		Tecidos/Cama, mesa e banho		
		Aviamentos/Retalhos		
		Bazar (artigos diversos)		
	Veículos	Revenda de veículos		
		Peças/Acessórios		
	Depósito/Estoque	Atacado		
		Galeria de Lojas		
		Shopping Center		
		Atividades menores ou de calçada	Banca de revistas	
			Lanchonete (Trailer)	
			Caldo de Cana	
			Cabine fotos para documentos	
				Camelódromo
Total parcial				

Institucional	Instituições Culturais ou Religiosas	Igreja/Inst.Religiosa	
		Museu	
		Biblioteca	
		Sociedades Culturais ou Recreativas	
		Escola Pública ou Particular	
		Escolas de Línguas/Música/Informática/Profissionalizante	

Institucional	Inst. Sociais ou Políticas	Sindicato	
		Consulado	
		Associação/Cooperativa/ Instituição	
		Diretório de partidos políticos	
		Órgão de Classe	
	Lazer	Praça	
		Boite	
		Diversões eletrônicas/Bingo	
		Cinema	
		Ginásio Esportivo	
	Saúde	Hospital	
		Posto ou Centro de Saúde	
	Repartições Públicas	Federal	
		Estadual	
		Municipal	
	Total parcial		

Serviço	Veículos	Posto de Gasolina	
		Estacionamento Rotativo	
		Estacionamento Privativo	
		Garagem Ônibus	
		Lavação Carros	
		Guincho	
	Oficinas	Mecânica/Borracharia	
		Marcenaria	
		Serralheria/Vidraçaria/ Marmorearia (Lápides)	
		Gráfica/Crachás	
		Confecção Placas de Veículos/ Placas de Propaganda	
		Conserto e Confecção de Estofados	
		Conserto Máquinas/Celular/ Eletrodomésticos/Eletrônicos	
		Fábrica de Jóias/Conserto de Relógios	
	Escritórios	Advogado	
		Representações/Importação e Exportação/Comércio Exterior	
		Engenheiro/Arquiteto/ Programação Visual	
		Contador/Auditor	
		Consultoria/Assessoria/Perícia	
Despachante/Auto-escola			
Administ. Imóveis			

Serviço	Escritórios		
		Administ. Condomínios	
		Seguradoras/Corretoras de Seguro	
		Cobrança/Consórcio	
		Construtora	
		Informática	
		Eventos	
		Limpeza/Vigilância/Segurança/Segurança Eletrônica	
		Pesquisa/Marcas e Patentes/Traduções	
		Provedor Internet/Rádio Difusora/Telecomunicações	
		Serviço de Banco/Venda Passes Ônibus/Distrib.Loteria	
		Aulas Particulares/Aulas Artesanato	
		Bolsa de Telefones	
		Gabinete Políticos	
		Recursos Humanos	
		Agência de Propaganda/Cine e Vídeo	
		Agência de Turismo/Cia de Aviação/Venda Passagens Rodoviárias	
		Cartório/Tabelião	
		Transportadora/Malotes e Encomendas/Transporte de Valores	
		Moto-taxi/Radio-taxi	
	Consultórios/ Clínicas	Dentista/Clínica Dentária/ Laborat.Prótese/Radiologia Odontológica	
		Veterinário	
		Psicólogo/Pedagogo/Terapeuta Ocupacional/Fonoaudiólogo/ Fisioterapeuta-consult.ou clínica	
	Medicina	Médico/Clínica Médica	
		Laboratório de Análise/Radiografia	
	Diversos	Cabeleireiro/Barbeiro/Estética/ Massagem/Calista	
		Tatuagem	
		Academia de Ginástica/Dança/ Natação	
		Alfaiate/Costureira	
		Chaveiro/Sapateiro	
		Copiadora/Xerox	
		Studio Fotográfico/Fotos para Documentos	
		Restauração de	

	Hospedagem	Roupas/Lavanderia	
		Aluguel de trajes	
		Locadora de Vídeo	
	Finanças	Hotel	
		Pensão	
		Banco	
		Empréstimo Pessoal	
			Investimento Ações
Total parcial			

Total Geral

Terreno vago	

Distribuição percentual das funções urbanas²³	Residencial	
	Industrial	
	Comercial	
	Institucional	
	Serviço	

²³ Utilizou-se como unidade o estabelecimento ou a unidade residencial.

**ANEXO 3 – Tabelas funcionais individuais
(exemplos)**

QUADRA 1

Função	Subdivisão	Descrição	Quantidade
Residencial	Casa		10
	Total parcial		10
Comércio	Alimentação	Restaurante	2
		Lanchonete/Confeitaria/Café	2
	Abastecimento	Mercearia	1
	Lojas diversas	Esportes/Brinquedos	1
		Embalagens/Plásticos	2
	Artigos casa	Móveis/Eletrodomésticos	3
		Decoração/Cortinas/Tapetes	1
	Depósito/ Estoque		1
	Total parcial		13
Institucional	Instituições Culturais ou Religiosas	Igreja/Inst.Religiosa	1
		Escola Pública ou Particular	1
		Escolas de Línguas/Música/ Informática/Profissionalizante	1
	Inst. Sociais ou Políticas	Associação	1
	Total parcial		4
Serviço	Veículos	Posto de Gasolina	1
	Oficinas	Serralheria/Vidraçaria/ Marmorearia (Lápides)	1
	Escritórios	Representações/Importação e Exportação/Comércio Exterior	2
		Contador/Auditor	1
		Despachante/Auto-escola	1
		Provedor Internet/Rádio Difusora/Telecomunicações	1
	Medicina	Médico/Clinica Médica	1
	Diversos	Cabeleireiro/Barbeiro/Estética/ Massagem/Calista	1
		Academia de Ginástica/Dança	1
		Copiadora/Xerox	1
	Total parcial		11
Total Geral		38	

Terreno vago	1
---------------------	----------

Distribuição percentual das funções urbanas²⁴	Residencial	26,3%
	Industrial	0,0%
	Comercial	34,2%
	Institucional	10,5%
	Serviço	29,0%

²⁴ Utilizou-se como unidade o estabelecimento ou a unidade residencial.

QUADRA 2

Função	Subdivisão	Descrição	Quantidade
Residencial	Casa		6
	Apartamento		112
	Total parcial		118
Comércio	Alimentação	Lanchonete/Confeitaria/Café	1
	Abastecimento	Mercearia	1
	Equipamentos Elétricos, Mecânicos, etc	Suprimentos e equipamentos para computador	1
	Artigos casa	Móveis/Eletrodomésticos	2
		Decoração/Cortinas/Tapetes	1
		Presentes domésticos	1
	Artigos pessoais	Confecções (Adultos)	1
	Atividades menores ou de calçada	Lanchonete (Trailer)	1
Total parcial		9	
Institucional	Instituições Culturais ou Religiosas	Escolas de Línguas/Música/Informática/Profissionalizante	1
	Total parcial		1
Serviço	Escritórios	Seguradoras/Corretoras de Seguro	1
		Recursos Humanos	1
	Total parcial		2
Total Geral			130
Terreno vago			1
Distribuição percentual das funções urbanas²⁵		Residencial	90,8%
		Industrial	0,0%
		Comercial	6,9%
		Institucional	0,8%
		Serviço	1,5%

²⁵ Utilizou-se como unidade o estabelecimento ou a unidade residencial.

QUADRA 3

Função	Subdivisão	Descrição	Quantidade
Residencial	Casa		9
	Apartamento		107
	Total parcial		116
Comércio	Alimentação	Restaurante	3
		Lanchonete/ Confeitaria/ Café	1
	Total parcial		4
Institucional	Inst.Culturais ou Religiosas	Escola Pública ou Particular	1
	Repartições Públicas	Estadual	1
	Total parcial		2
Serviço	Escritórios	Advogado	2
		Administ. Imóveis	2
		Limpeza/Vigilância/Segurança/ Segurança Eletrônica	1
		Recursos Humanos	2
	Consultórios/ Clínicas	Dentista/Clínica Dentária/ Laborat.Prótese/Radiologia Odontológica	1
		Psicólogo/Pedagogo/Terapeuta Ocupacional/Fonoaudiólogo/Fisioterapeuta-consult.ou clínica	2
	Diversos	Cabeleireiro/Barbeiro/Estética/ Massagem/Calista	2
	Hospedagem	Hotel	1
	Total parcial		13
	Total Geral		
Casa desocupada			1
Prédio em construção			1
Distribuição percentual das funções urbanas²⁶		Residencial	85,9%
		Industrial	0,0%
		Comercial	3,0%
		Institucional	1,5%
		Serviço	9,6%

²⁶ Utilizou-se como unidade o estabelecimento ou a unidade residencial.

**ANEXO 4 – Distribuição percentual das funções
urbanas nas quadras do Bairro Centro²⁷**

²⁷ Utilizou-se como unidade o estabelecimento ou a unidade residencial.

<u>QUADRA 1</u>	Residencial	26,3%
	Industrial	0,0%
	Comercial	34,2%
	Institucional	10,5%
	Serviço	29,0%
<u>QUADRA 2</u>	Residencial	90,8%
	Industrial	0,0%
	Comercial	6,9%
	Institucional	0,8%
	Serviço	1,5%
<u>QUADRA 3</u>	Residencial	85,9%
	Industrial	0,0%
	Comercial	3,0%
	Institucional	1,5%
	Serviço	9,6%
<u>QUADRA 4</u>	Residencial	86,2%
	Industrial	0,0%
	Comercial	3,6%
	Institucional	0,0%
	Serviço	10,2%
<u>QUADRA 5</u>	Residencial	87,9%
	Industrial	0,0%
	Comercial	5,2%
	Institucional	0,0%
	Serviço	6,9%
<u>QUADRA 6</u>	Residencial	78,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	4,4%
	Institucional	2,6%
	Serviço	15,0%
<u>QUADRA 7</u>	Residencial	65,4%
	Industrial	0,0%
	Comercial	15,0%
	Institucional	0,8%
	Serviço	18,8%
<u>QUADRA 8</u>	Residencial	63,2%
	Industrial	0,0%
	Comercial	14,5%
	Institucional	3,9%
	Serviço	18,4%

<u>QUADRA 9</u>	Residencial	82,6%
	Industrial	0,0%
	Comercial	2,9%
	Institucional	1,4%
	Serviço	13,1%
<u>QUADRA 10</u>	Residencial	35,5%
	Industrial	0,0%
	Comercial	5,3%
	Institucional	10,5%
	Serviço	48,7%
<u>QUADRA 11</u>	Residencial	14,3%
	Industrial	0,0%
	Comercial	17,8%
	Institucional	10,7%
	Serviço	57,1%
<u>QUADRA 12</u>	Residencial	5,3%
	Industrial	0,0%
	Comercial ²⁸	19,3%*
	Institucional	7,0%
	Serviço	68,4%^o
<u>QUADRA 13</u>	Residencial	39,2%
	Industrial	1,3%
	Comercial	25,7%
	Institucional	12,2%
	Serviço	21,6%
<u>QUADRA 14</u>	Residencial	3,6%
	Industrial	0,0%
	Comercial	15,5%
	Institucional	6,4%
	Serviço	74,5%
<u>QUADRA 15</u>	Residencial	22,6%
	Industrial	0,0%
	Comercial	7,8%
	Institucional	6,0%
	Serviço	63,6%

²⁸ Este valor é relativo, já que o número de lojas existentes no Shopping não foi computado.

<u>QUADRA 16</u>	Residencial	47,7%
	Industrial	0,0%
	Comercial	20,0%
	Institucional	1,5%
	Serviço	30,8%
<u>QUADRA 17</u>	Residencial	35,9%
	Industrial	0,0%
	Comercial	9,4%
	Institucional	2,4%
	Serviço	52,3%
<u>QUADRA 18</u>	Residencial	29,5%
	Industrial	0,0%
	Comercial ²⁹	45,5%*
	Institucional	6,8%
	Serviço	18,2%
<u>QUADRA 19</u>	Residencial	27,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	52,1%
	Institucional	4,2%
	Serviço	16,7%
<u>QUADRA 20</u>	Residencial	5,9%
	Industrial	2,0%
	Comercial	21,6%
	Institucional	2,0%
	Serviço	68,5%
<u>QUADRA 21</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial ³⁰	61,6%*
	Institucional	19,2%
	Serviço	19,2%
<u>QUADRA 22</u>	Residencial	52,9%
	Industrial	0,0%
	Comercial	19,8%
	Institucional	2,5%
	Serviço	24,8%

²⁹ Este valor é relativo, já que o número de lojas existentes na Galeria de Lojas não foi computado.

³⁰ Este valor é relativo, já que o número de lojas existentes no Camelódromo não foi computado.

<u>QUADRA 23</u>	Residencial	6,7%
	Industrial	0,0%
	Comercial	70%
	Institucional	10%
	Serviço	13,3%
<u>QUADRA 24</u>	Residencial	26,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial ³¹	49,3%*
	Institucional	6,5%
	Serviço	18,2%
<u>QUADRA 25</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	90,9%
	Institucional	0,0%
	Serviço	9,1%
<u>QUADRAS 26 e 27</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	0,0%
	Institucional	100,0%
	Serviço	0,0%
<u>QUADRA 28</u>	Residencial	22,2%
	Industrial	0,0%
	Comercial	38,9%
	Institucional	22,2%
	Serviço	16,7%
<u>QUADRA 29</u>	Residencial	43,8%
	Industrial	0,0%
	Comercial	12,4%
	Institucional	5,6%
	Serviço	38,2%
<u>QUADRA 30</u>	Residencial	11,8%
	Industrial	0,0%
	Comercial	29,4%
	Institucional	0,0%
	Serviço	58,8%

³¹ Este valor é relativo, já que o número de lojas existentes na Galeria de Lojas não foi computado.

<u>QUADRA 31</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	0,0%
	Institucional	100,0%
	Serviço	0,0%
<u>QUADRA 32</u>	Residencial	44,8%
	Industrial	0,0%
	Comercial	25,4%
	Institucional	4,4%
	Serviço	25,4%
<u>QUADRA 33</u>	Residencial	46,5%
	Industrial	0,0%
	Comercial	18,6%
	Institucional	9,3%
	Serviço	25,6%
<u>QUADRA 34</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial ³²	73,3%*
	Institucional	2,2%
	Serviço	24,5%
<u>QUADRA 35</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	37,5%
	Institucional	14,6%
	Serviço	47,9%
<u>QUADRA 36</u>	Residencial	11,5%
	Industrial	0,0%
	Comercial	0,0%
	Institucional	7,7%
	Serviço	80,8%
<u>QUADRA 37</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	0,0%
	Institucional	100,0%
	Serviço	0,0%

³² Este valor é relativo, já que o número de lojas existentes na Galeria de Lojas não foi computado.

<u>QUADRA 38</u>	Residencial	5,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	35,0%
	Institucional	10,0%
	Serviço	50,0%
<u>QUADRA 39</u>	Residencial	85,4%
	Industrial	0,6%
	Comercial ³³	4,5%*
	Institucional	3,2%
	Serviço	6,3%
<u>QUADRA 40</u>	Residencial	9,1%
	Industrial	0,0%
	Comercial	45,5%
	Institucional	9,1%
	Serviço	36,3%
<u>QUADRA 41</u>	Residencial	3,6%
	Industrial	0,0%
	Comercial	42,85%
	Institucional	10,7%
	Serviço	42,85%
<u>QUADRA 42</u>	Residencial	31,7%
	Industrial	0,0%
	Comercial	48,8%
	Institucional	0,0%
	Serviço	19,5%
<u>QUADRA 43</u>	Residencial	7,8%
	Industrial	0,0%
	Comercial	10,9%
	Institucional	6,3%
	Serviço	75%
<u>QUADRA 44</u>	Residencial	34,4%
	Industrial	0,0%
	Comercial	3,1%
	Institucional	9,4%
	Serviço	53,1%

³³ Este valor é relativo, já que o número de lojas existentes no Shopping não foi computado.

<u>QUADRA 45</u>	Residencial	14,3%
	Industrial	0,0%
	Comercial	32,1%
	Institucional	3,6%
	Serviço	50,0%
<u>QUADRA 46</u>	Residencial	73,2%
	Industrial	0,0%
	Comercial	19,5%
	Institucional	0,0%
	Serviço	7,3%
<u>QUADRA 47</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	36,4%
	Institucional	0,0%
	Serviço	63,6%
<u>QUADRA 48</u>	Residencial	72,6%%
	Industrial	0,0%
	Comercial	4,0%
	Institucional	1,3%
	Serviço	22,1%
<u>QUADRA 49</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	90,9%
	Institucional	9,1%
	Serviço	0,0%
<u>QUADRA 50</u>	Residencial	12,8%
	Industrial	0,0%
	Comercial	18,6%
	Institucional	5,3%
	Serviço	63,3%
<u>QUADRA 51</u>	Residencial	33,33%
	Industrial	0,0%
	Comercial	33,33%
	Institucional	33,33%
	Serviço	0,0%
<u>QUADRA 52</u>	Residencial	70,6%
	Industrial	0,0%
	Comercial	10,3%
	Institucional	2,9%
	Serviço	16,2%

<u>QUADRA 53</u>	Residencial	18,3%
	Industrial	0,0%
	Comercial	35,4%
	Institucional	7,3%
	Serviço	39,0%
<u>QUADRA 54</u>	Residencial	70,1%
	Industrial	0,0%
	Comercial	2,8%
	Institucional	5,1%
	Serviço	22,0%
<u>QUADRA 55</u>	Residencial	46,7%
	Industrial	0,0%
	Comercial	10,0%
	Institucional	16,7%
	Serviço	26,6%
<u>QUADRA 56</u>	Residencial	81,8%
	Industrial	0,0%
	Comercial	5,6%
	Institucional	0,7%
	Serviço	11,9%
<u>QUADRA 57</u>	Residencial	82,3%
	Industrial	0,0%
	Comercial	8,3%
	Institucional	1,1%
	Serviço	8,3%
<u>QUADRA 58</u>	Residencial	60,7%
	Industrial	0,0%
	Comercial	0,0%
	Institucional	17,9%
	Serviço	21,4%
<u>QUADRA 59</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	4,7%
	Institucional	12,1%
	Serviço	83,2%
<u>QUADRA 60</u>	Residencial	0,0%
	Industrial	0,0%
	Comercial	33,3%
	Institucional	0,0%
	Serviço	66,7%